
ROBERT E. HOWARD

KULL



EXÍLIO DA ATLÂNTIDA

KULL

EXÍLIO DA ATLÂNTIDA

ROBERT E. HOWARD

ILUSTRADO POR JUSTIN SWEET



Introdução

Esta coletânea se focaliza sobre Kull, o homem nascido na Atlântida em 100.000 A.C. que usurpou o trono da Valússia para se tornar seu rei. Uma boa quantidade de leitores de Howard, conhece Kull apenas como o progenitor de seu personagem mais famoso, popularmente conhecido Conan, o Bárbaro, já que a história de Kull não vendida "Com este Machado, Eu governo !" Foi reescrita para a

primeira história Conan, "A Fênix na Espada ", com elementos de fantasia extras adicionados para torná-lo mais palatável aos seus editores.

No geral, as histórias presentes neste volume, mostra um guerreiro que, após anos de luta pelo trono, finalmente, sobe ao trono. O Reino é conquistado e agora ele o governa, mas não deixa de ser um homem de ação. Talvez o que distingue as histórias de Kull da maioria das histórias de Conan em minha cabeça são duas qualidades.

Kull é mais introspectivo, refletindo sobre suas ações e como ela afeta todos em sua volta. Apesar de Howard só publicar três histórias de Kull em sua vida, este prodigioso volume contém mais de dez histórias, bem como histórias sem título e fragmentos que dão uma imagem mais completa do caráter e visão geral de Howard para ele. A outra qualidade é um sabor Lovecraftiano em suas histórias, inclusive com várias referências diretas (e indiretas) ao longo de seus textos.

Em suma, **Kull** é outro exemplo de narrativa surpreendente. do autor Robert E. Howard. Aqueles que são novatos no trabalho de Howard pode querer começar de uma forma mais variada, pelos motivos mencionados no parágrafo de abertura, mas os leitores que já apreciam Kull e o que ele tem para oferecer - ou aqueles que querem apenas a mergulhar novamente na prosa maravilhosa Robert - vai encontrar um monte para desfrutar aqui.

Exílio da Atlântida



O sol se punha. Um último esplendor carmesim enchia a paisagem e pousava, como uma coroa de sangue, sobre os picos nevados das montanhas. Os três homens que contemplavam o agonizar do dia respiraram profundamente a fragrância da brisa que vinha dos distantes bosques, mas logo voltaram sua atenção para algo muito mais material. Um deles estava assando um veado em uma pequena fogueira; tocou com um dedo a

carne fumegante e o levou à boca, provando-o com o gesto próprio de um cozinheiro experiente.

- Já está preparado, Kull, Khor nah; podemos comer.

Quem assim havia falado era jovem, pouco mais que um garoto, grande de estatura, de cintura delgada e ombros largos, se movia com a graça natural de um leopardo. Quanto a seus companheiros, o homem de mais idade mostrava uma constituição poderosa e maciça, cabeludo e com um rosto com expressão agressiva.

O outro, era parecido com o jovem que havia falado, exceto pelo fato de ser mais alto, com um tórax mais largo e os ombros um pouco maiores. Dava a impressão, inclusive em maior medida que o primeiro jovem, de ser possuidor de uma grande velocidade oculta em seus músculos grandes e suaves.

- Bem — disse este —, eu já começava a sentir fome.

- E quando é que você não sente, Kull? — brincou o primeiro jovem.

- Quando luto. — respondeu

Kull com expressão séria.

O mais alto dos homens dirigiu uma rápida olhada a seu amigo, tentando imaginar o que estaria passando nos recônditos de sua mente. Nunca estava certo do que seu amigo pensava.

- O que sente então é sede, mas de sangue. — disse o mais alto dos homens — Am- ra, pare com suas piadas e corte uns pedaços de carne para nós.

Iniciou-se o cair da noite e algumas estrelas começaram a piscar. O vento do anoitecer soprou

sobre a paisagem montanhosa, envolta no crepúsculo. Ao longe, um tigre rugiu de repente. Khor-nah fez um movimento instintivo em direção à lança de ponta de sílex que havia deixado no chão, ao seu lado. Kull moveu a cabeça, e uma estranha luz piscou em seus frios olhos cinzas.

- Os irmãos listrados saem para caçar esta noite — disse.

- Adoram a lua cheia — disse Am-ra indicando a direção leste, de onde se evidenciava um brilho avermelhado.

- Por quê? — perguntou Kull —

A lua põe a descoberto tanto suas vítimas como seus inimigos.

- Uma vez, já faz muitos séculos — disse Khor-nah —, um rei tigre, perseguido por caçadores, invocou a mulher da lua, e ela fez uma parreira pela qual ele subiu para ficar em segurança, e viveu durante muitos anos na lua. Desde então, os irmãos listrados adoram a lua.

- Não acredito nisso. — disse Kull bruscamente — Por que iriam adorar a lua, somente pelo fato de ter ajudado apenas um de sua

espécie, tanto tempo atrás?

Mas de um tigre já subiu pelo Escarpado da Morte e assim conseguiu fugir de seus perseguidores, e apesar disso não adoram esse escarpado. Como iriam saber o que ocorreu há tantos anos?

Khor-nah franziu a testa.

- Pouco lhe ajuda zombar dos mais velhos e fazer escárnio das lendas do teu povo de adoção, Kull. Esta história deve estar correta porque foi passada de uma geração para outra durante mais tempo do

que possa imaginar. E o que sempre foi, sempre será.

- Pois eu não creio. — reiterou Kull — Estas montanhas sempre existiram e, entretanto, algum dia irão desmoronar e desaparecer. Chegará o dia em que o mar inundará todas essas montanhas...



- Já basta de blasfêmias! —
exclamou Khor-nah, com uma
expressão que era quase de cólera
— Kull, somos bons amigos e tenho
paciência contigo porque você é
jovem. Mas há algo que deve

aprender: respeitar a tradição. Fica fazendo brincadeiras com os usos e costumes do seu povo, principalmente você, a quem esse povo resgatou da selva e lhe ofereceu um lar e uma tribo.

- Eu não era mais do que um macaco sem pêlos perambulando pelos bosques. — admitiu Kull francamente, sem a menor vergonha — Não sabia falar a língua dos homens, e meus únicos amigos eram os tigres e os lobos. Não sei quem foi meu povo, nem de que sangue sou...

- Isso não importa. — interrompeu Khor-nah — Você tem todo o aspecto dessa tribo fora-da-lei que vivia no Vale do Tigre e que pereceu na Grande Inundação. Mas isso pouco importa. Tem demonstrado ser um valente guerreiro e um eficiente caçador.

- Aonde encontraria um jovem que lhe igualasse no arremesso de lança e na luta corpo a corpo? — perguntou Am-Ra, com os olhos entusiasmados.

- Está certo. — concordou Khor-Nah — É um orgulho para a tribo

da montanha do mar, e justamente por isso deveria controlar melhor sua língua e aprender a reverenciar as coisas sagradas do passado e do presente.

- Eu não faço brincadeiras — disse Kull sem malícia —, mas sei que muitas das coisas que os sacerdotes dizem são mentiras, pois eu mesmo já vivi com os tigres e conheço as bestas selvagens melhor que os sacerdotes. Os animais não são nem bons nem maus, mas os homens, com sua luxúria e avidez que lhes são

características...

- Mais blasfêmias! —
interrompeu Khor-nah aborrecido
— O homem é a criação mais
magnífica de Valka!

Am-ra interveio então para
mudar de assunto.

- Esta manhã, eu ouvi som de
tambores na costa. Há guerra no
mar. Valúsia luta contra os piratas
lemurianos.

- Eu só desejo má sorte a ambos
os lados. — grunhiu Khor-nah.

- Valúsia! — exclamou Kull, com
os olhos novamente acesos — A

terra dos encantamentos! Algum dia, verei a grande Cidade das Maravilhas.

- Maldito será o dia em que conseguir — advertiu Khor-Nah com dureza — Estará enrolado em correntes e sobre ti cairá o espectro da tortura e da morte. Nenhum homem da nossa raça chega à Cidade das Maravilhas, a não sei como escravo.

- Que a má sorte caia sobre ela.
— murmurou Am-ra.



- Que seja uma sorte negra e um destino vermelho! — Exclamou Khor-nah, brandindo o punho para o leste — Que, para cada gota de sangue atlante derramada, por cada escravo que leva em suas galeras, caia uma praga negra sobre a Valúsia e os Sete Impérios!

Am-ra, entusiasmado, ergueu-se de um pulo e repetiu parte da maldição, enquanto Kull, tranqüilamente, cortava um novo pedaço de carne.

- Já lutei contra os valusianos — disse —, e devo admitir que se

mostraram muito valentes em batalha, mas não foram difíceis de matar. Tampouco pareciam tão malvados.

- Porque você só lutou contra os frágeis soldados da costa norte — grunhiu Khor-nah —, ou contra as tripulações dos navios mercantes estacionados na costa. Espere ter que enfrentar a força dos esquadrões negros das legiões da Valúsia, ou contra o Grande Exército, como eu fiz. Isso sim que é bom! Havia sangue até para se beber! Junto com Gandaro, o da

lança, percorri a costa valusiana, quando ainda era mais jovem que você, Kull. Ah, aqueles sim foram bons tempos. Levamos a tocha e a espada para os lugares mais profundos do império. Éramos quinhentos homens, procedentes de todas as tribos ribeirinhas da Atlântida. Mas só quatro regressaram! O grosso dos esquadrões negros nos dizimou nas proximidades da região do povo dos Falcões, que antes havíamos incendiado e saqueado. Ali, as espadas e lanças saciaram sua sede

de sangue. Esquartejamos e fomos esquartejados, mas, uma vez que os gritos de batalha cessaram, só quatro de nós conseguimos escapar do campo, e nós quatro estávamos cheios de ferimentos.



- Ascalante me disse que as muralhas da Cidade de Cristal têm dez vezes a altura de um homem.

— disse Kull que não desejava mudar de assunto — Que o brilho do ouro e da prata era capaz de deslumbrar qualquer um, e que as mulheres que enchem as ruas ou aparecem nas janelas vão vestidas com estranhas túnicas que rangem e brilham ao mover-se.

- Quem melhor poderia saber disso que Ascalante? — disse Khor-nah, endurecendo o rosto — Foi escravo lá durante tanto tempo que acabou esquecendo seu bom nome atlante, e teve de conformar-se desde então com o nome valusiano

que lhe puseram.

- Entretanto, ele conseguiu fugir. — comentou Am-ra.

- Certo, mas para cada escravo que consegue escapar das correntes dos Sete Impérios há pelo menos sete que apodrecem nas masmorras e morrem a cada dia, pois nenhum atlante foi feito para suportar a escravidão.

- Temos sido inimigos dos Sete Impérios desde o alvorecer dos tempos. — murmurou Am-ra.

- E continuaremos sendo até que o mundo se acabe — disse Khor-

nah com uma selvagem satisfação —, pois a Atlântida, graças a Valka, é inimiga de todos os outros homens.

- Am-ra se ergueu, pegou sua lança e se preparou para fazer a guarda do acampamento. Os outros dois se deitaram na grama, dispostos a dormir. Com que sonharia Khor-nah? Talvez com uma batalha, ou com o retumbar dos búfalos, ou com uma mulher das cavernas. Quanto a Kull...

Através da neblina de seu sonho, soou fraca e distante a

dourada melodia das trombetas. Nuvens de radiante esplendor flutuavam sobre ele; então, uma magnífica visão surgiu no seu sonho. Uma grande multidão se estendia à distância, e chegava até eles um rugido tormentoso expressado em uma língua estranha. Se percebia um leve matiz de aço se entrechocando, e grandes exércitos negros se estendiam à direita e à esquerda; a neblina se dissipou, e um rosto surgiu nitidamente, destacando-se: um rosto por cima do qual firmava-se

uma coroa real. Era um rosto como de um falcão, de expressão fria, imóvel, com os olhos cinzentos como o mar frio. Então, a multidão voltou a gritar: "Viva o rei! Viva o rei! Viva Kull, o rei!".



Kull despertou com um

sobressalto. O brilho da lua iluminava as montanhas distantes, o vento soprava por entre a alta relva. Khor-nah dormia a seu lado, e Am-ra estava de pé, como uma estátua seminua de bronze que contrastava com a luz das estrelas. Os olhos de Kull caíram sobre sua escassa vestimenta; uma pele de leopardo enrolada sobre seus quadris de pantera. Um bárbaro seminuo. Os olhos de Kull brilharam. Kull o rei! Voltou a dormir.

Se levantaram pela manhã para

percorrer o caminho que levava às cavernas da tribo. O sol ainda não havia se elevado muito quando distinguiram o largo rio azul, e as cavernas da tribo apareceram em sua frente.

- Vejam! — exclamou Am-ra —
Estão queimando alguém!

Diante das cavernas havia sido colocado um pesado poste, ao qual haviam amarrado uma mulher jovem. As pessoas que a rodeavam, com olhares endurecidos, não mostravam o menor sinal de piedade.



- Sareeta. — disse Khor-nah com um rosto impassível — Essa vadia se casou com um pirata lemuriano.

- Ah! — exclamou uma anciã com olhos petrificados — Minha própria filha! Trouxe a vergonha para a Atlântida! Não é mais minha filha! Seu homem morreu e ela foi jogada na praia quando o navio foi atacado pelas embarcações da Atlântida.

Kull olhou para a jovem com expressão piedosa. Não entendia.

Por que razão aquelas pessoas, que eram de seu próprio sangue e raça, tinham tanto ódio dela pelo simples fato de ter escolhido se casar com um inimigo de sua raça? Em nenhum dos olhares dirigidos a ela, conseguiu distinguir o menor sinal de simpatia. Apenas nos estranhos olhos azuis de Am-ra havia tristeza e compaixão.

Não havia maneira de saber o que refletia o próprio rosto imóvel de Kull. Mas o olhar da mulher se fixou nele. Não havia medo em seus olhos; só uma profunda e vibrante

súplica. O olhar de Kull pousou sobre a pilha de lenha colocada sob seus pés. O sacerdote, que agora cantarolava uma maldição, não demoraria em inclinar-se para pôr fogo com a tocha que segurava com a mão esquerda.

Kull percebeu que a mulher havia sido amarrada ao poste mediante uma pesada corrente de madeira, um objeto muito peculiar que mostrava a típica manufatura atlante. Não podia cortar aquelas correntes, porém conseguiu chegar até dela, abrindo caminho entre a

multidão. Os olhos da mulher não deixavam de mirá-lo, suplicantes.

Observou de novo a lenha e levou a mão a uma adaga de longa ponta de sílex

pendurada em seu cinto. A mulher, ao ver seu gesto, assentiu com um movimento da cabeça e uma expressão de alívio se espalhou sobre seus olhos.

Kull agiu tão repentina e inesperadamente quanto uma cobra. Puxou a adaga do cinto e a arremessou com força. Esta se cravou um pouco abaixo do coração

da mulher, matando-a instantaneamente. E, enquanto a multidão permanecia boquiaberta, Kull girou sobre seus calcanhares e se pôs a correr, subindo vários metros pela escarpa íngreme, ágil como um felino.

A multidão continuou quieta e em silêncio durante mais um momento. Logo, um homem pegou arco e flecha e olhou as escarpas por onde Kull continuava subindo, a ponto de chegar ao topo. O arqueiro mirou, semicerrando os olhos, e nesse exato momento, Am-

ra, como por acidente, trombou nele, atrapalhando-o, e a flecha partiu para um lado. Logo, Kull já havia desaparecido no alto do penhasco.

Ouviu os gritos que lhe seguiam. Os membros de sua própria tribo, inflamados pela ânsia de sangue, pareciam ávidos em capturá-lo e matá-lo, por haver violado o que para ele não era senão um estranho e sangrento código moral.

Mas, na Tribo da Montanha do Mar, não havia nenhum atlante

capaz de ganhar de Kull na corrida.



O Reino das Sombras



1) Um rei chega a cavalo

O estrondo dos trompetes se fez mais forte, como uma profunda maré dourada, como o suave trovejar das ondas noturnas sobre as praias prateadas da Valúsia. A multidão gritava, as mulheres jogavam flores do alto dos telhados, e o repicar rítmico dos cascos de prata ia se aproximando, até que o início do poderoso desfile apareceu à vista na larga e branca avenida que rodeava a Torre do Esplendor, com seus capitéis dourados.

Primeiro vinham os trombeteiros, jovens delgados vestidos de escarlate, montados a cavalo, fazendo soarem longas e delgadas trombetas douradas; em seguida, os arqueiros, homens altos das montanhas; e atrás deles, avançavam os homens a pé, pesadamente armados, com seus largos escudos repicando em unísono, com as longas lanças oscilando num ritmo perfeito, ao compasso de sua marcha. Atrás deles, apareceram os soldados mais poderosos do mundo, os Matadores

Vermelhos, montados em esplêndidos cavalos, ostentando suas armaduras, vermelhas desde o capacete até as esporas. Montavam com expressão de orgulho e o olhar dirigido para a frente, mas bem conscientes de toda a gritaria que se precipitou à sua passagem. Eram como estátuas de bronze e, em nenhum momento, se pôde observar a menor oscilação na floresta de lanças que se elevava acima deles.

Atrás daquelas fileiras terríveis e orgulhosas, vieram os

mercenários, guerreiros ferozes e de aspecto selvagem, homens de Mu e Kaa-u, e das colinas do leste e ilhas do oeste. Iam armados com lanças e longas espadas, e formavam um grupo compacto que marchava um pouco à parte dos arqueiros da Lemúria. Seguiam a leve infantaria da nação, e encerrava o desfile um novo grupo de trombeteiros.

Um espetáculo magnífico, capaz de causar um feroz estremecimento na alma de Kull, rei da Valúsia, que não se encontrava sentado no

trono-topázio, situado em frente à régia Torre do Esplendor, mas montado em seu grande cavalo, como um verdadeiro rei-guerreiro. Seu poderoso braço se elevava em resposta à saudação de seus homens, à medida que estes passavam diante dele. Seus olhos ferozes contemplaram quase com indiferença aos alegres trombeteiros, pararam e seguiram por mais tempo os soldados, e relampejaram com um brilho feroz quando os Matadores Vermelhos pararam diante dele, fazendo soar

as armas e recuar os corcéis, para lhe apresentarem a saudação devida à Coroa. Os olhos de Kull se estreitaram ligeiramente ante a passagem dos mercenários, que não costumavam saudar ninguém. Marchavam com os ombros lançados para trás, e olharam Kull diretamente, com ousadia, ainda que também com certo apreço; eram olhos cruéis que não vacilavam; olhos selvagens que miravam por baixo de sobranceiras e cabeleiras abundantes.

E Kull lhes devolveu um olhar

semelhante. Agradavam-lhe os homens valentes, e não havia no mundo homens mais valentes que eles, nem sequer entre as tribos selvagens que agora o renegavam. Mas Kull era impiedoso demais para sentir qualquer afeição por aquelas tribos. Havia feudos demais. Muitos deles eram antigos inimigos da nação de Kull e, embora o nome de Kull fosse agora maldito entre as montanhas e vales de seu povo, e ele tivesse tentado tirá-los de sua mente, ainda permaneciam os velhos ódios e

antigas paixões. Porque Kull não era valusiano, mas atlante.

Os exércitos sumiram de vista, do outro lado da Torre do Esplendor, resplandecente de gemas, e Kull fez girar o seu cavalo e dirigiu-se para o palácio, fazendo o animal avançar a passo lento, enquanto falava da vitória das tropas com os comandantes que cavalgavam a seu lado. Em sua forma de se expressar, não usava muitas palavras, mas dizia muito.

- O exército é como uma espada — disse Kull —, e não devemos

permitir que enferruje.

Cavalgaram lentamente pela ampla avenida, sem que Kull prestasse a menor atenção aos rumores, que lhe chegavam da multidão que ainda abarrotava as ruas.

- Esse é Kull! Está vendo? Po Valka! Que rei! E que homem! Observe seus braços! Veja que ombros tem!

E tampouco, ele prestou atenção a outra categoria de sussurros, expressados em tons mais baixos:

- Kull! Hah! O maldito

usurpador que veio das ilhas pagãs... É uma vergonha para a Valúsia, que um bárbaro tenha se instalado no trono dos reis.

Esses comentários pouco importavam a Kull. Ele havia se apoderado, com mãos firmes, do trono em decadência da antiga Valúsia, e agora sustentava a coroa com mãos ainda mais firmes, como um homem contra uma nação.

Ele chegou à sala do conselho, o palácio social onde respondia às frases formais e elogios das damas e cavalheiros, divertido ante tais

frivolidades, ainda que se preocupasse em escondê-lo cuidadosamente. Logo, as damas e cavalheiros se despediram formalmente, Kull se reclinou sobre o trono de arminho e se dedicou ao estudo das questões de estado, até que um auxiliar solicitou permissão para falar diante do grande rei e, após recebê-lo, anunciou a chegada de um emissário da embaixada picta.

Kull afastou seus pensamentos do complicado labirinto das questões do governo da Valúsia, e

contemplou o picto com expressão pouco amistosa. O homem lhe devolveu o olhar sem piscar sequer. Era um guerreiro de quadris ágeis e peito maciço, de estatura mediana, estrutura forte e pele escura, como todos de sua raça. Naqueles traços fortes e imóveis, se sobressaíam olhos impávidos e inescrutáveis.

- Ka-nu, chefe dos conselheiros e mão direita do rei dos pictos, lhes envia suas saudações e diz: "Na festa da lua cheia, há um trono para Kull, rei de reis, senhor entre os senhores, imperador da Valúsia".

- Bem. — respondeu Kull —
Diga ao velho Ka-nu, embaixador
das ilhas ocidentais, que o rei da
Valúsia beberá vinho com ele,
quando a lua brilhar sobre as
montanhas de Zalgara.

O picto, no entanto, não foi
embora.

- Tenho algo a dizer ao rei, algo
não apropriado para os ouvidos
destes escravos. - disse, com um
gesto depreciativo da mão aos
presentes.

Kull despachou seus auxiliares
com uma única palavra, e observou

cautelosamente o picto. O homem se aproximou dele um pouco mais e baixou o tom de sua voz.

- Venha a sós esta noite, para a festa. Foram essas as palavras de meu chefe.

Os olhos do rei se estreitaram e brilharam friamente, como espadas de aço cinza.

- A sós?

- Sim.

Olharam um ao outro, em silêncio, com sua mútua inimizade tribal disfarçada sob a capa de formalidade que rodeava o

encontro. Suas bocas falavam a linguagem civilizada, expressavam as frases convencionais da corte de uma raça muito civilizada que não era a sua, mas nos olhos de ambos podia-se observar as tradições primitivas de uma selvageria elementar. Kull poderia ser o rei da Valúsia, e o picto, um emissário diante de sua corte. Mas ali, no salão do reino, só havia dois homens tribais que se olhavam com ferocidade e cautela, enquanto os fantasmas das guerras selvagens e dos feudos antigos continuavam

sussurrando em suas mentes.

O rei, contudo, tinha a vantagem de sua posição e desfrutava-a plenamente. Com o maxilar apoiado numa das mãos, observou o picto, que permaneceu diante dele como uma estátua de bronze, com a cabeça jogada para trás e os olhos imperturbados.



Sobre os lábios de Kull se estendeu um sorriso.

- Então, você quer que o rei vá assim, sozinho?

A civilização havia lhe ensinado a falar de forma indireta. Os olhos

escuros do picto brilharam, mas ele não disse nada.

- E como o rei sabe que você é emissário de Ka-nu?

- Eu o falei. — foi a áspera resposta.

- E desde quando um picto diz a verdade? — zombou Kull, sabendo perfeitamente que os pictos não mentiam nunca, mas utilizando seu comentário como forma de irritar o homem.

- Percebo seu plano, meu rei. — disse o picto, com expressão imperturbável — Você deseja me

irritar. Por Valka, que não precisa se esforçar muito! Já me sinto irritado o bastante. E lhe desafio a me enfrentar num duelo, com espada, lança ou adaga, seja a pé ou a cavalo. Sois um rei ou um homem?

Nos olhos de Kull surgiu aquela admiração, que um guerreiro se vê obrigado a sentir de má-vontade diante de um inimigo tão direto, mas não desperdiçou a oportunidade de aborrecer um pouco mais o seu antagonista.

- Um rei não aceita o desafio de

um selvagem sem nome — ele alfinetou —, e tampouco o imperador da Valúsia rompe a trégua devida aos embaixadores. Tem minha permissão para partir. Diga a Ka-nu que irei só.

Os olhos do picto brilharam com uma expressão assassina. Evidentemente, estava possuído pela ânsia primitiva de sangue; após um instante, virou as costas ao rei da Valúsia, cruzou a sala do trono e desapareceu do outro lado da enorme porta.

Kull voltou a se reclinar sobre o

trono de arminho e retomou sua meditação.

Quer dizer que o chefe do conselho dos pictos queria que ele comparecesse sozinho? Mas por qual motivo? Seria uma traição? Com expressão carrancuda, Kull levou a mão ao cabo de sua grande espada. Mas não, isso não podia ser. Os pictos valorizavam demais a aliança com a Valúsia, para rompê-la por qualquer razão feudal. É verdade que Kull fora um guerreiro da Atlântida e inimigo hereditário de todos os pictos, mas ele também

era rei da Valúsia, o mais poderoso aliado dos homens do ocidente.

Meditou durante longo tempo sobre aquela estranha situação, que havia terminado por transformá-lo em aliado de antigos inimigos, e em inimigo de antigos amigos. Levantou-se e caminhou, inquieto, pelo salão, com os passos rápidos e silenciosos de um leão.

Havia quebrado as correntes da amizade, da tribo e da tradição para satisfazer sua ambição. E, por Valka, deus dos mares e da terra, que ele havia cumprido suas

ambições! Havia se transformado em rei da Valúsia, uma nação em decadência e degeneração, que vivia em sonhos graças às glórias do passado, mas que continuava sendo um território poderoso, e o maior dos Sete Impérios. Valúsia, o Reino dos Sonhos, como chamavam-na os homens das tribos. Às vezes, Kull tinha a sensação de mover-se como num sonho.

Lhe eram estranhas as intrigas da corte e do palácio, do exército e do povo. Tudo

aquilo lhe parecia uma farsa, na

qual homens e mulheres ocultavam seus verdadeiros pensamentos atrás de uma máscara de suavidade. E, no entanto, lhe fora relativamente fácil apoderar-se do trono, um simples aproveitamento da oportunidade que se lhe apresentou, o rápido giro das espadas, o assassinato de um tirano do qual os homens estavam mortalmente fartos, a conspiração rápida e poderosa, com ambiciosos homens de estado que haviam perdido os benefícios da corte... só isso bastara para que Kull, o

aventureiro errante, o exilado atlante, se elevasse até as alturas mais vertiginosas de seus próprios sonhos, se transformasse no senhor da Valúsia, no rei dos reis.

Agora, no entanto, parecia que se apoderar do trono lhe fora mais fácil que conservá-lo. A imagem daquele picto despertara, em sua mente, velhas associações juvenis, a violência livre e selvagem de sua juventude. E agora, uma estranha sensação de inquietude, de irrealidade, ia ultimamente se apoderando dele. Quem era ele, um

homem dos mares e das montanhas, para governar uma raça que conhecia os estranhos e terríveis misticismos da antiguidade? Uma raça antiga que...

- Sou Kull! — exclamou de repente, lançando a cabeça para trás como um leão, fazendo ondular sua cabeleira — Sou Kull!

Seu olhar de falcão percorreu o salão inteiro. Recuperou novamente a confiança em si mesmo... E, num nicho escuro do salão, um tapete se moveu... ligeiramente.

2) Assim falaram os silenciosos

salões da Valúsia

A lua ainda não havia se elevado, e o jardim se encontrava iluminado por tochas, quando Kull se sentou no trono, diante da mesa de Ka-nu, embaixador das ilhas ocidentais. À sua direita se sentava o ancião picto, tão diferente de como poderia ser qualquer emissário daquela raça feroz. Porque, de fato, Ka-nu era ancião e sábio em questões de estado. Envelhecera praticando esse jogo.

Não havia nenhum ódio evidente em seus olhos, que

observavam Kull com expressão agradável; seu bom juízo não se via dificultado por nenhuma tradição tribal. Aquele tipo de teia-de-aranha havia sido eliminado, graças à sua prolongada associação com os homens de estado das nações civilizadas. A pergunta que sempre surgia na mente de Ka-nu não era: "Quem e o que é este homem?", mas primeiramente: "Posso utilizar este homem, de que forma?". Quanto aos prejuízos tribais, ele os utilizava unicamente em benefício de seus próprios planos.

Kull observou Ka-nu, respondendo brevemente suas perguntas, enquanto se perguntava se a civilização não estava lhe transformando em alguém como os pictos, porque Ka-nu era suave e barrigudo. Já havia se passado muitos anos desde a última vez que Ka-nu segurara uma espada. Claro que ele agora era velho, mas Kull tinha visto outros de maior idade lutando na vanguarda das batalhas. Os pictos eram uma raça de longevos. Ao lado de Ka-nu havia uma bela moça, dedicada a encher-

lhe a taça, e por Valka que não deixava de ter trabalho. Enquanto isso, Ka-nu mantinha um verdadeiro rio de piadas e comentários, e Kull, apesar de sentir por dentro um certo desprezo por tanta tagarelice, não perdia um só detalhe do humor sagaz do velho.

No banquete, estavam presentes chefes e homens-de-estado pictos, estes últimos de atitudes joviais e naturais, enquanto os guerreiros se mostravam formalmente corteses, mas evidentemente moderados em

suas afinidades tribais. Com certo tom de inveja, Kull era bastante consciente da liberdade e naturalidade com que se desenrolava o espetáculo noturno, em contraste com outras situações similares da corte valusiana. Esse tipo de liberdade era o que prevalecia nos rústicos acampamentos da Atlântida. Kull encolheu os ombros. Afinal de contas, Ka-nu, que parecia ter esquecido que era um picto com relação a costumes e preconceitos antigos, não deixava de ter razão ao

considerar que Kull deveria se transformar num valusiano, tanto em mentalidade quanto no nome.

Finalmente, quando a lua chegou a seu zênite, Ka-nu, que havia comido e bebido por três dos homens ali presentes, se reclinou sobre seu divã, lançou um suspiro de satisfação e disse:

- Agora já podem ir embora, meus amigos, porque o rei e eu temos que falar de coisas que não preocupam as crianças. Sim, você também, minha linda. Mas me deixe primeiro beijar estes lábios

de rubi... assim. Não, nada de
danças, minha rosa em flor.



Os olhos de Ka-nu piscaram com malícia por cima de sua barba branca, ao mesmo tempo em que observava Kull, que, sentado bem ereto, mantinha uma atitude severa e intransigente.

- Certamente — disse de repente o velho estadista —, está pensando que Ka-nu não é mais que um velho inútil, que já não serve para nada, exceto beber vinho e beijar as prostitutas.

Na verdade, esse comentário

estava tão de acordo com os verdadeiros pensamentos de Kull, e fora exposto de uma forma tão clara, que Kull se sentiu assombrado diante da perspicácia do velho, embora não desse a menor mostra disso.

Ka-nu pôs-se a rir, e sua pança se sacudiu com as risadas.

- O vinho é vermelho, e as mulheres, suaves. — acrescentou, com expressão tolerante — Mas... há, há!... não creia que o velho Ka-nu permita que nada se interponha nos assuntos de estado.

Voltou a lançar uma gargalhada, e Kull se remexeu, inquieto, em seu assento. Dava a impressão de que estava zombando dele, e os olhos cintilantes do rei começaram a brilhar com luz felina. Ka-nu tomou a jarra de vinho, encheu a taça e olhou Kull com atitude interrogativa, e este fez um aceno negativo com a cabeça, irritado.

- Ah, como queira. — disse Ka-nu com tom afável — É preciso uma cabeça velha como a minha, para suportar a bebida. Já estou envelhecendo, Kull, de modo que

não faz falta que os jovens invejem os prazeres que os velhos ainda possam encontrar. Ah, sim, estou ficando velho e enrugado, vou ficando sem amizades nem alegrias.

No entanto, nem seu aspecto nem sua expressão faziam jus a suas palavras. Tinha o rosto vermelho e bastante aceso; os olhos lhe brilhavam, a ponto de sua barba branca parecer incongruente. De fato, seu aspecto pareceu um tanto mágico a Kull, que experimentou um vago ressentimento por isso. O

velho havia perdido todas as virtudes primitivas próprias de sua raça e da raça de Kull, apesar de que parecia sentir-se muito confortável com sua idade.

- Peço que você me ouça, Kull — prosseguiu Ka-nu, levantando um dedo em advertência —, porque esta é uma boa oportunidade para elogiar um homem jovem e, no entanto, devo expressar meus verdadeiros pensamentos para ganhar sua confiança.

- Se acha possível consegui-lo por meio de adulação...

- Tolice. Quem aqui falou em adulação? Só adulo alguém para pegá-lo desprevenido.

Nos olhos de Ka-nu apareceu uma brilhante faísca, e um resplendor frio que não combinava com seu sorriso indolente. Ele conhecia os homens e sabia que, para alcançar seus fins, deveria se mostrar bem direto com este bárbaro felino, que, assim como um lobo que farejara a presença de uma serpente, detectaria, sem a menor dúvida, qualquer falsidade que pudesse aparecer no fiar da sua

teia-de-aranha de palavras.

- Você tem poder, Kull. — ele prosseguiu, escolhendo suas palavras com muito mais cuidado do que costumava empregar nos conselhos da nação — Suficiente para lhe transformar no mais poderoso dos reis e restaurar algumas das glórias passadas da Valúsia. Na verdade, a Valúsia me importa muito pouco, embora suas mulheres e seu vinho sejam excelentes, a não ser pelo fato de que quanto mais forte seja a Valúsia, tanto mais forte será

também a nação picta. Principalmente agora que, com um atlante no trono, cabe esperar que a Atlântida fique finalmente unida...

Kull pôs-se a rir com uma dura expressão de zombaria. Ka-nu acabava de tocar numa velha ferida.

- Na Atlântida, meu nome foi amaldiçoado quando fui embora, em busca de fama e fortuna entre as cidades do mundo. Nós... eles são eternos inimigos dos Sete Impérios, e os maiores inimigos dos aliados dos Impérios. Deveria sabê-lo.

Ka-nu acariciou a barba e sorriu enigmaticamente.

- Bem, vamos deixar isso de lado, embora eu saiba muito bem do que estou falando. Uma vez conseguida a união, deixará de haver guerras nas quais ninguém ganha nada. Já imagino um mundo de paz e prosperidade, em que o homem ame a seus semelhantes, ao bem supremo. E isso é algo que poderá conseguir... se viver.

- Hah!

A mão ágil de Kull desceu rapidamente para o cabo de sua

espada, e ele meio se ergueu em seu assento, com um movimento repentino, tão cheio de dinamismo que Ka-nu, que imaginava os homens tal e como se imaginam os cavalos de sangue puro, sentiu que o sangue lhe acelerava com uma repentina emoção. Por Valka, que guerreiro! Tinha nervos e fibras de aço e fogo, tudo isso combinado a uma perfeita coordenação, com o instinto de luta próprio de um guerreiro terrível.

Mas, no tom suavemente sarcástico que usou ao falar, não

mostrou nada do entusiasmo que sentia.

- Tolicice! Continue sentado. Veja ao seu redor. Os jardins estão desertos, os assentos vazios. Não há ninguém, exceto nós. E não terá medo de mim, certo?

Kull voltou a sentar-se e olhou cautelosamente à sua volta.

- Essa é a atitude do selvagem. — sussurrou Ka-nu — A caso você acredita que, se eu tivesse tido a intenção de traí-lo, o faria aqui, onde todas as suspeitas indubitavelmente recairiam sobre

mim? Vamos! Os jovens ainda têm muita coisa que aprender. Aí estavam antes meus chefes, que não se sentiam à vontade porque você nascera nas montanhas da Atlântida, e me despreza em sua consciência porque sou apenas um picto. Tolice. Eu lhe vejo como Kull rei da Valúsia, e não como o impiedoso atlante, chefe dos que assolaram as ilhas ocidentais. Do mesmo modo, não deveria ver em mim um picto, mas um homem de caráter internacional, uma figura do mundo. Mas escute o que diz essa

figura: se amanhã você fosse assassinado, quem seria o rei?

- Kaanub, barão de Blaal.

- O próprio. Me oponho a Kaanub por várias razões, mas a maioria de nós não se opõe a ele, porque não é nada mais do que uma pessoa presunçosa.

- Como assim? Foi meu maior adversário, mas não tenho notícia de que defendesse nenhuma outra causa mais que a sua.

- A noite pode ouvir as palavras.

— disse Ka-nu indiretamente — Há mundos dentro dos mundos. Mas

pode confiar em mim, e também em Brule, o lanceiro. Veja.

Tirou de duas dobras da túnica um bracelete de ouro, que representava um dragão alado enroscado três vezes, com três chifres de rubi na cabeça.

- Examine-o atentamente. Brule o levará no braço, quando estiver a seu lado amanhã à noite, para que possa reconhecê-lo. Confie em Brule como em você mesmo, e faça o que ele lhe disser. E, como prova de confiança do que eu lhe digo, veja!

E então, com a rapidez de um falcão que lança uma bicada sobre sua presa, o ancião tirou algo de dentro da túnica, algo que emitiu uma estranha luz verde sobre eles, e que ele voltou a guardar instantaneamente.

- A gema roubada! — exclamou Kull, recuando — A jóia verde do Templo da Serpente! Por Valka Você! E por que está me mostrando agora?

- Para salvar-lhe a vida. Para lhe demonstrar que pode confiar em mim. Se eu trair sua confiança, faça

de mim o que quiser. Você tem
minha vida em suas mãos. Agora
eu já não poderia ser falso com
você, mesmo que quisesse, pois
uma só palavra sua seria minha
condenação.



A pesar de todas aquelas palavras, o velho parecia contente e amplamente satisfeito consigo mesmo.

- Mas, por que me dá este poder sobre você? — perguntou Kull, que se sentia cada vez mais desconcertado.

- Já lhe disse. E agora, como vê, não tenho a menor intenção de enganá-lo, de modo que amanhã à noite, quando Brule estiver a seu lado, siga seus conselhos sem a menor sombra de medo de uma possível traição. Agora, basta. Uma

escolta lhe espera lá fora, para acompanhá-lo de volta ao palácio, meu senhor.

Kull se levantou.

- Mas você não me disse nada.

- Vamos, que impacientes são os jovens! — Ka-nu parecia um mago travesso, agora mais do que nunca — Vá sonhar com os tronos, com o poder e os reinos, enquanto eu sonho com o vinho, as mulheres macias e as rosas. E que a boa fortuna cavalgue convosco, rei Kull.

Ao abandonar o jardim, Kull olhou por cima do ombro, para

onde Ka-nu continuava reclinado indolentemente, com todo aquele aspecto de um ancião satisfeito que irradiava toda a jovialidade do mundo.

Bem na saída do jardim, lhe esperava um guerreiro montado a cavalo. Kull ficou um pouco surpreso, ao verificar que se tratava do mesmo homem que havia lhe comunicado o convite de Ka-nu. Não trocaram uma só palavra, enquanto Kull saltava sobre a cela e eles percorriam as ruas desertas, fazendo soar os cascos dos cavalos.

O colorido e a alegria do dia haviam dado lugar à estranha quietude da noite. A antiguidade da cidade se manifestava muito mais sob a luz prateada da lua. As enormes colunas das mansões e dos palácios se elevavam imponentes em direção às estrelas. As amplas avenidas, silenciosas e desertas, pareciam se elevar interminavelmente, até se perderem na escuridão das zonas altas. Como escadas que levam às estrelas, pensou Kull, com sua mente imaginativa inspirada pela

estranha grandiosidade do cenário.

"Clang, clang, clang!", soavam os cascos com ferraduras de prata sobre as ruas amplas, banhadas pela luz da lua. Mas, além disso, não se percebia o menor ruído. O tempo de existência da cidade, sua incrível antiguidade, chegavam a ser quase opressivos para o rei; era como se aqueles grandes edifícios silenciosos estivessem zombando dele, sem o menor ruído, com uma mofa indecifrável. Que segredos se escondiam naqueles edifícios?

"Você é jovem, mas nós somos

antigos", pareciam lhe dizer os palácios, os templos e santuários. "O mundo estava animado pela juventude, quando fomos erigidos. Você e sua tribo passarão, mas nós somos invencíveis, indestrutíveis. Nos erguemos sobre um mundo estranho, enquanto a Atlântida e a Lemúria surgiram dos mares; reinaremos quando as águas verdes suspirarem por mais de um fantasma inquieto, por cima dos capitéis da Lemúria e das montanhas da Atlântida, e continuaremos reinando quando as

ilhas dos homens ocidentais se transformarem nas montanhas de uma terra estranha. Quantos outros reis nós vimos desfilar por estas mesmas ruas, antes que Kull da Atlântida fosse apenas um sonho na mente de Ka, o pássaro da criação! Continue cavalgando o quanto quiser, Kull da Atlântida, porque outros maiores que você lhe seguirão, do mesmo modo que fizeram antes, transformados agora em pó e esquecidos, enquanto nós continuamos em pé, e sabemos que existimos. Cavalga, continue

cavalgando, Kull da Atlântida, Kull o rei, Kull o estúpido!".

E para Kull, pareceu que o som dos cascos dos cavalos rompia o silêncio da noite, para repetir com seu eco zombeteiro e vazio: "Kull, o rei! Kull, o estúpido!".

Brilhe, lua; ilumine o caminho de um rei. Brilhem, estrelas! Sois tochas que se estendem no caminho de um imperador. Soem, cascos prateados, anunciem que Kull cavalga pela Valúsia.

Ei, acorde, Valúsia! É Kull que cavalga! Kull, o rei!

"Conhecemos muitos reis", pareciam dizer os silenciosos edifícios da Valúsia.

E assim, com um humor melancólico, Kull chegou ao palácio, onde os homens de sua guarda, os Matadores Vermelhos, chegaram para segurar as rédeas de seu grande cavalo e acompanhar Kull até seus aposentos. Assim que chegaram, o picto, que não havia dito uma só palavra, fez seu corcel dar a volta com um selvagem puxão das rédeas, e desapareceu na escuridão, como um fantasma. A

instigada imaginação de Kull representou-o atravessando a toda velocidade as ruas silenciosas, como um duende surgido do Reino das Sombras.



Naquela noite, não houve descanso para Kull, pois já quase amanhecia, e ele passara o resto da noite perambulando de um lado a outro pelo salão do trono, refletindo sobre tudo o que havia ocorrido. Ka-nu não lhe dissera nada concreto e, no entanto, havia se colocado completamente em suas mãos. E o que ele queria sugerir, ao dizer que o barão de Blaal não era mais que uma pessoa presunçosa? Quem era aquele Brule

que o ajudaria à noite, portando o bracelete místico do dragão? E por quê? Mas, acima de tudo, por que Ka-nu havia lhe mostrado a gema verde do terror, roubada há tanto tempo do Templo da Serpente, pela qual o mundo se estremeceria em guerras se o soubessem os estranhos e terríveis guardiões daquele templo, de cuja vingança nem os homens mais ferozes de sua tribo poderiam livrar Ka-nu?

Kull, no entanto, refletiu, dizendo a si mesmo que Ka-nu se sentia a salvo, pois o ancião

estadista era astuto demais para se expor sem obter vantagem alguma. Pretendia por acaso pegá-lo desprevenido, e preparar assim o caminho para a traição? Ka-nu se atreveria a deixá-lo viver agora? No final, Kull se mostrou indiferente a todas estas perguntas.

3) Aqueles que caminham na noite

A lua ainda não havia saído, quando Kull, com a mão no cabo de sua espada, se aproximou da janela. As janelas de seus aposentos davam aos grandes jardins internos

do palácio real, e a brisa da noite, portadora dos aromas das árvores, agitou levemente as tênues cortinas. O rei olhou para fora. Os caminhos e arvoredos estavam desertos; as árvores, cuidadosamente podadas, não eram mais que sombras avultadas; nas fontes vizinhas, se refletia a tênue capa prateada da luz das estrelas, e a água das fontes mais afastadas se enrolava pela brisa. Não havia guardas que vigiassem aqueles jardins, pois os muros externos se encontravam tão rigidamente

vigiados, que parecia impossível que qualquer intruso pudesse ter acesso a eles.

As parreiras subiam pelos muros do palácio, e precisamente quando Kull pensava na facilidade que seria subir por elas, um fragmento de sombra se separou da escuridão sob a janela, e um braço moreno e nu se deslizou sobre o alizar. A grande espada do rei foi meio desembainhada, mas logo parou. Sobre aquele braço musculoso, brilhava o bracelete do dragão que Ka-nu havia lhe

mostrado na noite anterior.

O dono do braço içou-se sobre o alizar e entrou na estância com os movimentos rápidos e naturais de um leopardo que subia.

- Você é Brule? — perguntou Kull.

Parou de repente, surpreso, e um tanto aborrecido e receoso, pois aquele homem não era outro, senão o mesmo que havia lhe escoltado na noite anterior até o palácio.

- Sou Brule, o lanceiro. — respondeu o picto, em voz baixa e reservada. E logo, observando

atentamente o rosto de Kull, disse, com um tom de voz que foi apenas um sussurro: — Ka nama kaa lajerama!

- Ei! O que quer dizer? — perguntou Kull, surpreso.

- Não sabe?

- Não. Essas palavras não me são familiares, não pertencem a nenhuma língua que eu conheça e, no entanto... por Valka, creio tê-las ouvido em algum lugar...

- De fato. — foi o único comentário do picto. Seu olhar percorreu o escritório do palácio.

Exceto por umas poucas mesas, um par de divãs e umas grandes prateleiras de pergaminhos, a moradia estava praticamente vazia em comparação com o esplendor do resto do palácio.



— Diga-me, meu senhor, quem

guarda a porta?

- Dezoito dos Matadores Vermelhos. Mas, como conseguiu penetrar nos jardins à noite e escalar os muros do palácio?

- Os guardas da Valússia são como búfalos cegos. — bufou Brule — Daria para tomar suas mulheres debaixo de seus próprios narizes. Escapuli entre eles, sem que me vissem e me ouvissem. Quanto aos muros... eu conseguiria subi-los sem a ajuda das parreiras. Eu caçava tigres em praias, cobertas por névoas arrastadas do mar por

fortes brisas orientais, e escalava os escarpados da montanha do mar ocidental. Mas chega de conversa... Toque este bracelete. — estendeu o braço e, quando Kull, estranhado, fez o que lhe pedia, soltou um aparente suspiro de alívio — Bem. Agora tire essas roupas reais, porque esta noite lhe esperam coisas com as quais nenhum atlante jamais sonhara.

O próprio Brule só vestia uma pequena tanga, através da qual levava segura uma espada curta e curva.

- Quem é você para me dar ordens? — perguntou Kull, levemente ressentido.



- Ka-nu não pediu que me levasse em conta em tudo? — perguntou o picto, irritado, deixando aparecer um fulgor momentâneo — Não lhe tenho em excessiva estima, meu senhor, mas por enquanto afastei de minha mente todo pensamento de disputa. Faça o mesmo. Mas venha.

Andando sem fazer barulho, cruzou a sala e dirigiu-se à porta. Um olho-mágico que havia nesta, permitia observar uma parte do

corredor externo, sem serem vistos do outro lado. O picto pediu a Kull que olhasse.

- O que você vê?

- Nada, exceto os dezoito guardas.

O picto assentiu com um gesto, fez sinal a Kull para que o seguisse, e voltou a cruzar a mansão. Brule parou diante de uma placa, situada na parede oposta, e tateou um momento com a mão. Logo, com um movimento rápido, recuou ao mesmo tempo em que desembainhava a espada. Kull

lançou uma exclamação, ao ver que a placa se deslizava silenciosamente, se abrindo e revelando uma passagem fracamente iluminada.

- Uma passagem secreta! — exclamou Kull em voz baixa — E eu não sabia de sua existência! Por Valka, que alguém pagará por isto!

- Silêncio! — disse o picto.

Brule permaneceu ali, de pé, feito uma estátua de bronze, como se forçasse cada um de seus nervos para tentar perceber até o som mais leve; houve algo, em sua atitude,

que arrepiou os cabelos de Kull, não de temor, mas de ávida expectativa. Logo, fazendo-lhe um gesto, Brule cruzou a soleira secreta, que ficou aberta atrás deles. A passagem aparecia nua, mas não coberta de pó, como seria no caso de tratar-se de um corredor secreto não-utilizado. Uma vaga luz grisalha se filtrava de algum lugar, mas não se via de onde chegava. A cada poucos passos, Kull via portas, invisíveis por fora, ele estava certo, mas fáceis de distinguir por dentro.

- Este palácio é como um favo de

mel. — murmurou.

- É. Você é observado dia e noite, meu senhor. São muitos os olhos que lhe vigiam.

O rei ficou impressionado pela atitude de Brule. O picto continuou avançando lentamente, receoso, meio agachado, com a lâmina da espada mantida em posição baixa e para a frente. Cada vez que falava, o fazia em sussurros, e olhava rápida e continuamente para um lado e outro. O corredor dava uma volta brusca, e Brule olhou com cautela para o outro lado.



- Olhe! — sussurrou — Mas lembre-se que não deve dizer uma só palavra. Nem um som, por sua vida.

Kull olhou cautelosamente para

o outro lado. O corredor mudava, para dar lugar a um lance de degraus. Kull recuou. Ao pé daqueles degraus, jaziam os corpos dos dezoito Matadores Vermelhos que se postaram naquela noite para vigiar a

entrada ao estúdio do rei. Brule agarrou-lhe o poderoso braço; isso e feroz sussurro de sua voz, que soou bem acima do ombro, impediram que Kull descesse de um salto aqueles degraus.

- Silêncio, Kull! Silêncio, em nome de Valka! — sussurrou o

picto — Estes corredores estão vazios agora, mas me arrisquei demais ao mostrá-los para que creia no que tenho a lhe dizer. Voltemos agora ao seu estúdio.

Retomou seus passos, seguido de perto por Kull, cuja mente estava alvoroçadamente desconcertada.

- Isto é traição. — sussurrou o rei, com uma expressão ardente em seus fortes olhos cinzas — Uma vileza feita muito rapidamente! Só passaram alguns minutos, desde que esses homens montavam a

guarda.

Novamente no estúdio, Brule fechou cuidadosamente a placa secreta e sinalizou a Kull para que voltasse a dar uma olhada pelo olho-mágico da porta que levava ao corredor externo. Kull soltou um ofego de assombro. Ali fora estavam os dezoito guardas!

- Isto é bruxaria! — sussurrou, com a espada meio desembainhada — Por acaso são homens mortos que guardam o rei?

- Sim. — foi a resposta pouco audível de Brule, em cujos olhos

faiscantes havia aparecido uma estranha expressão. Os dois homens se olharam fixamente por um momento. As sobrancelhas de Kull se enrugaram num gesto de estranheza, ao tentarem ler a expressão inescrutável. Logo, os lábios de Brule, mal se movendo, formaram as palavras: — A serpente que fala.

- Silêncio! — sussurrou Kull, ao mesmo tempo em que levava uma das mãos à boca de Brule — Essas palavras significam a morte. Esse é um nome maldito!

- Olhe de novo, rei Kull. Talvez tenham mudado a guarda.

- Não, esses são os mesmos homens. Em nome de Valka, isto é bruxaria! É loucura! Eu vi, com meus próprios olhos, os corpos desses homens, faz apenas alguns minutos. E, no entanto, aí estão agora, de pé.

Brule recuou, afastando-se da porta e seguido mecanicamente pelo rei.

- Meu senhor, o que sabe sobre as traições desta raça à qual governa?

- Muito e, no entanto, pouco. A Valúsia é tão antiga...

- De fato. — assentiu Brule, com os olhos misteriosamente acesos — Nós não somos mais que bárbaros... crianças, em comparação aos Sete Impérios. Nem sequer eles mesmos sabem o quanto são antigos. Nem as lembranças dos homens, nem os anais dos historiadores recuam o bastante para nos dizer quando chegaram do mar os primeiros homens, e construíram as cidades sobre a costa. Mas, meu senhor, os

homens nem sempre foram governados por homens!

O rei o olhou fixamente. Seus olhares se encontraram.

- Sim, entre meu povo há uma lenda.

- E no meu também! — interrompeu Brule — Isso foi antes que nós, das ilhas, nos transformássemos em aliados da Valúsia. Sim, durante o reinado de Lion-fang, sétimo chefe-guerreiro dos pictos, já faz tantos anos que ninguém lembra quantos, chegamos pelo mar, vindos das

ilhas onde o sol se põe, assolamos as costas da Atlântida e caímos sobre as praias da Valúsia, com espada e fogo. Sim, essas longas praias brancas ressoaram com o entrecocar das lanças, e a noite foi como o dia, iluminada pelos incêndios dos castelos em chamas. E o rei da Valúsia, que morreu naquele triste dia nas areias avermelhadas de sangue...

Sua voz se dissipou, e os dois homens permaneceram se olhando fixamente, sem falar durante um tempo. Logo, ambos assentiram

com um gesto.

- A Valúsia é antiga! —
sussurrou Kull, com intensidade —
As montanhas da Atlântida e Mu
eram ilhas do mar, quando a
Valúsia ainda era jovem.

A brisa noturna adentrou a
janela aberta. Não era o ar livre e
revigorante do mar que Brule e Kull
conheciam e desfrutavam em suas
terras, mas um alento, como o
sussurro do passado,
sobrecarregado de mofo, das coisas
longamente esquecidas, que
continha segredos já velhos quando

o mundo ainda era jovem.

Os tapetes se agitaram e, de repente, Kull se sentiu como uma criança nua diante da inescrutável sabedoria daquele misterioso passado mítico. Uma sensação de irrealidade voltou a se apoderar dele. No fundo de sua alma, surgiram fantasmas escuros e gigantescos, que lhe sussurravam coisas monstruosas. Ele percebeu que Brule experimentava pensamentos similares. O olhar do picto se encontrava fixo em seu rosto, com uma intensidade feroz.

Os olhares de ambos voltaram a se encontrar, e Kull experimentou uma cálida sensação de camaradagem com este membro de uma tribo rival. Como se fossem leopardos rivais que se aliavam para deterem os caçadores, estes dois selvagens estabeleceram ali mesmo um ideal comum contra os poderes inumanos, vindos da antiguidade.

Brule voltou a indicar o caminho de volta à porta secreta. A dentraram novamente a passagem, em silêncio, e também

em silêncio avançaram pelo lúgubre corredor, tomando desta vez a direção oposta à seguida anteriormente. Em pouco tempo, o picto se deteve e comprimiu-se contra uma das portas secretas, pedindo a Kull que olhasse pelo olho-mágico escondido.

- Isto leva a uma escada muito pouco utilizada, que conduz a um corredor, além da porta do estúdio.

Olharam e, nesse momento, apareceu uma figura silenciosa que subia a escada.

- Tu! O conselheiro-chefe! —

exclamou Kull — A esta hora da noite e com a adaga desembainhada! O que significa isto, Brule?

- Assassinato! E a mais vil das traições! — respondeu Brule em baixa — Não. — ele acrescentou, ao ver que Kull se dispunha a abrir a porta e saltar para a frente — Estamos perdidos se o enfrentarmos aqui, pois pode haver outros, escondidos ao pé da escada. Venha!

Quase correndo, se apressaram em voltar pela passagem. Uma vez

que chegaram ao estúdio, Brule fechou cuidadosamente a porta atrás deles, e logo cruzou o escritório, dirigindo-se para uma sala que raramente era utilizada. Ali, afastou uns tapetes que haviam num canto escuro, arrastou Kull consigo e ambos se colocaram atrás deles.

Os minutos se passaram. Kull ouvia o som da brisa que penetrava pela outra sala, fazendo oscilar as cortinas, e lhe parecia o murmúrio dos fantasmas. Logo, cruzando a soleira, apareceu a figura de Tu, o

conselheiro-chefe do rei. Evidentemente, havia chegado ao escritório e, ao encontrá-lo vazio, procurava sua vítima lá, onde mais provavelmente estaria.

Aproximou-se com a adaga erguida, avançando em silêncio. Parou por um momento e contemplou a estância, aparentemente vazia, pois estava debilmente iluminada por uma só vela. Depois, avançou cautelosamente, aparentemente desconcertado ao não entender a ausência do rei. Se deteve diante do

esconderijo

- Mate! — sussurrou o picto.

Num único e poderoso salto, Kull fixou-se no meio da pequena câmara. Tu saltou por sua vez, mas a velocidade relampejante e felina do ataque não lhe deu a menor oportunidade para defender-se e contra-atacar. O aço da espada fiascou à luz fraca e fez o osso ranger, ao mesmo tempo em que Tu recuava, cambaleante, com a espada de Kull enfiada entre os ombros.



Kull se inclinou sobre ele, com os dentes à mostra numa careta de assassino, com as sobrancelhas cheias enrugadas sobre olhos que pareciam o gelo cinza do mar glacial. E então, soltou o cabo da espada e recuou, abalado e aturdido ao sentir a mão da morte pousada sobre suas costas.

Porque, enquanto observava, o rosto de Tu tornou-se estranhamente escuro e irreal; os traços se esfumaçaram e recombinaram de uma forma aparentemente impossível, para

logo, como uma máscara de névoa que se desvanecera, desaparecer repentinamente e deixar, em seu lugar, *uma monstruosa cabeça de serpente.*



- Por Valka! — exclamou Kull

boquiaberto, com a testa molhada por um suor repentino — Por Valka! — repetiu.

Brule se inclinou para a frente, com o rosto imóvel. Mas seus olhos acesos refletiam algo do horror que o próprio Kull experimentava.

- Pegue sua espada de volta, meu senhor. — ele disse — Outras proezas ainda os esperam.

Vacilante, Kull avançou a mão para o cabo. A carne lhe formigou ao apoiar um pé sobre o horror que jazia a seus pés, e, quando uma contração muscular fez aquela boca

horrível se abrir de repente, ele recuou com uma sensação de náusea. Finalmente se armando de coragem, ele puxou a espada e contemplou mais atentamente aquela coisa sem nome que havia conhecido como Tu, o conselheiro-chefe. Exceto pela cabeça reptiliana, aquilo era a réplica exata de um homem.

- Um homem com cabeça de serpente! — murmurou Kull — Se trata, então, de um sacerdote do deus serpente?

- Sim. Você dorme sem sabê-lo

Estes inimigos podem adquirir a forma que quiserem. Mediante um encantamento mágico ou algo similar, podem lançar uma nuvem de magia sobre seus rostos, como faria um ator com uma máscara, para assim se parecer com qualquer um que escolham.

- Então, as velhas lendas estavam certas. — sussurrou o rei — Essas horríveis e velhas histórias, que poucos se atrevem a contar, para não morrerem como blasfemos, não são fantasias. Por Valka, eu havia imaginado... havia

suposto. Mas isto parece que vai além dos limites da realidade. Ei!

Os guardas que estão

do outro lado da porta...

- Também são homens-serpente.

E agora, o que faremos?

- Mataremos a todos! —

respondeu Kull entre dentes.

- Neste caso, golpeie nos crânios. — disse Brule — Dezoito

esperam do outro lado da porta, e talvez haja mais nos corredores.

Ouçã-me bem, meu senhor. Ka-nu ficou a par deste complô. Seus espiões se infiltraram nas mais

intrincadas fortalezas dos sacerdotes-serpentes, e lhe comunicaram indícios do que se tratava. Faz muito tempo que ele descobriu as passagens secretas do palácio e, às suas ordens, me dediquei a estudá-las e cheguei aqui à noite para ajudá-lo, para impedir que morresse como morreram outros reis da Valúsia. Vim a sós pela simples razão de que, no caso de ter sido mais, poderíamos levantar suspeitas, e talvez não pudéssemos adentrar sorrateiramente o palácio, como eu

fiz. Os homens-serpente guardam sua porta, e esse, conhecido como Tu, poderia fazer entrar no palácio a quem quisesse; pela manhã, se os sacerdotes fracassassem, os verdadeiros guardas voltariam a ocupar seus postos, sem saber nada, sem lembrar de nada; e estariam ali para levarem a culpa, caso os sacerdotes alcançassem seus propósitos. Mas fique aqui, enquanto me ocupo em dar sumiço neste cadáver.

E, após dizer isto, o picto lançou aos ombros aquela coisa horrível e

desapareceu com ela por outra placa secreta. Kull ficou a sós, com a mente atordoada. Neófitos da poderosa serpente... quantos se esconderiam entre suas cidades? Como ele poderia distinguir o falso do verdadeiro? Quantos dos conselheiros, dos generais em que confiava, eram homens verdadeiros? Em quem poderia confiar?

A placa secreta se abriu para dentro e Brule entrou novamente no escritório.

- Você foi rápido.

- Sim. — disse o guerreiro, que avançou alguns passos e olhou para o chão — Há sangue no tapete, está vendo?

Kull se inclinou para a frente; pelo canto do olho, distinguiu um movimento confuso, um brilho de aço. Ficou em pé de um salto, como a corda de um arco. O guerreiro se dobrou sobre a espada, deixando a sua cair ao chão. Nesse instante, Kull ainda teve tempo de pensar no adequado que era o fato do traidor encontrar a morte através do golpe deslizando para cima, tão utilizado

pelos de sua raça. Depois, quando Brule começou a escorregar da espada para cair imóvel ao solo, o rosto começou a mudar e se extinguir, e Kull conteve a respiração, com os cabelos arrepiados, enquanto observava como aqueles traços humanos desapareciam e as mandíbulas de uma grande serpente ficavam horripelantemente abertas, com seus terríveis olhos fitando-lhe venenosamente, mesmo no momento da morte.

- Ele também era um sacerdote-

serpente! — exclamou o rei — Por Valka! Um plano perspicaz para me pegar desprevenido! E Ka-nu? É um homem? Foi com Ka-nu que eu conversei nos jardins? Valka Todo-Poderoso! — e sua pele lhe formigou ante um horrível pensamento — Por acaso, o povo da Valúsia são homens, ou são todos serpentes?

Ele permaneceu indeciso, sem deixar de contemplar aquela coisa chamada Brule, que agora já não usava o bracelete do dragão. Então, um ruído o fez dar meia-volta.

E Brule apareceu pela porta secreta.

- Alto aí! — Sobre o braço, levantado num gesto instintivo para conter a espada do rei, brilhava o bracelete do dragão — Por Valka!

O picto parou repentinamente e, ao compreender o ocorrido, um sorriso inexorável se estendeu sobre seus lábios.

- Pelos deuses dos mares! Estes demônios são incrivelmente poderosos. Esse devia estar escondido nas passagens e, ao me

ver passar levando o cadáver do outro, assumiu minha aparência. Agora tenho outro para carregar.

- Um momento! — exclamou Kull com tom de ameaça na voz — Esta noite, vi dois homens se transformarem em serpente diante de meus próprios olhos. Como sei que você é um homem de verdade?

Brule pôs-se a rir.

- Por duas razões, rei Kull Nenhum homem-serpente usa isto. — ele disse, apontando o bracelete do dragão — E tampouco pode dizer as palavras: Ka nama kaa

lajerama.

Também era a segunda vez que ele as ouvia aquela noite, e Kull as repetiu mecanicamente.

- Ka nama kaa lajerama. Mas.. essas palavras e, no entanto... onde ouvi isso, em nome de Valka? Não conheço...

- Ah, deve lembrá-las, Kull. — disse Brule — Essas palavras devem estar escondidas nos escuros corredores da memória; ainda que não as tenha ouvido nesta vida, em eras passadas deviam estar tão terrivelmente impressas em sua

alma-mente, que jamais morreram, e sempre farão soar uma débil corda em sua memória, mesmo que você reencarne durante um milhão de anos. Porque essa frase se origina secretamente das eras tenebrosas e sangrentas, e desde então, durante incontáveis séculos, formaram o código da raça dos homens que lutava contra os seres horripilantes do Reino das Sombras. Pois ninguém pode pronunciá-las, exceto um verdadeiro homem entre os homens, cujas mandíbulas e boca

estejam configuradas de forma diferente da de qualquer outra criatura. Seu significado ficou desaparecido no esquecimento, mas não as palavras.

- Isso é verdade. — assentiu Kull
— Recordo as lendas... Por Valka!

Ele parou de repente, com o olhar fixo, pois subitamente, como a silenciosa oscilação de uma porta mística que se abria, esferas brumosas e inimagináveis se abriram nos cantos de sua consciência e, por um momento, pareceu olhar para trás, através da

imensidão que separava uma vida da outra, e, através daquelas névoas vagas e espectrais, pôde ver as formas que viveram em séculos já mortos... homens em combate com monstros horríveis, dedicados a livrar um planeta de espantosos horrores.

Contra um fundo cinza em constante deslocamento, se moviam estranhas formas de pesadelo, fantasias de loucura e de temor; e um homem, o enviado dos deuses, seguia cegamente, do pó de uma vida a outra, o longo rastro

sangrento de seu destino, sem saber o porquê, atuando de uma forma bestial, às cegas, como uma grande criança assassina, mas dotada da clara sensação de que, em alguma parte, havia uma faísca de fogo divino...

Kull passou a mão pela testa, perturbado. Estas visões fugazes nos abismos da memória sempre lhe deixavam perplexo.

- Desapareceram. — disse Brule, como se tivesse lido seus pensamentos mais íntimos — As mulheres-pássaro, as harpias, os

homens-morcego, os diabos voadores, o povo-lobo, os demônios, os duendes... todos, menos os que são como este ser que jaz a seus pés, assim como uns poucos homens-lobo. Longa e terrível foi a guerra, que durou muitos e sangrentos séculos, desde que chegaram os primeiros homens, surgidos da lama dos macacos, transformados naqueles destinados a governar o mundo, e que finalmente conseguiram alcançar a humanidade, há tanto tempo que só lendas escuras e

débeis chegaram até nós através das eras.



O povo-serpente foi o último a desaparecer, mas os homens conseguiram, por fim, vencê-los também, empurrando-os em direção aos confins desérticos do

mundo, para que se acasalassem ali com as verdadeiras serpentes, até um dia, segundo o dizer dos sábios, aquela horrível raça desaparecer por completo. Entretanto, as Coisas regressaram habilmente disfarçadas, quando os homens ficaram moles e degenerados, já esquecidas as antigas guerras. Ah, essa foi uma guerra encarniçada e secreta! Entre os homens da Terra Jovem, se deslizavam furtivamente os terríveis monstros do Planeta Antigo, protegidos por sua horrível sabedoria e seus misticismos,

capazes de adotar todo tipo de formas e figuras, para realizar em segredo as suas horrorosas façanhas. Ninguém sabia quem era homem verdadeiro ou falso. Nenhum homem podia confiar em outro. E, no entanto, graças às suas próprias habilidades, encontraram meios para distinguir os falsos dos verdadeiros. Então, os homens tomaram como sinal a figura do dragão alado, o dinossauro com asas, um monstro das eras passadas, que havia sido o maior inimigo da serpente. E os homens

utilizaram também essas mesmas palavras, que acabo de pronunciar, como um código, como um símbolo, pois como já lhe disse, ninguém consegue repeti-las, exceto um homem verdadeiro. Desse modo, a humanidade triunfou. E, no entanto, depois de muitos anos em que tudo se esqueceu, os inimigos voltaram, pois o homem continua sendo um macaco à medida que esquece aquilo que não tem diante dos olhos. Chegaram como sacerdotes, e como os homens, então satisfeitos

com seus luxos e seu poder, haviam perdido a fé nas velhas religiões e cultos, os sacerdotes-serpente, disfarçados de mestres de um culto novo e mais verdadeiro, criaram uma religião monstruosa, na qual se adorava o deus-serpente. E seu poder chegou a tal ponto, que agora se considera mortal repetir as velhas lendas do povo-serpente, e o povo volta a se inclinar diante do deus-serpente em sua nova forma; e os homens são tão cegamente estúpidos que a grande maioria deles não vê a conexão que existe

entre este poder e o poder que os homens derrotaram há eras. Como sacerdotes, os homens-serpente se sentem satisfeitos em governar e, no entanto...

Então, ele parou.



- Continue. — disse Kull, experimentando uma inexplicável agitação nos cabelos de sua nuca.

- Os reis têm reinado como verdadeiros homens na Valúsia — prosseguiu o picto, em sussurros — e, no entanto, mortos em batalha, morreram como serpentes, como aquele que morreu sob a lança de Lion-fang, nas praias vermelhas, quando nós, das ilhas, assolamos os Sete Impérios. Como pode ser milorde Kull? Esses reis nasceram de mulheres e viveram como homens! Isso foi porque os

verdadeiros reis morreram em segredo, do mesmo modo que você morreria esta noite, e porque os sacerdotes da serpente reinaram em seus lugares, sem que o homem o soubesse.

Kull lançou uma maldição entre dentes.

- Assim tem que ser, porque, que se saiba, ninguém viu um sacerdote da serpente e viveu para contá-lo. Eles vivem no maior dos segredos.

- A arte de governar os Sete Impérios é algo labiríntico e

monstruoso. — disse Brule — Os verdadeiros homens sabem que, entre eles, se deslizam os espiões da serpente, e aqueles homens que são aliados da serpente, como Kaanub, o barão de Blaal. E, no entanto, nenhum homem se atreve a desmascarar um suspeito, por medo de que a vingança caia sobre ele. Nenhum homem confia em seu semelhante, e o verdadeiro estadista não se atreve a falar nem expressar o que está na mente de todos. Se pudessem estar seguros, se fosse possível desmascarar ante

todos eles um homem-serpente, ou desmascarar um complô, então se conseguiria quebrar o poder da serpente, pois a partir desse momento todos se uniriam e fariam causa comum para deslocar os traidores. Só Ka-nu possui a astúcia e valentia necessárias para enfrentá-los, e só ele conseguiria se informar o suficiente para me advertir do que acontecia, do que sucedeu até agora. Desse modo, eu estava preparado, mas a partir de agora só podemos confiar em nossa boa-sorte e habilidade. Aqui e

agora, creio que estamos a salvo; esses homens-serpente que se encontram do outro lado da porta, não se atrevem a abandonar seus postos. Mas amanhã tentarão alguma outra coisa; pode estar certo disso. Ninguém pode saber o que tentarão fazer, nem sequer Kanu, mas devemos estar um ao lado do outro, rei Kull, até que os vencamos, ou morramos os dois. E agora, me acompanhe enquanto levo este cadáver ao mesmo lugar oculto onde deixei o outro.



Kull seguiu o picto com seu pesado fardo. Cruzaram o outro lado da placa oculta e avançaram pelo lúgubre corredor. Seus pés, acostumados ao silêncio dos espaços silvestres, não faziam o menor ruído. Deslizaram como fantasmas através daquela luz fantasmagórica, enquanto Kull se surpreendia diante do fato daqueles corredores estarem desertos, pois a cada curva esperava se deparar com alguma espantosa aparição.

As suspeitas começaram a tomar conta dele. Este picto estaria levando-o para uma emboscada? Reduziu o passo, mantendo-se a certa distância atrás de Brule, com a espada preparada, erguida sobre as costas do picto, que seguia imperturbável seu caminho. Se tivesse a intenção de traí-lo, Brule seria o primeiro a morrer. Mas, se o picto se deu conta das suspeitas do rei, não o demonstrou. Continuou seu caminho, impassível, até chegarem a uma moradia poeirenta, há muito tempo sem

utilizar, de cujas paredes pendiam tapetes pesados e mofados. Brule afastou um deles e escondeu o cadáver atrás.

Logo, regressaram. De repente, Brule se deteve de forma tão brusca, que deu um

enorme susto em Kull, de tão tensos que estavam seus nervos.

- Algo se move no corredor. — sussurrou o picto — Ka-nu disse que, por aqui, tudo estaria vazio, mas...

Ele desembainhou a espada e deslizou furtivamente pela

passagem, seguido cautelosamente por Kull.

Pouco depois, apareceu um brilho vago e estranho que avançava em direção a eles. Esperaram, com os nervos tensos e as costas apertadas contra as paredes da passagem; não sabiam o que lhes esperava, mas Kull ouviu a respiração sibilante de Brule através dos dentes apertados, e se sentiu mais tranqüilo quanto à sua lealdade.

O brilho surgiu, transformado numa forma indefinida, como um

facho de névoa, que se fez mais tangível à medida que se aproximava, sem chegar a ser totalmente material. Um rosto olhou para eles, com um par de grandes olhos luminosos que pareciam sofrer todas as torturas de um milhão de séculos. Não havia nenhuma expressão de ameaça naquele rosto, com seus traços débeis e esgotados, mas apenas uma grande piedade; e naquele rosto... naquele rosto...

- Por todos os deuses todopoderosos! — exclamou Kull,

sentindo como se uma mão gelada lhe pousasse sobre a alma — Eallal, rei da Valúsia, que morreu há mil anos!

Brule parecia se encolher ao máximo, e seus olhos se abriram amplamente com uma expressão do mais puro horror, enquanto a espada lhe tremia na mão, descomposto pela primeira vez naquela estranha noite. Kull, por sua vez, se manteve erguido e desafiador, e manteve instintivamente em guarda sua inútil espada; com a carne

formigando e um comichão nos cabelos da nuca, mas mantendo-se como o rei dos reis que era, disposto a desafiar os poderes do desconhecido, tanto dos mortos quanto dos vivos.

O fantasma continuou imperturbável seu caminho, sem lhes fazer o menor caso; Kull encolheu-se sobre si mesmo, quanto passou diante deles, e percebeu um hálito gelado, como o produzido por uma nevasca ártica. A figura continuou sua marcha, com passos lentos e silenciosos,

como se aqueles pés incertos arrastassem as correntes das eras, e finalmente desapareceu atrás de uma curva da passagem.

- Por Valka! — sussurrou o picto, limpando as gotas de suor frio que brotavam em sua fronte — Isso não era um homem! Isso era um fantasma.



- Sim! — assentiu Kull, com um

gesto da cabeça e surpreso — Você não reconheceu o rosto? Era Eallal, que reinou na Valúsia há mil anos, e que foi encontrado horivelmente assassinado em sua sala do trono, a mesma conhecida agora como o Salão Maldito. Acaso não viu sua estátua no Salão dos Reis Famosos?

- Sim, agora me lembro da história. Pelos deuses, Kull! Isso é outra mostra do poder espantoso e vil dos sacerdotes-serpente. Esse rei foi assassinado pelo povo-serpente, e sua alma se transformou em escrava deles, destinada a cumprir

suas ordens durante toda a eternidade. Pois os sábios sempre afirmaram que, se um homem é assassinado por um homem-serpente, o fantasma se transforma em seu escravo.

Um estremecimento sacudiu a gigantesca estrutura do corpo de Kull.

- Por Valka! Que destino horrível! Escute-me! — seus dedos se apertaram sobre o braço vigoroso de Brule, como uma garra de aço — Me escute bem! Se eu foi mortalmente ferido por esses

monstros vis, jure que me atravessará o peito com a espada, para que minha alma não seja escravizada.

- Eu juro. — respondeu Brule, com seus ferozes olhos iluminados — E lhe peço que faça o mesmo por mim, Kull!

As fortes mãos direitas de ambos se encontraram para selar seu sangrento juramento.

4) Máscaras

Kull estava sentado em seu trono, e contemplava reflexivamente o mar de rostos

virados em sua direção. Um carteiro falava num tom de voz uniforme, mas o rei mal escutava suas palavras. Perto dele, Tu, o conselheiro-chefe, se encontrava de pé a seu lado para cumprir suas ordens, e cada vez que o olhava, Kull se estremecia por dentro.

A superfície da vida cortesã era como a do mar entre uma maré e a seguinte. Para o rei pensativo, os acontecimentos da noite anterior pareciam um sonho, até que seu olhar pousou sobre um dos braços do trono. Uma mão bronzeada e

forte descansava ali, e, por cima do pulso daquela mão, reluzia um bracelete do dragão; Brule estava de pé junto ao trono, e o feroz sussurro do picto o fez regressar do âmbito de irrealidade no qual se movia.

Não, aquele interlúdio monstruoso não havia sido nenhum sonho. Ao sentar-se no trono, no salão social, e contemplar os cortesãos, as damas, os cavalheiros e estadistas, pareceu ver seus rostos como produtos da ilusão, como algo irreal, só existente como

sombras e zombarias da substância. Sempre havia considerado seus rostos como máscaras, mas até então havia olhado-os com uma depreciativa tolerância, convencido de ver, por debaixo daquelas máscaras, umas almas vazias, débeis, avarentas, luxuriosas e enganosas; agora, em compensação, havia um matiz cruel, um significado sinistro, um vago horror que se aninhava sob as máscaras suaves. Enquanto trocava cortesias com algum nobre ou conselheiro, imaginava ver

desaparecer o rosto sorridente de seu interlocutor, como se fosse fumaça, para ver surgirem ali as espantosas mandíbulas abertas de uma serpente. Quantos daqueles a quem olhava eram, na verdade, horríveis monstros inumanos que tramavam sua morte, por baixo da ilusão suave e hipnotizadora de um rosto humano?

Valúsia, o reino dos sonhos e dos pesadelos, o reino das sombras, regido por fantasmas que deslizavam de um lado a outro, por trás das cortinas pintadas,

zombando do rei inútil que se sentava no trono, transformando ele próprio numa sombra.

E como a sombra de um bom camarada, Brule se encontrava a seu lado, com os olhos escuros brilhando em seu rosto impassível. Brule era um homem de verdade! E Kull sentiu que a amizade por aquele selvagem era algo pertencente à realidade, e percebia que Brule também sentia por ele uma amizade que ia além da simples necessidade da arte de governar.



E quais eram as necessidades da vida?, se perguntou Kull. Ambição, poder, orgulho? A amizade de um

homem; o amor das mulheres, que ele nunca havia conhecido, a batalha, o saque... o quê? Era o verdadeiro Kull que se sentava sobre o trono, ou acaso o verdadeiro Kull era o que havia escalado as montanhas da Atlântida, o que havia assolado as distantes Ilhas do Sol Poente, o que havia rido das ruidosas marés verdes do oceano da Atlântida? Pois ele sabia que havia muitos Kull, e se perguntava qual deles era o verdadeiro. Além disso, os sacerdotes da serpente haviam

avançado um passo em sua magia, porque todos os homens usavam máscaras, e muitos deles usavam uma máscara diferente com cada homem ou mulher. Conseqüentemente, Kull se perguntava se, por baixo de cada máscara, não haveria uma serpente escondida.

Permaneceu sentado, submerso nestes pensamentos estranhos e labirínticos, enquanto os cortesãos iam e vinham, e se contemplavam os pequenos assuntos pendentes do dia, até que ele e Brule ficaram

finalmente a sós no salão social, exceto pelos amodorrados serviçais.

Kull se sentia fatigado. Nem ele nem Brule haviam dormido na noite anterior, e

Kull tampouco havia dormido na noite anterior àquela, quando, nos jardins de Ka-nu, teve o primeiro indício das coisas insólitas que aconteceriam. Nada mais ocorrera depois que regressaram ao estúdio, vindos das passagens secretas, mas nenhum dos dois havia ousado ou se preocupado em dormir. Kull, dotado da incrível

vitalidade de um lobo, já havia passado outras vezes por dias e dias sem dormir, em seus tempos de selvagem, mas sua mente agora se sentia fatigada pela constante reflexão e por todas as coisas misteriosas ocorridas na noite anterior, capazes de quebrar os nervos de qualquer um. Precisava dormir, mas era nisso que ele menos pensava.



E, mesmo que o pensasse, tampouco se atreveria a fazê-lo. Outra coisa que o havia perturbado era que, apesar da estreita vigilância que tanto ele quanto Brule mantiveram para ver se e quando se trocava a guarda

colocada diante da porta do escritório, esta foi mudada sem que nenhum dos dois se desse conta de nada, porque, na manhã seguinte, quem estava de guarda pôde repetir as palavras mágicas de Brule, apesar de não se lembrarem de ter ocorrido nada fora do normal. Estavam convencidos de ter passado toda a noite de guarda, como de costume, e Kull não disse nada a respeito. Ele acreditava que eram homens de verdade, mas Brule o aconselhou a guardar o mais absoluto segredo e, para Kull,

também pareceu o melhor.

Agora, Brule se inclinou sobre o trono e baixou o tom de voz, para que nenhum daqueles servos ociosos pudesse ouvir suas palavras:

- Creio que não demorarão a atacar de novo, Kull. Há pouco, Kanu me fez uma senha secreta. Os sacerdotes estão informados de que conhecemos sua conspiração, embora não saibam até que ponto estamos cientes dos detalhes. Devemos estar preparados para qualquer tipo de ação. Ka-nu e os

chefes pictos se manterão o mais perto possível, para nos ajudar, até que isto tenha se solucionado de uma forma ou de outra. Se tivermos que iniciar uma batalha campal, o sangue correrá pelas ruas e castelos da Valúsia.

Kull dirigiu-lhe um sorriso inexorável. Acolheria, com feroz regozijo, qualquer tipo de ação, fosse qual fosse. Todo este perambular por um labirinto de ilusão e magia era extremamente irritante para uma natureza como a sua. Desejava poder saltar, ouvir o

ruído das espadas e experimentar a gostosa liberdade da batalha.

Nesse momento, Tu voltou a entrar no salão social, acompanhado pelo restante dos conselheiros.

- Senhor, meu rei, a hora do conselho se aproxima, e estamos preparados para escoltá-lo à sala do conselho.

Kull se levantou, e os conselheiros se afastaram e puseram o joelho no chão à sua passagem. Depois, se ergueram atrás dele para segui-lo. Algumas

testas se franziram quando o picto avançou, desafiante, atrás do rei, mas ninguém fez a menor objeção. O olhar desafiador de Brule percorreu os rostos delicados dos conselheiros, com a ousadia típica de um selvagem intruso.

O grupo atravessou os corredores e chegou, por fim, diante da câmara do conselho. A porta se fechou, como de costume, e os conselheiros se organizaram em fila, de acordo com a ordem de suas classes, diante do estrado sobre o qual Kull se sentou,

enquanto Brule se colocava atrás do rei, como uma estátua de bronze.

Kull percorreu o salão com um rápido movimento de seu olhar. Sem dúvida, aqui não havia possibilidade alguma de que se cometesse um ato de traição. Havia dezessete conselheiros, a todos os quais conhecia; cada um deles havia abraçado sua causa quando ele ascendera ao trono.

- Homens da Valúsia... — começou a dizer, à maneira convencional.

E então, se deteve, perplexo. Os

conselheiros haviam se levantado, como um homem só, e avançavam em sua direção. Não havia hostilidade alguma em seus olhares, mas suas ações eram muito estranhas numa sala do conselho. O primeiro já havia chegado perto dele, quando Brule se adiantou de um salto, encolhido como um leopardo.

- Ka nama kaa lajerama.

Sua voz estalou, rompendo o sinistro silêncio da sala, e aquele primeiro conselheiro recuou, levando rapidamente a mão à

túnica. Brule saltou como uma mola, e o homem se precipitou de cabeça em direção à espada desembainhada do picto e caiu trespassado, enquanto seu rosto se desvanecia e se transformava na cabeça de uma poderosa serpente.

- Mate, Kull! — disse a rascante voz do picto — Todos eles são homens-serpente!

O restante foi uma cena sangrenta. Kull viu como aqueles rostos familiares desapareciam e seus lugares eram ocupados por horríveis cabeças reptilianas, no

momento em que todo o grupo se lançou para a frente. Havia um grande desconcerto em sua mente, mas seu cérebro não lhe falhou.

O assobio de uma espada preencheu o salão, e o grupo que se precipitava contra ele transformou-se numa onda avermelhada. Mas, os que ficaram voltaram a atacar, aparentemente dispostos a sacrificar suas vidas para eliminar o rei.

Mandíbulas pavorosas se abriram diante dele; olhos terríveis miraram os seus, que devolveram o

olhar sem pestanejar; um odor fétido e nauseabundo impregnou a atmosfera, o odor da serpente, que Kull havia conhecido nas selvas meridionais. As espadas e as adagas se precipitaram em sua direção, e mal teve consciência de que lhe feriam.

Mas Kull se encontrava agora em sua pessoa. Nunca, até agora, havia tido que se defrontar com inimigos tão cruéis, mas isso lhe importava muito pouco; eram seres vivos, em suas veias corria sangue que podia ser derramado e

morreram um após outro, quando sua grande espada lhes arrancou as cabeças de um só corte ou lhes atravessou os corpos. Atacava, recuava e dava uma estocada após outra. No entanto, Kull teria morrido irremediavelmente, se não fosse o homem que lutava a seu lado, e que tampouco deixava de esquivar e atacar.

O rei se deixou levar por seu afã de luta, combatendo segundo o terrível estilo atlante, que busca a morte para se defrontar com a morte: não fez o menor esforço

para evitar os ataques e navalhadas, se manteve firme, e até se lançou para a frente, sem outra idéia em sua mente enlouquecida que não fosse a de atacar. Não era freqüente Kull esquecer sua habilidade de luta em sua fúria primitiva, mas agora parecia que um elo havia se quebrado em sua alma, para encher sua mente com um afã incontido de matar e derramar sangue. Se desembaraçava de um inimigo a cada estocada que dava, mas aqueles seres lhe cercavam, bem superiores em número, e Brule teve

que deter uma e outra vez estocadas que quase alcançavam seus objetivos. Permanecia junto ao rei, esquivando e atacando com uma fria habilidade, sem fazer tantos estragos quanto os causados pelos golpes e arremetidas de Kull, mas sem por isso deixar de ser efetivo com seus golpes e investidas por baixo.

Kull lançou uma gargalhada de loucura. Os horríveis rostos se agitavam a seu redor como uma mancha confusa e escarlate. Sentiu o aço adentrar-lhe o braço e deixou

cair a espada, traçando um arco relampejante, que abriu uma enorme brecha no peito de seu inimigo. Logo, as brumas se dissiparam, e então se deu conta que ele e Brule estavam sós, sobre uma pilha de horripilantes corpos imóveis, espalhados pelo chão.

- Por Valka! Que matança! — exclamou Brule, limpando o sangue dos olhos — Se fossem guerreiros que soubessem usar o aço, teríamos morrido aqui. Mas estes sacerdotes-serpente não sabem nada da arte de manejar a espada, e morrem mais

facilmente que qualquer homem que eu tenha precisado matar. Entretanto, se tivessem sido alguns mais, creio que as coisas terminariam de outra maneira.

Kull assentiu com um gesto. A selvagem possessão que o dominara já havia passado, deixando-lhe uma confusa sensação de grande fadiga. O sangue brotava dos ferimentos recebidos no peito, ombros, braços e pernas. O próprio Brule sangrava, devido a vários ferimentos superficiais, e o olhou com uma expressão preocupada.

- Milorde, vamos logo chamar as mulheres, para que cuidem de seus ferimentos.

Kull o afastou para um lado, com um movimento instintivo de seu poderoso braço.

- Não... vamos nos ocupar disto, depois que tudo estiver terminado. Mas vá você cuidar de seus ferimentos... Eu lhe ordeno.

O picto pôs-se a rir, com expressão inexorável.

- Suas feridas são piores, milorde... — ele começou a dizer, e então parou repentinamente, como

que golpeado por uma idéia súbita
— Por Valka! Este não é o salão de
conselho!

Kull olhou a seu redor e, de
repente, outras brumas pareceram
se dissipar de sua mente.

- Não, este é o mesmo salão
onde Eallal morreu há mil anos.
Um salão que não foi utilizado
desde então, e que foi considerado
maldito.

- Então, pelos deuses,
conseguiram nos enganar! —
exclamou Brule, furioso, dando
pontapés contra os cadáveres que

jaziam ao chão — Nos fizeram entrar aqui como estúpidos, para cairmos em sua emboscada! Graças à sua magia, mudaram o aspecto de todo...

- Neste caso, devem estar cometendo uma nova vileza — disse Kull —, porque se há verdadeiros homens nos conselhos da Valúsia, deveriam estar agora na verdadeira sala do conselho. Vamos rápido.

Abandonaram o salão, deixando nele suas fantasmagóricas figuras, e avançaram apressadamente pelos

corredores, que pareciam desertos, até chegarem diante da verdadeira sala do conselho. Uma vez ali, Kull se deteve com um repentino estremecimento, porque da sala do conselho surgia uma voz que falava... E aquela voz era a sua!

Ele afastou os tapetes, com a mão trêmula, e deu uma olhada pra dentro do salão. Ali estavam sentados os conselheiros, como réplicas perfeitas dos homens que ele e Brule acabaram de matar, e sobre o estrado se via a figura de Kull, rei da Valúsia.

Recuou, com a sensação de que a cabeça dava voltas.

- Isto é uma loucura! Eu sou Kull? Estou aqui, ou esse é o verdadeiro Kull e eu não sou mais que uma sombra, uma ilusão de meu próprio pensamento?

A mão de Brule pousou-lhe no ombro e o sacudiu ferozmente, fazendo-o recuperar a razão.

- Em nome de Valka, não seja estúpido! Ainda se assombra, depois de tudo o que vimos? A caso não percebe que estes são homens verdadeiros, enfeitiçados por um

homem-serpente que adotou sua forma, do mesmo modo que aqueles outros, aos quais matamos, adotaram as formas de seus verdadeiros conselheiros? A esta altura, você já deveria estar morto, e o monstro que adotou sua forma governará em seu lugar, sem que o saibam nenhum dos que se inclinam diante de ti. Ataque e mate rapidamente, ou estaremos acabados. Os Matadores Vermelhos, homens de verdade, estão de guarda, e ninguém mais pode lhe atacar e matar. Seja

rápido!

Kull sacudiu a perturbação que se apoderara dele e lançou a cabeça para trás, com um velho gesto desafiador. Inspirou longa e profundamente, como faria um forte nadador antes de se lançar ao oceano, e logo afastou pra um lado os tapetes e lançou-se em direção ao estrado como um leão.

Brule havia dito a verdade. Ali estavam os Matadores Vermelhos, treinados para se moverem com a rapidez do ataque do leopardo; qualquer outro, que não fosse Kull,

teria morrido antes de chegar até onde estava o usurpador. Mas a visão de Kull, idêntico ao homem sobre a plataforma, os deteve, suas mentes chocadas por um instante, e isso foi o suficiente. O ser que estava sobre o estrado conseguiu fechar os dedos ao redor do cabo da espada, mas antes que pudesse desembainhá-la, a espada do verdadeiro Kull se sobressaiu atrás de seus ombros, e aquela coisa, que os homens acreditaram ser o rei, caiu do estrado para a frente, e ficou estendida e imóvel sobre o

chão.

- Alto! - gritou Kull.

Sua voz régia e potente foi o bastante para deter a precipitação que já havia começado, e enquanto todos os presentes lhe olhavam assombrados, ele apontou a coisa que estava estendida diante de si, cujo rosto desaparecia para transformar-se na cabeça de uma serpente. Todos recuaram e, nesse exato momento, Brule apareceu por uma porta, e Ka-nu por outra. Ambos se aproximaram do rei, Ka-nu pegou-lhe a mão ensangüentada

e falou:



- Homens da Valúsia! Vocês viram com seus próprios olhos. Este é o verdadeiro Kull, o rei poderoso diante do qual toda a Valúsia sempre se inclinou. O poder da serpente se quebrou, e todos serão homens verdadeiros. Rei Kull, tem alguma ordem para nos dar?

- Levantem esse cadáver. — ordenou Kull, e dois homens da guarda se apressaram em obedecê-lo — E agora, todos me sigam. — acrescentou o rei.

Ele empreendeu o caminho em

direção ao salão maldito. Brule, com expressão preocupada, lhe ofereceu o apoio de seu braço, mas Kull afastou-o para um lado.

A distância a percorrer parecia interminável ao ensangüentado rei, mas ele finalmente se encontrou diante da porta e pôs-se a rir feroz e cruelmente, ao ouvir as horrorizadas exclamações dos conselheiros diante da cena.

Ordenou aos guardas que lançassem o cadáver que transportavam pra junto dos que jaziam ao chão, e logo gesticulou a

todos para que abandonassem o salão. Ele foi o último a sair e fechar a porta.

Uma onda de vertigem o sacudiu. Os rostos voltaram a olhá-lo. Estava pálido e perplexo, tonto e submerso numa bruma fantasmagórica. Sentia que o sangue a lhe brotar dos ferimentos escorria por seus membros, mas sabia o que devia fazer e tinha que fazê-lo rapidamente, ou não conseguiria ir até o final.

A espada voltou a se desembainhar com um assobio.

- Brule, você está aí?

- Estou aqui!

Brule o olhou através da bruma, próximo a seu ombro, mas sua voz pareceu soar a muitas léguas e eras de distância.

- Lembre do seu juramento, Brule. E agora, recuem todos.

Seu braço esquerdo abriu um espaço livre, ao mesmo tempo em que desembainhava a espada. Logo, com toda a força que lhe restava, lançou a espada através da porta, introduzindo a enorme lâmina pela tranca, afundando-a até o cabo e

selando, deste modo, aquela sala para sempre.

Com as pernas bem abertas, deu meia-volta, feito um bêbado, para olhar os horrorizados conselheiros.

- Que esta sala seja duas vezes maldita. E que essas carcaças apodreçam aí para sempre, como uma mostra do poder moribundo da serpente. Aqui mesmo, eu lhes juro caçar os homens-serpente de terra em terra, de mar em mar, sem dar descanso até matar todos, que o bem triunfe e o poder do Inferno seja quebrado. Isto é o que lhes

juro... eu... Kull, rei... da... Valúsia.

As pernas se dobraram, e os rostos oscilaram e giraram diante dele. Os conselheiros se precipitaram para ajudá-lo, mas antes que pudessem fazê-lo, Kull caiu ao chão e ficou ali estendido, imóvel, com o rosto virado para cima.

Os conselheiros se juntaram ao redor do rei caído, sem deixarem de falar e gritar. Ka-nu os afastou a empurrões, com os punhos fechados, sem deixar de praguejar ferozmente.

- Para trás, estúpidos! Querem arrebatatar a pouca vida que ainda resta nele? Ele está morto ou viverá? — perguntou ao guerreiro que já havia se inclinado sobre o prostrado Kull.

- Morto? — respondeu Brule, irritado — Não se acaba facilmente com a vida de um homem como ele. A falta de sono e a perda de sangue o enfraqueceram... Por Valka! Ele recebeu um monte de ferimentos, mas nenhum deles é mortal. Que estes estúpidos balbuciantes tragam imediatamente as mulheres

da corte. — Os olhos de Brule se acenderam com um olhar feroz, cheio de orgulho — Por Valka! Eu lhe asseguro, Ka-nu, que não sabia que pudesse existir um homem como ele nesta época tão degenerada. Ele estará em condições de montar um cavalo dentro de poucos dias, e então, que os homens-serpente se protejam de Kull, rei da Valúsia. Mas, por Valka, que essa será uma caçada estranha. Ah, já imagino longos anos de prosperidade para o mundo, com um rei como ele sentado no trono

da Valúsia!



Os Espelhos de Tuzun Thune



"Um meio selvagem e misterioso, Que

jaz envolto por sublime véu, A parte do Espaço, à parte do Tempo". (Edgar Allan Poe)

Chega um tempo, mesmo para os reis, de grande tédio. Então, o ouro do trono se torna latão e a seda do palácio se torna desinteressante. As jóias do diadema brilham terrivelmente, como o gelo dos mares brancos; a fala dos homens é como o barulho vazio do sino do bufão, e se experimenta a sensação de que as coisas são irreais; até o sol parece

cobre no céu, e o hálito do oceano verde não é mais fresco.

Kull estava sentado sobre o trono da Valúsia, e o momento de tédio havia se apoderado dele. Todos se moviam diante dele, como que traçando um panorama interminável, sem significado algum: homens, mulheres, sacerdotes, acontecimentos e sombras de acontecimentos; coisas vistas e coisas a serem alcançadas. Mas, como sombras, chegavam e se afastavam, sem deixar o menor rastro sobre sua consciência, exceto

um grande cansaço mental. E, no entanto,

Kull não se sentia cansado. Experimentava uma ânsia por coisas que estavam além de si mesmo, e além da corte valusiana. A intranqüilidade o agitava, e sonhos estranhos e luminosos vagavam por sua alma. Em cumprimento à sua ordem, compareceu a seu lado Brule, o lanceiro, guerreiro do país picto, vindo das ilhas além do ocidente.

- Milorde, está cansado da vida da corte. Venha comigo em minha

galera e singraremos os mares, em busca de espaço.

- Não. — disse Kull, que descansou tristemente o queixo sobre sua poderosa mão

- Me sinto, acima de tudo, entediado. As cidades já não me exercem o menor atrativo, e as fronteiras estão tranqüilas. Já não ouço as canções marítimas que ouvia quando eu era garoto e me deitava sobre os poderosos escarpados da Atlântida, e a noite ganhava vida com o resplendor das estrelas. Os bosques verdes já não

me atraem como o faziam na minha juventude. Experimento uma estranheza e uma ânsia que parecem ir muito mais além de todos os desejos de uma vida. Saia agora!

Brule foi embora, deixando o rei submerso em seus pensamentos melancólicos sobre o trono. Então, uma jovem da corte se deslizou silenciosamente até Kull e lhe sussurrou:

- Meu grande senhor, procure Tuzun Thune, o grande feiticeiro. Ele conhece os segredos da vida e

da morte, as estrelas do céu e as terras situadas sob os mares.

Kull olhou para a moça. Seu cabelo era de um dourado primoroso, e seus olhos violetas eram estranhamente oblíquos; era bela, mas sua beleza significava pouco para Kull.

- Tuzun Thune. — ele repetiu —
Quem é ele?

- Um feiticeiro da Antiga Raça. Ele mora aqui na Valúsia, próximo ao Lago das Visões, na Casa dos Mi Espelhos. Ele conhece todas as coisas, milorde; fala com os mortos

e conversa com os demônios das Terras Perdidas.

Kull se levantou.

- Vou procurá-lo, mas não diga uma só palavra de minha partida, entendido?

- Sou tua escrava, milorde.

E a jovem se ajoelhou docilmente, embora o sorriso de sua boca escarlate fosse astuto às costas de Kull, e o brilho de seus olhos oblíquos fosse ardiloso.



Kull chegou à casa de Tuzun Thune, próxima ao Lago das Visões. As águas do lago se estendiam, largas e azuis, e mais de um

primoroso palácio se erguia próximo a suas margens; numerosos barcos a remo com velas, como cisnes de asas estendidas, se deslocavam preguiçosamente sobre a tranqüila superfície, e de algum lugar vinha o som de uma música suave.

Alta e espaçosa, embora nada ostentosa, se erguia a Casa dos Mil Espelhos. As grandes portas estavam abertas, e Kull subiu os amplos degraus e entrou, sem se anunciar. Lá, numa grande câmara cujas paredes eram feitas de

espelhos, ele se encontrou com Tuzun Thune, o feiticeiro. O homem era tão velho quanto as colinas de Zalgara; sua pele era como o couro enrugado, mas seus frios olhos cinzas brilhavam como faíscas do aço de uma espada.

- Kull da Valúsia, minha casa é tua. — ele disse, inclinando-se diante dele com o velho gesto de cortesia.

Logo, o convidou a sentar-se sobre uma cadeira que quase parecia um trono.

- Pelo que ouvi falar, você é um

feiticeiro. — disse Kull diretamente, apoiando o queixo sobre a mão e fixando o olhar sombrio sobre o rosto do homem — Você pode realizar milagres?

O feiticeiro estendeu a mão. Seus dedos se abriram e se fecharam, como as garras de uma ave.

- Não lhe parece um milagre, que esta carne cega obedeça aos pensamentos de minha mente? Caminho, respiro, falo... acaso tudo isso não são milagres?

Kull meditou por um instante,

antes de falar.

- Você pode chamar demônios?

- Sim. Posso chamar um demônio muito mais selvagem que qualquer outro, na terra dos fantasmas... e fazê-lo surgir, golpeando vosso próprio rosto.

Kull se sobressaltou, e finalmente assentiu com um gesto.

- Mas, e quanto aos mortos, você pode falar com os mortos?

- Sempre falo com os mortos... como estou falando agora. A morte se inicia com o nascimento, e cada homem começa a morrer quando

nasce; mesmo agora, estás morto, rei Kull, porque nasceste.

- Mas você, você é mais velho do que os homens conseguem ser. É verdade que os feiticeiros nunca morrem?

- Os homens morrem quando lhes chega o momento; nem antes nem depois. E meu momento ainda não chegou.

Kull pensou muito nestas respostas.

- Então, parece que o maior feiticeiro da Valússia não é mais que um homem comum, e me enganei

ao me dirigir para cá.

Tuzun Thune sacudiu a cabeça.

- Os homens não são mais do que homens, e os maiores são aqueles que aprendem as coisas mais simples com mais rapidez. E agora, veja meus espelhos, Kull. - O teto estava coberto de espelhos, e as paredes eram espelhos perfeitamente unidos, embora formassem muitos espelhos, de várias formas e tamanhos — Os espelhos são o mundo, Kull. — trovejou o feiticeiro — Olhe para os espelhos e seja sábio.



Kull escolheu um ao acaso, e o olhou intensamente. Os espelhos da parede oposta se refletiam nele, e refletiam por sua vez a outros, de modo que se viu contemplando uma espécie de corredor longo e luminoso, formado por um espelho após outro; e, lá no fundo daquele corredor, se movia uma figura diminuta. Kull permaneceu observando-a durante um longo tempo, e percebeu que a figura era o reflexo dele mesmo. Experimentou então, uma sensação

de insignificância: era como se aquela pequena figura fosse o verdadeiro Kull, e representasse as proporções reais dele mesmo. Assim, ele se afastou e ficou diante de outro.

- Olhe atentamente, Kull, porque esse é o espelho do passado. — ele ouviu dizer a voz do feiticeiro.

Uma névoa cinza escurecia a visão, como grandes pedaços de bruma em movimento contínuo, mutáveis como o fantasma de um grande rio; através da névoa, Kull

captou visões fugazes de horror e estranheza: as feras e os homens se moviam ali, além de outras figuras que não eram homens nem feras; grandes flores exóticas brilhavam através do ambiente cinza; altas árvores tropicais se erguiam sobre hediondos mangues, nos quais chapinhavam e rugiam monstros com aspecto de répteis; o céu se escurecia com as sombras de dragões alados, e os inquietos oceanos rugiam, se espatifavam e golpeavam interminavelmente as praias pantanosas. O homem não

estava presente e, no entanto, o homem era o sonho dos deuses; e estranhas eram as formas de pesadelo que se deslizavam através das selvas malcheirosas. Ali havia batalha, matança, e um espantoso amor. Ali havia morte, pois a Vida e a Morte andam de mãos dadas. De além das praias lodosas do mundo, soavam os bramidos dos monstros, e formas incríveis se erguiam através da cortina torrencial da chuva incessante.

- E este outro é o do futuro. Kull olhou em silêncio.

- O que vê?

- Um mundo estranho. —

respondeu Kull com pesar — Os Sete Impérios se desmoronaram, transformados em pó e esquecidos. As inquietas ondas verdes rugem sobre as eternas montanhas da Atlântida; as montanhas da Lemúria, a oeste, são as ilhas de um oceano desconhecido. Estranhos selvagens pululam pelos territórios mais antigos, e novas terras se elevam estranhamente, surgindo das profundidades, profanando os antigos santuários. A Valúsia

desapareceu, e todas as nações de hoje, as que serão de amanhã, são estranhas. Não nos conhecem.



- O tempo continua sua marcha.

— disse Tuzun Thune, com voz serena — Vivemos hoje, e que nos importa o amanhã... ou o ontem? A grande Roda gira, e as nações surgem e caem; o mundo muda, e os tempos regressam à selvageria para voltarem a ressurgir através das longas eras. Antes que existisse a Atlântida, existiu a Valúsia; e antes que existisse a Valúsia, existiram as Nações Antigas. De fato, nós também pisoteamos os ombros de tribos perdidas em nosso avanço. Vós, que chegaste

das montanhas dos mares verdes da Atlântida, para te apoderares da antiga coroa da Valúsia, pensas que minha tribo é velha... nós, que dominamos estes territórios antes que os valusianos chegassem do leste, nos tempos anteriores à existência dos homens sobre as terras do mar. Mas já havia homens aqui, quando as Tribos Antigas surgiram cavalgando dos desertos, e houve homens antes daqueles homens, tribos antes daquelas tribos. As nações passam e são esquecidas, pois este é o destino do

homem.

- Sim. — assentiu Kull — E, no entanto, não é uma pena que a beleza e a glória dos homens desapareçam como a fumaça sobre um mar de verão?

- Por qual motivo, já que esse é seu destino? Eu não reflito melancolicamente sobre as glórias perdidas de minha raça, nem me preocupam as raças por vir. Viva o agora, Kull, viva o agora. Os mortos estão mortos; os que não nasceram, ainda não existem. Que importa que os homens te esqueçam,

quando houveres esquecido de ti mesmo nos mundos silenciosos da morte? Olhe para os espelhos e seja sábio.

Kull escolheu outro espelho e olhou para ele.

- Este é o espelho da mais profunda magia. O que vês, rei Kull?

- Nada, exceto a mim mesmo.

- Olhe mais atentamente, Kull. É você mesmo?

Kull olhou atentamente o grande espelho, e a imagem que era seu reflexo lhe devolveu o olhar.

- Me ponho diante deste espelho — sussurrou Kull, com o queixo apoiado sobre o punho —, e dou vida a este homem. Isso é algo que está fora do alcance de minha compreensão, pois primeiro o vi nas águas tranqüilas dos lagos da Atlântida, enquanto agora o vejo nos espelhos de molduras douradas da Valúsia. Ele sou eu mesmo, uma sombra de mim mesmo, uma parte de mim mesmo. Posso fazê-lo ser ou matá-lo. E, no entanto... — ele parou, e estranhos pensamentos sussurraram por entre os vastos e

escuros cantos de sua mente, como morcegos sombrios voando através de uma grande caverna — E, no entanto, onde ele está quando não estou diante do espelho? Tem o homem poder para formar e destruir tão ligeiramente uma sombra da vida e da existência? Como sei que, ao me afastar do espelho, ele desaparece no vazio do Nada?

"Não, por Valka, sou eu o homem ou é ele? Qual de nós é o fantasma do outro? É possível que estes espelhos não sejam mais que

janelas, através das quais olhamos outros mundos. Por acaso, ele pensa o mesmo de mim? Por acaso, não sou para ele mais que uma sombra, um reflexo de si mesmo, como ele é para mim? E, se eu sou um fantasma, que tipo de mundo existe do outro lado deste espelho? Que exércitos cavalgam lá e que reis governam? Este mundo é tudo o que conheço. E se não conheço nenhuma outra coisa, como posso julgar? Sem dúvida que aí também existem montanhas verdes, oceanos rugindo e vastas planícies por onde

os homens cavalgam e se lançam à batalha. Diga-me, feiticeiro, já que é mais sábio que a maioria dos homens, me diga: há mundos além dos nossos mundos?".

- Se um homem tem olhos, deixe que veja. — foi a resposta do feiticeiro — Mas, para ver, primeiro tem que crer.

Passaram-se as horas, e Kull continuava sentado diante dos espelhos de Tuzun Thune, olhando para o que refletia a ele mesmo. Às vezes, parecia contemplar uma grande superficialidade, enquanto

em outras vezes, gigantescas profundezas pareciam se abrir diante dele. O espelho de Tuzun Thune era como a superfície do mar: duro como o mar sob os raios oblíquos do sol, sob a escuridão das estrelas, quando ninguém consegue distinguir as profundezas; vasto e místico como o mar, quando o sol se funde a ele, de tal forma que a respiração do observador se prende ao vislumbrar fugazmente tremendos abismos. Assim era o espelho onde Kull olhava.

Finalmente, o rei se levantou

com um suspiro e foi embora, ainda maravilhado.

Regressou novamente à Casa dos Mil Espelhos. Comparecia lá dia após dia, e permanecia sentado durante horas diante do espelho. Os olhos lhe miravam, idênticos aos seus; e, no entanto, Kull parecia notar uma diferença, uma realidade que não era a sua. Olhava fixamente o espelho, hora após hora, com uma estranha intensidade; hora após hora, a imagem lhe devolvia o olhar.

Os assuntos do palácio e do

conselho foram sendo negligenciados. As pessoas começavam a murmurar. O cavalo batia as patas, inquieto, no estábulo, e os guerreiros de Kull jogavam dados e discutiam inutilmente entre si. Kull continuava sem fazer caso. Às vezes, parecia estar a ponto de descobrir algum segredo vasto e inimaginável. Já não concebia a imagem do espelho como uma sombra de si mesmo. Para ele, aquela coisa era uma entidade, semelhante em seu aspecto externo,

mas tão fundamentalmente afastada do próprio Kull quanto dois pólos opostos. Para Kull, parecia que a imagem tinha uma individualidade à parte da sua própria, como se já não dependesse de Kull, do mesmo modo que Kull não dependia dela. E, dia após dia, se perguntava em que mundo realmente vivia: era ele a sombra, convocada pela vontade do outro? Vivia no lugar do outro, num mundo de ilusão, como a sombra do mundo real?

Kull começou a experimentar o

desejo de entrar na personalidade que havia além do espelho, de encontrar um espaço e ver o que pudesse ser visto. No entanto, se conseguisse ir além daquela porta, ele conseguiria regressar? Encontraria um mundo idêntico àquele no qual se movia agora? Um mundo em que o seu não fosse mais que um reflexo fantasmagórico? O que era realidade e o que era ilusão?

Às vezes, Kull parava pra pensar como haviam surgido em sua mente aqueles pensamentos e

sonhos, e ocasionalmente se perguntava se eram produtos de sua própria vontade, ou...

E aqui, seus pensamentos entravam num confuso labirinto. Suas meditações eram suas; nenhum homem governava seus pensamentos, e ele podia convocá-los como e quando quisesse. E, no entanto, podia fazê-lo assim? A caso não eram como morcegos, que voam de um lado a outro, não segundo quisessem, mas obedecendo à ordem e à direção de... de quem? Dos deuses? Das

Mulheres que teciam a teia do Destino?

Kull não conseguia chegar a conclusão alguma, pois a cada passo mental que dava, se sentia cada vez mais envolto por uma confusa névoa de afirmações e negações ilusórias. Isso, ao menos, ele sabia: que estranhas visões haviam entrado em sua mente, como se voassem sem obstáculo algum, vindas do sussurrante vazio da não-existência. Jamais havia tido estes tipos de pensamentos, mas agora eles governavam sua mente,

tanto quando dormia quanto desperto, de modo que às vezes tinha a impressão de caminhar atordado; e seu sono se via povoado por estranhos sonhos monstruosos.

- Diga-me, feiticeiro — ele disse, sentado diante do espelho, com os olhos intensamente fixos em sua própria imagem —, como posso passar para o outro lado dessa porta? Porque, na verdade, não estou certo de que este seja o mundo real e aquele outro o das sombras. Aquilo que vejo deve

existir, ao menos em alguma forma.

- Olhe e creia. — retumbou a voz do feiticeiro — O homem tem que crer para conseguir. A forma é sombra, a substância é ilusão, a materialidade é sonho; o homem é porque acredita ser. O que é o homem, senão um sonho dos deuses? E, no entanto, o homem pode ser aquilo que deseja ser; a forma e a substância não são mais que sombras. A mente, o ego, a essência do sonho divino... isso é real, isso é imortal. Olhe e creia, se quiser conseguir, Kull.

O rei não o compreendeu totalmente; nunca conseguia compreender plenamente aquelas frases enigmáticas do feiticeiro; e, entretanto, em algum lugar de seu ser, faziam soar uma corda sensível. De modo que, dia após dia, compareceu para sentar-se diante dos espelhos de Tuzun Thune, e o feiticeiro estava sempre à espreita atrás dele, como uma sombra.

Chegou um dia em que Kull pareceu vislumbrar estranhos territórios, e os pensamentos e reconhecimentos esvoaçavam

através de sua consciência. Dia após dia, ele havia parecido perder o contato com o mundo; a cada dia que passava, as coisas lhe pareciam mais fantasmagóricas e irreais; só o homem do espelho parecia ser a realidade.

Agora, Kull parecia estar às portas de mundos mais poderosos; olhares gigantescos piscavam, como que suspensos; as névoas da irrealidade ficaram mais tênues. "A forma é sombra, a substância é ilusão; não são mais que sombras". Estas palavras ressoaram em sua

consciência, como se chegassem até ele de um país distante. Lembrou das palavras do feiticeiro, e teve a impressão de que quase as entendia agora... forma e substância; ele não poderia mudar à vontade, se soubesse qual era a chave mestra que abria esta porta? Que mundos dentro de que mundos esperavam o explorador ousado?

O homem do espelho parecia estar lhe sorrindo, cada vez mais perto e mais perto; uma neblina envolveu tudo, e o reflexo ficou repentinamente confuso. Kull

experimentou uma sensação de desvanecimento, de mudança, de fusão...

- Kull!

O grito quebrou o silêncio em um milhão de fragmentos vibratórios.

Montanhas desabaram e mundos cambalearam, quando Kull foi obrigado a recuar diante daquele grito frenético, emitido com um esforço sobre-humano, sem que ele soubesse como nem por quê.

Um estrondo, e Kull estava na

sala de Tuzun Thune, diante de um espelho despedaçado, desconcertado e meio cego pela perturbação. Ali, diante dele, jazia o corpo de Tuzun Thune, cujo último momento havia finalmente chegado. Sobre ele, estava de pé Brule, o lanceiro, com a espada pingando sangue e olhos bem abertos, com uma expressão de horror.

- Por Valka! — exclamou o guerreiro — Kull, por pouco não chego a tempo!

- Sim, mas o que aconteceu? —

perguntou o rei, fazendo esforço para encontrar as palavras.

- Pergunte a essa traidora. — respondeu o lanceiro, apontando para uma garota que se encolhia de terror diante do rei. Kull percebeu que era a mesma que lhe havia mandado procurar Tuzun Thune — Ao entrar aqui, lhe vi prestes a se dissipar nesse espelho, como fumaça desaparecendo no céu. Por Valka! Se eu não visse, não teria acreditado... Você havia quase desaparecido, quando meu grito lhe fez voltar.

- De fato. — resmungou Kull —

Desta vez, eu quase atravesssei essa porta.

- Este inimigo lhe atraiu da forma mais ardilosa. — disse Brule

— Kull, não percebe como ele teceu e lhe envolveu numa teia de magia?

Kaanub de Blaal conspirou com este feiticeiro para se livrar de você,

e esta bruxa, uma jovem da Raça Antiga, se encarregou de pôr na sua

mente a idéia de vir aqui. Ka-nu, do conselho, descobriu hoje mesmo a

conspiração. Não sei o que você viu neste espelho, mas Tuzun Thune c

utilizou para lhe enfeitiçar a alma, e com suas bruxarias quase conseguiu mudar seu corpo e transformar-lhe em névoa...

- De fato. — assentiu Kull, ainda perplexo — Mas, sendo ele um feiticeiro, que dispunha do conhecimento de todas as eras e desprezava o ouro, a glória e o poder, o que Kaanub poderia oferecer a Tuzun Thune para transformá-lo num vil traidor?

- Ouro, glória e poder. — grunhiu Brule — Quanto mais cedo aprender que os homens são

homens, sejam eles feiticeiros, reis ou escravos, melhor poderá governar, Kull. E agora, o que faremos com ela?

- Nada, Brule. — respondeu Kul com um olhar triste, enquanto a jovem gemia e choramingava a seus pés — Ela não foi mais que um instrumento. Levante-se, moça, e siga seu caminho. Ninguém lhe fará mal.

Uma vez a sós com Brule, Kul olhou pela última vez os espelhos de Tuzun Thune.

- Talvez ele tenha conspirado e

conjurado... Não, não duvido do que me diz. E, no entanto, foi a bruxaria dele que estava me transformando para me tornar uma tênue névoa; ou por acaso me esbarrei com um segredo? Se você não me fizesse voltar, eu teria me dissipado, ou encontraria outros mundos além deste?

Brule lançou um olhar em direção aos espelhos e encolheu os ombros, como que estremeendo.

- Pelo visto, Tuzun Thune acumulou aqui a sabedoria de todos os infernos. Vamos sair

daqui, Kull, antes que estes espelhos enfeiticem a mim também.

- Vamos sair, então. — respondeu Kull.

E, caminhando um ao lado do outro, se afastaram da Casa dos Mil Espelhos, onde talvez estivessem aprisionadas as almas dos homens.

Agora, ninguém mais olha para os espelhos de Tuzun Thune. Os barcos de lazer se aquecem placidamente sob o sol, na margem onde se ergue a casa do feiticeiro, e ninguém entra nessa casa, ou na

sala onde o ressecado e enrugado cadáver de Tuzun Thune permanece imóvel diante dos espelhos da ilusão. O local é evitado por todos como um lugar maldito, e ainda que este continue de pé pelos próximos mil anos, passos humanos não ecoarão ali.

Apesar de tudo, Kull, sentado em seu trono, medita freqüentemente sobre a misteriosa sabedoria e os incontáveis segredos lá escondidos, e se pergunta...

Pois há mundos além dos mundos, como Kull sabe, e se o

bruxo o enfeitiçou com palavras ou através de hipnotismo, do outro lado daquela misteriosa porta se abriram, ante os olhos do rei, outras paisagens diferentes; e agora, Kull está menos certo da realidade desde que olhou os espelhos de Tuzun Thune.



Cavaleiros Além do Sol Nascente

- Assim — disse Tu, o conselheiro-chefe —, Lala-ah, condessa de Fanara, fugiu com seu amante, Fenar, o aventureiro farsuniano, trazendo a vergonha ao seu futuro marido e à nação da Valúsia.

Kull, com o queixo apoiado na mão, acenou com a cabeça. Havia escutado, com pouco interesse, a história de como a condessa de

Fanara havia deixado um nobre esperando nas escadas de Merama e fugido com um homem que ela própria escolhera.

- Sim — ele interrompeu impacientemente Tu —, eu entendo. Mas o que as aventuras amorosas de uma jovem tonta têm a ver comigo? Eu não a culpo por abandonar Ka-yanna... por Valka, ele é feio como um rinoceronte, e tem um temperamento ainda mais abominável. Então, por que me conta esta história?



- Não entendes, Kull. — disse
Tu, com a paciência que deve ser
dada a um bárbaro que ainda por
cima é um rei — Os costumes da
nação não são os vossos costumes.

Lala-ah, ao abandonar Ka-yanna ao pé do próprio altar onde o casamento seria realizado, cometeu uma rude ofensa às tradições da terra... e um insulto à nação é um insulto ao rei, Kull. Só por isso, ela deve ser trazida de volta e punida.

"Nesse caso, ela é uma condessa, e é uma tradição valusiana mulheres nobres se casarem com estrangeiros apenas com o consentimento do estado valusiano... e aqui o consentimento nunca foi dado, nem sequer pedido. Valúsia se tornará objeto de

desprezo de todas as nações, se deixarmos que homens de outros países levem nossas mulheres impunemente".

- Em nome de Valka. — resmungou Kull — Eis aqui um grande alvoroço: costume e tradição! Quase não escuto outra coisa desde a primeira vez em que me sentei no trono da Valúsia. Em minha terra, as mulheres se casam com quem querem e com quem escolhem.

- Sim, Kull. — disse Tu suavemente — Mas aqui é a

Valúsia... e não a Atlântida. Lá, todos os homens, decerto, e todas as mulheres, são livres e desimpedidos, mas a civilização é uma rede e um labirinto de precedências e costumes. E outra coisa a respeito da jovem condessa: ela tem um traço de sangue real.

"Este homem cavalgou com os cavaleiros de Ka-yanna em perseguição à garota".

- Sim — falou o jovem —, e tenho para ti um recado de Fenar, senhor rei.

- Um recado para mim? Nunca

vi Fenar.

- Não, mas ele disse para um guarda da fronteira da Zarfhaana, para ser repetido àqueles que o perseguiram: "Diga ao suíno bárbaro, que suja um trono antigo, que eu o chamo de canalha. Diga a ele que um dia retornarei e vestirei sua carcaça covarde em roupas de mulher, para que cuide dos cavalos de minhas bigas".

A grande massa corporal de Kull se ergueu e sua cadeira de estado se espatifou ao chão. Por um momento, ficou sem fala; logo,

encontrou voz, num rugido que fez Tu e o nobre recuarem.

- Valka, Honen, Holgar e Hotath! — ele rugiu, misturando divindades com deuses pagãos, de um jeito que fez o cabelo de Tu ficar de pé diante da blasfêmia.

Os enormes braços de Kull se ergueram, e seu poderoso punho desceu sobre a mesa, com uma força que entortou as pernas grossas da mesma, como se fossem de papel. Tu, pálido, arrastou os pés diante daquela maré de fúria bárbara, com as costas coladas à

parede, seguido pelo jovem nobre que ousara muito em dar o recado de Fenar. No entanto, Kull era selvagem demais para conectar o insulto com o portador; governantes civilizados é que descarregam a vingança nos mensageiros.

- Os cavalos! — bramiu Kull — Quero os Matadores Vermelhos montados! Mandem Brule para mim!

Ele arrancou o manto real e o arremessou para o outro lado da sala, agarrou repentinamente um

suntuoso vaso da mesa quebrada e o lançou ao chão.

- Depressa! — ofegou Tu, empurrando o jovem nobre em direção à porta — Traga Brule, o lanceiro picto... rápido, antes que ele mate todos nós!

Tu julgava as ações do rei, baseado nas dos reis anteriores. Todavia, Kull não havia progredido o bastante em hábitos civilizados para descarregar sua fúria real em súditos inocentes.

Sua fúria vermelha inicial fora sucedida por um ódio frio como o

aço, quando Brule chegou. O picto entrou silencioso e tranqüilo, com um sorriso sombrio lhe tocando os lábios, quando notou a destruição causada pela ira do rei.

Kull estava se vestindo em roupas de cavaleiro, e ele olhou para cima quando Brule entrou, os cintilantes olhos cinzas lampejando friamente.

- Iremos cavalgar, Kull? — perguntou o picto.

- Sim, cavalgaremos duro e para longe, por Valka! Cavalgaremos primeiro para Zarfhaana, e talvez

mais além... para as terras nevadas, ou os desertos de areia ou para o Inferno! Quero 300 Matadores Vermelhos prontos.

Brule sorriu de puro prazer. Era um homem poderosamente constituído, de estatura média, com olhos cintilantes assentados em feições imóveis. Mais parecia uma estátua de bronze. Sem uma palavra, ele se virou e saiu da câmara.

- Majestade, o que fazes? — arriscou Tu, ainda tremendo de medo.

- Cavalgarei no rastro de Fenar.

— respondeu furiosamente o rei. —
O reino está em suas mãos, Tu.
Retornarei quando tiver cruzado
espadas com esse farsuniano, ou
não voltarei de forma alguma.

- Não, não! — exclamou Tu —
Isto é extremamente imprudente,
Alteza! Não dê atenção ao que
aquele aventureiro sem nome disse!
O imperador da Zarfhaana nunca
irá permitir que tragas uma tropa,
como a que mencionaste, para
dentro do reino dele.

- Então, cavalgarei sobre as

ruínas das cidades da Zarfhaana. —
foi a resposta sombria de Kull —
Os homens vingam seus próprios
insultos na Atlântida... E, embora a
Atlântida tenha me rejeitado e eu
seja rei da Valúsia... ainda sou um
homem, por Valka!

Ele afivelou sua grande espada,
e caminhou até a porta, Tu
arregalando os olhos atrás dele.

Diante do palácio, havia 400
homens em suas selas. Trezentos
destes eram Matadores Vermelhos,
a cavalaria de Kull e os soldados
mais terríveis da terra. Eram, em

sua maioria, valusianos das colinas, os mais fortes e vigorosos de uma raça em decadência. Os cem restantes eram pictos — selvagens esguios e poderosos, homens da tribo de Brule, que montavam em seus cavalos como centauros e lutavam feito demônios, quando surgia a ocasião.

A todos estes homens, Kull deu a saudação real, enquanto descia os degraus do palácio, e seus olhos se iluminaram com um brilho feroz. Era quase grato a Fenar, por ter lhe dado o pretexto que precisava para

abandonar, por um tempo, a vida monótona da corte e mergulhar em ação selvagem — mas seus pensamentos em relação ao farsuniano não eram mais amáveis por este motivo.

À frente desta feroz formação, estava Brule, chefe dos mais formidáveis aliados da Valúsia, e Kelkor, segundo comandante dos Matadores Vermelhos. Kul agradeceu a saudação com um gesto brusco, e montou sobre a sela. Brule e o comandante cavalgavam a ambos os lados dele.

- Sentido! — foi o comando lacônico de Kelkor — Cavaleiros! Em frente!

A cavalgada seguiu adiante num trote tranqüilo. O povo da Valúsia olhava curiosamente, de suas janelas e portas, e as multidões nas ruas se viraram, quando o barulho dos cascos dos cavalos ressoou através do tagarelar e conversar das barganhas e comércio. Os corcéis sacudiam suas crinas enfeitadas; as armaduras de bronze dos guerreiros brilhavam ao sol, as flâmulas nas longas lanças

ondulavam para trás. Por um momento, o pequeno público no mercado interrompeu sua tagarelíce, quando a poderosa formação se moveu, olhando em estúpido assombro ou admiração infantil; logo desapareceram pela grande rua branca, o clangor da prata nas pedras redondas do calçamento sumiu à distância, e o povo da cidade voltou às suas tarefas corriqueiras, como as pessoas sempre fazem, não importa quais os reis que cavalguem.

Ao longo das largas ruas

brancas da Valúsia, se moviam o rei e seus cavaleiros, para fora dos subúrbios, com suas pompas extensas e palácios magnificentes; ininterruptamente, até os pináculos dourados e torres azul-safira da Valúsia se tornarem apenas um vislumbre prateado à distância, e as colinas verdes de Zalgara avultarem majestosamente diante deles.

A noite os encontrou acampados no alto dos declives das montanhas. O povo das colinas — muitos deles parentes dos Matadores Vermelhos — se dirigia

ao acampamento com presentes de comida e vinho, e os guerreiros, livres da orgulhosa compostura que sentiam entre as cidades do mundo, conversavam com eles, cantavam velhas canções e contavam velhas histórias uns aos outros. Mas Kull caminhava à parte, longe da incandescência das fogueiras do acampamento, para olhar atentamente, de um lado a outro, as vistas místicas dos penhascos e vales. Os declives eram suavizados por vegetação e folhagens, os vales se

aprofundando em regiões sombreadas de magia, as colinas se erguendo destemidas e claras ao brilho prateado da lua. As colinas de Zalgara sempre fascinaram a Kull. Elas o faziam lembrar-se das montanhas da Atlântida, cujas alturas nevadas ele havia escalado na juventude, antes de viajar pelo vasto mundo para escrever seu nome nas estrelas e fazer de um antigo trono o seu assento.

Ali, contudo, havia uma diferença. Os penhascos da Atlântida se erguiam rígidos e

desolados; seus despenhadeiros eram áridos e rugosos. Os montes da Atlântida eram brutais e terríveis em sua juventude, assim como Kull. A idade não havia lhes suavizado o poder. As colinas de Zalgara se erguiam como deuses antigos, mas arvoredos verdes e vegetação ondulante sorriam sobre seus ombros e penhascos, e seu contorno era suave e gracioso. Idade... idade... pensou Kull; mais de um século de erosão havia gastado seu esplendor escarpado; tinham a suavidade e beleza da

antiguidade. Montanhas antigas sonhando com reis antigos, cujos pés desatentos haviam pisado sua relva.

Como uma onda vermelha, a lembrança do insulto de Fenar varreu estes pensamentos. As mãos se fecharam de fúria, Kull lançou os ombros para trás e olhou bem para dentro do olho calmo da lua.

- Helfara e Hotath condenem minha alma ao Inferno eterno, se eu não descarregar minha vingança em Fenar! — ele rosnou.

A brisa noturna sussurrou entre

as árvores, como em resposta ao juramento pagão.

Antes que a aurora escarlate irrompesse como uma rosa vermelha sobre as colinas de Zalgara, a cavalaria de Kull estava montada na sela. Os primeiros lampejos da manhã brilhavam nas pontas das lanças, nos elmos e nos escudos, quando o grupo deu a volta pelos vales de verde ondulante e subiu longas inclinações ondeantes.

- Estamos cavalgando para o sol nascente. — comentou Kelkor.

- Sim. — foi a resposta sombria de Brule — E alguns de nós cavalgam além do sol nascente.

Kelkor encolheu os ombros:

- Assim seja. Este é o destino de um guerreiro.



Kull olhou para o comandante. Reto como uma lança, Kelkor se sentava em sua sela — inflexível e inabalável como uma estátua de

aço. O comandante sempre lembrava ao rei uma boa espada de aço polido. Homem de vigor espantoso e enorme energia, o que ele tinha de mais poderoso era o seu absoluto autocontrole. Uma calma glacial sempre caracterizava suas palavras e atos. No calor e vitupério do conselho, na selvagem devastação da batalha, Kelkor era sempre calmo. Tinha poucos amigos e não se esforçava em fazer amigos. Suas qualidades o haviam, por si próprias, elevado de um guerreiro desconhecido nas fileiras

dos mercenários ao segundo maior posto nos exércitos valusianos... e somente o seu berço o excluía do mais alto. Pois os costumes decretavam que o primeiro-comandante das tropas deve ser um valusiano, e Kelkor era lemuriano. Embora parecesse mais um valusiano que um lemuriano, ao montar seu cavalo, pois tinha uma constituição diferente da de muitos de sua raça, sendo alto e esguio, embora de constituição forte. Apenas seus olhos estranhos lhe revelavam a raça.

Outro amanhecer os encontrou descendo os pés das colinas que davam no Deserto Camooniano, uma vasta terra desolada e inabitada, um ermo árido de areias amarelas. Nenhuma árvore crescia lá, nem sequer arbustos, nem havia quaisquer cursos d'água. Cavalgaram o dia todo, parando apenas por um curto espaço de tempo ao meio-dia, para comerem e para descansarem os cavalos, embora o calor estivesse quase insuportável. Os homens, apesar de resistentes, esmoreciam sob o calor.

Reinava o silêncio, exceto pelo tinido de estribos e armaduras, o ranger das selas suadas e pelo monótono estalar dos cascos pelas areias profundas. Até Brule pendurou seu corselete na sela de seu cavalo. Mas Kelkor montava ereto e imóvel, sob o peso de toda a armadura, parecendo intocado pelo calor e desconforto que atormentavam os outros.

"Aço, todo de aço", pensou Kull, admirado, se perguntando secretamente se ele poderia alcançar o perfeito controle sobre si

mesmo que este homem, também um bárbaro, havia alcançado.

Uma jornada de dois dias os trouxe para fora do deserto e para dentro das colinas baixas que marcavam os confins da Zarfhaana. Diante da linha da fronteira, foram parados por dois cavaleiros zarfhaanos.



- Sou Kull da Valúsia. — o rei
respondeu abruptamente —
Cavalgo na trilha de Fenar. Não
tentem impedir minha passagem.

Me responsabilizarei com o seu imperador.

Os dois cavaleiros puxaram as rédeas para os lados, a fim de deixarem a cavalaria passar, e, enquanto os cascos ruidosos sumiam à distância, um falou ao outro:

- Ganhei nossa aposta. O próprio rei da Valússia cavalga.

- Sim. — respondeu o outro — Estes bárbaros vingam suas próprias afrontas. Se o rei fosse um valusiano, por Valka, você teria perdido.

Os vales da Zarfhaana ecoaram o barulho da passagem dos cavaleiros de Kull. O povo pacífico do país saía em grandes quantidades de suas aldeias, para observar os ferozes guerreiros que por ali passavam, e a notícia se espalhou para norte e sul, oeste e leste, de que Kull cavalgava para leste.

Logo após a fronteira, Kull, tendo mandado um mensageiro ao imperador zarfhaano para assegurá-lo de suas intenções pacíficas, se reuniu com Brule,

Kayanna e Kelkor.

- Eles têm vários dias de vantagem sobre nós — disse Kull —, e não devemos perder tempo procurando por sua trilha. O povo deste país vai mentir para nós. Devemos rastrear nossa própria trilha, como os lobos rastreiam a pista de um cervo.

- Deixe-me interrogar esta gente. — disse Ka-yanna, com um franzir maldoso de

seus lábios grossos e voluptuosos — Garanto fazê-los falarem toda a verdade. Kull olhou

interrogativamente para ele.

- Há meios. — ronronou o valusiano.

- Tortura? — grunhiu Kull, seus lábios se torcendo em indisfarçado desprezo — Zarfhaana é uma nação amigável

- Que importa ao imperador uns poucos aldeões desafortunados? — perguntou suavemente Ka-yanna.

- Chega! — Kull pôs de lado a sugestão com verdadeira abominação atlante, mas Brule levantou a mão, pedindo atenção.

- Kull — ele disse —, não gosto

do plano deste camarada mais do que você, mas às vezes até um suíno fala a verdade.

Os lábios de Ka-yanna se torceram de raiva, mas o picto não lhe deu atenção:

- Deixe-me levar alguns de meus homens por entre os aldeões e interrogá-los. Vou apenas assustar um pouco, sem machucar ninguém; de outro modo, podemos gastar semanas em busca inútil.

- Assim falou o bárbaro. — disse Kull, com a amigável malícia que existia entre os dois.

- Em qual cidade dos Sete Impérios você nasceu, majestade? — perguntou o picto, com sarcástica deferência.

Kelkor encerrou isto com um abanar de sua mão.



- Aqui está nossa posição. —

disse ele, rabiscando um mapa nas cinzas da fogueira do acampamento, com ponta da bainha de sua espada — Não é provável que Fenar vá para o norte... admitindo que ele não pretenda permanecer na Zarfhaana, pois além da Zarfhaana está o mar, apinhado de piratas e nômades do mar. Para o sul ele não irá, pois lá fica Thurania, inimiga de nossa nação. Minha suposição é a de que ele irá se dirigir diretamente para leste, como estava fazendo, cruzar a fronteira oriental da Zarfhaana em

algum lugar próximo à cidade fronteiriça de Talúnia, e adentrar as terras desoladas de Grondar; de lá, creio que ele virará para o sul, procurando alcançar Farsun... que fica a oeste da Valúsia... através dos pequenos principados ao sul de Thurania.

- É muita suposição, Kelkor. — disse Kull — Se Fenar deseja adentrar Farsun, por que, em nome de Valka, ele foi para a direção exatamente oposta?

- Porque, como você sabe, Kull, nestes tempos incertos, todas as

nossas fronteiras, exceto as mais orientais, estão rigorosamente guardadas. Ele jamais poderia atravessá-la sem uma explicação adequada, muito menos carregando a condessa com ele.

- Acredito que Kelkor esteja certo, Kull. — disse Brule, os olhos dançando com a impaciência de estar numa sela — Seus argumentos soam lógicos, de qualquer forma.

- Um plano tão bom quanto qualquer outro. — respondeu Kull — Cavalgaremos para leste.

E para leste eles cavalgaram durante os dias longos e preguiçosos, entretidos e festejados a cada vez que paravam, pelo bondoso povo zarfhaano. Uma terra suave e preguiçosa, pensou Kull; uma garota graciosa aguardando, indefesa, por algum conquistador implacável... Kull sonhava enquanto os cascos de seus cavaleiros batiam seu toque de recolher pelos vales lânguidos e bosques verdejantes. No entanto, conduzia seus homens duramente, sem lhes dar descanso, pois

sempre, por trás de sua longa jornada e visões imperiais de glória ensangüentada e conquista selvagem, avultava o fantasma de seu ódio, o ódio implacável do selvagem, diante do qual todos os outros desejos abriam caminho.

Ele se manteve afastado das grandes cidades, pois Kull não queria dar a seus ferozes guerreiros oportunidade de se envolverem em alguma disputa com os moradores. A cavalgada se aproximava da cidade fronteiriça de Talúnia, o último posto avançado oriental da

Zarfhaana, quando o mensageiro enviou um recado do imperador, em sua cidade, para reuni-los, com a mensagem de que este queria muito que Kull cavalgasse por sua terra, e pediu ao rei da Valúsia para visitá-lo quando voltasse. Kull sorriu sombriamente diante da ironia da situação, considerando o fato de que, quando o imperador estava dando benevolente permissão, Kull já estava bem dentro do país, com seus homens.

Os guerreiros de Kull adentraram Talúnia ao amanhecer,

após cavalgarem por toda uma noite, pois ele havia achado que talvez Fenar e a condessa, se sentindo temporariamente seguros, ficariam um pouco na cidade fronteiriça, e ele pretendia se antecipar à notícia de sua chegada.

Kull acampou seus homens a alguma distância dos muros da cidade, e entrou nela somente com Brule. Os portões lhe foram prontamente abertos, quando ele mostrou o sinete real da Valúsia e o símbolo que lhe fora mandado pelo imperador zarfhaano.

- Ouça — disse Kull ac
comandante dos guardas do portão
—, Fenar e Lala-ah estão dentro
desta cidade?

- Isso eu não sei dizer. —
respondeu o soldado — Eles
entraram por este portão, há
muitos dias, mas se ainda estão ou
não na cidade, eu não sei.

- Então, escute. — disse Kull,
retirando um bracelete com pedras
preciosas do enorme braço — Sou
apenas um nobre viajante
valusiano, acompanhado por um
amigo picto. Ninguém precisa

saber quem sou, entendeu?

O soldado olhou cobiçoso para o ornamento caro.

- Muito bem, senhor, mas quantos de seus soldados acamparam na floresta?

- Estão escondidos dos olhos da cidade. Se algum camponês adentrar seu portão, interrogue-o; e, se ele falar a você sobre uma tropa acampada, aprisione-o por algum motivo inventado, até amanhã. Pois, até lá, já terei obtido a informação que desejo.

- Em nome de Valka, senhor,

você faria de mim um traidor! —
advertiu o soldado

- Não acho que você planeje
traição, mas...

Kull mudou de tática:

- Você não tem ordens de
obedecer ao seu imperador? Já não
lhe mostrei o símbolo do comando
dele? Você ousaria desobedecer?
Por Valka, você é quem seria o
traidor!



Apesar de tudo, refletiu o soldado, esta era a verdade... ele não seria subornado, não! Mas,

uma vez que era a ordem de um rei, que trazia a autoridade de seu imperador...

Kull ergueu o bracelete, com nada mais que um leve sorriso, revelando seu desdém ao modo como as pessoas acalmavam suas consciências na trilha de seus desejos, se recusando a admitirem, mesmo para si mesmas, que violaram seus próprios sentidos de moral.

O rei e Brule caminhavam pelas ruas, onde os comerciantes acabavam de começar seu

movimento. A estatura gigantesca de Kull e a pele cor-de-bronze de Brule atraíam vários olhares curiosos, mas não mais do que esperavam que fizessem com estranhos. Kull começou a desejar ter trazido Kelkor ou um valusiano, pois Brule não conseguia disfarçar sua raça, e uma vez que pictos raramente são vistos nestas cidades orientais, isso poderia gerar comentários que alcançariam os ouvidos daqueles a quem procuravam.

Buscaram uma modesta taverna,

onde conseguiram um aposento, e depois tomaram assento no salão das bebidas, para ver se poderiam ouvir alguma coisa do que desejavam ouvir. Mas o dia foi passando, e nada foi dito sobre o casal fugitivo, nem perguntas cuidadosamente veladas obtiveram qualquer resposta. Se Fenar e Lalah ainda estavam em Talúnia, eles certamente não anunciaram suas presenças. Kull pensara que a presença de um arrojado galanteador e de uma bela jovem de sangue real na cidade seriam

assunto de pelo menos um comentário, mas este parecia não ser o caso.

Kull pretendia sair pelas ruas naquela noite, a ponto até de roubar um pouco se necessário e, não conseguindo deste modo revelar sua identidade ao lorde da cidade na manhã seguinte, ordenar que os criminosos lhe fossem cedidos — embora o feroz orgulho de Kull se rebelasse diante de tal atitude. Este parecia o rumo mais lógico, e Kull o teria seguido, se o assunto fosse meramente

diplomático e político. Mas o feroz orgulho de Kull foi incitado, e ele estava pouco disposto a pedir qualquer ajuda na consumação de sua vingança.

A noite caía enquanto os companheiros andavam por entre as ruas, ainda apinhadas de pessoas conversadoras e iluminadas por tochas colocadas ao longo das ruas. Estavam passando por uma esquina escura, quando uma voz cautelosa os parou. Da obscuridade entre as grandes construções, uma mão em forma de garra acenava. Olhando

rapidamente um para o outro, eles caminharam para a frente, puxando cautelosamente as adagas de suas bainhas à medida que seguiam.

Uma velha encarquilhada, encurvada pela idade, saiu furtivamente das sombras.

- Sim, Rei Kull, o que procuras em Talúnia? — sua voz era um sussurro agudo.

Os dedos de Kull se fecharam mais firmemente ao redor do cabo da adaga, quando ele respondeu cuidadosamente:



- Como sabe meu nome?

- Os mercados falam e ouvem.

— ela respondeu com um riso baixo de alegria intolerável — Um homem lhe viu e reconheceu hoje,

na taverna, e a notícia passou de boca em boca.

Kull praguejou em voz baixa.

- Ouça! — sibilou a mulher — Posso te levar até aqueles a quem procura... se desejares pagar o preço.

- Encherei seu avental com ouro.

— Kull respondeu rapidamente.

- Ótimo. Agora escute. Fenar e a condessa foram avisados de sua chegada. Agora mesmo, estão se preparando para escapar. Esconderam-se numa certa casa desde o início da noite, quando

souberam de sua vinda, e logo abandonarão seu esconderijo...

- Como conseguirão deixar a cidade? — interrompeu Kull — Os portões são fechados ao pôr-do-sol.

- Cavalos esperam por eles no segundo portão, no muro leste. O guarda foi subornado. Fenar tem muitos amigos em Talúnia.

- Onde eles estão escondidos agora?

A anciã esticou uma mão trêmula para a frente.

- Uma prova de lealdade, majestade. — ela pediu com jeito.

Kull pôs-lhe uma moeda na mão, ela sorriu afetadamente e fez uma grotesca reverência.

- Siga-me, majestade. — e ela adentrou as sombras coxeando.

O rei e seu companheiro seguiram-na, duvidosos, através de ruas estreitas e tortuosas, até que ela parou diante de uma enorme construção sem luzes, numa parte sórdida da cidade.

- Eles se esconderam num quarto, na cabeceira dos degraus que vêm da sala inferior que se abre para a rua, majestade.

- Como sabe o que eles fazem?

— perguntou Kull, desconfiado —
Por que escolheriam um lugar tão miserável para se esconderem?

A mulher riu silenciosamente, se sacudindo para a frente e para trás em sua misteriosa alegria:

- Assim que tive certeza de que você estava em Talúnia, majestade, corri até a mansão onde residiam e contei a eles, me oferecendo para guiá-los até um lugar para se esconderem! Ho, ho, ho! Pagaram-me boas moedas de ouro! Kull olhou silenciosamente para ela.

- Ora, por Valka — ele disse —, não conheci nenhuma civilização que pudesse produzir algo como esta mulher. Aqui, leve Brule até o portão onde esperam os cavalos. Brule, vá com ela para lá e aguarde minha chegada... Talvez Fenar fuja de mim aqui...

- Mas Kull — protestou Brule — não entre sozinho naquela casa escura... talvez tudo isso seja uma cilada!

- Esta mulher não ousaria me trair! — e a anciã tremeu diante da resposta inflexível — Apresse-se.

Enquanto as duas figuras mergulhavam na escuridão, Kull adentrou a casa. Tateando com as mãos, até seus bem-dotados olhos felinos se acostumarem à total escuridão, ele achou a escada e a subiu, de adaga na mão, caminhando furtivamente e atencioso a degraus rangentes. Apesar de todo o seu tamanho, o rei se movia tão tranqüila e silenciosamente quanto um leopardo e, se o vigia da cabeceira dos degraus estivesse acordado, ele dificilmente ouviria sua chegada.

Do jeito que estava, acordou quando a mão de Kull lhe agarrou repentinamente a boca, apenas para cair para trás, temporariamente sem sentidos, quando o punho de Kull lhe atingiu a mandíbula.



O rei se agachou por um momento sobre sua vítima, forçando ao máximo suas capacidades físicas, para captar qualquer som que anunciasse que

ele tinha sido escutado. Reinava total silêncio. Andou sorrateiramente até a porta. Seus sentidos detectaram um murmúrio baixo e confuso, como o de pessoas sussurrando... um movimento cauteloso... com um pulo, Kull arrombou a porta e se arremessou para dentro da sala. Ele parou, mas não para pesar chances; ali poderia ser uma sala cheia de assassinos a esperarem por ele, o que pouco lhe importava.

Então, tudo aconteceu num instante. Kull viu um quarto vazio,

iluminado pelo luar que fluía para dentro da janela, e teve um vislumbre de duas formas subindo por esta janela — uma aparentemente carregando a outra —, um ligeiro relance de um par de olhos escuros e ousados num rosto de beleza picante; e outro rosto, risonho e temerariamente belo — tudo isso ele viu confusamente, enquanto atravessava o quarto com um salto de tigre e um rugido de pura ferocidade bestial lhe brotando dos lábios, ao ver seu inimigo escapando. A janela estava

vazia, quando ele se lançou até o parapeito; e esbravejando furiosamente, ele teve outro vislumbre: duas formas correndo para dentro das sombras de um labirinto próximo de edifícios — uma risada prateada de zombaria pairava de volta para ele, e outra mais forte e mais zombeteira. Kull lançou a perna sobre o parapeito e se jogou a uma altura de 9 metros até o chão, desprezando a escada de cordas que ainda pendia da janela. Não tinha esperança de segui-los através daquele labirinto de ruas,

ao qual eles sem dúvidas conheciam melhor que ele.

Certo do destino deles, contudo, correu em direção ao portão no muro sul, o qual, segundo a descrição da anciã, não estava tão distante. Entretanto, algum tempo se passou antes dele chegar, e quando o fez, só achou Brule e a velha feia lá.

- Não. — disse Brule — Os cavalos estão aqui, mas ninguém veio até eles.

Kull praguejou selvagemente. Fenar o havia enganado, apesar de

tudo, e a mulher também. Suspeitando de traição, deixaram os cavalos no portão como mero subterfúgio. Fenar, portanto, estava sem dúvida escapando por outro portão.

- Rápido! — gritou Kull — Corra para o acampamento e ponha os homens para cavalgar. Vou seguir o rastro de Fenar.

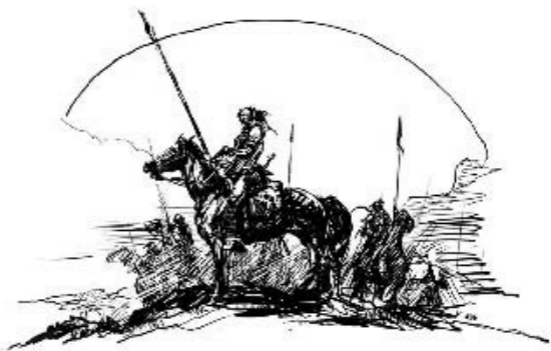
E, pulando sobre um dos cavalos, ele partiu. Brule montou o outro e cavalgou em direção ao acampamento. A anciã os via partir, se sacudindo em alegria profana.

Logo depois, ela ouviu o rufar de muitos cascos de cavalos que deixavam a cidade para trás.

- Ho, ho, ho! Eles cavalgam para dentro do sol nascente... e quem retorna de além do sol nascente?

Kull cavalgou a noite inteira, se esforçando para diminuir a distância que o farsuniano e a garota haviam ganhado. Sabia que eles não ousavam permanecer na Zarfhaana; e que, ao norte, ficava o mar; Thurania, antiga inimiga de Farsun, ao sul; portanto, só havia uma rota para eles — a estrada para

Grondar.



As estrelas estavam ficando pálidas, quando as trincheiras das colinas orientais se ergueram inflexíveis contra o céu, diante do rei, e a aurora se movia

furtivamente sobre os gramados, quando a montaria cansada de Kull subiu penosamente o desfiladeiro e parou por um momento diante do cume. Os fugitivos devem ter passado por aqui, pois estes penhascos se estendiam por toda a distância da fronteira zarfhaana, e a passagem mais próxima se encontrava a mais de uma milha ao norte. O zarfhaano, na pequena torre que se erguia no alto do desfiladeiro, saudou o rei, mas Kull respondeu com um gesto e continuou cavalgando.

Ele parou no alto do desfiladeiro. Mais adiante ficava Grondar. Os penhascos se erguiam tão abruptamente do lado leste quanto do oeste e, de suas bases, os gramados se estendiam infinitamente. Milhas sobre incontáveis milhas de alta savana ondulante estavam diante de seus olhos, parecendo habitadas apenas pelas manadas de búfalos e cervos que vagavam por aquelas vastidões selvagens. O leste se avermelhava rapidamente e, quando Kull montou em seu cavalo, o sol

chamejou sobre as savanas como uma selvagem labareda de fogo, fazendo parecer ao rei que todos os gramados estavam em chamas — delineando o cavaleiro imóvel contra sua chama, de modo que homem e cavalo pareciam uma única e escura estátua contra a manhã vermelha, para os cavaleiros que adentravam o primeiro desfiladeiro da passagem lá atrás. Então, ele sumiu de suas vistas quando apressou o cavalo para a frente.

- Ele cavalga para o sol nascente.

— murmuraram os guerreiros.

- Quem volta do sol nascente?

O sol estava alto no céu, quando a tropa alcançou Kull, o rei tendo parado para se aconselhar com seus companheiros.

- Espalhe seus pictos. — disse Kull — Fenar e a condessa agora tentarão virar para o sul a qualquer momento, pois homem nenhum gosta de cavalgar mais para dentro de Grondar do que o necessário. Eles podem até tentar nos ultrapassar e voltar para a Zarfhaana.

Assim, cavalgaram em formação aberta, os pictos de Brule se espalhando como lobos esguios para o norte e o sul.

Mas a trilha dos fugitivos seguia direto para a frente, os olhos de Kull facilmente seguindo a rota através da grama alta, notando onde o capim havia sido pisado e batido pelos cascos dos cavalos. Evidentemente, a condessa e seu amante cavalgavam sozinhos.

Cada vez mais para dentro do país de Grondar, eles cavalgavam, perseguidores e perseguidos. Como

Fenar conseguia manter aquela vantagem, Kull não conseguia entender, mas os soldados eram forçados a pouparem seus cavalos, enquanto Fenar tinha ressequidas montarias extras, podendo mudar de uma para outra, mantendo assim cada uma relativamente renovada.

Kull não havia mandado mensageiro ao rei de Grondar. Os grondarianos eram uma raça feroz e semi-civilizada, da qual o resto do mundo pouco sabia, exceto que seus bandos de ataque às vezes

saíam das savanas, para assolarem as fronteiras de Thurania e as nações menores com tocha e espada. A oeste, suas fronteiras eram claramente definidas e cuidadosamente guardadas por seus vizinhos, mas até onde esse reino se estendia a leste, ninguém sabia. Supunha-se vagamente que o país deles se estendia até, e possivelmente incluía, aquela imensa vastidão de ermos indefensáveis, falados em mito e lenda como O Fim do Mundo.

Vários dias de dura cavalgada

havam passado, sem que se avistassem os fugitivos nem qualquer outro ser humano, quando um cavaleiro picto avistou um grupo de homens a cavalo se aproximar, vindo do sul.

Kull parou sua tropa e esperou. Se aproximaram e pararam a certa distância, um grupo de uns 400 guerreiros grondarianos, homens selvagens e esguios, vestidos em roupas de couro e armaduras rudes.

O líder deles cavalgou para diante:

- Estranhos, o que fazeis nesta

terra? Kull respondeu:

- Estamos perseguindo um súdito desobediente e a amante dele, e cavalgamos em paz. Não temos disputa com Grondar.

O grondariano sorriu em escárnio:

- Os homens que cavalgam para dentro de Grondar carregam suas vidas nas mãos direitas, forasteiro.

- Então, por Valka — rugiu Kull, perdendo a paciência —, minha mão direita é mais forte para defender do que toda Grondar para atacar! Saiam do caminho, antes

que atropelemos vocês!

- Lanças para a frente! — disse Kelkor, em voz ríspida; a floresta de lanças se abaixou como uma só, os guerreiros se inclinando para a frente.

Os grondarianos recuaram diante daquela formidável tropa, incapazes, como sabiam, de resistirem em campo aberto ao ataque de cavaleiros totalmente armados. Eles conduziram os cavalos para os lados, cavalgando de mau-humor enquanto os valusianos passavam por eles. O

líder gritou atrás deles:

- Continuem cavalgando, seus tolos! Quem cavalga além do sol nascente... não retorna!

Eles cavalgaram e, embora bandos de homens a cavalo girassem em torno de seus rastros como falcões e mantivessem uma dura vigilância à noite, os cavaleiros não chegavam mais perto, nem os batedores a cavalo causaram qualquer incômodo.

Os gramados continuavam, sem sequer uma colina ou floresta que lhes quebrasse a monotonia. Às

vezes, se deparavam com as quase apagadas ruínas de alguma cidade antiga, lembranças mudas dos dias sangrentos, quando, eras e eras antes, os ancestrais dos grondarianos haviam chegado de lugar nenhum em particular e conquistado os habitantes originais da terra. Não avistaram cidades habitadas e nenhuma das rudes moradias dos grondarianos, pois o caminho deles seguia para uma parte especialmente selvagem e não-freqüentada daquela terra. Ficou evidente que Fenar não

pretendia voltar; sua trilha seguia direto para leste e, se ele esperava achar refúgio em algum lugar naquela terra sem nome, ou se ele buscava simplesmente cansar seus perseguidores, ninguém conseguia dizer.

Após longos dias de cavalgada, eles chegaram a um grande rio, serpenteando através da planície. Às suas margens, os gramados paravam abruptamente, e além, no outro lado, um deserto árido se estendia até o horizonte.

Um ancião se encontrava sobre

a margem, e um barco grande e achatado flutuava sobre a superfície sombria da água.

O homem era velho, mas poderosamente constituído, tão enorme quanto o próprio Kull. Usava roupas esfarrapadas, aparentemente tão antigas quanto ele mesmo, mas havia algo de majestoso e respeitoso ao redor do homem. Seu cabelo alvo lhe caía até os ombros; e sua enorme barba branca, selvagem e desgrenhada, lhe chegava quase à cintura. Sob brancas e carrancudas

sobrancelhas, resplandeciam grandes olhos luminosos, que não foram obscurecidos pela idade.

- Forasteiro que tem o porte de um rei — ele disse a Kull, numa grande e profunda voz ressonante —, cruzarias o rio?

- Sim — disse Kull —, se aqueles que buscamos o cruzaram.

- Um homem e uma garota o cruzaram em minha barca, ao amanhecer. — foi a resposta.

- Em nome de Valka! — praguejou Kull — Admiro a coragem daquele idiota! Qual a

cidade que fica além deste rio, barqueiro?

- Não há cidade além. — disse o Ancião. — Este rio marca a fronteira de Grondar... e do mundo!

- Como?! — exclamou Kull — Nós cavalgamos tão longe assim? Eu havia pensado que o deserto, o qual é o fim do mundo, fosse parte do reino de Grondar.

- Não. Grondar termina aqui. Aqui é o fim do mundo; além, é magia e o desconhecido. Aqui é a fronteira do mundo; lá, começa o reino de horror e misticismo. Este é

o rio Stagus, e eu sou Karon o Barqueiro.

Kull o mirava com admiração, mal sabendo que contemplava alguém que desceria os séculos obscuros, até que o mito e a lenda mudassem a verdade, e Karon o Barqueiro se tornasse o barqueiro de Hades.

- Você é muito antigo. — disse Kull, curioso, enquanto os valusianos olhavam para o homem com espanto, e os selvagens pictos com pasmo supersticioso.

- Sim. Sou um homem da Antiga

Raça, que governou o mundo antes da Valúsia, Grondar ou Zarfhaana, cavaleiros do sol poente. Cruzarias este rio? Já transportei muitos guerreiros e reis através dele. Lembre-se: aqueles que cavalgam além do sol nascente, não retornam! Pois, de todos os milhares que cruzaram o Stagus, ninguém retornou. Trezentos anos se passaram, desde a primeira vez que vi a luz, rei da Valúsia.



"Transportei o exército do Rei Gaar, o Conquistador, quando ele cavalgou para dentro do Fim do Mundo, com todos os seus poderosos exércitos. Por sete dias, eles andaram, embora nenhum homem deles houvesse voltado. Sim, o som da batalha e o chocar de espadas retiniu pelas terras desoladas por um longo espaço de tempo, de sol a sol, mas, quando a lua brilhou, estava tudo em silêncio. Lembre-se disto, Kull nenhum homem retornou de além

do Stagus. Horrores sem nome se movem furtivamente nas terras além, e terríveis são as medonhas formas de ruína que vislumbrei além do rio, na obscuridade do entardecer e no cinza do início da aurora. Lembra-te, Kull".

Kull deu a volta na sela e olhou para seus homens.

- Aqui minhas ordens param. — ele disse — Quanto a mim, cavalgarei no rastro de Fenar, se ele conduzir para o Inferno e além. Contudo, não mandarei homem nenhum seguir além deste rio.

Todos vós tendes minha permissão para retornarem à Valúsia, e nenhuma palavra de reprovação será dita sobre vocês. Brule conduziu seu cavalo para o lado de Kull.

- Cavalgarei com o rei. — ele disse laconicamente, e seus pictos lançaram um grito de consentimento. Kelkor cavalgou para a frente:

- Aqueles que retornariam, dêem um único passo para diante. — ele disse. A fileira metálica ficou imóvel como estátua.

- Eles cavalgarão, Kull. — sorri largamente Brule. Um orgulho feroz se elevou na alma selvagem do rei.

- Sois homens.

Karon os conduziu para o outro lado, remando e voltando até o exército inteiro ficar na margem leste. E, embora o barco fosse pesado e o ancião remasse sozinho, embora seus remos toscos levassem rapidamente a maciça embarcação de um lado a outro da água, na última jornada ele não estava mais cansado que no início.

Kull falou:

- Já que o deserto está apinhado de coisas selvagens, como é que nenhuma delas chegou às terras dos homens?

Karon apontou para o rio e, olhando de perto, Kull viu que as águas estavam cheias de serpentes e de pequenos tubarões de água doce.

- Nenhum homem nada neste rio. — disse o barqueiro — Nem homem nem mamute.

- Para a frente! — disse Kull — Para a frente; cavalguemos. A terra

está livre diante de nós.

A Gata de Delcardes

Na companhia de Tu, conselheiro-chefe do trono, o rei Kull compareceu para ver a gata falante de Delcardes, pois ainda que um gato possa olhar para um rei, não é dado a todos os reis ver uma gata como a de Delcardes. Assim, Kull se esqueceu das ameaças do necromante Thulsa Doom, e foi ver Delcardes.

Kull se mostrava cético, e Tu era cauteloso e se mostrava

desconfiado sem saber o porquê, mas anos de contra-conspirações e intrigas lhe haviam azedado o pensamento.

Jurava obstinadamente que uma gata falante não era mais que uma fraude e um engano, e afirmava que, se algo assim realmente existia, isso seria um insulto direto aos deuses, pois estes haviam ordenado que só o homem tivesse o poder da palavra.

Mas Kull sabia que, nos tempos antigos, os animais haviam conversado com os homens, pois

ouvira contar as lendas, transmitidas de geração em geração por seus antepassados bárbaros. Assim, embora cético, tinha a mente aberta às crenças.

Delcardes ajudou a aumentar esta convicção. A dama estava estendida com uma sutil naturalidade sobre seu divã de seda, como um grande e belo felino, e olhou Kull por baixo de cílios longos e curvados, que proporcionavam um encanto inimaginável a seus olhos estreitos, atrativamente rasgados.

Tinha lábios cheios e vermelhos, habitualmente curvados, como agora, num suave sorriso enigmático. Sua vestimenta de seda, e seus ornamentos de ouro e pedras preciosas pouco escondiam de sua gloriosa figura.

Mas a Kull não interessavam as mulheres. Governava a Valúsia, é certo, mas à parte disso continuava sendo um atlante e um selvagem aos olhos de seus súditos. A guerra e a conquista atraíam toda a sua atenção, junto com o trabalho de manter os pés firmemente

assentados sobre o sempre cambaleante trono de um império antigo, e o de aprender os costumes e a forma de pensar do povo que governava.

Para Kull, Delcardes era uma figura misteriosa, como uma rainha atraente, mas cercada por uma auréola de sabedoria antiga e de magia feminina.

Para Tu, por sua vez, não era mais que uma mulher e, conseqüentemente, fundamento latente de intriga e perigo.

Para Ka-nu, o embaixador picto

e conselheiro mais íntimo de Kull, ela era como uma menina ávida, mas Ka-nu não estava presente quando Kull veio ver a gata falante.

A gata estava sobre uma almofada de seda, num pequeno divã apropriado, e observou o rei com olhos inexploráveis. Se chamava Saremes, e dispunha de um escravo, posto atrás dela, disposto a satisfazer seus menores desejos: se tratava de um homem alto e magro, que mantinha oculta a parte inferior de seu rosto sob um ténue véu que lhe caía até o peito.

- Rei Kull. — disse Delcardes —
Devo pedir-lhe um favor antes que
Saremes comece a falar, já que
então deverei permanecer em
silêncio.



- Pode falar. — disse Kull.

A mulher sorriu ansiosamente e entrelaçou as mãos.

- Peço-lhe que me permita casar com Kulra Thoom, da Zarfhaana. Tu interveio antes que Kull pudesse falar.

- Milorde, este assunto já foi longamente discutido. Eu já imaginava que havia algum propósito oculto ao lhe pedirem esta visita. Esta mulher tem sangue real nas veias, e vai de contra os costumes da Valúsia permitir que

as mulheres de sangue real se casem com estrangeiros de classe inferior.

- Mas o rei pode ditar outra coisa, se assim o deseja. — replicou Delcardes.

- Milorde — disse Tu, movendo as mãos como alguém que se encontra nos últimos estágios da irritação nervosa —, se lhe permitir casar-se desse modo, isso provavelmente será motivo de guerra, rebelião e discórdia durante os próximos cem anos.

Pareceu disposto a se lançar

num discurso sobre classe social, genealogia e história, mas Kull lhe interrompeu, com sua breve reserva de paciência já esgotada.

- Por Valka e Hotath! Por acaso sou uma anciã ou um sacerdote, para ser importunado com tais assuntos? Se conserte e não mais me importune com questões matrimoniais. Por Valka! Na Atlântida, os homens e as mulheres se casam com quem querem, e com mais ninguém.

Delcardes fez cara feia para Tu, que se encolheu; logo, ela sorriu

encantadoramente e se voltou para o divã, com um movimento ágil.

- Fale com Saremes, antes que ela sinta ciúmes de mim.

Kull olhou a gata com desconcerto. Ela tinha uma pelagem longa, sedosa e cinza, e olhos rasgados e misteriosos.

- Ela parece bem jovem, Kull, mas na verdade é muito velha. — disse Delcardes — É uma das gatas da velha raça, que viviam até os mil anos. Pergunte sua idade, Kull.

- Qual a sua idade, Saremes? — perguntou Kull, distraído.

- A Valúsia ainda era jovem, quando eu já era velha. — respondeu a gata, com voz clara, ainda que curiosamente timbrada.

Kull se sobressaltou violentamente.

- Por Valka e Hotath! — exclamou — Ela fala!

Delcardes pôs-se a rir suavemente, alegre, mas a expressão da gata não se alterou.

- Falo, penso, sei e sou. — acrescentou a gata — Fui aliada de rainhas e conselheira de reis, desde muito antes que as praias brancas

da Atlântida conhecessem seus pés, rei da Valúsia. Vi os antepassados valusianos cavalgarem para os extremos mais orientais, para esmagarem aqueles da velha raça, e já estava aqui quando os da velha raça surgiram dos oceanos, há tantas eras que a mente humana se atordoa ao tentar medi-las. Sou mais velha que Thulsa Doom, a quem poucos homens viram. Vi surgirem impérios e reinos se desmoronarem, vi reis cavalgarem seus corcéis e saírem de suas guaridas. Fui uma divindade em

minha época, e estranhos foram os neófitos que se inclinaram diante de mim, e terríveis os ritos praticados em minha honra. Fui respeitada por seres louvados de minha própria classe, seres tão estranhos quanto suas façanhas.

- Você consegue ler as estrelas e predizer o futuro? — perguntou Kull, cuja mente de bárbaro lançou-se de imediato sobre idéias materiais e práticas.

- De fato, os livros do passado e do futuro estão abertos diante de mim, e digo ao homem o que é bom

que ele saiba.

- Neste caso — disse Kull —, diga-me onde está guardada a caixa secreta que Kanu me enviou ontem e que já não encontro.

- Tu a guardaste no fundo da bainha de sua adaga, e a esqueceu de imediato. — respondeu a gata.

Kull se sobressaltou, puxou a faca e sacudiu a bainha, da qual caiu uma delgada tira de pergaminho.



- Por Valka e Hotath! —
exclamou — Saremes, você é a
maga dos gatos! Veja isto, Tu!

Mas Tu mantinha os lábios
apertados, formando uma linha de

expressão desaprovadora, e olhou tenebrosamente para Delcardes. Ela lhe devolveu o olhar sem vacilar, e o conselheiro, irritado, virou-se para Kull.

- Reflita, milorde! Isto não passa de algum tipo de farsa ridícula.

- Tu, ninguém me viu guardar esta carta aqui, pois até eu mesmo havia esquecido.

- Milorde, qualquer espião poderia...

- Espião? Não seja mais estúpido do que já é, Tu. Por acaso, acredita que uma gata possa enviar

espões para que vejam onde escondo uma carta?

Tu suspirou. À medida que envelhecia, lhe era cada vez mais difícil conter as manifestações de exasperação diante dos reis.

- Pense, milorde, nos humanos que podem haver atrás da gata.

- Milorde Tu — interveio Delcardes com um tom de suave censura —, suas palavras me envergonham e ofendem Saremes.

Kull se sentiu vagamente aborrecido com Tu.

- A gata, pelo menos, fala. — ele

disse a Tu — Isso, você não pode negar.

- Tem que haver algum truque. — sustentou obstinadamente Tu — O homem fala; os animais não o conseguem.

- As coisas não são assim. — disse Kull, convencido da realidade da gata falante, ávido para demonstrar que tinha razão — Um leão falou com Kambra, e os pássaros falavam com os anciãos da tribo da montanha do mar, dizendo-lhes onde a caça se escondia. Ninguém nega que os

animais possam conversar entre si. Mais de uma noite, me deslizei pelos sopés das montanhas cobertas por bosques, ou saí pelas pradarias cobertas de capim, e ouvi os tigres rugirem uns aos outros, sob a luz das estrelas. Se é assim, por que alguns animais não poderiam aprender a falar com o homem? Houve um tempo em que eu quase conseguia entender os rugidos dos tigres. O tigre é meu totem, e é tabu para mim, como não seria em caso de auto-defesa. — acrescentou, sem dar-lhe

importância.

Tu se sentiu constrangido. Que este chefe selvagem falasse de totem e tabu, estava tudo bem, mas lhe irritava muito ouvir tais observações dos lábios do rei da Valúsia.

- Milorde, uma gata não é um tigre. — ele disse.

- É bem verdade. — admitiu Kull — E esta é muito mais sábia que todos os tigres.

- Isso não é mais que a verdade. — disse Saremes, serenamente — Senhor conselheiro, acreditaria se

ela lhe dissesse o que ocorre, neste momento, no tesouro real?

- Não! — exclamou Tu — Pelc que descobri, espiões astutos são capazes de ficarem a par de qualquer coisa.

- Nenhum homem pode se convencer, se não quiser. — disse Saremes, imperturbável, citando um velho ditado valusiano — E, no entanto, senhor Tu, deve saber que foi descoberto um excedente de vinte peças de ouro, e que neste exato momento um mensageiro cruza apressadamente as ruas, para

lhes comunicar. Ah, creio que está chegando. — acrescentou, quando passos soaram no corredor externo.

Um delgado cortesão, vestido com as alegres roupas da tesouraria real, entrou na moradia, se inclinou profundamente e pediu permissão para falar. Uma vez que Kull a concedeu, o homem disse:

- Poderoso rei e senhor Tu, acabamos de encontrar um excedente de vinte peças de ouro no tesouro real.

Delcardes pôs-se a rir e aplaudiu, encantada. Tu, por sua

vez, se limitou a perguntar:

- Quando descobriram isso?

- Há apenas meia hora. — foi a resposta.

- Quantos sabiam disso?

- Ninguém, meu senhor. Só eu e o tesoureiro real sabíamos, até o instante em que lhes comuniquei.

- Isto nós veremos! — exclamou Tu, que dispensou o homem num gesto áspero — Vá. Me ocuparei mais tarde com este assunto.

- Delcardes — disse Kull —, esta gata é sua; é verdade?

- Milorde, ninguém é dono de

Saremes. — respondeu a mulher —
Ela é minha convidada. É sua
própria dona, como foi durante mil
anos.

- Eu gostaria de tê-la no palácio.
— disse Kull.

- Saremes — disse Delcardes
com deferência —, o rei gostaria
que você fosse sua convidada.

- Irei com o rei da Valússia —
disse a gata com dignidade —, e
permanecerei no palácio real até o
momento em que eu queira ir a
qualquer outra parte, pois sou uma
grande viajante, rei Kull, e às vezes

me agrada sair pelo mundo e percorrer as ruas das cidades, situadas nos mesmos lugares onde há muito tempo eu vagava pelos bosques, e visitar as areias dos desertos onde, também há muito tempo, se ergueram ruas imperiais.



Desse modo, Saremes, a gata falante, chegou ao palácio real da Valúsia, acompanhada por seu escravo. Lhe foi dada uma câmara

espaçosa, coberta com primorosos leitos e almofadões de seda. Diariamente, colocavam diante dela as melhores refeições da mesa real, e todo o pessoal do serviço do rei lhe rendia homenagem, exceto Tu, que grunhia ao ver uma gata exaltada desse modo, mesmo que ela pudesse falar. Saremes o tratava com um divertido menosprezo, mas recebia Kull com um nível de dignificada igualdade.

Comparecia freqüentemente ao salão do trono, transportada por seu escravo numa almofada de

seda, pois este sempre a acompanhava para onde fosse.

Em outras ocasiões, era o próprio Kull quem comparecia à sua câmara, e ambos conversavam até o amanhecer, e foram muitas as histórias que a gata lhe contou, e muito antiga a sabedoria que ela lhe transmitiu. Kull a escutava com interesse e atenção, pois evidentemente esta gata era muito mais sábia que a maioria de seus conselheiros, e tinha mais sabedoria antiga que todos eles juntos. Suas palavras eram

sentenciosas e oraculares, mas ela se negava a emitir profecias sobre os assuntos menores que se manifestavam na vida cotidiana do palácio ou do reino, exceto pelo fato de que ela lhe advertiu que se protegesse de Thulsa Doom, que havia enviado uma ameaça contra Kull.

- Pois eu, que vivi muito mais anos que os minutos que vocês viveram — disse —, sei que o homem se sente melhor em saber as coisas que ainda irão acontecer, pois o que há de ser, será, e o

homem não pode impedi-lo nem acelerá-lo. É melhor caminhar na escuridão, quando o caminho tem que passar diante de um leão e não há outra via.

- Então — disse Kull —, se o que tem de acontecer termina acontecendo, algo que duvido, e se um homem a quem falam as coisas que hão de passar tem seu braço enfraquecido ou fortalecido por isto, quer dizer que isso também estava predestinado?

- Se ele estava predestinado ao que lhe disserem, sim. —

respondeu Saremes, aumentando a perplexidade e a dúvida de Kull — No entanto, nem todos os caminhos da vida se estabelecem previamente, pois um homem pode fazer isto ou aquilo, e nem sequer os deuses sabem o que passa na mente de um homem.

- Nesse caso, nem tudo está predestinado se o homem pode seguir mais de um caminho. — refletiu Kull, duvidando — Como se pode então profetizar os acontecimentos?

- A vida tem muitos caminhos,

Kull. — respondeu Saremes — Eu me encontro nas encruzilhadas do mundo, e sei o que há em cada um dos caminhos. Entretanto, nem os deuses sabem que caminho tomará o homem: se o da direita ou o da esquerda, uma vez que tenha chegado à encruzilhada que os divide. E uma vez que tenha começado a percorrer um deles, já não pode refazer seus passos.

- Então, em nome de Valka, por que não me indica os perigos ou as vantagens de seguir um caminho ou outro, quando chega a hora de

escolher? — perguntou Kull.

- Porque até mesmo os poderes de alguém como eu têm também seus limites. — respondeu a gata —, e não podemos impedir o funcionamento da alquimia dos deuses. Não podemos retirar completamente o véu que cobre os olhos dos humanos, a não ser que os deuses tirem nosso poder e que causemos dano ao homem. Assim, a esperança acende sua lâmpada ao longo do caminho que o homem segue, mesmo que esse caminho seja o pior de todos. — Ao ver que

Kull tinha dificuldade para compreender suas palavras, prosseguiu: — Como vê, milorde, nossos poderes também têm que estar sujeitos a limites, pois de outro modo, seríamos poderosos demais e ameaçaríamos os próprios deuses. Assim, um conjuro místico foi lançado sobre nós, e embora possamos abrir os livros do passado, não podemos oferecer mais que fugazes visões do futuro, através da bruma que o vela.

De alguma forma, pareceu a Kull que a argumentação de

Saremes era bastante inconsistente e ilógica, e que cheirava a bruxaria e farsa, mas ao ver que os olhos frios e oblíquos da gata miravam-no sem piscar, não se sentiu inclinado a fazer objeção alguma, ainda que isso lhe ocorresse.

- E agora — disse a gata —, afastarei o véu, ainda que seja só por um instante, porque é pelo seu próprio bem... Permita que Delcardes se case com Kulra Thoom.

Kull se levantou, com um encolhimento de impaciência em

seus poderosos ombros.

- Não quero ter nada a ver com o casamento de uma mulher. Que Tu se ocupe disso.

Kull, no entanto, meditou calmamente sobre essa idéia, e sua determinação sobre o assunto foi se enfraquecendo à medida que Saremes entretinha habilmente o conselho nas conversações físicas e morais que iam acontecendo.

Era realmente estranho ver Kull, com o queixo apoiado sobre seu enorme punho, inclinado para a frente pra beber nas claras

entoações das palavras da gata Saremes, enroscada sobre uma almofada de seda, ou estendida languidamente sobre um divã, absorvida em falar sobre temas misteriosos e fascinantes, com os olhos brilhando-lhe estranhamente, quase sem mover os lábios — se é que os movia —, enquanto o escravo Kuthulos ficava em pé atrás dela, como uma estátua, imóvel e silencioso.



Kull valorizava muito as opiniões da gata, e se mostrava inclinado a lhe pedir conselhos sobre assuntos do governo, os quais ela dava cautelosamente, ou não dava. No entanto, os conselhos que Kull recebia costumavam coincidir

com seus desejos mais íntimos, e ele começou a se perguntar se, por acaso, aquela gata não seria também capaz de ler as mentes dos homens.

A presença de Kuthulos lhe irritava, com seu aspecto tão austero, sua imobilidade e silêncio, mas Saremes não permitia que nenhum outro a atendesse. Kull tentou penetrar, com seu olhar, o véu que mascarava as feições do homem; mas, apesar de ser bastante tênue, não distinguiu nada no rosto que se escondia atrás dele

e, por cortesia a Saremes, nunca pediu a Kuthulos que o tirasse.

Um dia, Kull compareceu à câmara de Saremes, e a gata lhe mirou com olhos enigmáticos. O escravo mascarado estava de pé atrás dela, como uma estátua.

- Kull — disse a gata —, afastarei o véu para ti. Brule, o lanceiro picto, guerreiro de Ka-nu e seu amigo, acaba de ser atacado por um monstro horrível, da superfície das águas do Lago Proibido.

Kull se ergueu de um salto, encolerizado e enfurecido.

- O quê? Brule? Em nome de Valka! O que ele está fazendo no Lago Proibido?

- Estava nadando em suas águas. Se apresse, porque ainda pode salvá-lo, mesmo que ele seja arrastado em direção ao país encantado, que se encontra sob o lago.

Kull se precipitou em direção à porta. Se sentia perplexo, mas não tanto quanto se sentiria caso o nadador fosse outro, porque conhecia a implacável irreverência do chefe picto, um dos mais

poderosos aliados da Valúsia.

Começou a gritar, chamando os guardas, mas a voz de Saremes lhe interrompeu.

- Não, milorde. Será melhor se fores sozinho. Nem sequer vossas ordens induziriam homem algum a acompanhá-lo às águas daquele lago cruel; e, segundo a lenda da Valúsia, a morte espera qualquer um que entre em suas águas, exceto o rei.



- Está bem, irei só — assentiu Kull —, e assim salvarei Brule da ira do povo, caso escape das garras dos monstros. Informe Ka-nu.

Kull rechaçou, com grunhidos sem palavras, as respeitadas perguntas que lhe fizeram, montou em seu grande corcel e saiu da Valúsia a toda velocidade.

Cavalgava só, pois havia ordenado que ninguém o seguisse. O que tinha de fazer, podia fazê-lo sozinho, e não desejava que houvesse alguém presente quando tirasse Brule, ou o cadáver de Brule, das profundezas do Lago Proibido. Amaldiçoou a implacável falta de consideração do picto, e também amaldiçoou o tabu que pendia sobre o lago, e cuja violação poderia causar uma rebelião entre os valusianos.



O crepúsculo descia pelas montanhas de Zalgara, quando Kull parou seu cavalo junto à margem

do lago, que se estendia em meio a um bosque grande e solitário. Com certeza, não havia nada de proibido em suas águas azuis e plácidas, com a praia toda branca, e as ilhas diminutas que se erguiam de seu fundo pareciam pequenas gemas de esmeralda e jade. Uma débil e trêmula neblina se erguia delas, o que dava ao ar um alento de irrealidade que se estendia por toda a área ao redor do lago. Kull escutou com atenção por um momento, e teve a impressão de que uma música débil e distante

surgia das águas cor-de-safira.

Lançou uma praga impaciente, e se perguntou se, por acaso, não estaria sendo enfeitiçado. Despiu-se de todas as roupas e ornamentos, com exceção do cinto, tanga e espada, e adentrou as trêmulas águas azuis até estas lhe chegarem à altura das coxas. Logo, sabendo que a profundidade aumentava rapidamente, ele aspirou profundamente o ar e mergulhou.

Enquanto descia através do brilho cor-de-safira, teve tempo

para pensar que aquela talvez fosse uma missão estúpida. Deveria primeiro averiguar, através de Saremes, onde Brule havia nadado no momento em que fora atacado, e se seus próprios esforços estavam destinados a resgatar o guerreiro ou não. No entanto, pensou que talvez a gata não o dissesse e que, mesmo que ela lhe assegurasse o mais estrondoso dos fracassos, ele tentaria de qualquer maneira o que tentava fazer agora. Pelo visto, havia algo de verdadeiro nas palavras de Saremes, quando ela

afirmava que era melhor não contar aos homens nada sobre o futuro.

Quanto ao lugar onde Brule estava nadando, não faria diferença, pois o monstro poderia tê-lo arrastado para qualquer parte. Desse modo, Kull resolveu explorar todo o leito do lago, até que...

Enquanto refletia acerca de tudo isso, uma sombra passou velozmente perto dele, como um vago tremor no tremular de jade e safira do lago. Foi consciente de que outras sombras também passavam a seu lado, de todos os

lugares, mas não conseguiu distinguir suas formas.

Abaixo dele, começou a vislumbrar o fundo do lago, que parecia emitir uma estranha radiação. Agora, as sombras lhe cercavam por completo, tecendo uma rede serpentina sobre ele; uma rede com cores de mil matizes distintos, sempre mutáveis. Aqui, as águas adquiriram a cor do topázio, e aquelas coisas se ondularam e tremeluziram em seu mágico esplendor. Assim como os tons e sombras das cores, eram

vagas e irreais, opacas e ao mesmo tempo brilhantes.

Após perceber que eles não tinham a intenção de lhe fazer mal algum, Kull não lhes deu maior atenção e dirigiu o olhar para o leito do lago, que agora roçou levemente com os pés. Ele se sobressaltou por um momento, pois poderia quase jurar que acabava de pisar sobre um ser vivo, já que percebeu um movimento rítmico sob os pés descalços.

O brilho fraco era evidente adiante, no fundo do lago, pois

podia ver que o leito do lago se estendia por todos os lados, até desaparecer nas tranqüilas sombras cor-de-safira, e formava uma superfície sólida que acendia e apagava com uma inquietante regularidade. Kull se inclinou para olhar com mais atenção: o solo estava coberto por uma espécie de substância feito musgo, que brilhava como uma chama branca. Era como se o leito do lago fosse formado por milhares de vagalumes que abriam e fechavam suas asas em uníssono. E este musgo

parecia palpitar sob seus pés como algo vivo.

Agora, Kull começava a nadar de novo para a superfície. Criado entre as montanhas do mar da Atlântida, era quase como uma criatura marinha. Se sentia tão à vontade entre as águas quanto qualquer lemuriano, e era capaz de permanecer sob a superfície da água pelo dobro do tempo de qualquer nadador comum, mas aquele lago era um tanto profundo, e ele desejava conservar toda sua fortaleza.

Chegou à superfície, encheu o enorme peito de ar e voltou a mergulhar. As sombras voltaram a envolvê-lo, quase perturbando-lhe a visão com seus brilhos fantasmagóricos. Desta vez, nadou mais rapidamente e, ao chegar ao fundo, começou a caminhar por ele tão rapidamente quanto lhe permitia aquela substância pegajosa que envolvia seus pés, enquanto o musgo flamejante parecia respirar e acender; aquelas coisas coloridas relampejavam a seu redor, e umas sombras

monstruosas de pesadelo surgiam por trás de seu ombro para caírem sobre o ardente fundo.



O musgo estava coberto pelos ossos e caveiras dos homens que se

atreveram a nadar no Lago Proibido. Subitamente, acompanhando o movimento das águas, uma coisa avançou contra Kull. A princípio, o rei acreditou que se tratasse de um polvo gigante, pois o corpo era o de um polvo, dotado de longos e ondulantes tentáculos; mas, ao atacá-lo, percebeu que ele tinha as pernas de um homem, e que um espantoso rosto semi-humano lhe olhava entre os braços retorcidos e serpentinos do monstro. Kull firmou os pés e, ao notar que os

cruéis tentáculos lhe enroscavam nas pernas, ele investiu a espada, golpeando com fria exatidão no meio daquele rosto demoníaco, fazendo a criatura desmoronar e morrer a seus pés, entre cruéis e silenciosos estremecimentos. O sangue se espalhou como uma névoa a seu redor e, com um forte impulso de suas pernas contra o fundo, Kull subiu novamente à superfície.

Sua cabeça surgiu violentamente à luz, que se apagava rapidamente, e nesse mesmo

instante uma grande forma avançou espumando em sua direção: era uma estranha aranha d'água, porém maior que um porco, e seus olhos frios brilhavam com uma mirada infernal. Kull se manteve na superfície com movimentos dos pés e de uma mão, e levantou sua espada quando a aranha se precipitava sobre ele. A lâmina partiu o corpo em dois, e o monstro afundou em silêncio.

Um leve som o fez se virar a tempo de ver que outra, ainda maior que a primeira, já estava

quase sobre ele. O monstro estendeu, sobre os braços e ombros do rei, pegajosos fios de teia-de-aranha, que significariam a ruína para qualquer um que não fosse um gigante como o rei. Mas Kull cortou as duras correntes como se fossem cordas, segurou uma pata daquela coisa que se erguia sobre ele e atravessou o monstro uma vez após outra, até que o notou debilitado, o soltou e o animal flutuou, se afastando e avermelhando as águas a seu redor.

- Por Valka! — murmurou o rei

— Parece que vou ficar sem nada pra fazer. E, no entanto, é fácil demais matar estas coisas. Como superaram Brule, que só se vê superado por mim em combate em todos os Sete Impérios?

Mas Kull não tardaria a descobrir que outros espectros mais cruéis povoavam os abismos mortais do Lago Proibido. Mergulhou de novo, e seu olhar só encontrou desta vez as sombras coloridas e os ossos de homens esquecidos. Voltou a nadar para a superfície, em busca de ar, e logo

mergulhou pela quarta vez.

Não estava longe de uma das ilhas e, ao descer, se perguntou que coisas estranhas se esconderiam por trás da densa folhagem esmeralda que cobria as ilhas. Segundo a lenda, ali se haviam levantado templos e santuários que não foram construídos por mãos humanas e, em certas noites, os seres do lago surgiam das profundezas para realizar ali seus ritos misteriosos.

A agitação se produziu justo no momento em que seus pés tocavam

o musgo. Vinha de trás, e Kull, avisado por um instinto primitivo, se virou bem a tempo de ver uma silhueta grande que se erguia sobre ele; uma forma que não era nem de homem nem de animal, mas uma estranha e horrível mistura de ambos. Sentiu, então, dedos gigantescos se fecharem sobre seu braço e ombro.

Resistiu selvagememente, mas aquela coisa agarrou com firmeza o braço que segurava a espada, deixando-o impotente, e suas garras afundaram profundamente no

antebraço esquerdo. Tomado por um impulso vulcânico, se retorceu para dar meia volta e poder finalmente ver seu atacante. Aquele coisa parecia com um tubarão monstruoso, mas dotada de um chifre longo e duro, que se curvava como um sabre e lhe sobressaía do focinho. Tinha quatro braços, de forma humana, mas era inumano no tamanho e na força que havia nas garras em seus dedos.

Com apenas dois braços, o monstro immobilizava Kull, enquanto com os outros dois lhe

inclinava a cabeça para trás, para quebrar-lhe a nuca. Mas nem um ser tão persistente quanto este, por mais poderoso que fosse, conseguia dominar tão facilmente Kull da Atlântida. Uma raiva selvagem se apoderou dele, e o rei da Valúsia ficou furioso.

Ele firmou os pés sobre o musgo, soltou o braço esquerdo com uma poderosa contorção e um puxão do ombro, e, com a velocidade de um felino, tentou passar a espada da mão direita à esquerda. Ao ver fracassado seu

intento, golpeou o monstro selvagemmente com o punho. Mas a zombeteira matéria cor-de-safira que lhe cercava o enganou e amorteceu a força de seu golpe. O homem-tubarão fez o focinho descer, mas, antes que pudesse golpear para cima, Kull agarrou o chifre com a mão esquerda e o segurou com firmeza.

A isso, seguiu uma verdadeira prova de poder e resistência. Kull, incapaz de se mover rapidamente na água, sabia que sua única esperança consistia em permanecer

próximo ao seu inimigo, para resistir a ele e, desse modo, contrabalançar a maior rapidez do monstro. Ele se esforçou desesperadamente para libertar o braço que segurava a espada, a ponto de o homem-tubarão se ver obrigado a prendê-lo com as quatro mãos de que dispunha. Kull continuava segurando firmemente o chifre, sem se atrever a soltá-lo, para que não o dilacerasse com sua terrível investida para cima, enquanto o homem-tubarão tampouco se atrevia a afastar uma

só de suas mãos do braço de Kull, que sustentava a longa espada.

Assim engalfinhados, forcejaram e se retorceram. Mas Kull não demorou em perceber que estava condenado se continuassem daquela forma, pois já começava a sofrer os efeitos da falta de ar. O brilho que ele observou nos olhos do homem-tubarão lhe indicou que ele também havia percebido que só precisava segurar Kull desse modo, sob a superfície da água, até que ele se afogasse.

Era uma situação realmente

desesperadora para qualquer homem. Mas Kull da Atlântida não era um homem comum. Treinado desde a infância numa escola dura e sangrenta, dotado de músculos de aço e de um cérebro impávido, acrescentava a tudo isso a coordenação de movimentos que distingue o super-lutador, uma valentia que nunca desanimava e uma ira que, em certas ocasiões, lhe impulsionava a realizar façanhas sobre-humanas.

Agora, consciente que o fim se aproximava com rapidez e

impulsionado freneticamente por sua própria impotência, decidiu tomar uma atitude tão desesperada quanto a necessidade em que se encontrava. Soltou o chifre do monstro, ao mesmo tempo em que inclinava ao máximo o corpo para trás, e com a mão livre agarrava o braço mais próximo daquela coisa.

O homem-tubarão golpeou imediatamente, e o chifre arranhou uma das coxas de Kull, quando repentinamente (atlante afortunado!) se enganchou no pesado cinto do rei. Enquanto o

monstro lutava para soltar o chifre, Kull imprimiu toda a potência aos dedos que seguravam um dos braços daquela coisa e esmagou uma carne fria e úmida, junto com ossos inumanos, como se fossem uma fruta madura.

A boca do homem-tubarão se abriu silenciosamente devido ao tormento que sofria e, com o chifre já livre, voltou a golpear selvagememente. Kull evitou o golpe, mas perdeu o equilíbrio e ambos caíram juntos, meio tragados pela superfície de jade sobre a qual se

moviam. E, enquanto continuavam forcejando ali, Kull finalmente soltou o braço que segurava a espada, afastando-o das garras debilitadas do monstro, e lançou um golpe para cima, rachando o monstro e abrindo-o em dois.

Toda a luta havia consumido apenas um momento, mas para Kull pareceram horas, enquanto nadava a toda velocidade para o alto, lutando contra a tontura que se apoderava de sua cabeça e contra o grande peso que parecia querer esmagar-lhe as costelas. Viu

debilmente que o fundo do lago se elevava repentinamente a seu lado, e percebeu que formava um declive que dava numa ilha. Logo, a água pareceu ganhar vida a seu redor, e se sentiu açoitado, dos ombros até os calcanhares, por gigantescos anéis que nem sequer seus músculos de aço podiam quebrar. Começava a lhe falhar a consciência, sentia que se esgotava a uma velocidade terrível, notou em sua cabeça o som de muitas sinetas e então, repentinamente, se encontrou com a cabeça por cima

da água e seus torturados pulmões absorveram ar em grandes quantidades. Se agitou, envolvido na escuridão maior, e só teve tempo de aspirar uma prolongada porção de ar, antes de se ver arrastado novamente para o fundo.

A luz voltou a brilhar a seu redor, e ele viu novamente o musgo flamejante palpitando lá à distância, no fundo. Se vira agarrado por uma grande serpente, que havia lhe envolvido várias vezes com os anéis de seu corpo sinuoso, como enormes cabos, e

que agora lhe arrastava para um destino que só Valka podia saber.

Desta vez, Kull não ofereceu resistência, e preferiu conservar suas forças. Se a serpente não o manteve sob a água por tempo suficiente para morrer afogado, sem dúvida alguma lhe daria uma oportunidade de lutar quando a criatura chegasse a seu esconderijo, ou ao lugar para o qual o levava. Tal e como se encontrava aprisionado, os membros de Kull estavam tão presos que não conseguiria nem soltar um braço, muito menos fugir

dela.

A serpente, que avançava rapidamente através das profundezas azuis, era a maior que Kull jamais vira, pois media uns sessenta metros cobertos de escamas de cor jade e dourada, vívidas e maravilhosamente coloridas. Seus olhos, quando ela se virou para ele, eram de um intenso fogo gelado, se é que algo assim era concebível. Apesar do risco de sua situação, a alma fantasiosa de Kull não pôde deixar de se maravilhar diante daquela cena tão estranha: a

grande forma verde e dourada voando através do ardente topázio do lago, enquanto as cores das sombras ondulavam languidamente a seu redor.

O fundo, que parecia uma gema acesa, voltou a se curvar para cima, como se estivessem se aproximando de uma ilha ou da margem de um lago, quando repentinamente, uma grande caverna apareceu diante deles. A serpente deslizou para dentro, o musgo flamejante desapareceu, e Kull se encontrou parcialmente

sobre a superfície da água, envolto pela escuridão. Foi transportado deste modo durante o que pareceu um longo tempo, e logo o monstro voltou a mergulhar.

Saíram novamente à luz, mas uma luz como Kull jamais tinha visto. Era um brilho luminoso que tremulava crepuscularmente sobre a superfície das águas, que permaneciam quietas e escuras. Kull soube então que se encontrava no reino encantado, sob o fundo do Lago Proibido, pois esta não era nenhuma radiação terrena, mas

uma luz negra, mais negra que qualquer escuridão, apesar de iluminar aquelas águas cruéis o suficiente para poder ver o brilho opaco da águas e seu próprio reflexo escuro nelas. De repente, os anéis se afrouxaram ao redor de seus membros, e ele se impulsionou rapidamente em direção a um enorme vulto, que havia surgido dentre as sombras à sua frente.

Nadou com força e se aproximou do que, em alguma época, havia sido uma grande

cidade. Se elevava mais e mais, sobre uma grande superfície de pedra negra, até que seus sombrios capitéis se perdiam na escuridão, acima até daquela luz profana que, também negra, parecia ter uma tonalidade diferente. Se tratava de enormes edifícios quadrados, de construção maciça; de poderosos blocos basálticos que saíram a seu encontro quando ele surgiu de dentro das águas pegajosas e começou a subir os degraus talhados na pedra, como se fossem talhados na rocha viva de um

escarpado. Colunas gigantescas se elevavam entre os edifícios.

Nenhum resplendor de luz terrena aliviava a macabra visão desta cidade inumana, mas a luz negra brotava de seus muros e torres para derramar-se sobre as águas, em vastas ondas palpitantes.

Kull se deu conta de que uma enorme multidão de seres parecia esperá-lo num amplo espaço que se estendia diante dele, aberto entre os edifícios que se afastavam para os lados. Piscou, e fez esforço para acostumar sua vista a esta estranha

iluminação. Os seres ficaram mais próximos, e um sussurro percorreu suas filas, como o ondular da grama sob o vento noturno. Eram luminosos e sombreados, reluzentes contra a negritude de sua cidade, e seus olhos eram fantasmagóricos e luminosos.

Então, o rei viu um que se destacava dos demais, diante dele. Parecia mais com um homem, e possuía um rosto barbudo, altivo e nobre, embora uma testa franzida se estendesse sobre suas magníficas sobrancelhas.

- Você vem como todos de sua raça. — disse repentinamente este homem lacustre

- Ensangüentado e segurando uma espada avermelhada.

- Por Valka e Hotath! — exclamou o rei — A maior parte desse sangue é minha, e foi derramada pelos bichos de seu maldito lago.

- A morte e a ruína seguem o curso de sua raça. — disse sombriamente o homem lacustre — A caso nós não sabemos? Claro que sim; nós mesmos reinamos no lago

de águas azuis, antes que a humanidade fosse sequer um sonho dos deuses.

- Ninguém os incomoda.—
começou a dizer Kull.



- Porque temem fazê-lo. Nos velhos tempos, os homens da terra tentaram invadir nosso reino de escuridão. Nós os matamos e se organizou a guerra entre os filhos dos homens e o povo dos lagos. Saímos de nosso mundo e espalhamos o medo entre os da terra, pois sabíamos que eles só podiam significar a morte para nós, e que eles só se sentem predispostos a matar. Lançamos conjuros e encantos. Fizemos seus

cérebros arrebutarem e perturbamos suas almas com nossa magia, até que se viram obrigados a nos pedirem a paz. A partir de então, os homens da terra impuseram um tabu sobre este lago, de modo que nenhum homem pode chegar até aqui, exceto o rei da Valúsia. Isso ocorreu há milhares de anos e, desde então, nenhum homem chegou ao país encantado e pôde sair dele, salvo como um cadáver flutuante sobre as águas tranqüilas do lago superior. Rei da Valúsia, ou quem

quer que você seja, está condenado.



Kull o olhou, desafiante.

- Não vim à procura de seu reino condenado — ele alfinetou —, mas de Brule, o lanceiro, a quem vocês arrastaram para cá.

- Está mentindo. — disse o homem lacustre — Nenhum homem se atreveu a entrar neste lago há mais de cem anos. Você veio buscar tesouros, ou para saquear e matar, como todos de sua linhagem sangrenta. E morrerá por isso!

Kull sentiu então os sussurros dos encantos mágicos que lhe

rodeavam, que enchiam o ar e adotavam forma física, flutuando à trêmula luz como teias de aranha muito tênues que se agarravam a ele com vagos tentáculos. Mas ele soltou uma imprecação impaciente, e os afastou para um lado com um movimento da mão nua, fazendo-os desaparecer. Porque, segundo a feroz lógica elementar do selvagem, a magia da decadência não possui força alguma.

- Você é jovem e forte. — disse o rei lacustre — A podridão da civilização ainda não penetrou em

sua alma e é possível que nossos encantamentos não lhe façam o menor mal, porque não os entende. Nesse caso, devemos tentar outras coisas.

Os seres lacustres que lhe cercavam sacaram suas adagas e lançaram-se sobre ele. O rei pôs-se a rir, apoiou as costas contra uma coluna e apertou o cabo de sua espada até que os músculos de seu braço direito se sobressaíram como grandes saliências.

- Este sim, é um jogo que conheço bem, fantasmas. — ele

disse, com uma nova gargalhada.

Todos pararam de repente.

- Não tente escapar de seu destino — disse o rei do lago —, pois somos seres imortais e não podemos morrer pelas mãos de um mortal.

- Agora, é você quem está mentindo — respondeu Kull, com a astúcia típica do bárbaro —, pois segundo suas próprias palavras, temia a morte que aqueles de minha raça poderiam lhes causar. É possível que vocês consigam viver indefinidamente, mas o aço pode

com vocês. Seria bom se vocês pensassem melhor. Vocês são fracos, delicados e não estão acostumados a lutar; nem sequer sabem segurar as armas como devem. Já eu nasci e fui educado para matar. Podem acabar comigo, posto que são milhares, e eu, um só, mas seus encantamentos fracassaram comigo e lhes asseguro que muitos de vocês morrerão antes que eu caia. Vou dizimá-los em grandes quantidades; então pensem melhor, homens do lago: valerá a pena me matar, em troca

de tantas vidas suas?

Kull sabia muito bem que todos aqueles seres, capazes de matar com o aço, podiam morrer pelo aço. Por isso, não sentia o menor medo. Sua figura, ameaçadora e tenebrosa, sangrenta e terrível, se erguia sobre todos eles.

- Reflitam. — ele repetiu — É bem melhor me trazerem Brule, e ambos partiremos em paz. Caso contrário, meu cadáver se verá rodeado por pilhas de mortos seus, quando a batalha houver terminado. Além disso, se eu

morrer aqui, haverá pictos e lemurianos que seguirão meu rastro, mesmo sob as águas do Lago Proibido, até encharcar este país encantado com o sangue de vocês, ou o que tiverem nas veias. Eles têm seus próprios tabus, e não recuam nem se deixam intimidar pelos tabus das raças civilizadas, nem lhes importa o que possa acontecer à Valúsia, pois só pensariam em mim, que sou de sangue bárbaro, como eles mesmos.

- O velho mundo continua sua

marcha pelo caminho da ruína e do esquecimento. — disse o rei lacustre com tristeza — E nós, que fomos todo- poderosos em tempos passados, temos que suportar agora o desafio de um selvagem arrogante em nosso próprio reino. Jure que jamais voltará a pisar no Lago Proibido, que nunca permitirá que outros violem o tabu, e serás livre.

- Primeiro, traga a meu lado o lanceiro.

- Nenhum homem assim chegou a este lago.

- Não? A gata Saremes me disse...

- Saremes? Sim, nós a conhecemos de velhos tempos, quando atravessou a nado as águas verdes e viveu durante uns séculos nas cortes do país encantado; possui a sabedoria que só o tempo dá, mas eu não sabia que ela falava a linguagem dos homens da terra. De qualquer modo, esse homem não está aqui, e lhe juro...

- Não me jure pelos deuses ou demônios. — interrompeu Kull — Só quero sua palavra de homem.

- Eu a dou para você. — disse o rei lacustre.

E Kull acreditou nele, pois havia naquele rei um porte majestoso que o fazia sentir-se estranhamente pequeno e rude.

- E eu, por minha vez — disse Kull —, lhe dou minha palavra, que nunca quebrei, de que nenhum homem quebrará o tabu, nem voltará a incomodá-los de modo algum.

- E eu creio em você, pois é um homem terrestre diferente de todos que conheci até agora. Você é um

rei de verdade e, o que é mais importante, um homem de verdade.

Kull o agradeceu e embainhou a espada. Logo, virou em direção aos degraus.

- Sabe como chegar ao mundo externo, rei da Valúsia?

- Quanto a isso — respondeu Kull —, suponho que se eu nadar por tempo suficiente, terminarei encontrando o caminho. Sei que a serpente me trouxe através das águas, passando por baixo de uma ilha e possivelmente muitas, e que

nadamos numa caverna durante um longo tempo.

- Você é sincero — disse o rei lacustre —, mas poderia passar toda a eternidade nadando na escuridão. — Ele ergueu as mãos, e uma criatura grotesca nadou até o pé dos degraus: — Este é um corcel cruel — ele acrescentou —, mas lhe levará a salvo até a própria margem do lago superior.

- Um momento. — disse Kull — Me encontro agora sob uma ilha, sob a terra firme, ou este território se encontra realmente sob o fundo

do lago?

- Você se encontra no centro do universo, como sempre esteve. O tempo, o lugar e o espaço não são mais que ilusões, não têm existência mais que na mente do homem, que deve estabelecer limites e fronteiras para poder compreender. Só existe a realidade subjacente, da qual todas as aparências não são mais que uma manifestação exterior, do mesmo modo que o lago superior se vê alimentado pelas águas que surgem deste, que é o verdadeiro lago. Vá

agora, rei, pois você é um homem verdadeiro, ainda que seja apenas o primeiro de uma maré que se inicia, cheia de selvageria, que terminará envolvendo o mundo, à medida que este se encolhe.

Kull prestou uma atenção respeitosa àquelas palavras que ele pouco compreendeu, embora não tenha deixado de perceber que eram muito mágicas. Apertou a mão do rei lacustre, se estremecendo um pouco ao contato de algo que era carne, mas não humana. Logo, observou mais uma

vez os grandes edifícios negros que se erguiam silenciosos; contemplou as formas de vaga-lumes, que murmuravam entre si; estendeu o olhar por sobre a brilhante superfície das águas, sulcadas por ondas de luz negra, que pareciam arrastar-se como aranhas, e finalmente voltou-se, desceu as escadas que conduziam à margem da água, e montou sobre o corcel lacustre que lhe esperava.

Transcorreram eras cheias de covas escuras e águas que se precipitavam, do sussurro de

monstros gigantescos que não podia ver; às vezes por cima da superfície e outras por baixo d'água, o corcel transportava o rei, até que finalmente apareceu o musgo flamejante, e subiram através do azul da água agitada. Logo, Kull avançou em direção à terra.

O valoroso cavalo de Kull aguardava impaciente, no local em que o rei o deixara. A lua começava a se levantar sobre o lago e Kull não conseguiu disfarçar sua surpresa.

- Por Valka! Faz apenas uma

hora que desmontei aqui mesmo. Acreditei que tivessem transcorrido muitas horas, e até dias, desde então.

Ele montou e regressou a cavalo para a capital da Valússia, sem deixar de pensar que talvez houvesse algum significado oculto nas observações do rei lacustre sobre a ilusão do tempo.

Kull se sentia cansado, irritado e perturbado. A viagem através do lago havia limpado-lhe o sangue, mas o movimento sobre o cavalo lhe abriu o ferimento na coxa, que

começou a sangrar de novo. Além disso, a perna estava rígida e lhe irritava um pouco. No entanto, seu principal pensamento era o fato de que Saremes lhe havia mentido — fosse por ignorância ou com intenção maliciosa —, algo que quase lhe custara a vida. Por que razão?

Lançou uma praga, e pensou no que Tu diria. Mas até uma gata falante poderia se equivocar inocentemente. De qualquer modo, decidiu não levar suas palavras em conta.

Cruzou silenciosamente as ruas prateadas da antiga cidade, e os homens que montavam a guarda diante do palácio ficaram boquiabertos ao verem-no aparecer, mas, prudentemente, não lhe fizeram perguntas.

Encontrou o palácio alvoroçado. Praguejou e se dirigiu com o passo irritado à sala do conselho e, de lá, à câmara da gata Saremes. Ela estava enroscada, imperturbável, sobre uma almofada; agrupados na câmara, se encontravam Tu e os principais conselheiros, cada um

deles tentando convencer os demais. O escravo Kuthulos não se via em parte alguma.

Kull se viu saudado por uma explosiva aclamação de gritos e perguntas, mas ele se dirigiu diretamente à almofada ocupada por Saremes, e observou-a com o olhar brilhante.

- Saremes — disse o rei —, você mentiu pra mim.

A gata o olhou fixamente, bocejou e não respondeu. Kull permaneceu diante dela, irritado, e Tu lhe tomou por um braço.

- Kull, onde esteve, em nome de Valka? De onde vem este sangue? Kull sacudiu-lhe a mão, irritado.

- Deixe-me. — disse ele — Esta gata me enviou para cumprir uma missão estúpida... Onde está Brule?

- Kull!

O rei deu meia-volta e viu Brule, que nesse momento entrava na sala, com suas roupas escassas manchadas de poeira, como se tivesse cavalgado duramente. Os traços de bronze do picto continuavam impassíveis, mas em seus olhos escuros surgiu uma

expressão de alívio.

- Em nome dos sete demônios!
— exclamou o guerreiro, mal-humorado demais para esconder a emoção que o embargava — Meus cavaleiros vasculharam as montanhas e os bosques. Onde você estava?

- Procurando seu valioso cadáver, nas profundezas do Lago Proibido. — respondeu Kull, com uma expressão de alegria ao ver a perturbação refletida no rosto do picto.



- O Lago Proibido! — exclamou Brule, com a liberdade própria do selvagem — Está com seu juízo perfeito? O que você ia fazer lá? Ontem, acompanhei Ka-nu até a fronteira zarfhaana e, ao voltar, soube que Tu havia posto todo o exército em pé de guerra para procurá-lo. Desde então, meus homens se espalharam em todas as direções, exceto a do Lago Proibido, onde nunca nos ocorrera procurá-lo.

- Saremes mentiu pra mim... —
o rei começou a dizer.

Mas sua voz se viu abafada por uma explosão de vozes que lhe repreendiam, e cujo tema principal consistia em dizer que um rei não devia nunca desaparecer sem cerimônia alguma, e deixar que o reino cuidasse de si mesmo.

- Silêncio! — rugiu finalmente Kull, com os braços levantados e um brilho perigoso no olhar — Por Valka e Hotath! Acaso sou algum garoto para ter que pedir permissão? Tu, conte-me o que

ocorreu aqui.

Após um silêncio repentino que se fez depois desta explosão de cólera régia, Tu começou a se explicar.

- Milorde, fomos enganados desde o início. Esta gata não é mais que um engano e uma fraude perigosa, tal e como eu havia afirmado.

- E, no entanto...

- Milorde, nunca ouviste falar de homens capazes de disfarçar suas vozes à distância, fazendo-as aparecer como se fosse outro que

falasse, ou como se soassem palavras pronunciadas por seres invisíveis?

- Claro! Por Valka! — exclamou Kull repentinamente, ruborizando-se — Fui um estúpido em tê-lo esquecido. Um velho bruxo da Lemúria possuía esse dom. No entanto, quem falava... ?

- Kuthulos! — exclamou Tu — Também fui um estúpido ao não lembrar de Kuthulos: um escravo, sim, mas o maior erudito e o homem mais sábio dos Sete Impérios. Escravo daquela

desalmada da Delcardes, que deve estar agora se retorcendo por causa da tortura.

Kull lhe dirigiu uma penetrante exclamação.

- Sim, milorde. — prosseguiu Tu, severo — Quando cheguei aqui e descobri que havia partido só, e ninguém soube me dizer pra onde, suspeitei imediatamente de uma traição. Me sentei então para refletir. E me lembrei de Kuthulos, e sua arte de fingir vozes, e como essa gata fingida estivera dizendo coisas pequenas, sem lhe fazer

nenhuma grande profecia, oferecendo falsos argumentos, com a intenção de te refrear. Percebi então que Delcardes havia te enviado esta gata e Kuthulos para enganar-te, para ganhar a vossa confiança. Mandei buscar Delcardes e submeti-a a tortura, para que confessasse tudo. Ela havia planejado as coisas de forma bem astuta. Ah, claro... Saremes devia levar sempre consigo o escravo Kuthulos, para que ele pudesse falar com sua voz fingida e induzir estranhas idéias em vossa

mente.

- Então, onde está Kuthulos? — perguntou Kull.

- Havia desaparecido quando cheguei à câmara de Sameres e...

- Lhe saúdo, Kull! — exclamou então uma voz alegre, vinda da porta, pela qual entrou na sala uma figura barbuda feito um duende, acompanhada por uma moça delgada e aparentemente assustada.

- Ka-nu! Delcardes! Então terminaram não lhe torturando?

- Oh, milorde! — exclamou a

jovem, se ajoelhando diante dele e abraçando-lhe as pernas — Sou culpada de tê-lo enganado, milorde, mas não pretendia lhe fazer mal algum. Eu só desejava me casar com Kulra Thoom!

Kull tomou-a pelos ombros e fê-la se levantar, perplexo, mas apiedado ao ver o evidente terror e remorso daquela mulher.

- Kull — disse Ka-nu —, é uma sorte que haja voltado quando eu o fiz, a tempo de evitar que você e Tu lançassem o reino ao mar. — Tu emitiu um grunhido sem palavras,

sempre invejoso do embaixador picto, que também era conselheiro de Kull — Encontrei todo o palácio alvoroçado quando voltei: os homens andavam de um lado a outro, tropeçavam uns nos outros sem saberem o que fazer. Enviei Brule e seus cavaleiros para lhe procurar, e me dirigi à câmara de torturas... naturalmente, isso foi a primeira coisa que fiz, posto que Tu havia ficado responsável por tudo...



— O conselheiro-chefe o olhou com uma careta — O fato é compareci à câmara de torturas — prosseguiu calmamente Ka-nu —, e

os encontrei prestes a torturarem a jovem Delcardes, que nada fazia senão chorar e contar-lhes tudo o que tinha para contar, apesar deles não acreditarem nela. É apenas uma garota inquisitiva, Kull, apesar de toda a sua beleza. Então, eu a trouxe aqui. Delcardes lhe disse a verdade, Kull, ao lhe informar que Saremes era sua convidada e que se tratava de uma gata muito antiga. Isso é certo. É de fato uma gata da Raça Antiga, mais sábia que outros gatos; ela vai e vem aonde quiser... mas não é mais do que isso: uma

simples gata. Delcardes tinha, no palácio, espiões que lhe informaram de detalhes tão pouco importantes, como o lugar onde você havia guardado uma carta, na bainha de sua adaga, ou do excedente encontrado no tesouro... O cortesão que lhe informou isso era exatamente um desses espiões, e comunicou o fato a ela antes de dizê-lo ao tesoureiro real. Seus espiões eram seus servos mais leais e próximos; as coisas que lhe contavam não podiam lhe causar mal algum e, em troca, ajudariam a

ela, de quem todos gostam, porque não tem a intenção de fazer mal a ninguém. Sua idéia consistia em fazer Kuthulos falar através da boca de Saremes, e ganhar sua confiança, através de pequenas profecias e fatos dos quais qualquer um poderia saber, como adverti-lo contra Thulsa Doom. Logo, através da constante sugestão da questão, pretendia obter de você a permissão para que Kulra Thoom se casasse com Delcardes. Esse era o único desejo da garota.

- E então, Kuthulos se tornou

um traidor. — disse Tu.

Nesse momento, se fez um ruído na porta da sala e entraram uns guardas, arrastando pelos braços uma figura com um véu no rosto e as mãos amarradas às costas.

- Kuthulos!

- Sim, Kuthulos. — assentiu Kanu, embora não parecesse estar muito tranqüilo, pois seus olhos se moviam inquietos — Kuthulos, sem dúvida, com o véu sobre o rosto para esconder assim os movimentos de sua boca e pescoço,

ao falar através de Saremes.

Kull observou a figura silenciosa que se encontrava em pé diante dele, como uma estátua. Um profundo silêncio se fez entre o grupo, como se um vento frio houvesse passado entre eles. Havia uma grande tensão no ambiente. Delcardes olhou a silenciosa figura e seus olhos se abriram enormemente, enquanto os guardas explicavam como haviam capturado o escravo, que tentava escapar do palácio, deslizando-se por um pequeno e velho corredor.

Voltou a reinar o silêncio, e Kull avançou e estendeu uma das mãos para arrancar o véu que cobria o rosto oculto. Através do tecido tênue, Kull sentiu como se dois olhos lhe atravessassem até a consciência. Sem que ninguém percebesse, Ka-nu fechou as mãos e transformou-as em punhos, ficando todo tenso, como se estivesse se preparando para uma luta terrível.

Logo, quando a mão de Kull quase tocava o véu, um som repentino quebrou o tenso silêncio... um som produzido por

um homem ao bater no chão com a testa ou com um cotovelo. O ruído parecia vir de trás de uma parede. Kull cruzou a sala em duas passadas largas e golpeou uma placa, atrás da qual vinha o barulho. Uma porta oculta se deslizou para dentro, deixando à mostra um corredor poeirento, em cujo chão se encontrava a figura de um homem amarrado e amordaçado.

Puxaram-no para a sala, colocaram-no de pé e desamarraram-no.

- Kuthulos! — gritou Delcardes.

Kull olhou-o fixamente. O rosto do homem, agora revelado, era delgado e de expressão suave, como o que teria um mestre de filosofia e de moral.

- Sim, meus senhores e minha senhora. — ele disse — Esse homem, que agora usa meu véu, lançou-se sobre mim e me escondeu atrás dessa porta secreta, depois de me golpear e amarrar. Fiquei lá, ouvindo como ele mandava o rei para o que acreditava ser sua morte certa, sem que eu

pudesse fazer nada para evitá-lo.

- Então, quem é ele?

Todos os olhares se voltaram para a figura com o rosto ainda coberto pelo véu. Kull avançou em sua direção.

- Tome cuidado, meu senhor! — exclamou o verdadeiro Kuthulos — Esse homem...

Com um só movimento da mão, Kull arrancou o véu do homem, e ficou boquiaberto. Delcardes lançou um grito, seus joelhos cederam e ela caiu ao chão. Os conselheiros recuaram, pálidos, e

os guardas soltaram os braços que seguravam e se encolheram, horrorizados.

O rosto do homem não era mais que uma caveira limpa e branca, em cujas órbitas ardia um fogo vivo.

- Thulsa Doom! Era isso o que eu havia imaginado! — exclamou Ka-nu.

- Sim, Thulsa Doom, estúpidos — repetiu uma voz cavernosa — O maior de todos os bruxos e seu eterno inimigo, Kull da Atlântida. Você ganhou esta partida, mas eu lhe aviso, haverá outras.

Ele se libertou das amarras que lhe atavam os braços, com um único e depreciativo gesto, e se dirigiu para a porta, fazendo as pessoas presentes recuarem.

- Você é um estúpido, sem discernimento algum, Kull. — ele disse — Do contrário, nunca teria me confundido com esse outro idiota do Kuthulos, nem mesmo com o véu e as roupas.

Kull percebeu isso, pois embora os dois tivessem, a grosso modo, uma silhueta e altura semelhantes, a carne do bruxo com rosto de

caveira era como a de um homem morto há muito tempo.



O rei havia ficado ali, de pé, não temeroso como os demais, mas simplesmente atônito diante dos rumos que os acontecimentos haviam tomado. Logo, quando já se dispunha a saltar para a frente como um homem que acabara de despertar de um sonho, Brule se lançou ao ataque com a silenciosa ferocidade de um tigre, fazendo sua espada curva faiscar sob a luz. Como se fosse um raio de luz, a lâmina da espada atravessou as

costelas de Thulsa Doom, de modo que a ponta lhe sobressaiu entre os ombros.

Brule puxou a lâmina rapidamente, recuou e se agachou, disposto a lançar-se novamente ao ataque caso fosse necessário. Então, ele parou, atônito. Nenhuma gota de sangue brotou de um ferimento que seria mortal em qualquer homem vivo. Aquele ser com rosto de caveira nada fez senão rir.

- Já faz muito tempo que morri como morrem os homens! — ele zombou — Não; passarei para

outra esfera quando chegar minha hora, mas não antes. Eu não sangro, posto que minhas veias estão vazias, e não experimento mais que um leve frio nesse ferimento, que passará assim que cicatrizar, como já está fazendo agora mesmo. Para trás, idiotas, pois vosso amo já está indo embora! Mas voltaremos a nos ver, e então você gritará, se estremecerá de dor e morrerá. Eu te saúdo, Kull.

E, enquanto Brule vacilava, amedrontado, e Kull permanecia imóvel, atônito e indeciso, Thulsa

Doom cruzou a porta e desapareceu diante dos olhares de todos os presentes.

- Ao menos, você ganhou seu primeiro encontro com aquele rosto de caveira, como ele mesmo admitiu. — disse-lhe Ka-nu, um pouco mais tarde — Na próxima vez, devemos ser muito mais cautelosos, já que se trata de um inimigo desencarnado, possuidor de uma magia negra e ímpia. Ele lhe odeia, posto que não é mais que um acólito da Grande Serpente, cujo poder você quebrou. Ele tem o

dom de provocar a ilusão e a invisibilidade, algo que só ele possui. É um ser cruel e terrível.

- Não o temo. — disse Kull — Na próxima vez, estarei preparado, e minha resposta será um bom golpe de espada, ainda que ele não possa ser atravessado, coisa que duvido muito. Brule não lhe acertou nas partes vitais, que até um morto-vivo deve ter. Isso é tudo. — Se voltou, então, para Tu e acrescentou: — Parece que as raças civilizadas também têm seus tabus, uma vez que o lago azul está

proibido para todos, menos para mim.

Tu respondeu com gesto mal-humorado, zangado com o fato de Kull ter dado permissão à feliz Delcardes para se casar com quem ela quisesse.

- Milorde, esse não é um tabu pagão, como aqueles ante os quais se inclinam os de vossa tribo. Aqui se trata de uma questão de estado, necessária para preservar a paz entre a Valúsia e os seres lacustres, que são magos.

- Nós, a nosso turno, mantemos

os tabus para não ofender os espíritos invisíveis dos tigres e águias. — disse Kull — Na verdade, não vejo nenhuma diferença.

- De qualquer forma — acrescentou Tu —, debes tomar muito cuidado com Thulsa Doom, porque ele desapareceu para passar a outra dimensão, e enquanto se encontrar lá, será invisível e inofensivo para nós, mas estou certo de que voltará.

- Ah, Kull — suspirou o velho Ka-nu —, a minha vida é muito dura em comparação à sua. Brule e

eu nos embriagamos em Zarfhaana, e eu caí de um lance de escada, o que me prejudicou as canelas. E, enquanto isso, você não fazia outra coisa senão ficar na pecaminosa indolência rodeada de sedas, tão típica dos reis.

Kull o olhou intensamente, sem dizer nada. Finalmente, se virou, dando-lhe as costas, para desviar sua atenção para Saremes, que cochilava.

- Não é nenhum animal enfeitado, Kull. — disse o lanceiro — É um animal sábio, mas

simplesmente expressa sua sabedoria com o olhar e, sem dúvida, não fala. Seus olhos, no entanto, me fascinam por toda a antiguidade que expressam. De qualquer forma, não é mais que uma gata.

- De qualquer modo, Brule — disse Kull, acariciando a pelagem sedosa —, continua sendo uma gata muito antiga... Muito.



A Caveira do Silêncio

Os homens ainda continuam denominando-o: "o dia em que o rei sentiu medo", pois Kull, rei da Valúsia, não era, afinal, mais do que um homem. Ninguém havia conhecido a outro mais valente que ele, mas todas as coisas humanas têm seus limites; inclusive a coragem.

Naturalmente, Kull conhecera momentos de receosa preocupação, havia experimentado os frios

sussurros do pavor, os repentinos sobressaltos do horror, e até a sombra de um terror desconhecido. Mas aquelas experiências não haviam sido mais que sobressaltos, sentidos nas profundezas da mente, causados, sobretudo, pela surpresa, por algum mistério repugnante ou por alguma coisa antinatural. Se tratava, portanto, mais de repugnância que de verdadeiro medo, pois o medo real era algo tão raro nele, que, quando o experimentou, os homens marcaram o dia.

E, no entanto, chegou o momento em que Kull conheceu o medo, um medo espantoso, terrível e irracional, a ponto de debilitar sua medula e gelar seu sangue. Assim, os homens falaram desde então do dia em que o rei Kull teve medo, embora não falem zombeteiramente, nem o próprio Kull sinta vergonha por isso. Não, porque do modo como aconteceram as coisas, o assunto não fez senão aumentar ainda mais sua glória imortal.

Foi assim que aconteceu:

Kull estava sentado no trono do salão social, sem prestar muita atenção à conversa de Tu, seu conselheiro-chefe; de Ka-nu, o embaixador picto; de Brule, o homem de confiança e mão direita de Ka-nu; e de Kuthulos, o escravo, que era também o maior erudito dos Sete Impérios.

- Tudo é ilusão. — disse Kuthulos — Tudo são manifestações externas da realidade subjacente, que está além de toda compreensão humana, já que há coisas relativas, através das

quais o homem possa medir o infinito. O um pode subjazer em tudo, ou bem cada ilusão natural pode possuir uma entidade básica. Todas estas coisas já eram conhecidas por Raama, a maior mente de todos os tempos, que há eras libertou a humanidade das garras de demônios desconhecidos, e permitiu assim que a raça se elevasse para as alturas.

- Ele foi um necromante muito poderoso. — assentiu Ka-nu.

- Não era nenhum bruxo. — disse Kuthulos — Não era nenhum

encantador, nem conjurador que buscava a divinização no fígado das serpentes. Não havia nada de falso em Raama. Havia conseguido compreender os cinco grandes princípios, conhecia os elementos e sabia que as forças naturais, estimuladas por causas naturais, produziam resultados naturais. Conseguia seus aparentes milagres, através do exercício de seus poderes, de uma forma natural, tão simples para ele quanto é pra nós acender uma fogueira, e tão distante de nós como seria acender

essa mesma fogueira para nossos antepassados, os macacos.

- Então, por que ele não transmitiu todos os seus segredos à raça humana? — perguntou Tu.

- Ele sabia que não é bom o homem saber demais. Algum vilão poderia, dessa forma, subjugar toda a humanidade, e até todo o universo, se soubesse o que Raama sabia. Não, o homem deve aprender por si mesmo, e expandir sua alma à medida que o faz.

- Sim, você diz que tudo é uma ilusão. — insistiu Ka-nu, astuto nas

artes de governo, mas ignorante em filosofia e ciência, motivo pelo qual respeitava muito Kuthulos ou seus conhecimentos — Como pode ser? Acaso não ouvimos, vemos e tateamos?

- O que é a visão? O que é o som? — respondeu o escravo — Acaso não é o som a ausência de silêncio, e o silêncio a ausência de som? Mas a ausência de algo não é uma substância material. É... nada. E como pode existir algo que é nada?

- Nesse caso, por que as coisas

são o que são? — perguntou Ka-nu, tão espantado quanto uma criança.

- Não são mais que aparências da realidade. Como o silêncio: em algum lugar, existe a essência do silêncio, a alma do silêncio. Em algum lugar, há um nada que é algo. Quantos de vós já percebestes o mais completo silêncio? Nenhum de vós! Há sempre algum ruído, o sussurro da brisa, o esvoaçar de um inseto e até o crescimento das folhas de capim; ou, no deserto, o murmúrio da areia ao deslizar-se. Mas, no centro do silêncio não há o

menor ruído.

- Há muito tempo — disse Kanu —, Raama encerrou um espectro de silêncio num grande castelo, e o selou ali por toda a eternidade.

- De fato. — assentiu Brule — Eu mesmo vi esse castelo. É um grande vulto negro, que se ergue sobre uma montanha solitária, numa região selvagem da Valúsia. É conhecido desde tempos imemoriais como Espectro do Silêncio.

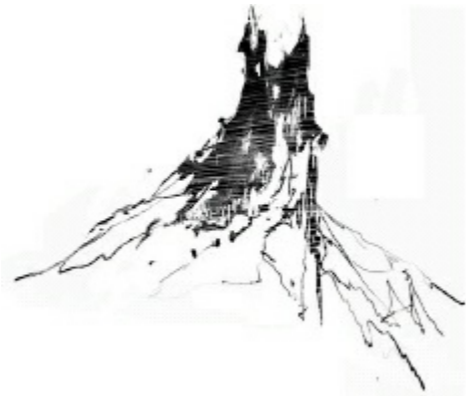
- Ah! — exclamou Kull, repentinamente interessado na

conversa — Meus amigos, isso sim é algo que eu gostaria de dar uma olhada.



- Milorde — disse Kuthulos —, não é bom se intrometer nas coisas feitas por Raama, pois ele era mais sábio que qualquer outro homem. Ouvei contar a lenda segundo a qual, graças às suas artes, ele conseguiu

aprisionar um demônio; bem, não com suas artes, mas através de seus conhecimentos das forças naturais; e não um demônio, mas algum elemento que ameaçava a própria raça. O poder desse elemento fica evidenciado pelo fato de que nem sequer Raama foi capaz de destruí-lo; a única coisa que conseguiu fazer foi aprisioná-lo.



- Já basta. — disse Kull, impaciente — Raama está morto há tantos milênios que até me confunde imaginar. Cavalgarei para ir ao encontro do Espectro do Silêncio. Quem me acompanha?

Todos os que ouviram suas

palavras, juntamente com cem Matadores Vermelhos - a força de combate mais poderosa da Valúsia —, acompanharam Kull quando este deixou a cavalo a cidade real, nas primeiras horas do amanhecer. Cavalgaram entre as montanhas de Zalgara, e depois de muitos dias de marcha, se encontraram diante de uma montanha solitária, que se elevava sombria sobre o planalto e, em cujo cume, se erguia o grande vulto de um castelo tão negro quanto a noite.

- Este é o lugar. — disse Brule —

Ninguém mora num raio de cem léguas deste castelo, nem morou aqui desde quando o homem é capaz de lembrar. Tudo isto se encontra abandonado, como uma região maldita.

Kull parou seu grande cavalo e olhou. Ninguém disse nada, e o rei se deu conta daquela estranha quietude, quase intolerável. Quando falou, todos se sobressaltaram. Ao rei, parecia que ondas de quietude mortal irradiavam daquele tenebroso castelo, que se erguia sobre a

montanha. Nenhum pássaro cantava nos arredores, nenhum sopro de vento movia os galhos das árvores esqueléticas. Enquanto os cavaleiros de Kull subiam pela inclinação, o ruído dos cascos dos cavalos sobre as rochas pareceu ressoar terrivelmente à distância, até morrer sem eco.

Pararam diante do castelo, que ali se erguia como um monstro escuro, e Kuthulos tentou novamente convencer o rei:

- Pense, Kull! Se quebrares esse selo, podes deixar solto no mundo

um monstro cujo poder e frenesi sejam irresistíveis para os homens.

Kull, impaciente e incapaz de se conter por mais tempo, o afastou para um lado. Sentia-se possuído por uma caprichosa perversidade, um defeito muito comum entre os reis; e, embora habitualmente se mostrasse razoável, agora já havia tomado sua decisão e não estava disposto a permitir que nada nem ninguém o afastassem do caminho escolhido.

- Há inscrições antigas nesse selo, Kuthulos. Leia o que dizem.

De má vontade, Kuthulos desmontou e os demais lhe imitaram, exceto os soldados, que permaneceram montados em seus cavalos, como imagens de bronze sob a pálida luz do sol. O castelo se erguia sobre eles como uma caveira sem órbitas, pois não se via janela alguma em nenhuma parte, e só havia uma grande porta de ferro, segura por uma tranca fechada. Ao que parece, o edifício não tinha mais que uma só câmara.

Kull deu umas poucas ordens, relativas à disposição das tropas, e

se mostrou irritado ao descobrir que tinha de levantar a voz de forma desproporcionada para que os comandantes entendessem suas palavras. As respostas que lhe dirigiram chegaram até ele como que apagadas e distantes.

Ele se aproximou da porta, seguido por seus quatro camaradas. Ali, de uma estrutura existente junto à porta, pendia um gongo de aspecto curioso, aparentemente de jade, de cor esverdeada, embora Kull não pudesse ter certeza de qual era a cor, pois esta mudou e se

transformou diante de seus próprios olhos atônitos, de modo que às vezes seu olhar parecia penetrar nas profundezas de algo, enquanto que outras vezes ele tinha a impressão de estar olhando apenas a superfície. Junto ao gongo, havia um martelo, feito do mesmo e estranho material. Ele o pegou e golpeou levemente com ele, e ficou boquiaberto e quase ensurdecido pelo estrondo que se seguiu, como se todo o som da Terra houvesse se concentrado ali.

- Leia as inscrições, Kuthulos. —

ele ordenou novamente.

O escravo se inclinou para a frente, com uma expressão de considerável respeito, pois não cabiam dúvidas de que aquelas palavras haviam sido esculpidas na pedra pelo próprio Raama.

- Que aquilo que foi, volte a ser.
— ele entoou — Tenham cuidado, filhos dos homens! — Ele se ergueu, com uma expressão temerosa no rosto: — É um aviso! Um aviso do próprio Raama! Tenha cuidado Kull! Tenha cuidado!

Mas Kull suspirou impaciente,

desembainhou a espada, cortou o selo e logo golpeou a grande barra de metal. Golpeou várias vezes, mal consciente do relativo silêncio com que caíam seus golpes. Finalmente, caiu a barra e a porta se abriu.

Kuthulos deu um grito. Kull recuou, sobressaltado... A câmara estava vazia? Não! Não viu nada, não havia nada pra ver e, no entanto, sentiu o ar pulsando a seu redor, como se algo se ondulasse do fundo daquela câmara nauseabunda, produzindo ondas invisíveis. Kuthulos se apoiou em

seu ombro e lhe gritou; e suas palavras chegaram até ele, como se houvessem tido que vencer uma distância.

- O silêncio! Isto é a alma de todo o silêncio!

O som parou completamente, os cavalos caíram, e os cavaleiros se desmoronaram de bruços ao chão e permaneceram estendidos sobre a poeira, agarrando as próprias cabeças com as mãos e soltando gritos que não produziam som algum.

Só Kull permaneceu erguido,

com a inútil espada erguida à sua frente. Silêncio!

O mais profundo e absoluto dos silêncios! Ondas palpitantes do mais imóvel dos horrores. Os homens abriram as bocas e gritaram, apesar de não fazerem nenhum som.

O silêncio penetrou na alma de Kull; encaixou seus ganchos ao redor de seu coração, enviou tentáculos de aço ao seu cérebro. Ele agarrou a própria testa, atormentado; o crânio parecia querer explodir, se despedaçar. Na

onda de horror que lhe envolveu, Kull teve visões avermelhadas e colossais: o silêncio estendendo-se por toda a Terra, pelo universo inteiro. Homens que morriam em silêncio, balbuciando de forma ininteligível; o rugido dos rios, o estalo das ondas dos mares, o som dos ventos, tudo se desvaneceu e deixou de existir. Todo o som ficou afogado pelo silêncio. Um silêncio que destroçava a alma, que despedaçava o cérebro, que fazia desaparecer todo sinal de vida sobre a Terra, que se elevava

monstruosamente para os céus,
esmagando o próprio canto das
estrelas.



E foi então que Kull conheceu

um medo, um horror e um terror insuperáveis; algo cruel, assassino da alma. Enfrentando sua visão fantasmagórica, ele vacilou e cambaleou como um bêbado, fora de si por causa do medo. Oh, deuses! Que houvesse um som, mesmo que fosse apenas o mais leve, o mais fraco dos ruídos. Kull abriu a boca como os demais que uivavam atrás dele, e o coração quase lhe saiu do peito em seu esforço sobre-humano para gritar.

A quietude palpitante zombou dele. Kull bateu com a espada na

soleira de ferro da porta. E as ondas palpitantes continuavam fluindo da câmara, agarrando-o, rasgando-o, zombando dele, como um ser sensível e cheio de vida.

Ka-nu e Kuthulos permaneciam imóveis. Tu se retorcia sobre o ventre, segurando a cabeça com as mãos, uivando sem som algum, como um chacal moribundo. Brule se revolia sobre a poeira, como um lobo ferido, e agarrava cegamente a bainha de sua espada.

Agora, Kull quase podia ver a forma do silêncio, o terrível silêncio

que surgia de seu espectro para fazer estourar os crânios dos homens. Se retorcia, se revolvia em espasmos e sombras cruéis, e ria dele! Vivia! Kull cambaleou e perdeu o equilíbrio; e, ao cair, seu braço estendido bateu no gongo. Ele não ouviu som algum, mas percebeu um claro palpitar, um sobressalto das ondas que lhe envolviam, uma leve retirada involuntária destas, como a mão do homem que se afasta abruptamente das chamas.

Ah, o ancião Raama havia

deixado um salvo-conduto para a raça, mesmo depois de sua morte! De repente, o cérebro atordoado de Kull compreendeu o enigma. O mar! O gongo era como o mar: mudava suas tonalidades verdes, nunca estava quieto, o mesmo parecia profundo apesar de superficial, e nunca permanecia em silêncio.

O mar! Vibrante, pulsante, rangendo dia e noite sem descanso; esse era o maior inimigo do silêncio. Tonto e sentindo profundas náuseas, conseguiu

agarrar o martelo de jade. Os joelhos lhe dobraram, mas ele se firmou, apoiando-se com uma das mãos ao batente da porta, segurando o martelo com a outra, sustentando-o com um desespero mortal. O silêncio voltou a surgir, raivoso, envolvendo-o.

Mortal, quem é você para se opor a mim, que sou mais velho que os deuses? Antes que houvesse vida, eu já existia, e continuarei existindo muito depois de a vida se extinguir. Antes que nascesse o som invasor, o universo estava em

silêncio, e voltará a ficá-lo, pois me estenderei por todo o cosmos e matarei o som... matarei o som... matarei o som! Matarei o som!

O rugido do silêncio reverberou pelas cavernas do cérebro desmoronado de Kull, como um cântico monótono e abismal, enquanto ele golpeava o gongo uma vez após outra... e outra, e mais outra.

E, a cada golpe, o silêncio recuava; centímetro a centímetro, ia retrocedendo. Para trás, para trás e para trás. Kull renovou a força dos

golpes que dava com o martelo. Agora já podia perceber debilmente o distante som do gongo, por cima de vazios inimagináveis de quietude, como se alguém, no outro lado do universo, golpeasse uma moeda de prata com o prego de uma ferradura de cavalo. E, a cada diminuta vibração de som, o vacilante silêncio se sobressaltava e se encolhia; os tentáculos se encurtavam, as ondas se contraíam, o silêncio se encolhia.

Para trás, para trás, cada vez mais para trás. Agora, os

fragmentos que restavam se ergueram no umbral e, atrás de Kull, os homens sussurravam e se punham de joelhos, com as mandíbulas penduradas e os olhares vazios. Kull arrancou o gongo da estrutura que o prendia, e avançou em direção à porta. Era como o lutador que se dispõe a dar o último golpe. Não havia acordo possível para ele. Desta vez, a grande porta se fecharia para sempre sobre o horror. Todo o universo deveria estar parado para contemplar um homem que, por si

só, justificava a existência da humanidade e que escalava as sublimes alturas da glória em sua suprema expiação.

Ele parou na soleira da porta, se defrontando com as ondas que ainda pendiam ali, sem deixar de golpear o gongo. Todo o inferno pareceu fluir a seu encontro, vindo daquela coisa cuja última fortaleza ele invadia. Agora, todo o silêncio voltava a ficar encerrado na câmara, obrigado a recuar devido aos estrondos inconquistáveis do som, um som concentrado a partir de

todos os ruídos e sons da Terra, aprisionado pela mão perita que há tempos havia conquistado tanto o som quanto o silêncio.

E aqui, o silêncio reuniu as forças que lhe restavam para lançar um último ataque. Infernos de frio silencioso e de chamadas sem ruído formavam redemoinhos ao redor de Kull. Aqui havia uma coisa, elementar e real. O silêncio era a ausência de som, havia dito Kuthulos, o escravo que agora se arrastava e balbuciava em um nada vazio.

Aqui havia algo mais que uma ausência, porque se tratava de uma ausência cuja máxima ausência se transformava numa presença, uma ilusão abstrata transformada numa realidade material. Kull não recuou: cego, atordoado, assombrado, quase insensível à furiosa investida das forças cósmicas sobre ele, sobre sua alma, seu corpo e sua mente. Envolto pelos ondulantes tentáculos, o ruído do gongo morreu novamente, mas Kull não deixou de golpeá-lo com o martelo. Seu torturado cérebro oscilou, mas

ele fixou os pés contra o batente da porta e se lançou poderosamente para a frente. Encontrou uma verdadeira resistênciã material, como uma onda de fogo sólido, mais quente que a própria chama e mais fria que o próprio gelo. Apesar de tudo, continuou empurrando e sentiu que aquilo cedia... cedia.

Centímetro a centímetro, passo a passo, foi abrindo caminho no interior da câmara da morte, empurrando o silêncio à sua frente, obrigando-o a recuar mais e mais.

A cada passo que dava, sentia uma tortura demoníaca que lhe fazia gritar; cada um de seus passos era um inferno que lhe destroçava. Com os ombros abatidos, a cabeça baixa, os braços se levantando e caindo com um ritmo espasmódico, como a puxões, Kull continuou abrindo caminho, e grandes gotas de sangue se acumularam sobre sua testa, descendo incessantemente.

Atrás dele, os homens começavam a se levantar, cambaleantes e atordoados, fracos e

tontos pelo silêncio que havia invadido seus cérebros. Olharam para a porta, onde o rei continuava lutando sua batalha mortal pelo universo. Brule se arrastou às cegas para a frente, levando consigo a espada, ainda atordoado e deixando-se levar unicamente por seu instinto tenaz que lhe impulsionava a seguir o rei, mesmo que aquele caminho conduzisse ao inferno.

Kull obrigou o silêncio a recuar mais e mais, passo a passo, e sentiu que este enfraquecia pouco a

pouco, que ficava cada vez menor. Agora, o som do gongo havia aumentado, e continuava aumentando sua potência. Enchia a moradia, a Terra, o céu inteiro. O silêncio se encolhia diante dele; e à medida que diminuía, que se via obrigado a encolher sobre si mesmo, foi adquirindo uma forma horrenda, que Kull percebeu sem poder vê-la. Seu braço parecia morto, mas fez um poderoso esforço e redobrou a potência dos golpes. Agora o silêncio estava encolhido num canto, diminuindo

cada vez mais. Mais um último golpe! E todo o som do universo se acumulou num só rugido, num uivo, numa perturbadora explosão que abrangeu tudo. O gongo explodiu em um milhão de diminutos fragmentos, e o silêncio gritou!

O Soar do Gongo



Em algum lugar, na agitada escuridão, iniciou-se um latejar. Uma cadência pulsante, sem som algum, mas vibrante de verdade, enviando seus largos tendões ondulantes que fluíram através do ar irrespirável. O homem se agitou, tateou a seu redor com mãos de cego e se sentou. A princípio teve a impressão de estar flutuando sobre as ondas uniformes e regulares de um oceano negro, que subia e descia com uma monótona regularidade que, de algum modo, lhe produzia dor física. Estava

muito consciente da pulsação do ar, e estendeu as mãos como se pretendesse segurar as ondas que lhe escapavam. Mas essas pulsações estavam no ar que o rodeava, ou somente no cérebro que havia dentro de seu crânio? Não conseguia compreender e, então, lhe ocorreu uma idéia fantástica: a sensação de encontrar-se preso dentro de seu próprio crânio.

O latejar diminuiu, se centralizou; ele sustentou a cabeça dolorida com as mãos e tentou lembrar. Lembrar... o quê?

- Isso é muito estranho —
murmurou — Quem, ou o que sou
eu? Que lugar é esse? O que
aconteceu e por que estou aqui?
Sempre terei estado aqui?

Ele se pôs de pé e tentou
observar a seu redor. A maior das
escuridões se encontrou com seu
olhar. Forçou os olhos, mas
nenhum sinal de luz veio a seu
encontro. Começou a caminhar
para frente, vacilante, com as mãos
estendidas diante dele, buscando a
luz de uma forma tão instintiva
como podia fazer uma planta.

- Certamente isso não é tudo. — murmurou — Tem que haver algo mais... o que é diferente disto? A luz! Eu sei... Me lembro da luz, mas não lembro o que é a luz. Certamente, conheci um mundo diferente deste.

À distância começou a aparecer uma fraca luz cinzenta. Se apressou na direção dela. O brilho ficou mais amplo, até ele ter a sensação de avançar por um longo corredor, que ia se alargando mais e mais. Então, de repente, ele saiu à fraca luz das estrelas e sentiu o vento frio em seu

rosto.

- Isto é a luz — murmurou —, mas ainda não é tudo.

Sentiu e reconheceu uma sensação de altura assustadora. Altura por cima dele, inclusive com seus olhos, e também por debaixo dele, como se grandes estrelas reluzissem em um majestoso oceano cósmico e cintilante. Franziu o cenho, abstraído, enquanto contemplava estas estrelas.

Então, se deu conta de que não estava sozinho. Uma forma alta e

vaga se elevava diante dele, sob a luz das estrelas. Levou instintivamente a mão à esquerda da cintura, e depois a deixou lá, flácida. Estava nu, e nenhuma arma pendia em seu flanco.

A forma aproximou-se mais, e ele viu então que se tratava de um homem, aparentemente muito velho, mas suas feições eram indistintas e irreais à fraca luz.

- És novo? — perguntou a figura com uma voz clara e profunda, como o soar de um gongo de jade.

Diante desse som, um repentino

fragmento de recordações surgiu no cérebro do homem que havia ouvido a voz.

Esfregou o queixo, desconcertado.

- Agora me lembro. — disse — Sou Kull, rei da Valúsia... Mas o que estou fazendo aqui, sem vestimentas nem armas?

- Nenhum homem pode levar nada consigo quando cruza o portal. — disse o outro, sombriamente — Pense, Kull da Valúsia. Não sabe como chegou até aqui?

- Eu estava em pé, diante da porta da sala de conselho — respondeu Kull, perplexo —, e lembro que o vigia da torre exterior soou o gongo para indicar a hora, e então, de repente, o estrondo do gongo se transformou em um selvagem e repentino fluxo de sons que parecia querer destruir tudo. Tudo se escureceu à minha volta e, por um instante, umas faíscas vermelhas se acenderam diante de meus olhos. Logo, acordei em uma caverna, ou numa espécie de corredor, sem lembrar de nada.

- Passastes pelo portal; isso sempre parece difícil de entender.

- Então, estou morto? Por Valka! Algum inimigo devia estar me aguardando por entre as colunas do palácio e me atacado quando eu estava falando com Brule, o guerreiro picto.

- Não disse que estás morto. — replicou a figura magra — Às vezes, o portal não se fecha totalmente. Isso já ocorreu antes.

- Mas que lugar é este? É o paraíso ou o inferno? Este não é o mundo que conheci desde que

nasci, e essas estrelas... Nunca as tinha visto antes. Essas constelações são muito mais grandiosas e brilhantes do que as que eu havia visto em minha vida.

- Existem outros mundos, universos que estão tanto dentro como fora dos universos. —disse o ancião — Estás em um planeta diferente daquele em que nasceste; estás em um universo diferente e, sem dúvida, em uma dimensão diferente.

- Então, devo estar morto.

- O que é a morte, se não uma

travessia de eternidades e um cruzar de oceanos cósmicos? Mas eu não disse que estás morto.

- Então, onde estou, em nome de Valka? — rugiu Kull, com sua escassa paciência já esgotada.

- Teu cérebro de bárbaro se agarra a realidades materiais — respondeu o outro com tranqüilidade — O que importa onde te encontras, ou se estás morto, como diz? Fazes parte do grande oceano que é a vida, que banha todas as praias, e tanto fazes parte dele em um lugar como em

outro, e é certo que finalmente regressarás à fonte que deu origem a toda vida. Enquanto isso, te achas sujeito à vida durante toda a eternidade, com tanta certeza quanto se acham sujeitos uma árvore, uma rocha, uma ave ou um mundo. E chamas de morte o fato de abandonar teu diminuto planeta e separar-se de tua bruta forma física?

- Mas ainda tenho meu corpo.

- Eu não disse que estás morto, como tu dizes. Quanto a isso, pode ser que estejas em teu diminuto

planeta, ao menos pelo que sabes. Há mundos dentro dos mundos, universos dentro dos universos. Existem coisas demasiado pequenas ou demasiado grandes para a compreensão humana. Cada grão de areia das praias da Valusia contém incontáveis universos dentro de si mesmos, e eles mesmos, em seu conjunto, fazem parte do grande plano de todos os universos, como o sol que tu conheces. Teu Universo, Kull da Valúsia, pode ser um grão na praia de um poderoso reino.

Ultrapassastes as fronteiras das limitações materiais. Possa ser que te encontres em um universo que forma a pedra preciosa que levavas no trono da Valússia, ou esse universo quem sabe se encontra na teia de aranha que há ali, sobre a grama, a teus pés. Te digo que o tamanho, o espaço e o tempo são relativos e não existem na realidade.

- Certamente você é um deus, não? — perguntou Kull, com curiosidade.

- A simples acumulação de

conhecimentos e a aquisição de sabedoria não torna a ninguém um deus. — respondeu o outro com impaciência — Veja!

Uma de suas mãos se ergueu nas sombras e apontou em direção às grandes e resplandecentes gemas que eram as estrelas. Kull olhou e se deu conta de que se transformavam com rapidez. O que acontecia era um constante ondular, como uma mudança incessante de desenhos e objetos.

-As estrelas "sempre-eternas" mudam a seu próprio ritmo, com a

mesma rapidez com que surgem e desaparecem as raças dos homens. Agora mesmo, enquanto observamos esses que são planetas, há seres que surgem do lodo primitivo, que começam a subir pelos longos e lentos caminhos da cultura e da sabedoria, enquanto outros estão sendo destruídos com seus mundos moribundos. Tudo isso é vida e forma parte da vida. Para eles, parecem bilhões de anos; para nós, não é mais que um momento. Toda a vida. Um bilhão de anos é como um momento, do

ponto de vista da eternidade.

Kull observou fascinado, enquanto as enormes estrelas e as poderosas constelações piscavam brilhantes, se apagavam e desapareciam, e outras, igualmente radiantes, ocupavam seus lugares, para serem suplantadas à sua vez por outras.

Então, de repente, a agitada escuridão voltou a fluir sobre ele, apagando todas as estrelas, como se fosse uma espessa névoa, e ele ouviu um som fraco e familiar.

Estava de pé, recuando. A luz do

sol atingiu seus olhos, as altas colunas e paredes de mármore de um palácio, as amplas janelas cobertas de cortinas, através das quais penetrava a luz do sol, como ouro fundido. Passou a mão rápida e aturdida por todo o corpo, apalpando suas roupas e a espada que pendia em sua cintura. Estava coberto de sangue; uma corrente vermelha lhe brotava de um corte superficial na têmpora. Mas a maior parte do sangue que cobria seu corpo e suas roupas não era seu. A seus pés, sobre um horripilante

charco vermelho, jazia o que antes havia sido um homem. O som que escutara cessou, produzindo ecos.

- Brule! O que é isso? O que aconteceu? Onde eu estava?

- Você estava prestes a fazer a viagem aos reinos da morte. — respondeu o picto com uma expressão impiedosa, enquanto limpava a lâmina de sua espada — Esse espião esperava postado atrás de uma das colunas, e avançou sobre você como um leopardo, no momento em que você virou em minha direção para dizer-me algo.

Quem planejou a sua morte deve exercer um grande poder, para enviar um homem assim para a morte certa. Se ele não tivesse girado a espada na mão e golpeado obliquamente em vez de golpear reto, como fez, você teria terminado diante dele com uma brecha no crânio, ao invés de estar aqui agora, de pé, meditando sobre a causa de um ferimento superficial.

- Mas, certamente, isso aconteceu há horas. — disse Kull. Brule se pôs a rir.

- Ainda está atordoado, meu

senhor. Do momento em que ele saltou sobre ti e você caiu no chão, até o momento em que lhe atravessei o coração, nenhum homem poderia contar sequer os dedos da mão. E durante o tempo em que você permaneceu caído no chão, sobre seu sangue, até o momento que despertou, não transcorreu mais que o dobro desse tempo. Está vendo? Tu, o conselheiro-chefe, ainda não chegou com as bandagens; ele saiu apressado para buscá-las quando você foi ferido.

- Se você está dizendo, deve ter razão. — disse Kull — Mas não entendo muito bem: pouco antes de ser atacado, ouvi o soar do gongo que indicava a hora, e ele ainda estava soando quando recuperei os sentidos... Brule, o tempo e o espaço não existem, pois realizei a mais longa viagem de minha vida, e vivi incontáveis milhões de anos durante o tempo que demorou para cessar o soar do gongo.

O Altar e o Escorpião

- Deus das sombras rastejantes,
concedei-me vossa ajuda!

Um jovem magro estava ajoelhado na penumbra, com seu trêmulo corpo branco como marfim. O polido chão de mármore era frio sob seus joelhos, mas seu coração estava ainda mais frio que a pedra.

Por cima dele, no alto, unido às sombras mascaradas, se erguia um grande teto de lápis-lazúli,

sustentado por paredes de mármore. Diante dele, reluzia um altar dourado, e sobre este brilhava uma enorme imagem de cristal: um escorpião, talhado com uma habilidade que superava a arte.



- Grande escorpião — continuou o jovem com sua invocação —, ajuda a teu servo! Tu bem sabes como, em tempos passados, Gonra da Espada, meu grande

antepassado, morreu diante de teu altar, nas mãos de um punhado de bárbaros assassinos que tentavam profanar tua santidade. Através das bocas de teus sacerdotes, prometeste ajuda à raça de Gonra em todos os anos futuros.

"Grande escorpião! Jamais um homem ou mulher de meu sangue te lembrou de tua promessa! Mas agora, em minha hora de mais amarga necessidade, apelo diante de ti e lhe rogo para que lembres do teu juramento, pelo sangue bebido pela espada de Gonra, pelo sangue

derramado das veias de Gonra.

"Grande escorpião! Thuron, o sumo-sacerdote da sombra negra, é meu inimigo. Kull, rei da Valúsia, cavalga de sua cidade de capitéis púrpuras, para arrasar com fogo e aço os sacerdotes que lhe desafiaram e que continuam oferecendo sacrifícios humanos aos deuses antigos das sombras. Mas antes que o rei possa chegar e nos salvar, eu e a mulher que amo seremos colocados, nus, sobre o altar negro do templo da escuridão eterna. Thuron assim jurou!

Entregará nossos corpos às antigas e horrendas abominações, e nossas almas ao deus que vive para sempre nas sombras negras.

"Kull senta-se agora no trono da Valúsia e agora acode em nossa ajuda, mas Thuron governa esta cidade das montanhas e me persegue. Ajuda-nos, grande escorpião! Lembra de Gonra, que entregou sua vida por ti, quando os selvagens atlantes levaram a espada e a tocha à Valúsia".

A delgada figura do rapaz se prostrou e a cabeça abateu-se sobre

seu peito, num gesto de desespero. A grande imagem reluzente do altar devolveu-lhe um brilho gelado sob a luz fraca, e não demonstrou nenhum sinal, diante de seu devoto, que indicasse ter ouvido aquela invocação ardente.

De repente, o jovem se ergueu, sobressaltado. Passos rápidos soaram sobre os largos degraus, na parte externa do templo. Uma jovem lançou-se pela porta envolta nas sombras, como uma labareda branca soprada pelo vento.

- Thuron... está vindo para cá! —

ela balbuciou, arremessando-se nos braços de seu amado.

O rosto do jovem empalideceu e ele apertou mais ainda a garota, ao mesmo tempo em que olhava receoso em direção à porta. Uns passos, pesados e sinistros, ressoaram sobre as escadas de mármore e uma figura ameaçadora apareceu sob a verga da porta.

Thuron, o sumo-sacerdote, era um homem alto e magro, como um gigante cadavérico. Seus olhos brilhavam como ferozes manchas, sob as sobrancelhas cheias, e a

delgada linha de sua boca se abriu num riso silencioso. A única vestimenta que usava era uma tanga de seda, através da qual estava introduzida uma cruel adaga curva, e carregava um chicote curto e pesado em sua mão delgada e poderosa.

Suas duas vítimas agarraram-se uma à outra, e fitaram seu inimigo com os olhos muito abertos, como pássaros que miram assombrados a uma serpente. E os movimentos lentos e ondulantes de Thuron, ao avançar na direção deles, não foram

muito diferentes do sinuoso
deslizar de uma serpente.



- Thuron, tome cuidado! —
exclamou o jovem corajosamente,
ainda que com a voz vacilante,
debilitada pelo terror que se

apoderava dele — Se não teme o rei, nem tem piedade de nós, não se atreva a ofender o grande escorpião, sob cuja proteção nos encontramos.

Thuron lançou uma gargalhada, poderoso e arrogante.

- O rei! — zombou — Que significa o rei para mim, quando sou mais poderoso que qualquer rei? O grande escorpião? Ho, ho! Um deus esquecido, uma divindade da qual só se lembram as crianças e mulheres. Atreve-se a opor seu escorpião contra a sombra negra?

Estúpido! Agora já não pode salvar-lhe nem o próprio Valka, o deus de todos os deuses! Você está destinado a ser sacrificado ao deus da sombra negra.

Avançou em direção aos jovens acovardados e os agarrou pelos ombros, afundando na carne macia suas unhas, fortes como garras. Tentaram resistir, mas ele pôs-se a rir e, com uma força incrível, ergueu-os no ar e os suspendeu assim, com os braços estendidos, como um homem que balança um bebê. Suas gargalhadas rangentes e

metálicas encheram a estância, arrancando ecos de maligna zombaria.

Sustentou o rapaz entre os joelhos, ao mesmo tempo em que amarrava as mãos e os pés da jovem, que soluçava sob suas mãos cruéis. Logo, após colocá-la impiedosamente no chão, atou o rapaz do mesmo modo. Então recuou e contemplou sua obra. Os soluços assustados da moça ressoaram no silêncio, rápidos e ofegantes. Após um momento de silêncio, o sumo-sacerdote falou:

- Foram uns estúpidos ao pensarem que podiam escapar de mim! Os homens de seu sangue sempre me afrontaram no conselho e na corte. Agora, haverá de pagar por isso e a sombra negra beberá seu sangue. Ho, ho! Eu governo agora a cidade, seja quem for o rei.

"Meus sacerdotes pululam pelas ruas, armados até os dentes, e nenhum homem se atreve a me desafiar. Se o rei pudesse montar a cavalo agora mesmo, ele não conseguiria abrir caminho entre meus homens e chegar a tempo de

lhes salvar".

Seus olhos percorreram o interior do templo e finalmente repousaram sobre o altar dourado e o silencioso escorpião de cristal.

- Ho, ho! Que estúpidos que são em terem depositado sua fé num deus que os homens deixaram de adorar há muito tempo! Um deus que nem sequer tem um sacerdote que o atenda, e ao qual só se permitiu um santuário devido à lembrança de sua grandeza. Um deus que só é reverenciado por pessoas ingênuas e mulheres

estúpidas.



"Os verdadeiros deuses são escuros e sangrentos! Lembrem-se

de minhas palavras quando encontrá-los, daqui a pouco, sobre um altar de ébano, atrás do qual se aninha eternamente uma sombra negra. Antes de morrerem, vocês conhecerão os verdadeiros deuses, os deuses poderosos e terríveis que vieram de mundos esquecidos e dos âmbitos perdidos da escuridão. Deuses que nasceram nas gélidas estrelas, e que moram em sóis negros, muito além da luz de qualquer estrela. Conhecerão a terrível verdade do inominável, ante cuja realidade não se encontra

nenhuma semelhança terrena, mas cujo símbolo é a sombra negra".

A moça deixou de soluçar, gélida, e guardou um atordado silêncio, como o jovem. Por trás daquelas ameaças, ambos percebiam um fosso horrível e inumano de sombras monstruosas.

Thuron avançou um passo em direção a eles, inclinou-se e estendeu as mãos como garras para apoderar-se deles e erguê-los sobre seus ombros. Lançou uma gargalhada quando eles tentaram recuar para se afastarem dele. Seus

dedos fecharam-se como forquilhas sobre o delicado ombro da jovem...

Um grito agudo abalou o silêncio de cristal, despedaçando-o, ao mesmo tempo em que Thuron dava um salto no ar e caía de bruços ao chão, retorcendo-se e rangendo os dentes. Uma pequena criatura afastou-se, escorregadia, e desapareceu pela porta. Os gritos de Thuron se transformaram num gemido que interrompeu-se em sua nota mais alta. Logo, o silêncio caiu sobre eles como uma bruma mortal.

Finalmente, o jovem sussurrou, impressionado:

- O que foi isso?

- Um escorpião. — foi a resposta da garota, pronunciada em voz baixa e trêmula — Arrastou-se sobre meu peito nu, sem me causar o menor dano e, quando Thuron me agarrou, ele o picou.

Voltou a fazer silêncio. Logo, o jovem voltou a falar, com voz vacilante.

- Não se vê nesta cidade nenhum escorpião, há muito mais tempo do que os homens

conseguem lembrar.

- O grande escorpião chamou este, para que viesse em nossa ajuda. — sussurrou a moça — Os deuses nunca esquecem, e o grande escorpião cumpriu seu juramento. Mostremos a ele o nosso agradecimento!

E, amarrados como estavam, de pés e mãos, os jovens amantes viraram os rostos de onde estavam e elogiaram o grande escorpião silencioso e brilhante que havia sobre o altar. Permaneceram assim durante muito tempo, até que o

som distante de muitos cascos
prateados e o estrondo das espadas
indicou-lhes a chegada do rei.



A Maldição do Crânio Dourado

Rotath da Lemúria estava morrendo. O sangue havia parado de escorrer do profundo corte de espada sob seu coração, mas a pulsação em suas têmporas martelava como tímbores. Rotath jazia num chão de mármore. Colunas de granito se erguiam ao seu redor, e um ídolo prateado encarava, com olhos de rubi, o homem que jazia a seus pés. As

bases das colunas estavam entalhadas com estranhos monstros; sobre o santuário, soava um vago sussurro. As árvores, que cercavam e escondiam aquele misterioso templo, espalhavam longos galhos ondulantes sobre ele, e estes galhos palpitavam com folhas que farfalhavam ao vento. De vez em quando, grandes rosas negras espalhavam suas pétalas escuras no chão. Rotath estava morrendo, e usava seus últimos suspiros para invocar maldições sobre seus matadores: sobre o rei

desleal que o traiu e sobre aquele chefe bárbaro, Kull da Atlântida, que lhe dera o golpe mortal.

A cólito dos deuses sem nome, e morrendo num santuário desconhecido, no topo cheio de folhas da montanha mais alta da Lemúria... os olhos de Rotathardiam com um terrível fogo gelado. Um cortejo de glória e esplendor passava pelos olhos de sua mente. A aclamação de adoradores, o rugir de trombetas prateadas, as sombras sussurrantes de templos poderosos e místicos,

onde grandes asas se moviam invisíveis... E então, intrigas, o furioso ataque dos invasores... morte!

Rotath amaldiçoou o rei da Lemúria — o rei a quem ele ensinara temíveis mistérios antigos e abominações esquecidas. Ele fora um tolo em revelar seus poderes a um fraco, que, tendo aprendido a temê-lo, pediu a ajuda de reis estrangeiros. Como parecia estranho que ele, Rotath da Pedrada-Lua e do Asfódelo, feiticeiro e mágico, fosse expirar no chão de

mármore, vítima da mais material das ameaças: uma espada numa mão forte.

Rotath amaldiçoou as limitações da carne. Ele sentiu seu cérebro se desintegrando, e amaldiçoou todos os homens, de todos os mundos. Ele os amaldiçoou em nome de Hotath e Helgor, de Ra, Ka e Valka.

Ele amaldiçoou todos os homens vivos e mortos, e todas as gerações não-nascidas pelos próximos cem milhões de anos, mencionando Vramma, Jaggtanoga, Kaama e Kulthas. Ele

amaldiçoou a humanidade em nome do templo dos Deuses Negros, dos rastros das Serpentes, das garras dos Lordes Macacos e dos livros encadernados a ferro de Shuma-Gorath.

Ele amaldiçoou a deusa da virtude e da luz, falando os nomes de deuses esquecidos até pelos sacerdotes da Lemúria. Ele invocou as escuras sombras monstruosas dos mundos mais antigos, e daqueles sóis escuros que se escondiam eternamente por trás das estrelas.



Ele sentiu as sombras se acumularem a seu redor. Ele estava morrendo rapidamente. E, se fechando a seu redor, num ressoar sempre próximo, ele sentiu os demônios com garras de tigres que lhe aguardavam a chegada. Viu seus corpos de sólido azeviche e as grandes cavernas negras de seus olhos. Atrás, pairavam as sombras brancas daqueles que morreram sobre seus altares, em horrendo suplício. Como brumas ao luar, eles flutuavam, grandes olhos

luminosos se fixavam nele em triste acusação, uma multidão infinita.

Rotath sentiu medo, e sentindo medo, suas maldições ficaram mais ruidosas, e suas blasfêmias mais terríveis. Com um selvagem arrebatamento de fúria, ele depositou uma maldição em seus próprios ossos, os quais deveriam trazer morte e horror para os filhos dos homens. Mas, mesmo enquanto falava, ele sabia que se passariam anos e eras, e seus ossos virariam pó naquele esquecido santuário, antes que qualquer pé humano

perturbasse o silêncio do local. Então, ele reuniu seus últimos poderes para uma última invocação aos seres medonhos aos quais servira, uma última façanha de magia. Ele pronunciou uma fórmula de gelar o sangue, mencionando um terrível nome.

E logo, ele sentiu poderosas forças elementares se moverem. Sentiu seus ossos ficarem duros e quebradiços. Um frio que transcendia a frieza terrestre passou sobre ele, e ele jazeu imóvel. As folhas sussurraram e o

ídolo prateado riu com seus frios olhos de pedras preciosas.

Os anos se tornaram séculos, e os séculos se tornaram eras. Os oceanos verdes se ergueram e escreveram um épico poema em esmeralda, e o ritmo deste foi terrível. Tronos desabaram e trombetas prateadas se calaram para sempre. As raças humanas passaram, como ventos de fumaça num verão. Os ruidosos mares, verdes como jade, afundaram as terras, e todas as montanhas submergiram — até mesmo o

monte mais alto da Lemúria.

Um homem empurrou para um lado as trepadeiras no caminho e olhou fixamente. Uma barba espessa lhe escondia o rosto, e a lama sujava-lhe as botas. Acima e a seu redor, estava a espessa selva tropical em sufocante e exótica fertilidade. Orquídeas flamejavam e sussurravam a seu redor.

A admiração estava em seus olhos arregalados. Ele olhava entre destroçadas colunas de granito sobre um desagregado chão de mármore. As trepadeiras se

entrelaçavam abundantemente, como serpentes verdes, entre aquelas colunas, e arrastavam suas extensões sinuosas pelo chão.

Um estranho ídolo, há muito caído de um pedestal quebrado, jazia sobre o chão e olhava para o alto com rubros olhos imóveis. O homem notou a natureza desta coisa corroída, e um forte tremor o sacudiu. Ele olhou, novamente incrédulo, para a outra coisa que jazia no chão de mármore, e encolheu os ombros.

Ele adentrou o santuário. Olhou

para os entalhes nas bases das colunas sombrias, admirado com o aspecto profano e indefinível dos mesmos. Acima de tudo, o cheiro das orquídeas pairava como uma bruma pesada.

Esta pequena ilha, de pântanos luxuriantes, foi outrora o pico de uma grande montanha, refletiu o homem, e ele se perguntou que estranho povo havia erguido aquele templo... e deixado a coisa monstruosa jazendo diante do ídolo caído. Ele pensou na fama que suas descobertas lhe trariam... no

aplausos de grandes universidades e de poderosas sociedades científicas.

Ele se inclinou sobre o esqueleto no chão, notando os inumanamente longos ossos dos dedos das mãos, a curiosa estrutura dos pés, as profundas órbitas oculares em forma de cavernas, o saliente osso frontal, o aspecto geral do grande crânio abobadado, que diferia tão terrivelmente da humanidade como ele a conhecia.

Qual artesão, há muito falecido, teria dado forma àquela coisa com tão incrível habilidade? Ele se

inclinou mais perto, notando o arredondado encaixe das articulações, as leves depressões nas superfícies lisas onde ficavam os músculos. E se sobressaltou quando a estupenda verdade surgiu nele.

Isto não era trabalho de arte humana... aquele esqueleto já havia sido coberto por carne, e havia caminhado, falado e vivido. E isto era impossível, lhe dizia seu cérebro oscilante, pois os ossos eram de ouro maciço. As orquídeas balançavam sob as sombras das

árvores. O santuário jazia em sombras púrpuras e negras. O homem meditou longamente acima dos ossos e se maravilhou. Como poderia ele saber sobre um antigo mundo de feitiçaria, grande o bastante para servir ao ódio eterno, conferindo àquele ódio uma substância concreta, impenetrável às destruições do Tempo?

O homem pôs a mão na caveira dourada. Um grito súbito, mortal e estridente quebrou o silêncio. O homem no santuário cambaleou gritando, deu um único passo

vacilante e então caiu de pontacabeça, para jazer com os membros contorcidos no chão marmóreo e cheio de trepadeiras.

As orquídeas se derramaram sobre ele numa chuva sensual, e suas mãos, que agarravam cegamente, rasgaram-nas em estranhos pedaços enquanto ele gritava. Caiu o silêncio, e uma víbora se arrastou vagorosamente de dentro do crânio dourado.

A Cidade Negra (fragmento)

Os olhos frios de Kull, rei da Valúsia, se nublaram de perplexidade ao pousarem no homem que tão abruptamente se dirigira à presença real, e que agora se encontrava diante do rei, trêmulo de ira. Kull suspirou; ele conhecia os bárbaros que o serviam, afinal não era ele próprio um atlante de nascença? Brule, o Lanceiro, irrompendo rudemente

na câmara do rei, havia arrancado de sua armadura quaisquer emblemas que lhe foram dados pela Valúsia, e agora estava despido de qualquer sinal que o mostrasse como aliado do império. E Kull sabia o significado deste gesto.

- Kull! — vociferou o picto, pálido de fúria — Quero justiça!

Kull suspirou novamente. Havia ocasiões em que paz e tranqüilidade eram coisas a serem desejadas, e em Kamula, ele achou que as tivesse encontrado. Kamula, a sonhadora... mesmo enquanto ele

esperava o furioso picto continuar suas injúrias, os pensamentos de Kull vagavam de volta aos dias lânguidos e preguiçosos que haviam passado desde sua chegada a esta cidade montanhosa, cujos palácios de mármore e lápis-lazúli foram construídos, camada sobre camada, ao redor da colina em forma de cúpula que formava o centro da cidade.

- Meu povo tem sido aliado do império por mil anos! — o picto fez um gesto rápido e furioso com o punho fechado — Agora, um de

meus guerreiros pode ser arrebatado debaixo do meu nariz, no próprio palácio do rei?

Kull se empertigou, sobressaltado:

- Que loucura é esta? Que guerreiro? Quem o capturou?

- Você precisa descobrir. — rosnou o picto — Num momento, ele estava lá, recostado contra uma coluna de mármore... no seguinte... záz! Havia desaparecido, deixando apenas um repugnante mau cheiro e um grito assustador como rastros.

- Talvez um marido ciumento...

— ponderou Kull. Brule interrompeu rudemente:

- Grogar nunca olhou para mulher alguma... nem mesmo as de sua própria raça. Estes kamulianos odeiam a nós, pictos. Eu vejo isto no olhar deles.

Kull sorriu:

- Você está sonhando, Brule, este povo é muito indolente e amante do prazer para odiar a alguém. Eles amam, cantam, compõem poemas... Suponho que você pensa que Grogar foi arrebatado pelo poeta Talígaro, a

cantora Zareta ou o príncipe Mandara?

- Não me importo! — rosnou Brule — Mas isto eu lhe digo, Kull Grogar derramou seu sangue feito água pelo império, e ele é o meu melhor chefe dos arqueiros montados. Vou achá-lo, vivo ou morto, mesmo que eu tenha de rasgar Kamula, pedra por pedra! Por Valka, darei esta cidade de alimento para as chamas, e apagarei as chamas com sangue...

Kull se ergueu de sua cadeira.

- Leve-me até o local onde viu

Grogar pela última vez. — ele disse, e Brule cessou suas injúrias e, mal-humorado, mostrou o caminho.

Saíram da câmara, através de uma porta interna, e desceram um corredor sinuoso, lado a lado, tão diferentes no aspecto quanto dois homens poderiam ser, embora iguais na flexibilidade do movimento, na rapidez do olhar e na intangível selvageria que indicava o bárbaro.

Kull era alto, de ombros largos e peito profundo — volumoso, porém flexível. Seu rosto era marrom,

devido ao sol e ao vento; seu negro cabelo, de corte reto, era como a juba de um leão; seus olhos cinzas, frios como uma espada lampejando através de braças de gelo.

Brule era típico de sua raça: de estatura média, constituído com a economia selvagem de uma pantera, e com a pele bem mais escura que a do rei.

- Estávamos no Salão das Jóias — grunhiu o picto — Grogar, Manaro e eu. Grogar estava recostado contra uma coluna que havia dentro da parede, quando

deslocou todo o peso contra a parede... e desapareceu diante de nossos olhos! Um painel virou para dentro, e ele sumiu... e tivemos apenas um vislumbre de negra loucura lá dentro, e uma cena repugnante fluiu momentaneamente para fora. Mas Manaro, que estava ao lado de Grogar, sacou a espada naquele momento, e enfiou a boa lâmina na abertura, de modo que o painel não se fechou completamente. Nós nos arremetemos contra ele, mas não cedeu e eu corri atrás de você,

deixando Manaro segurar a espada dele na fenda.

- E por que você arrancou seus emblemas valusianos? — perguntou Kull.

- Eu estava furioso. — resmungou o lanceiro, mal-humorado e evitando os olhos de Kull. O rei acenou com a cabeça, sem responder. Era a atitude natural e irracional de um selvagem enfurecido, para o qual não aparece nenhum inimigo natural para ser cortado e dilacerado.

A dentraram o Salão das Jóias

cuja parede mais afastada ficava dentro da pedra natural da colina onde Kamula foi construída.

- Manaro jurou ter ouvido um sussurro como o de uma música. —
grunhiu Brule

- Lá está ele, inclinado e com o ouvido na rachadura. Olá, Manaro!

Kull franziu a sobrancelha, ao ver que o valusiano alto não mudou de posição nem deu atenção ao chamado. Estava realmente inclinado contra o painel, uma das mãos agarrando a espada que segurava a entrada secreta, e um

dos ouvidos grudado na estreita fenda. Kull percebia a escuridão quase material daquela fina faixa de negrume — parecia-lhe que, além daquela abertura desconhecida, a escuridão se escondia como uma coisa viva e sensível.

Ele caminhou impaciente para diante, e deu uma pesada palmada no ombro do soldado. E Manarc estremeceu e se afastou da parede, indo cair duro aos pés de Kull, com os olhos vitrificados de horror, mirando inexpressivos para o alto.

- Valka! — praguejou Brule —

Ele foi apunhalado... fui um tolo em deixá-lo sozinho aqui...

O rei sacudiu a cabeça leonina:

- Não há sangue nele... olhe para seu rosto.

Brule olhou e praguejou. As feições do valusiano morto estavam paralisadas numa máscara de horror... e a impressão era claramente a de um ouvinte.

Kull se aproximou cautelosamente da fenda na parede, e logo chamou Brule com um aceno. De algum lugar além daquele portal misterioso, saía um

tênue e lastimoso som, semelhante ao de uma fantasmagórica música de flauta. Era tão fraco que mal se ouvia, mas trazia em sua música todo o ódio e veneno de mil demônios. Kull encolheu os gigantescos ombros.

A Cidade Negra (versão final)



Os olhos frios de Kull, rei da Valúsia, se nublaram de perplexidade ao pousarem no homem que tão abruptamente se dirigira à presença real, e que agora se encontrava diante do rei, trêmulo de ira. Kull suspirou; ele conhecia os bárbaros que o serviam, afinal não era ele próprio um atlante de nascença? Brule, o Lanceiro, irrompendo rudemente na câmara do rei, havia arrancado de sua armadura quaisquer emblemas que lhe foram dados

pela Valúsia, e agora estava despido de qualquer sinal que o mostrasse como aliado do império. E Kull sabia o significado deste gesto.

- Kull! — vociferou o picto, pálido de fúria — Quero justiça!

Kull suspirou novamente. Havia ocasiões em que paz e tranqüilidade eram coisas a serem desejadas, e em Kamula, ele achou que as tivesse encontrado. Kamula, a sonhadora... mesmo enquanto ele esperava o furioso picto continuar suas injúrias, os pensamentos de Kull vagavam de volta aos dias

lânguidos e preguiçosos que haviam passado desde sua chegada a esta cidade montanhosa, cujos palácios de mármore e lápis-lazúli foram construídos, camada sobre camada, ao redor da colina em forma de cúpula que formava o centro da cidade.

- Meu povo tem sido aliado do império por mil anos! — o picto fez um gesto rápido e furioso com o punho fechado — Agora, um de meus guerreiros pode ser arrebatado debaixo do meu nariz, no próprio palácio do rei?

Kull se empertigou, sobressaltado:

- Que loucura é esta? Que guerreiro? Quem o capturou?

- Você precisa descobrir. — rosnou o picto — Num momento, ele estava lá, recostado contra uma coluna de mármore... no seguinte... záz! Havia desaparecido, deixando apenas um repugnante mau cheiro e um grito assustador como rastros.

- Talvez um marido ciumento... — ponderou Kull. Brule interrompeu rudemente:

- Grogar nunca olhou para

mulher alguma... nem mesmo as de sua própria raça. Estes kamulianos odeiam a nós, pictos. Eu vejo isto no olhar deles.

Kull sorriu:

- Você está sonhando, Brule, este povo é muito indolente e amante do prazer para odiar a alguém. Eles amam, cantam, compõem poemas... Suponho que você pensa que Grogar foi arrebatado pelo poeta Talígaro, a cantora Zareta ou o príncipe Mandara?

- Não me importo! — rosnou

Brule — Mas isto eu lhe digo, Kull Grogar derramou seu sangue feito água pelo império, e ele é o meu melhor chefe dos arqueiros montados. Vou achá-lo, vivo ou morto, mesmo que eu tenha de rasgar Kamula, pedra por pedra! Por Valka, darei esta cidade de alimento para as chamas, e apagarei as chamas com sangue...

Kull se ergueu de sua cadeira.

- Leve-me até o local onde viu Grogar pela última vez. — ele disse, e Brule cessou suas injúrias e, mal-humorado, mostrou o caminho.

Saíram da câmara, através de uma porta interna, e desceram um corredor sinuoso, lado a lado, tão diferentes no aspecto quanto dois homens poderiam ser, embora iguais na flexibilidade do movimento, na rapidez do olhar e na intangível selvageria que indicava o bárbaro.

Kull era alto, de ombros largos e peito profundo — volumoso, porém flexível. Seu rosto era marrom, devido ao sol e ao vento; seu negro cabelo, de corte reto, era como a juba de um leão; seus olhos cinzas,

frios como uma espada lampejando através de braças de gelo.

Brule era típico de sua raça: de estatura média, constituído com a economia selvagem de uma pantera, e com a pele bem mais escura que a do rei.

- Estávamos no Salão das Jóias — grunhiu o picto — Grogar, Manaro e eu. Grogar estava recostado contra uma coluna que havia dentro da parede, quando deslocou todo o peso contra a parede... e desapareceu diante de nossos olhos! Um painel virou para

dentro, e ele sumiu... e tivemos apenas um vislumbre de negra loucura lá dentro, e uma cena repugnante fluiu momentaneamente para fora. Mas Manaro, que estava ao lado de Grogar, sacou a espada naquele momento, e enfiou a boa lâmina na abertura, de modo que o painel não se fechou completamente. Nós nos arremetemos contra ele, mas não cedeu e eu corri atrás de você, deixando Manaro segurar a espada dele na fenda.

- E por que você arrancou seus

emblemas valusianos? —
perguntou Kull.

- Eu estava furioso. —
resmungou o lanceiro, mal-
humorado e evitando os olhos de
Kull. O rei acenou com a cabeça,
sem responder. Era a atitude
natural e irracional de um selvagem
enfurecido, para o qual não aparece
nenhum inimigo natural para ser
cortado e dilacerado.

A dentraram o Salão das Jóias
cuja parede mais afastada ficava
dentro da pedra natural da colina
onde Kamula foi construída.

- Manaro jurou ter ouvido um sussurro como o de uma música. — grunhiu Brule

- Lá está ele, inclinado e com o ouvido na rachadura. Olá, Manaro!

Kull franziu a sobrancelha, ao ver que o valusiano alto não mudou de posição nem deu atenção ao chamado. Estava realmente inclinado contra o painel, uma das mãos agarrando a espada que segurava a entrada secreta, e um dos ouvidos grudado na estreita fenda. Kull percebia a escuridão quase material daquela fina faixa de

negrume — parecia-lhe que, além daquela abertura desconhecida, a escuridão se escondia como uma coisa viva e sensível.

Ele caminhou impaciente para diante, e deu uma pesada palmada no ombro do soldado. E Manarc estremeceu e se afastou da parede, indo cair duro aos pés de Kull, com os olhos vitrificados de horror, mirando inexpressivos para o alto.

- Valka! — praguejou Brule — Ele foi apunhalado... fui um tolo em deixá-lo sozinho aqui...

O rei sacudiu a cabeça leonina:

- Não há sangue nele... olhe para seu rosto.

Brule olhou e praguejou. As feições do valusiano morto estavam paralisadas numa máscara de horror... e a impressão era claramente a de um ouvinte.

Kull se aproximou cautelosamente da fenda na parede, e logo chamou Brule com um aceno. De algum lugar além daquele portal misterioso, saía um ténue e lastimoso som, semelhante ao de uma fantasmagórica música de flauta. Era tão fraco que mal se

ouvia, mas trazia em sua música todo o ódio e veneno de mil demônios. Kull encolheu os gigantescos ombros. A música demoníaca fez sua pele formigar. Até o inexorável Brule ficou pálido de nojo, quando o som da flauta diabólica se infiltrou pela abertura.

- Parece o tipo de música, com cujo som dançam os mortos nos pisos escarlates do inferno. — disse, com um estremecimento incontido.

Kull encolheu os ombros e empurrou a parede de mármore

cor-de-pêssego, que não se moveu. Apoiou o ombro contra a parede e empurrou. Poderosos feixes de músculos se avolumaram em seu pescoço, e lhe percorreram as costas e peito como sinuosas serpentes, sob as roupagens de brocado. Era como tentar empurrar um acantilado de granito puro. Brule adicionou a própria força às suas tentativas, mas isso tampouco serviu. Agora aborrecido, Kull tirou as roupas luxuosas, despindo um torso poderoso que brilhou como bronze azeitado sob a luz do sol.

Segurou o cabo da espada de Manaro e tentou usá-la como alavanca, mas também não conseguiu nada. Então, começou a tatear com as mãos ao longo da parede, junto à coluna, em busca da mola oculta na qual Grogar havia, sem dúvida, tropeçado. De repente, ouviu um clique metálico, abafado pela parede de pedra, e o painel se afastou para um lado ao se deslizar suavemente e girar sobre um dispositivo de rodas.

Um abismo negro se abriu diante deles, como a boca de um

poço que conduz ao inferno dos mitos mais obscuros. Do interior daquela boca negra, saiu uma baforada de ar enjoativo e úmido, carregado com um indescritível odor fétido. E a horrível flauta pareceu soar então com mais força — mais próxima e misteriosa. Seu som espectral arrancou um calafrio glacial das costas de Kull.

Brule colocou um vaso de bronze na abertura, para que a porta secreta não se fechasse.

- O que faremos, Kull? — perguntou — Quer que eu vá

buscar mais homens?

O rei negou com um gesto da cabeça, fazendo a cabeleira negra balançar de um lado a outro.

- Não podemos fazer isso, Brule. Enquanto perdemos tempo aqui, Grogar pode estar enfrentando... só Valka sabe o quê!

Brule sorriu com uma careta felina, e os dentes brancos flamejaram em seu rosto bronzeado.

- Bem, de qualquer forma, para que precisamos dos demais? Bastam você e eu, ó rei, juntos e

com as espadas na mão.

Kull assentiu com um gesto, e seus olhos furiosos tentaram penetrar as trevas. Avançou um passo em direção àquela escuridão desconhecida.

- Vamos!

Brule só se atrasou o tempo necessário para pegar uma tocha resinosa do aro que a sustentava na parede. Acendeu-a com os carvões de um turíbulo de prata, e logo se lançou à boca escura da porta, atrás dos calcanhares de Kull.

Estavam sobre uma estreita

plataforma de pedra sólida. Abaixo, um abismo negro parecia cair e cair, como se descesse às mais profundas entranhas da terra. Degraus de pedra desciam em espiral para a garganta daquele poço negro. Das profundezas desconhecidas, chegava até eles um ar frio e enjoativo, levando em suas asas invisíveis aquela misteriosa melodia. O rei e o guerreiro iniciaram a descida dos degraus de pedra em espiral, movendo-se em silencioso cuidado.

A escada era velha, muito velha.

Os pés de muitas gerações haviam desgastado a pedra durante séculos. Um lodo pálido se agarrava à pedra úmida e escorregadia dos degraus, sob seus pés. Continuaram sua descida para a escuridão, passo a passo, com a tocha lançando faíscas de luz alaranjada, que jogavam uma luz oscilante e enganosa diante deles. As sombras se sacudiam e brincavam contra a parede de tosca pedra úmida.

De vez em quando, rudemente entalhados na parede, apareciam

petróglifos monstruosos,
vagamente blasfemos,
misteriosamente estranhos, que
lhes causavam arrepios nas costas.
Era como se as mãos que os
tivessem cinzelado fossem tão
alienígenas e inumanas quanto as
mentes, em cujas profundezas
corrompidas se conceberam
aqueles símbolos monstruosos.

O rei ficou tenso, seus olhos
emitiam frias labaredas cinzas, ao
mesmo tempo em que tentavam
penetrar as profundezas escuras lá
de baixo.

- Escute! O que foi isso?

O ulular fantasmagórico havia se elevado num crescendo de frenesi demoníaco, como um som rangente e agudo, que parecia querer rasgar os nervos, como os dedos dotados de garras de um harpista poderiam rasgar e quebrar as cordas de seu instrumento. No mais alto deste som agudo, perceberam um grito fantasmagórico que lhes gelou o sangue.

- Por Valka! — balbuciou Brule, embora sua exclamação fosse quase

mais uma oração.

Tinha os olhos acesos e brancos sob a luz da tocha.

O grito morreu, transformado num gorgolejo, como se houvesse sido estrangulado por uma mão implacável. A ele, seguiu-se um silêncio mortal, enquanto os ecos reverberavam por todo o poço, e produziam uma torrente de ecos que o devorou todo. O ruído daquele grito fez o sangue gelar em suas veias. Era o último grito, cheio de desespero, de uma alma arrastada à margem definitiva do

terror e da loucura. Kull jamais havia imaginado que, de lábios humanos, pudesse surgir tal nota de angústia e pânico impotente. Ele apertou as mandíbulas, e sua poderosa mão agarrou o cabo da espada, com uma fúria que lhe embranqueceu os nós dos dedos.

- Vamos! — ele grunhiu.

E continuou a descida pelos degraus cobertos de lodo escorregadio.

Finalmente, a escada espiralada terminou num chão uniforme de pedra umedecida, sumida numa

negrura gelada. O oscilante brilho alaranjado da tocha revelou uma fileira dupla de colunas toscamente entalhadas, que se estendiam pela caverna escura como a poderosa sala de um templo obscuro de deuses antigos. Com as espadas em punho, os dois homens desceram rapidamente em direção a esta nave de colunas, tão vastas e poderosas quanto as árvores mais eretas e titânicas. Rostos monstruosos os contemplavam, profundamente talhados nas escuras pedras eretas. Não eram rostos humanos,

observou Kull com um ar carrancudo. Mas não se deteve por isso.

No final, a nave de colunas se abria para um enorme anel de pedras eretas. No centro, havia um altar de cristal negro: um cubo gigantesco de obsidiana resplandecente. De cada lado, chamas gêmeas e azuladas piscavam em largas urnas de latão, ardendo na escuridão como os olhos acesos de uma besta gigantesca e inimaginável.

Brule agarrou o braço nu de

Kull, fazendo esforço para reprimir uma exclamação.

Escondido sobre os degraus que conduziam ao altar, nu como um bebê, havia um homem sentado que tocava uma flauta. A cacofonia ululante e demoníaca de sua melodia enlouquecedora se elevava, insuportavelmente forte, batendo o cérebro como martelos amortecidos que golpeiam implacáveis a própria cidadela da razão. Kull emitiu um grunhido lá do fundo da garganta e viu, claramente revelado, o rosto do homem. O flautista lançou a cabeça

para trás, extasiado, ao mesmo tempo em que aumentava o som de sua canção demoníaca.

Era o poeta Talígaro!

Talígaro, o poeta mimado, sedoso e lânguido, cujas rimas melindrosas traziam frenesi a toda esta metrópole de sonhos; Talígaro, o tímido e afetado poeta... agora encolhido como um animal, nu e coberto de suor, tocava a flauta como um bacante enlouquecido, prostrado servilmente diante de um altar pagão.

Então, apareceram os outros

fiéis, que se deslizaram em grupos de dois e três, saindo de entre as colunas. Estavam envoltos em capas de veludo negro, com as cabeças encapuzadas. Mas, quando a melodia enlouquecedora se elevou num atropelado frenesi, tiraram as capas e começaram a se prostrar diante do reluzente cubo de cristal, da cor do ébano.

Lá estavam os nobres e senhores de Kamula: homens e mulheres com os quais participara de festas, com os quais havia conversado durante sua prolongada

e indolente estadia nesta cidade erguida ao redor de uma colina. Lá estava o gordo Ergon, barão da costa setentrional, movendo-se como um sapo nu, fazendo balançar obscenamente sua pança gorda. E lá estava também Nargol, o filho de uma casa antiga e honrosa, completamente nu à luz das chamas gêmeas de safira. Nargol, que era sempre tão rígido e aristocrático!

Foi então que ele viu o que estava sobre o altar negro.

Era Grogar, que jazia

esparramado, preso por argolas de ferro nos tornozelos e pulsos. Seu corpo nu brilhava de umidade, devido a centenas de diminutos cortes, que salpicavam sua figura de bronze com o cálido líquido gotejante do sangue. Tinha o rosto voltado para Kull, e quando o rei contemplou aqueles olhos de mirada fria e vazia, aquela mandíbula caída que deixava a boca aberta, percebeu, pela contração dos lábios, de onde havia surgido aquele grito horrível e agonizante, cheio de desespero, que tinham

ouvido enquanto desciam pela escada de pedra, depois de ter tido que suportar tormentos inacreditáveis. E aquela coisa nua e salpicada de sangue se atropelava estupidamente e se deslizava lentamente sobre o altar negro, como a essência da cobra condenada que se deslizava sobre os solos de vermelho vivo do próprio inferno.

Dois olhos flamejaram! Kull ficou rígido, e um suor frio brotou em pequenas gotas sobre seu torso nu. Do alto do altar, brilharam duas

esferas gêmeas, dotadas de uma pálida chama verde... e se moveram!

A aguda e rangente melodia da flauta se elevou mais ainda, como se tentasse atrair algo. Os dançarinos se entregaram a uma série de movimentos selvagens, com os braços erguidos e as cabeças jogadas para trás. Aquele rito horripilante estava a ponto de alcançar seu apogeu.

Lentamente, com uma ondulação que se torcia e enroscava sobre si mesma, o gigantesco verme

desceu, deslizando-se pela pedra tosca da mais alta das colunas. Ninguém sabia de que greta desconhecida conseguira sair, mas a música e o movimento dos dançarinos o haviam feito sair de sua moradia tenebrosa.

A brilhante lesma negra, de trinta metros de comprimento, era como um rio deslizando de lodo gelado. Dois olhos em forma de discos brilhavam suavemente, acima da mandíbula aberta, da qual babava um líquido estragado e repugnante. Aquela coisa

deslizante se dirigia lentamente ao altar.

Estremecido até o fundo de sua alma, Kull se perguntou quantos milhares de vezes, nas longas eras do passado, aquele pesadelo putrefato havia se arrastado

para fora de seu esconderijo com a intenção de... alimentar-se.

Os antigos símbolos gravados nas paredes de rocha do abismo não eram tão estranhos para o rei, pois mesmo na distante e selvagem Atlântida, ele tinha ouvido pronunciar em voz baixa aquele

nome terrível: Zogthuu! Zogthuu, c
que se desliza na noite, o
espantoso, repugnante e imortal
deus-verme, cujo culto havia sido
exterminado há muitos séculos... e
que agora aparecia vivo nos negros
abismos existentes sob Kamula!

O maligno verme, como um rio
fétido de azeite negro, pairou sobre
o altar, contemplando, com os
olhos semicerrados, o picto nu.
Apesar de sua loucura, Grogar viu e
soube qual seria o horror definitivo,
destinado a se tornar seu fim.
Lançou um grito terrível, capaz de

amedrontar a alma, e que deve ter lhe rasgado o pescoço...

Kull então se lançou como um tigre enfurecido!

O selvagem vermelho que havia nele despertou em seu peito. Uma fúria incontida se apossou dele como uma maldição rubra, nublou sua visão já turva e fez chegar a seus lábios um grunhido de ira bestial. Saltou como uma pantera e se plantou em meio aos dançarinos servis, prostrados ao seu redor, com a poderosa espada desembainhada. Os fiéis se lançaram sobre ele, mas

seu aço relampejou à direita e esquerda, e os homens caíram para trás, agarrando os cotos dos quais brotava sangue, onde antes havia mãos.

Saltou até o pé do altar, onde Talígaro, com olhos de louco, o mirou inexpressivamente. O aço frio cruzou o ar, como um relâmpago, e sua labareda glacial afundou no pútrido coração do poeta. A flauta demoníaca caiu daqueles dedos que a seguravam debilmente, sem energia.

Logo, montou sobre o altar,

ficando entre o impotente picto e a cabeça oscilante do verme horrendo. Aqueles olhos reluzentes e inumanos lhe miravam, com uma labareda de um jade fosforescente de intensidade brilhante. Kull devolveu o olhar, atravessando a penumbra que o envolvia, olhando para as profundezas, para a própria alma de Zogthuu. E lá, bem no fundo dos olhos do verme monstruoso, Kull viu algo que despertou um temor primitivo e petrificante em sua alma, um terror jamais experimentado por qualquer

outro homem mortal; sua carne ficou paralisada, como se estivesse subitamente à mercê do forte sopro de um poderoso vento gelado, surgido das profundidades de pesadelo do abismo negro dos infernos cósmicos, situados além do espaço e do tempo.

Porque lá dentro, nos olhos ardentes do verme monstruoso, brilhava uma espantosa inteligência — fria, solitária e torturada além de todo tormento que se pudesse imaginar.

Uma bÍlis azeda se elevou,

repugnante, na garganta de Kull. Pois, naquela repugnante longitude de baba gelatinosa, se escondia uma mente pensante, consciente e horripelantemente sensível.

Encerrar um cérebro vivo na prisão fétida desta coisa fantasmagórica constituía uma idéia que ultrapassava os efeitos de dez mil infernos. A este castigo eterno e imortal os deuses haviam condenado um dos seus, que devia ter cometido algum crime imemorável, cuja maldade ultrapassava toda imaginação

humana.

Kull golpeou como um homem enlouquecido. O aço brilhante assobiou e afundou na massa gelatinosa, que não lhe ofereceu resistência alguma. Um enorme pedaço de substância fétida se desprendeu e caiu ao chão de pedra com um ruído surdo. Mas Zogthuu não pareceu sentir nada; sua palpitante carne amebóide não ofereceu a menor resistência ao aço de Kull. Os golpes, dados um atrás do outro como um pilão, atravessavam o verme demoníaco

sem lhe causar dano algum.

A petrificada tristeza, que se escondia para sempre naqueles olhos terríveis e inteligentes, não desapareceu com nenhum pestanejar de dor. O reluzente corpo babante continuou deslizando sobre o altar, e as mandíbulas, babantes e sem presas, se abriram, em busca da carne de Kull.

Passo a passo, o rei se viu obrigado a recuar, até que seus ombros nus encostaram na superfície quente da alta urna de

latão, onde bailavam umas chamas azuladas. Mais um momento, e o verme estaria sobre ele. Kull sabia que não podia rechaçar aquela coisa deslizando que avançava implacável. Tampouco Brule poderia ajudá-lo, pois, em algum lugar às suas costas, percebeu o ruído da luta do guerreiro picto, que detinha a horda de fiéis enlouquecidos. Sua mente buscou desesperadamente uma saída!

Zogthuu continuou fluindo até ele, como um rio lodoso de azeite negro, e então, um brilho de

inspiração surgiu nos olhos de Kull. Voltou-se para um lado, no momento em que o verme demoníaco se lançava para a frente como uma cobra. Agarrou com as duas mãos a urna de latão e a sacudiu, soltando-a do pedestal e inclinando-a sobre aquela coisa negra e rastejante. A urna caiu em cheio sobre o lombo de Zogthuu.

O azeite se derramou da pesada urna, ensopando os ondulantes anéis negros da besta; e, um instante depois, o fogo seguiu o rastro brilhante do azeite

derramado... e Zogthuu se incendiou como uma gigantesca tocha viva!

Uma labareda azul envolveu toda a longitude retorcida de seu corpo, de um extremo a outro, com flamas que chamuscavam e abrasavam como mil ferros de tortura ao vermelho vivo. E, agora sim, agora uma dor enlouquecida apareceu nos olhos reluzentes do verme. Durante todos os eons de pesadelo de sua existência eterna, Zogthuu talvez nunca houvesse experimentado a fúria de uma dor,

exceto pelo tormento interno de sua alma, encerrada na repugnante prisão de um corpo inimaginavelmente asqueroso. Agora, uma aguda dor vermelha flamejava em seus olhos grandes; e as mandíbulas, sem presas nem língua, se abriram num grito silencioso.

O azeite havia encharcado profundamente a carne esponjosa e gelatinosa. Em poucos instantes, o enorme verme não era mais que uma massa de fluido ardente, que inundava o estrado, formando uma

enorme poça pútrida de lodo ardente. Kull saltou como uma mola até onde estava Brule, ofegante, rodeado pela pilha de corpos ensangüentados dos fiéis mortos.

- Não resta nenhuma esperança para Grogar. — gemeu Brule — Aquele cão do Nargol me lançou uma adaga, me agachei para evitá-la e a lâmina afundou na garganta de Grogar.

- Que Valka acolha o espírito do pobre coitado. — disse Kull, carrancudo — Mas é melhor assim.

Se estivesse vivo, não seria mais do que um doido varrido. Em troca, uma morte limpa, causada por uma lâmina de aço...

- Sim! É a morte de um guerreiro! Kull apontou para a escada distante.

- Vamos sair deste maldito poço, antes que fiquemos assados.

Enquanto subiam a escadaria espiralada, a mente de Kull continuava se vendo perseguida por aquela coisa que ele tinha visto nos olhos moribundos de Zogthuu, apenas um instante antes do

monstro se desintegrar numa confusa e estranha mistura de lodo ardente.

Perguntou a si mesmo se, por acaso, aquela inteligência torturada e triste, que havia existido durante eras incontáveis por trás daqueles olhos brilhantes, dentro de seu pútrido corpo de verme, lhe havia dirigido um último e imperturbável olhar de patética gratidão por ter lhe soltado, finalmente, de sua prisão repugnante, permitindo entrar assim na noite eterna da morte.

Talvez...

Acima deles, através da porta que ainda permanecia parcialmente aberta, entrava o ar fresco e limpo do mundo superior, e a luz brilhante do sol que iluminava um mundo onde, certamente, jamais poderiam existir os horrores que haviam presenciado lá embaixo.

O Feiticeiro e o Guerreiro (fragmento)

Três homens estavam sentados diante de uma mesa, jogando. Pelo parapeito de uma janela aberta, sussurrava uma brisa suave, soprando as tênues cortinas e levando aos jogadores o perfume de rosas, parreiras e plantas verdes.

Três homens estavam sentados diante de uma mesa. Um deles era um rei; outro, o príncipe de uma antiga linhagem, e o outro era o

chefe de uma nação terrível e bárbara.

- Ponto! — disse Kull, rei da Valúsia, enquanto movia uma das figuras de marfim — Meu mago ameaça seu guerreiro, Brule.

Brule acenou com a cabeça. Não era um homem tão corpulento quanto o rei,

mas era de compleição firme — compacto, embora esbeltamente constituído. Kull era o tigre, Brule era o leopardo. Brule era um picto e escuro como toda sua raça. Feições imóveis sobre uma cabeça elegante,

pescoço forte, ombros maciçamente compostos e peito profundo. Estes traços, com suas pernas e braços musculosos, eram típicos da nação à qual ele pertencia. Mas, em um aspecto, Brule diferia dos homens de sua tribo, pois, enquanto os olhos destes eram, em sua maioria, marrom cintilante ou ferozmente negros, os dele eram de um profundo azul vulcânico. Em algum lugar no seu sangue, havia uma vaga descendência de celtas, ou daqueles selvagens disseminados que viviam em cavernas de gelo,

perto do Círculo Ártico.

- Um mago é um homem difícil de derrotar — disse este homem —, neste jogo, ou no jogo verdadeiro e rubro da batalha... bem, houve uma vez em que minha vida pendeu na balança do poder entre um mago picto e eu... ele tinha seus feitiços, e eu, uma lâmina bem-forjada...

Ele fez uma pausa para beber profundamente de um copo escarlate de vinho, que se encontrava diante de seu cotovelo.

- Conte-nos a história, Brule. — insistiu o terceiro jogador.

Ronaro, príncipe da grande casa de Atl Volante, era um jovem esbelto e elegante, com uma cabeça esplêndida, belos olhos escuros e um agudo rosto intelectual. Ele era o patrício... o mais elevado tipo de inteligência aristocrática que qualquer terra já havia produzido. Os outros dois, por sua vez, eram sua antítese. Ele nasceu num palácio; quanto aos outros, um havia nascido numa cabana de vime, e o outro numa caverna. Ronaro remontava às suas origens dois mil anos, através de uma

linhagem de duques, cavaleiros, príncipes, homens de estado, poetas e outros. Brule conseguia remontar seus ancestrais vagamente por uns poucos séculos, e mencionava entre eles chefes vestidos de pele, guerreiros pintados e emplumados, xamãs com máscaras de caveira de bisão e colares com ossos de dedos... um ou dois rei de ilhas, cujas cortes eram em cabanas de lama, e um ou dois herói lendários, semi-deificados por proezas de força física ou de massacre. Kull nem

sequer sabia quem eram seus próprios pais.

Mas, nos semblantes dos três, brilhava uma igualdade além dos grilhões de nascimento e circunstância — a aristocracia do Homem. Estes homens eram patrícios naturais, cada um ao seu modo. Os ancestrais de Ronarc eram reis; os de Brule, chefes em roupas de pele; os de Kull podem ter sido escravos ou chefes tribais. Mas, ao redor dos três, havia aquele elemento indefinível que destaca o homem superior e destrói a ilusão

de que todos os homens nascem iguais.

- Bem — os olhos de Brule se encheram de lembranças pensativas —, aconteceu no

início de minha juventude; sim, na minha primeira incursão de guerra. Ah, eu já havia matado um homem ou mais nas brigas de pescaria e nas festas tribais, mas ainda não tinha sido ornamentado com as cicatrizes do guerreiro do clã... — ele apontou o peito nu, onde os ouvintes viram três pequenas marcas horizontais, mal

perceptíveis no poderoso peito, bronzeado de sol, do picto.

Ronaro o observava com infalível interesse, enquanto ele falava. Estes bárbaros ferozes, com sua vitalidade primitiva e petulância direta, intrigavam o jovem príncipe. Anos na Valúsia, como um dos mais fortes aliados do império, haviam bordado uma mudança externa no picto — não o haviam domesticado, mas dado a ele um verniz de cultura, educação e reserva. Mas, debaixo daquele verniz, brilhava o cego selvagem

negro de sempre. Esta mudança ocorrera mais extensamente em Kull, outrora guerreiro da Atlântida, agora rei da Valúsia.

- Kull e Ronaro — disse Brule —, nós, das Ilhas, somos todos de um sangue, mas de várias tribos, e cada tribo tem costumes e tradições peculiares a cada uma. Todos nós reconhecemos Nial, dos Tatheli, como o rei principal, mas seu governo é flexível. Ele não interfere em nossos assuntos; nem cobra impostos, ou taxas como chamam os valusianos, de ninguém, exceto

dos Nargi, dos Dano e dos Matadores de Baleia, que vivem na ilha de Tathel com sua própria tribo. A estes ele protege contra outras tribos, e por essa razão, ele coleta impostos. Mas ele não toma impostos de minha tribo, os Bornis, nem de qualquer outra tribo. Nem interfere quando duas tribos entram em guerra... a não ser que alguma ataque as três que lhe pagam tributo. Quando a guerra é lutada e vencida, ele arbitra sobre o assunto, e seu julgamento é definitivo: quais mulheres

roubadas devem ser devolvidas, qual o pagamento em canoas de guerra a ser feito, qual o preço a ser pago em sangue, e assim por diante. E, quando os lemurianos, os celtas, ou qualquer nação estrangeira ou bando de saqueadores nos atacam, ele manda recado para que todas as tribos esqueçam suas rixas e lutem lado a lado. O que é uma coisa boa. Ele poderia ser o tirano supremo, se quisesse, pois sua própria tribo é muito forte; e, com a ajuda da Valúsia, poderia fazer o que

quisesse... mas ele sabe que, embora possa, com suas tribos e aliados, esmagar todas as outras tribos, nunca haveria paz novamente, mas revolta enquanto um Borni, um Sungara, um Matador de Lobos ou quaisquer um dos homens das tribos estivesse vivo.

O Feiticeiro e o Guerreiro

(versão final)



Três homens estavam sentados diante de uma mesa, concentrados em um jogo com peças talhadas em marfim. Acima do parapeito da janela aberta, penetrava uma fraca brisa, carregada com o forte perfume das rosas do jardim que havia mais adiante, iluminado pela lua. Três homens sentados diante de uma mesa. Um era um rei, o segundo um príncipe de linhagem nobre e antiga, e o terceiro o chefe de uma nação bárbara e terrível.

- Veja! — disse Kull, rei da Valúsia, enquanto movia uma das

figuras de marfim sobre o tabuleiro
— Meu feiticeiro ameaça o seu
guerreiro, Brule.

Brule concordou, pensativo, e estudou a posição das peças. Não era um homem tão corpulento quanto o rei, embora fosse de constituição firmemente amarrada, compacta e, no entanto, ágil. Se o rei Kull era como um tigre, Brule era como um leopardo. Este Brule era um picto, selvagem e moreno como todos de sua raça, que mostrava nu o corpo bronzeado, exceto pela tanga de couro e o

cinturão feito de discos de prata.

Seus traços imóveis e sua cabeça orgulhosamente levantada combinavam muito bem com seu pescoço grosso e musculoso, com os fortes ombros delgados e com o peito largo. Esta musculatura, elegante e poderosa, constituía uma das características de sua tribo, bárbara e guerreira, das Ilhas Pictas, mas havia um aspecto nele que diferia dos companheiros de sua tribo. Enquanto eles possuíam reluzentes olhos negros, os seus ardiam com um estranho e

profundo azul. Alguma parte de seu sangue devia estar misturada com alguma vaga descendência dos celtas, ou daqueles selvagens disseminados que viviam em cavernas de gelo no frio norte, perto da distante e fabulosa Thule.

Brule contemplou pensativamente o tabuleiro e sorriu com expressão inexorável.

- Ameaçado? Talvez. Mas é sempre difícil derrotar um feiticeiro, Kull, seja neste jogo, ou no jogo sangrento da guerra. Ah! Houve um tempo em que minha

própria vida dependeu do equilíbrio de poder entre um feiticeiro picto e eu mesmo. Ele possuía encantamentos, e eu dispunha apenas de minha espada de ferro bem forjada.

Bebeu profundamente da taça de vinho tinto, perto de seu cotovelo.

- Conte-nos sua história, ó, Brule. — pediu o terceiro jogador.

Ronaro, príncipe da grande casa de Atl Volante, era um jovem esbelto e elegante, dotado de uma esplêndida cabeça, extraordinários

olhos escuros e um rosto de olhar intenso e inteligente. Neste trio tão estranhamente mal formado, Ronaro era o patrício inato, o tipo mais nobre produzido pela ilustre aristocracia do antigo reino da Valúsia. Os outros dois eram, de certo modo, sua antítese. Ronaro havia nascido em um palácio; os outros, um havia visto pela primeira vez a luz do dia pela abertura de uma cabana feita de arbustos, e o outro de uma caverna. Ronaro podia seguir sua árvore genealógica até dois mil anos atrás,

através de uma variada série de duques e cavaleiros, príncipes e estadistas, poetas e reis. Até Brule, o picto selvagem, sabia algo sobre seus ascendentes e podia citá-los até remontar-se um ou dois séculos no passado, e entre eles haviam capitães vestidos de pele, guerreiros coroados com plumas; sábios xamãs com máscaras de caveira de bisões e colares feitos com ossos de dedos humanos; podia chegar até o rei de uma ilha ou duas, e um herói lendário semi-divinizado pelas festas que

celebravam as habilidades guerreiras e o valor sobre-humano. Quanto a Kull, entretanto, seus antepassados eram um mistério. Nem sequer conhecia os nomes de seus pais. Havia surgido das profundezas de uma escuridão sem nome, para transformar-se em rei de um glorioso império.

Mas, nos semblantes destes três homens brilhava uma igualdade que superava os obstáculos do nascimento ou da circunstância: a aristocracia natural da verdadeira masculinidade.

Apesar de suas origens e passados tão diferentes, estes três homens haviam nascido patrícios, cada um a seu modo. Os antepassados de Ronaro eram reis; os de Brule, chefes selvagens, e, quanto aos de Kull, poderiam ter sido escravos... ou deuses! Mas cada um deles possuía essa aura indefinível que distingue o homem verdadeiramente superior e despedaça a ilusão daqueles que imaginam que todos os homens nascem iguais.

- Bem — começou a dizer Brule,

com os olhos azuis escurecidos por sombras melancólicas —, isso aconteceu no começo de minha juventude. Sim, foi durante a minha primeira incursão guerreira contra a tribo de Sungara. Até esse dia, nunca havia percorrido a vereda da guerra. Bom, na verdade, já havia tido um vislumbre do que significa matar a um homem, em brigas de pesca e em festas tribais, mas nunca havia lutado contra os inimigos do meu povo, nem havia ganhado as cicatrizes próprias dos Assassinos de Lanças, o clê

guerreiro de elite de meu povo.

E ao dizer isto, apontou o peito nu, onde Kull e Ronaro puderam observar as três cicatrizes horizontais, que brilhavam com um branco pálido contra a pele bronzeada de seu poderoso peito.

Enquanto Brule continuava falando, o príncipe Ronaro lhe observou com um crescente interesse. Estes bárbaros, com suas atitudes tão simples e diretas, e sua vitalidade rústica e primitiva, não deixavam de intrigar e fascinar o jovem nobre. Os anos que havia

passado na Valúsia de torres púrpuras, como aliado respeitado do império, haviam produzido uma mudança exterior no picto; se bem que isso não havia mudado sua natureza interna, o tempo havia lhe dado ao menos uma certa aparência de cultura e afabilidade social. Mas isso era apenas pouco mais que um verniz e, por debaixo da superfície, ardia a velha e vermelha ira do selvagem. Quanto a Kull, uma mudança muito mais ampla havia alterado a atitude do atlante, em consonância com as mais pesadas

responsabilidades de um rei. Mas Brule continuou falando, e Ronarc prestou toda a sua atenção à lenta e reflexiva voz do guerreiro picto.

- Você, Kull, e também você, Ronaro, são de raças e nações diferentes, mas nós, das Ilhas, somos todos do mesmo sangue, mas de muitas tribos, e cada tribo possui seus costumes e tradições que lhes são próprios e peculiares. Cada uma delas conta com seu próprio chefe. Todos nós reconhecemos Nial de Tatheli, que governa as ilhas como dono e

senhor, ainda que dirija as rédeas do reino com mãos leves.

"Ele não se intromete em nossos assuntos pessoais, nem impõe tributos ou taxas, como dizem os povos civilizados, exceto aos nargi, os danyo e os assassinos de baleias que habitam a ilha de Tathel e que se acham sob sua proteção. Deles recebe tributos, mas nunca dos de meu povo, os bornis, nem de nenhuma outra tribo. Tampouco, ele interfere quando duas tribos entram em guerra, a menos alguma tribo invada as três que lhe pagam

tributo. E uma vez que se haja livrado e ganhada a guerra, arbitra entre as tribos envolvidas na contenda, para decidir que mulheres raptadas devem ser devolvidas, que pagamentos de guerra devem ser feitos, que preço de sangue deve pagar-se pela matança, e assim sucessivamente. E suas decisões são definitivas e absolutas.

"E, quando os lemurianos, os celtas, os atlantes, ou qualquer outra nação estrangeira ou bando de saqueadores nos atacam, ele

ordena a todas as tribos esqueçam suas disputas e lutem lado a lado. Assim, já chegou a acontecer que bornis e sungaras, o povo dos lobos ou a tribo da ilha vermelha terem lutado uns juntos aos outros, esquecendo todas as suas desavenças. E é bom que isso seja assim. Ele poderia ser um tirano supremo, se quisesse, pois sua própria tribo é muito forte; e, com a ajuda da Valúsia, ele poderia fazer o que quisesse... mas ele sabe que, embora pudesse, com suas tribos e aliados, esmagar todas as outras

tribos, nunca haveria paz novamente.

"Na época da qual estou falando, os sungaras eram nossos inimigos. Haviam atravessado os limites de nosso território e queriam tomar certo vale que era nosso terreno de caça preferido. Nial já sabia, desde muito, mas quando organizamos a guerra, ele não interveio. Eu, como jovem guerreiro, que não estava ainda treinado para a batalha, fui com meus camaradas. No começo me senti entusiasmado, pois por fim

experimentaria pela primeira vez a fama da guerra. Ansiava receber estas orgulhosas cicatrizes sobre mim, naquele peito então liso, assim como homens anseiam as mulheres, o ouro ou as coroas. Somente se eu demonstrasse minhas habilidades na guerra, poderia ser iniciado e admitido entre os Assassinos da Lança, e pertencer assim à elite de guerreiros desse orgulhoso clã. Decidi me destacar sobre todos os demais jovens da minha idade, e nisso consistiu meu erro... E aí

encontrei minha oportunidade!
Mas me adiantei demais na
narração de minha história".

Enquanto escutava pensativo,
com o queixo apoiado sobre sua
poderosa mão, a mente de Kull
visualizou passagens de sua
própria infância nos bosques, ao
mesmo tempo em que Brule
continuava narrando sua história.

- Os feiticeiros de minha tribo
nos pintaram o rosto de azul, que é
sagrado para os deuses do céu, e
embeberam as nossas lanças e
espadas de bronze com a cor

mágica. Meu coração se enchia com um grande orgulho, porque eu, Brule, era o único entre todos os demais guerreiros que não levava lâmina de sílex ou bronze, mas sim uma espada de bom ferro forjado. Esta era minha primeira incursão, e para esse acontecimento tão importante para mim, meu pai pôs em minhas mãos sua própria espada de ferro. Havia comprado-a anos antes de um mercador da Valúsia, e não havia outra espada como aquela em toda a nação Borni. Nem sequer os membros coroados

de plumas da elite, os pertencentes ao famoso clã guerreiro, levavam uma arma tão poderosa.

"Antes do amanhecer, nos pusemos em marcha através dos bosques verdes e da névoa cinzenta, e cruzamos os amplos alagados, nos dirigimos para as distantes montanhas que se elevavam como figuras púrpuras e brumosas, através da neblina, como velhos reis envoltos em túnicas de veludo dormitando sobre seus poderosos tronos.

"A água dos alagados estava fria

e pegajosa, e enquanto a vadeávamos, rasgávamos a capa de podridão verde que se havia acumulado na superfície, e um odor nauseabundo invadiu nossos narizes, como um fedor insuportável procedente dos poços mais profundos do inferno. Avançamos em uma comprida fileira uniforme, com cada guerreiro marchando perto do chefe de seu clã. Estava difícil vermos uns aos outros, pois o sol havia começado a rasgar o ar tênue com uma radiação escarlate e seus

raios cálidos não fizeram mais do que engrossar a névoa que se elevava sobre as quietas águas como a fumaça de um bosque incendiado. Não demorou, e eu me perdi em meio àquela névoa branca. Isso se deveu em parte a meu próprio erro, pois, em minha ânsia de ultrapassar os demais jovens, me adiantei muito, me distanciando deliberadamente deles.

"Tudo era um silêncio pesado e sonolento, um calor úmido, o fedor da água poluída, os lentos e

obstinados chapinhares de minhas coxas se movendo através das águas estagnadas. A empunhadura de minha espada, envolta em tiras de couro, estava úmida por causa do suor das palmas de minhas mãos. Minha respiração era agitada e se produzia de forma superficial e arquejante, e meu coração batia com avidez e golpeava com força contra a jaula das minhas costelas.

"Então, uns juncos vermelhos arranharam minha barriga e coxas, saí da água e deslizei com rapidez e em silêncio por entre um prado de

alta relva, cheia de gotas e coberta de orvalho. Agora, havia me adiantado bastante em relação a nossa tropa, e antes de se levantar a névoa, já me encontrava subindo as montanhas. Não se percebia o menor sinal ou som de nossos inimigos, os guerreiros sungaras, e meu próprio povo ainda se encontrava muito atrás, perdido na neblina.

"O vale pelo qual lutávamos se achava adiante, depois de uma escarpa rochosa. Não demorei em subir como uma cabra montanhesa

entre os grandes e impressionantes pedregulhos rodeados de dura argila e granito desgastado pelo tempo. A poeira roçava por debaixo de minhas sandálias úmidas. Não demorou muito, e minhas pernas úmidas e nuas se achavam cobertas de um pó arenoso até a metade de minha coxa.

"Foi então quando me encontrei com meu inimigo.

"Encontrava-se de pé sobre um espaço plano, no alto de um grande rochedo que dominava a extensão do terreno coberto pela névoa,

como a cabeça de um titã caído transformada em pedra eterna pela implacável petrificação de milênios incomensuráveis. Vimos um ao outro no mesmo e fugas instante.

"Era A a-thak, o rei feiticeiro dos sungaras, alto e feroz como um falcão de bronze, com seu corpo delgado horrivelmente coberto de peles, plumas e miçangas de cores brilhantes. Sete caveiras humanas estavam penduradas em uma tira de couro negro que levava presa ao pescoço. A caveira de um leão gigantesco formava seu capacete, e

os caninos de marfim da mandíbula superior traçavam sombras sobre as sobrancelhas pintadas. Não usava armas, mas em uma mão de aspecto ágil apoiava um grande bastão de comando, de madeira negra talhada com bárbaros rostos demoníacos e terríveis glifos de alguma espécie de idioma mágico. Apesar de toda a minha animosa coragem juvenil, o coração me afundou no peito ao vê-lo, pois sabia da má sorte que havia tido. Ansiava e estava disposto a medir minha habilidade guerreira, meu

valor masculino e o fio da espada de ferro do meu pai, mas... que guerreiro pode lutar contra o incrível poder da mais negra das magias?

"Ao ver-me, seus olhos relampejaram como uma chama dourada, com o olhar feroz do falcão que está de caça e se acende ao detectar a presa impotente. Me dei conta então de que ele havia se colocado ali para deter os nossos guerreiros com sua feitiçaria, e ao levantar o bastão de ébano talhado contra mim, o reconheci como

sendo a vara e o cetro de seu poder mágico, pois eu tinha visto um parecido nas mãos do xamã da minha própria tribo. Eu mesmo o havia visto produzir, com esse mesmo bastão, estranhas maravilhas diante das imagens dos deuses, durante as festas e os sacrifícios da estação. Mas não na guerra. Nós, os bornis, não utilizamos a magia na guerra. O vil sungara, entretanto, se propunha a utilizar as forças negras de uma magia ímpia contra nossos desprevenidos guerreiros.

"Apesar do sangue ter me gelado nas veias com um temor supersticioso, meu coração se endureceu com um acesso de raiva e fúria, transformado em um punho de ferro, ao dar-me conta deste truque sujo de nossos ignóbeis inimigos.

"Aa-thak se adiantou um passo sobre a plana superfície do rochedo, fechando-me o caminho e me apontando o seu bastão negro. Durante todo esse tempo, seus brilhantes olhos de falcão se fixaram intensamente nos meus,

como dois pedaços de carvão gêmeos acesos. Seus lábios, duros e delgados, tão cruéis quanto o bico do falcão, pronunciaram um nome, ante cujas terríveis sílabas as montanhas pareceram gemer e as rochas estremeceram debaixo de nós.

"Instintivamente, levantei minha espada contra ele, como se me dispusesse a me defender de um ataque. Quando o abalo formigante de sua magia me golpeou e me aturdiu o corpo da cabeça aos pés, o ferro da espada se

pôs em vermelho vivo contra a palma de minha mão, e apesar das tiras de couro que envolviam a empunhadura, me chamuscou como ferro em brasa. Durante um momento minha visão enfraqueceu, meus músculos se amaciaram como cera quente, meu cérebro caiu envolto pelas brumas... Mas isto foi só por um momento! A espada de ferro parecia zumbir quente em minha mão, e o intumescimento desapareceu repentinamente de meu cérebro.

"Seus olhos me miraram

assustados. Seu semblante rígrado perdeu a dura segurança de sua expressão. Então me dei conta de que, de algum modo, sem saber como nem por que, o ferro frio de minha velha espada havia absorvido ou desviado por completo toda a força do ataque de sua bruxaria.

"Voltou a dirigir-me um olhar de força gelada. Minha consciência cambaleou de novo, como o piscar da chama de uma vela atingida por uma repentina lufada de vento. Entretanto, mais uma vez, o ferro

da arma absorveu ou refletiu o raio de poder mágico que ele havia dirigido contra mim.

"O tempo pareceu ficar suspenso. O mundo afundou a nosso redor, envolvendo-nos como um globo de pesado cristal. Nada existia dentro daquela esfera de silêncio, exceto o feiticeiro e o guerreiro. Encontrávamos-nos em um ponto morto, como se tivéssemos empatado, como em um jogo. Seus feitiços eram anulados pelo meu ferro. Não podia me vencer com seu estranho poder,

mas eu tampouco podia avançar um só passo contra as paralisantes ondas de força que me obrigavam a permanecer onde estava, como se tivesse criado raízes na rocha. E nós permanecemos assim, naquele beco sem saída".

- O que aconteceu então? — perguntou Kull, depois de molhar a garganta. O picto sorriu com uma careta.

- Lancei minha espada para frente e cortei seu bastão em dois, com a mesma facilidade com que um machado pode cortar uma

árvore pequena — respondeu Brule pondo-se a rir — Não podia mover os pés, mas sim arremessar a lâmina. Logo afundei sessenta centímetros de ferro em suas entranhas, derrotamos os sungaras e os fizemos recuar entre gritos. Mais tarde, Nial de Tatheli decidiu em nosso favor, e aquele vale continuou sendo nosso para sempre. E foi assim que me tornei um Assassino da Lança! É o movimento mais simples e inesperado que quebra toda a situação de ponto morto, do mesmo

modo que eu quebro o seu xeque-mate, ó rei...

E sua mão desceu então sobre o tabuleiro de jogo e moveu sua peça, apoderando-se do feiticeiro de marfim de Kull.

Brule e Ronaro se puseram a rir. Kull emitiu um grunhido de tristeza, e um sorriso de admiração se estendeu sobre seu rosto ranzinza e impassível.

- Você ganhou a partida, Brule, e não posso questionar nada. Minha simpatia sempre estará do lado do guerreiro contra o feiticeiro. A

magia fracassa, como não pode ser de outro modo, contra a forte vontade e a inteligência do homem, do mesmo modo que meu cérebro cambaleia sob os efeitos desse vinho tão forte, porque de outro jeito, me daria conta da armadilha que havia me feito.

Mas apesar de tudo, pediu mais vinho e propôs jogar outra partida.

**Com Este Machado, Eu
Governo!**



1) "Minhas canções são cravos para o ataúde de um rei"

- O rei deve morrer à meia-noite!

Quem havia falado assim era alto e magro; uma cicatriz encurvada, perto de sua boca, lhe dava um aspecto insolitamente sinistro. Os que lhe escutaram, concordaram, com olhares brilhantes. Eram quatro: um homem baixo e gordo, com um rosto tímido, uma boca débil e uns olhos exagerados que lhe davam um aspecto de permanente

curiosidade; um sombrio gigante, peludo e primitivo; um

homem alto e nervudo, com as roupagens de bufão, cujos olhos azuis emitiam um brilho que não parecia ser de todo sensato; e um anão robusto, anormalmente largo de ombros e com braços compridos.

O que falara primeiro sorriu, de uma forma glacial.

- Façamos o juramento que não pode ser quebrado, o juramento da adaga e do fogo. Confio em vocês, oh, sim, claro que sim. Mas é muito

melhor que cada um de nós tenha a segurança mais absoluta. Observo tremores em alguns de vós.

- Fica muito bem que tu o digas, Ardyon. — disse o homem baixo e gordo — De qualquer modo, já és um proscrito, um fora-da-lei, cuja cabeça foi posta a prêmio. Tens muito o que ganhar e nada a perder, enquanto nós...

- Tens muito que perder e muito mais a ganhar. — lhe interrompeu o proscrito, imperturbável — Me chamaste, me fez sair de meu esconderijo nas montanhas, para

que os ajudasse a derrubar o rei. Tenho preparado os planos, tenho posto a arapuca, mantido a isca e estou preparado agora para destruir a presa, mas pra isso, tenho que estar seguro do vosso apoio. O jurareis?

- Já basta de estupidez! — exclamou o homem de intensos olhos azuis — Sim, o juraremos este amanhecer e, à noite, teremos o rei dançando na corda. "Oh, o canto dos carros de guerra e o rumor das asas dos abutres!".

- Podes deixar suas canções para

outro momento, Ridondo. — disse Ardyon com uma gargalhada — Este é o momento para usar as adagas, e não as rimas.

- Minhas canções são cravos para o ataúde de um rei! — exclamou o menestrel, ao mesmo tempo em que sacava uma adaga longa e fina. — Varlets, traga aqui uma vela. Eu serei o primeiro a prestar o juramento!

Um escravo sombrio e silencioso trouxe uma vela, e Ridondo se espetou no pulso, fazendo brotar sangue. Um após

outro, todos os demais imitaram-lhe o exemplo e logo sustentaram cuidadosamente os pulsos ensangüentados, para que o sangue ainda não pingasse. Se tomaram depois as mãos e formaram um círculo, com o círio aceso no centro, e fizeram avançar os pulsos até ele, de modo que as gotas de sangue caíram em cima e, enquanto a chama diminuía, repetiram:

- Eu, Ardyon, um homem sem terra, juro cumprir o prometido e guardar silêncio, e que meu juramento seja inquebrável.

- E também juro eu, Ridondo, primeiro menestrel da corte de Valúsia!

- E o mesmo juro eu, Enaros, comandante da Legião Negra! — disse o gigante.

- E o mesmo juro eu, Ducalon, conde de Komahar! — disse o anão.

- E o mesmo juro eu, Kaanub, Barão de Blaal! — disse o homem baixo e gordo, com uma trêmula voz aguda.

A luz da vela tremeluziu e se apagou, esmagada pelas gotas cor-de-rubi que caíram sobre ela.

- Que assim se apague a vida de nosso inimigo — concluiu Ardyon.

Soltou as mãos de seus colegas e fitou-lhes um após outro, com um desprezo cuidadosamente oculto. O proscrito sabia que os juramentos podiam romper-se, inclusive os "inquebráveis", mas também sabia que Kaanub, de quem mais desconfiava, era um homem supersticioso. Valia a pena levar em consideração qualquer possível custódia, por mais leve que pudesse parecer.

- Amanhã... — disse Ardyon,

bruscamente — Ou melhor, hoje mesmo, pois já amanhece, Brule, o assassino da lança e mão direita do rei, parte em direção a Grondar, na companhia de Ka-nu, o embaixador picto; irão acompanhados por uma escolta de pictos e uma boa quantidade dos Matadores Vermelhos, a guarda pessoal do rei.



- Efetivamente... — assentiu Ducalon com certa satisfação — Esse plano foi teu, Ardyon, mas eu o fiz funcionar. Disponho de um parente no conselho de Grondar, e

foi bastante simples convencer o rei de Grondar a solicitar a presença de Ka-nu. E, como está claro que Kul quer honrar Ka-nu acima de qualquer outro, deve ir acompanhado de escolta suficiente.

O fora-da-lei assentiu com um gesto.

- Bem. Por fim, através de Enaros, consegui corromper um oficial da guarda vermelha. Esta noite, logo antes da meia-noite, esse oficial afastará seus homens do dormitório do rei, com o pretexto de investigar algum ruído

suspeito, ou algo parecido. Previamente, nós estaremos infiltrados no palácio, misturados com os cortesãos, e estaremos esperando, os cinco, e dezesseis desesperados, a quem fiz convocar para que descessem de suas montanhas, e que agora se acham escondidos em diversos lugares da cidade. Assim, pois, seremos vinte e um contra um só...

Pôs-se a rir. Enaros assentiu com um gesto, Ducalon sorriu com uma careta,

Kaanub se pôs pálido e Ridondc

esfregou alegremente as mãos, e cantou entoadamente:

- Por Valka, que todos recordarão esta noite, quando soarem as cordas douradas! A queda do tirano, a morte do déspota... que canções poderei compor!

Seus olhos se incendiaram com uma selvagem luz fanática, e os outros se viraram a olhá-lo, com expressões de dúvida. Todos, exceto Ardyon, que inclinou a cabeça para esconder uma careta. Logo, o proscrito se ergueu de repente:

- Já basta! Que cada um volte agora a seu posto habitual, e que nem uma só palavra, ato ou olhar traiam o que está na mente de todos nós. — Hesitou por um momento, olhou para Kaanub e acrescentou: — Barão, a palidez de vosso rosto os delata. Se Kull se encontra convosco e lhe miras com aqueles penetrantes olhos cinzas, o derrubarás. Será melhor que se dirijas à vossa mansão e espere lá, até que lhe chamemos. Porque, com quatro, bastamos.

Kaanub quase esteve a ponto de

cair, devido à sua reação de alegria, e foi embora, balbuciando incoerências. Os demais saudaram o proscrito, com um gesto, e se retiraram.

Ardyon se espreguiçou como um grande felino e sorriu. Chamou um escravo e chegou um tipo de aspecto sombrio, em cujo ombro se via a cicatriz, marcada a fogo, que sinalizava os ladrões.

- Amanhã, sairei até a sacada e deixarei que o povo da Valúsia me contemple. — disse Ardyon, bebendo a taça que lhe aproximava

— Faz meses, desde que me chamaram para descer das montanhas, que tenho me escondido como uma ratazana, tenho vivido no próprio coração de meus inimigos, me afastando da luz durante o dia, encolhido e mascarado pelas noites, quando tinha que caminhar por becos sem saída e corredores escuros à noite. E, no entanto, consegui o que esses senhores rebeldes não haviam conseguido. Trabalhar através deles e de muitos outros agentes, muitos dos quais nem sequer viu o meu

rosto, dedicado a semear o descontentamento e a corrupção por todo o império. Tenho subornado e agitado os funcionários, estendido a revolta entre o povo e, em resumo, trabalhado na sombra, preparado o caminho para a queda do rei que agora se senta, coroado no mesmo sol. Ah, meu amigo, quase havia esquecido que fui um estadista, antes de um proscrito, até que Kaanub e Ducalon mandaram me buscar.

- Trabalhas com estranhos

colegas. — disse o escravo.

- São homens débeis, porém fortes nas suas maneiras de atuar.

— replicou languidamente o proscrito — Ducalon é um homem astuto, ousado e audaz, e tem parentes que ocupam altos postos na corte, mas está submerso na pobreza e as propriedades despojadas que possui se acham sobrecarregadas de dívidas. Enaros não é mais que uma besta feroz, forte e valente como um leão, com uma influência considerável entre os soldados, mas de resto um inútil,

pois lhe falta o cérebro que merece ter. Kaanub é astuto ao seu modo e não deixa de ser um pequeno tramante, mas é estúpido e um covarde; avaricioso, mas possuidor de uma imensa riqueza, que tem sido essencial aos meus propósitos. Quanto a Ridondo, não é mais do que um poeta louco, cheio de planos concebidos nos pêlos, valoroso mas inconstante; um favorito entre o povo, graças às suas canções, que sabem rasgar as cordas de seus corações. Ele é nossa melhor aposta para alcançar a

popularidade, uma vez que tenhamos alcançado nosso propósito.

- Quem subirá ao trono, então?

- Kaanub, sem dúvida, isto é, ao menos o que ele crê! Tem, em suas veias, um rastro de sangue real, o sangue daquele rei a quem Kull matou com as próprias mãos. Um grave erro por parte do rei atual. Sabe que ainda restam homens que fanfarroneiam descender da velha dinastia, mas os deixou com vida. Tão logo, Kaanub conspira para apoderar-se do trono. Ducalon

deseja recuperar o benefício que desfrutava no antigo regime, para poder elevar suas possessões e seu título, até recuperar a antiga grandeza perdida. Enaros odeia Kelkor, o comandante dos Matadores Vermelhos, e crê que deveria ser ele a ocupar esse posto. Deseja se tornar o comandante de todos os exércitos da Valúsia. Quanto a Ridondo... bah! C desprezo e admiro ao mesmo tempo. É um verdadeiro idealista. Vê em Kull o estrangeiro, o bárbaro, o selvagem rude, com as

mãos manchadas de sangue, que apareceu do mar para invadir uma nação pacífica e agradável. Idealizou ao rei que Kull assassinou, esquecendo-lhe a natureza vil. Esquece todas as desumanidades, sob as quais o país gemeu durante seu reinado, e é o mais apto para fazer o povo esquecer. Já canta o Lamento pelo rei, no qual santifica o vilão e vilipendia Kull como "o selvagem de coração negro". Kull ri dessas canções e tolera Ridondo, mas ao mesmo tempo se pergunta por que

o povo se revolta contra ele.

- Mas, por que Ridondo odeia Kull?

- Porque é um poeta, e os poetas odeiam a quem detêm o poder, e se voltam até os tempos do passado, em busca de alívio para seus sonhos. Ridondo é uma tocha acesa de idealismo, e ele mesmo se concebe como um herói, como um cavaleiro sem marcha que se ergue para derrubar o tirano.

- E vós?

Ardyon pôs-se a rir e esvaziou o conteúdo de sua taça.

- Eu tenho idéias próprias. Os poetas são perigosos, porque crêem no que cantam em cada momento. Eu, por minha vez, creio no que penso. E acho que Kaanub não poderá conservar o trono por muito tempo. Há uns poucos meses, eu já havia perdido todas as minhas ambições, exceto a de assaltar povoados e caravanas enquanto vivesse. Agora, no entanto... agora veremos.



2) "Naquele momento, fui o libertador, e agora..."

Uma habitação estranhamente vazia, em contraste com os ricos tapetes nas paredes e os tapetes afofados que cobriam o chão. Uma pequena escrivaninha, atrás da qual

se achava sentado um homem. Um homem que se destaca entre um milhão, e não só devido ao seu tamanho insólito, sua altura ou seus grandes ombros — embora, por si só, estas características contribuíssem para causar este efeito —, mas devido a seu rosto, moreno e imóvel, capaz de sustentar qualquer olhar, e a seus rígidos olhos cinzas, que poderiam impor, com seu frio magnetismo, a vontade de seu dono sobre os demais.

Cada movimento que realizava,

por mais rápido que fosse, fazia ressaltar os rígidos músculos de aço, e o cérebro se conectava com esses músculos, numa perfeita coordenação. Não havia nada de deliberado, nem de pré-concebido, nesses movimentos; ou bem se sentia perfeitamente satisfeito no descanso, ainda que se assemelhasse a uma estátua de bronze, ou bem se achava em movimento, com essa rapidez felina que nublava a visão de quem tentasse seguir seus movimentos.

Agora, este homem apoiava o

queixo sobre o punho, com os cotovelos apoiados sobre a escrivaninha, e observava obscuramente o homem que se encontrava de pé, diante dele. Este último estava ocupado, por um momento, em seus próprios assuntos, dedicado a amarrar os nós do peito. E mais, assobiava distraidamente, uma atitude estranha e pouco convencional, sobretudo tendo-se em conta que se encontrava na presença de um rei.

- Brule... — disse o rei — Estas questões de estado me cansam

como nem uma batalha o faria.

- Isso faz parte do jogo, Kull. — comentou Brule — É o rei, e deve representar esse papel.

- Desejaria cavalgar com você e acompanhar-lhe até Grondar. — disse Kull, com uma expressão de inveja — Tenho a impressão de que se passaram muitos anos, desde a última vez que tive um cavalo entre as pernas, mas Tu me assegura que há assuntos que exigem minha presença aqui. Maldito seja!

"Há meses, muitos meses — prosseguiu, com uma crescente

melancolia ao não obter resposta, falando com total liberdade —, derrubei a velha dinastia e me apoderei do trono da Valúsia, com o qual eu sonhara desde que era um garoto, criado nos territórios dos homens de minha tribo. Isso foi fácil. Agora, ao olhar para trás e ver o longo e duro caminho percorrido, ao pensar naqueles tempos de trabalhos, matanças e tribulações, me parece que são como outros tantos sonhos. De um aldeão atlante que era, passei pelas galeras da Lemúria, nas quais trabalhei

durante dois anos como remador escravo; logo fui um proscrito forada- lei nas montanhas da Valúsia, depois um prisioneiro em suas masmorras, um gladiador em suas arenas, um soldado em seus exércitos, até me tornar seu comandante e, finalmente, seu rei.

"O problema comigo, Brule, é que não sonhei mais além. Sempre havia fantasiado até o momento de apoderar-me do trono, mas não mirei mais longe. Quando o rei Borna caiu morto a meus pés e lhe arranquei a coroa ensangüentada,

alcancei os limites máximos de meus sonhos. Desde então, tudo tem sido um labirinto de ilusões e erros. Me preparei para apoderar-me do trono, mas não para conservá-lo.

"Ao derrubar Borna, o povo me aclamou; naquele momento, fui o libertador, e agora... agora murmuram e dirigem olhares sombrios às minhas costas, cospem na minha sombra quando acham que não os olho. Colocaram uma estátua de Borna, esse suíno morto, no Templo da Serpente, e o povo

comparece a ela para chorar, para aclamá-lo como um monarca santificado, que foi assassinado por um bárbaro com as mãos manchadas de sangue. Quando, como um soldado, dirigi seus exércitos à vitória, a Valúsia deixou de lado o fato de que eu era um estrangeiro; agora, não consegue me perdoar por isso.

"E agora, no Templo da Serpente, vão queimar incenso em memória a Borna... exatamente os mesmos homens a quem seus carrascos cegaram e mutilaram,

pais cujos filhos morreram nas
masmorras, maridos cujas
mulheres foram raptadas para fazer
parte de seu harém. Bah! Os
homens são uns estúpidos."

- Em grande parte, Ridondo é c
responsável por isso. — disse o
picto, apertando em mais um
buraco o cinto da espada — Entoa
canções que enlouquecem os
homens. Pendure-o, em suas
roupas de palhaço, na torre mais
alta da cidade. Que componha
rimas para os abutres.

Kull sacudiu sua cabeça leonina.

- Não, Brule, está fora do meu alcance. Um poeta é maior que qualquer rei. Me odeia e, no entanto, me agrada a sua amizade. Suas canções são mais poderosas que meu cetro, pois, uma e outra vez, quase rasgou-me o coração quando decidiu cantar para mim. Eu morrerei e serei esquecido, mas suas canções viverão eternamente.

O picto encolheu os ombros.

- Como queira. Continua sendo o rei, e o povo não pode lhe fazer cair. Os Matadores Vermelhos são seus até o último homem, e tem

toda a nação picta atrás de si. Ambos somos bárbaros, ainda que tenhamos passado a maior parte de nossas vidas neste país. E agora vou embora. Não tem nada a temer, salvo uma tentativa de assassinato, que tampouco há de temer, tendo em conta o fato de que sua pessoa se acha protegida, dia e noite, por um esquadrão de Matadores Vermelhos.



Kull ergueu a mão, num gesto de despedida, e o picto deixou a sala, com o ruído metálico de sua armadura.

Naquele momento, outro homem reclamou sua atenção, lembrando a Kull que, a um rei, o tempo nunca lhe pertence por inteiro.

Este homem era um jovem nobre da cidade, chamado Seno Val Dor. Este famoso e jovem espadachim se apresentou ante o rei, com evidentes sinais de

experimentalmente uma grande perturbação mental. Sua capa de veludo estava enrugada e, ao ajoelhar-se ao chão, o penacho lhe caiu lastimavelmente. Sua vestimenta exibia manchas, como se, em sua agonia mental, houvesse descuidado por completo da atenção a seu aspecto pessoal, por algum tempo.

- Meu rei e senhor — disse em tom de profunda sinceridade —, se o glorioso passado de minha família significa algo para Vossa Majestade, se minha própria

lealdade significa algo para vós, pelo amor de Valka, conceda-me o que lhe peço.

- Diga do que se trata.

- Meu rei e senhor, amo a uma donzela. Sem ela, não posso viver. Sem mim, ela morrerá. Não consigo comer nem dormir, só de pensar nela. Sua beleza me persegue dia e noite, a radiante visão de sua divina formosura...

Kull remexeu-se, inquieto, em seu assento. Nunca havia amado uma mulher.

- Nesse caso, em nome de Valka,

casa-te com ela.



- Ah! — exclamou o jovem —
Esse é o problema, porque ela é
uma escrava chamada Ala, que
pertence a um tal Ducalon, conde
de Komahar. E, nos livros negros da
lei valusiana, se diz que um nobre
não pode casar-se com uma escrava.
Foi sempre assim. Tenho me
dirigido à nobreza, e sempre recebo
a mesma resposta: "Nobre e escravo
não podem contrair matrimônio". É
terrível. Me dizem que, nunca antes
na história do império, se conheceu
o caso de um nobre que quisesse

casar-se com uma escrava. O que isso representa para mim? Apelo a ti, como último recurso.

- Não estaria esse Ducalor disposto a vendê-la?

- O faria, mas isso dificilmente mudaria a situação, porque ela continuaria sendo uma escrava, e um homem não pode se casar com sua própria escrava. Só a desejo como esposa. Qualquer outra saída não seria mais que uma vazia zombaria de todo conteúdo. Desejo mostrá-la ante o mundo, envolta em peles de arminho e coberta de

jóias, como a esposa de Val Dor. Mas isso não ocorrerá, a menos que me ajude. Ela nasceu escrava, de cem gerações de escravos, e continuará sendo escrava enquanto viver, e seus filhos o serão. E, como tal, não pode casar-se com um homem livre.

- Em tal caso, abraça você mesmo a escravidão, para ficar ao lado dela. — sugeriu Kull, olhando atentamente o jovem.

- É isso o que desejo. — respondeu Seno com tanta franqueza e rapidez que Kull lhe

acreditou de imediato — Cheguei a procurar Ducalon e lhe disse: "Tens uma escrava a quem amo; desejo casar-me com ela. Toma-me, então, como escravo para que assim eu possa, assim, estar perto dela". Ele se negou sem rodeios, horrorizado. Estava disposto a me vendê-la, e até a me entregá-la, mas não quis permitir que eu me tornasse seu escravo. E meu pai tem jurado, de forma inquebrável, matar-me se eu degradar, desse modo, o bom nome dos Val Dor. Não, meu rei e senhor, só você pode me ajudar.

Kull chamou Tu e lhe propôs o caso. Tu, o conselheiro-chefe, sacudiu a cabeça, pesaroso.

- Está escrito nos grandes livros encadernados a ferro, tal e qual Seno havia dito. Essa sempre foi a lei, e essa continuará sendo sempre a lei. Nenhum nobre pode casar-se com uma escrava.

- E por que eu não posso mudar essa lei? — perguntou Kull.

Tu colocou diante dele uma tabuleta de pedra, na qual fora gravada a lei.

- Esta lei existe há milhares de

anos. A vês, Kull? Foi esculpida nesta tabuleta pelos primeiros legisladores, já faz tantos séculos, que um homem poderia passar a noite toda contando-os e não acabaria. Nem vós, nem qualquer outro rei pode mudar isso.

Kull experimentou repentinamente a nauseante e debilitante sensação de impotência, algo que ultimamente havia começado a invadi-lo com certa freqüência. Parecia-lhe que a realeza não era mais que outra forma de escravidão; sempre fizera

o que queria contra a vontade alheia, abrindo caminho entre seus inimigos com sua grande espada. Como poderia prevalecer agora contra amigos solícitos e respeitosos, que se inclinavam diante dele e o lisonjeavam, e que, entretanto, se mostravam inflexíveis a tudo que era novo, que se entrincheiravam atrás dos costumes com tradição e antiguidade, e desafiavam tranqüilamente a quem se atrevesse a mudar algo?

- Retire-se. — disse ao jovem,

com um gesto fatigado de sua mão — Sinto muito, mas não posso te ajudar.

Seno Val Dor saiu da sala com coração destroçado, a cabeça e os ombros inclinados, os olhos apagados e arrastando os pés ao caminhar, como se nada tivesse importância alguma para ele.

3) "Pensei que fosses um tigre humano"



Um vento frio soprou por entre os bosques verdes. Um fio de prata abriu caminho, como uma ferida, por entre as grandes árvores, das quais pendiam trepadeiras de cores vivas. Um pássaro cantou e a suave luz solar de fim de verão se deslocou por entre os ramos entrelaçados, para cair em forma de

aveludados desenhos dourados e negros de luz e sombra sobre a terra coberta de capim. Em meio a esta quietude pastoril, deitava-se uma jovem escrava, com o rosto oculto entre os suaves braços brancos, e chorava como se o coração lhe fora sido dilacerado. Os pássaros cantavam, mas ela estava surda; o riacho a chamava, mas ela era muda; o sol brilhava, mas ela era cega. Todo o universo era como um vácuo negro, onde só a dor e as lágrimas eram reais.

Em seu estado, ela não ouviu os

passos rápidos, nem viu o homem alto, de ombros largos, que surgiu de dentro da vegetação espessa e ficou ali, em pé diante ela. Não se deu conta de sua presença, até que ele se ajoelhou, levantou-a em seus braços e limpou-lhe os olhos com as mãos, tão suavemente como o faria uma mulher.

A jovem escrava ergueu o olhar e contemplou um rosto impávido e moreno, com uns rígidos e frios olhos cinzas que, agora, se encontravam estranhamente abrandados. A julgar por seu

aspecto, sabia que este homem não era um valusiano, e em tempos tão difíceis, não era bom que uma jovem escrava como ela fosse surpreendida por um estranho, num bosque solitário, sobretudo se ele fosse um estrangeiro. No entanto, se sentia desgraçada demais para ter medo e, além do mais, o homem parecia gentil.

- O que está havendo, garota? — ele perguntou.

E, como uma mulher que se encontra na dor mais extrema tende a expor seus sofrimentos a qualquer

um que demonstre interesse e simpatia, ela sussurrou:

- Oh, senhor, sou uma mulher muito desgraçada. Amo a um jovem nobre.

- Seno Val Dor?

- Sim, senhor. — respondeu ela, olhando-o com surpresa — Como sabe? Deseja casar-se comigo e hoje, depois de haver tentado em vão obter o consentimento, recorreu ao próprio rei. Mas o rei se negou a ajudá-lo.

Uma sombra passou pelo rosto moreno do estranho.

- Seno disse que o rei se negou?

- Não, o rei convocou o conselheiro-chefe e discutiu com ele, por um momento, mas acabou cedendo. Oh! — soluçou — Já sabia eu que seria inútil! As leis da Valúsia são inalteráveis, não importam o quão sejam cruéis e injustas! São maiores que o próprio rei.

A jovem sentiu os músculos dos braços sustentando-a, inchados e endurecidos, transformados em grandes cabos de ferro. Pelo rosto do estranho passou uma expressão

de impotência.

- Com certeza... — murmurou em voz baixa — As leis da Valússia são maiores que o rei.

Contar-lhe seus problemas havia ajudado um pouco a jovem, que agora secou os olhos. As escravas estão acostumadas a suportar problemas e sofrimentos; mesmo este, que havia lhe dilacerado a vida.

- Seno odeia o rei? — perguntou o estranho. Ela negou com um gesto da cabeça.

- Não. Ele entende que o rei não

pode fazer nada.

- E você?

- Eu... o quê?

- Você odeia o rei?

Os olhos da garota se acenderam.

- Eu! Quem sou eu, oh senhor, para odiar um rei? Jamais me ocorrera tal coisa.

- Me alegra ouvir-lhe dizer essas palavras. — disse o homem, com um tom de voz pesado. — A final, o rei não é mais que um escravo, aprisionado por correntes mais pesadas.

- Pobre homem. — ela exclamou, apiedada, ainda que sem compreender totalmente. E logo acendeu sua cólera: — Mas odeio essas leis cruéis às quais o povo obedece! Por que não podem mudar as leis? O tempo nunca fica parado! Por que as pessoas de hoje devem se ver governadas por leis que foram feitas por nossos antepassados bárbaros, há milhares de anos? — Ela se deteve subitamente e olhou, temerosa, ao seu redor. — Não o diga a ninguém. — sussurrou, apoiando a

cabeça, suplicante, sobre o ombro de seu acompanhante — Não é próprio de uma mulher, e muito menos uma escrava, que se expresse de forma tão desavergonhada diante de alguém. Seria açoitada por meus senhores, se eles tomassem conhecimento.

O homem corpulento sorriu.

- Pode ficar tranqüila, garota. Nem o próprio rei se sentiria ofendido por seus sentimentos. Na verdade, creio que ele está bastante de acordo contigo.

- Tens visto o rei? — perguntou

ela, com uma curiosidade infantil que superou, por um momento, a desgraça que sentia.

- Freqüentemente.

- E é verdade que ele mede mais de dois metros e quarenta de altura? — perguntou com avidez — E que tem chifres sob a coroa, como dizem as pessoas?

- De modo algum. — ele respondeu, rindo — Lhe falta mais de meio metro para alcançar a altura que descreve, pois, quanto ao tamanho, poderia ser meu irmão gêmeo. Não chegamos nem a um

centímetro de diferença.

- E é tão amável quanto vós?

- Às vezes, quando não se sente agitado por assuntos de governo que não compreende, e pela superficialidade de umas pessoas que nem sempre podem compreendê-lo.

- É realmente um bárbaro?

- É, na realidade: nasceu e passou sua primeira infância entre os bárbaros pagãos que habitam o país da Atlântida. Teve um sonho e o realizou. Como era um grande lutador e um selvagem espadachim,

como era muito hábil no combate e agradava muito aos mercenários bárbaros do exército valusiano, terminou por transformar-se em rei. Mas o trono cambaleia sob ele, porque é um guerreiro, não um político, e sua habilidade com a espada de nada lhe serve agora.

- E é muito prejudicado?

- Nem sempre. — respondeu o homem corpulento, com um sorriso. — Às vezes, quando escapa para desfrutar a sós de umas poucas horas de liberdade, caminhando entre os bosques, se

sente quase feliz, sobretudo quando encontra uma garota formosa como...

A jovem lançou um grito, repentinamente aterrorizada, e ficou de joelhos diante dele.

- Oh, meu senhor, tende piedade! Não o sabia... tu és o rei!

- Não temas. — Kull se ajoelhou de novo a seu lado e a envolveu com um braço, notando que a garota tremia dos pés à cabeça — Antes, disse que era amável...



- E o sois, meu senhor. — ela sussurrou debilmente — Eu... pensei que fosses um tigre humano, a julgar pelo que dizem os homens, mas agora vejo que sois afável e terno, ainda que... sejas o rei, e eu...

De repente, completamente confusa e perplexa, ela se levantou em um pulo, pôs-se a correr e logo desapareceu. Perceber que o rei, a quem só sonhara ver algum dia, à distância, era o homem a quem

havia contado suas aflições, a encheu de vergonha e confusão, e produziu-lhe um terror quase físico.

Kull deu um suspiro e se levantou. Os assuntos do palácio voltavam a reclamar sua atenção, e tinha que voltar para defrontar-se com problemas, de cuja natureza não tinha mais que uma vaga e remota idéia, e sobre cuja solução não tinha nenhuma idéia.

4) "Quem quer morrer primeiro?"

Vinte pessoas deslizavam furtivamente, através do máximo silêncio que rodeava os corredores e salões do palácio. Seus pés sigilosos, calçados com sapatos de couro macio, não produziam o menor ruído sobre os tapetes fofos ou as lajes de mármore claro. As tochas colocadas entre os nichos, ao longo dos corredores e salões, brilhavam com tonalidades vermelhas e se refletiam nas adagas desembainhadas, nas espadas de lâminas largas e nos machados afiados.

- Alto, alto todos! — disse Ardyon, que se deteve um instante para olhar atrás, pra seus seguidores — Pare com essa maldita respiração ruidosa, seja quem for. O oficial da guarda noturna deslocou todos os guardas de todos os corredores e patamares de escada, mediante ordem direta ou embriagando-os, mas devemos ter cuidado. É uma sorte para nós que esses malditos pictos, os lobos ágeis, estejam de farra no consulado ou a caminho de Grondar. Silêncio! Para trás, aí ven

a guarda!



Se amontoaram todos atrás de

uma enorme coluna, capaz de esconder um regimento inteiro de homens, e esperaram. Quase que imediatamente, apareceram dez homens, altos e bronzeados, vestidos com armaduras vermelhas, que avançavam como se fossem estátuas de ferro. Iam fortemente armados e, nos rostos de alguns deles, se observava uma ligeira incerteza. O oficial que os comandava estava bastante pálido. Seu rosto estava riscado por duras linhas e levou uma das mãos à frente, para limpar o suor, no

momento em que a guarda passou diante da enorme coluna, atrás da qual se escondiam os assassinos. Era um homem jovem, e esta traição a um rei não lhe era nada fácil.

Passaram diante deles, com ruído metálico de armas, e desapareceram pelo corredor.

- Bem. — disse Ardyon em voz baixa, com um sorriso — Foi cumprido o prometido. Agora Kull dorme desprotegido. Depressa, temos muito que fazer! Se nos pegam assassinando-o, estaremos

perdidos, mas um rei morto se transforma facilmente numa simples lembrança. Se apressem!

- Sim, depressa! — disse Ridondo em voz baixa.

Se apressaram pelo corredor, já sem tomar precauções, e pararam diante de uma porta.

- Aqui! — apontou Ardyon — Enaros, abra-me esta porta.

O gigante lançou todo o seu peso contra o painel, e se produziu um rugido de trancas e um estalo de madeira. A porta cedeu e se abriu toda para dentro.

- Entrem! — gritou Ardyon, incendiado pela intenção de assassinar.

- Entrem! — rugiu Ridondo — Morte ao tirano...

Todos pararam involuntariamente. Kull os enfrentava. Não era um Kull sem roupas, desperto repentinamente de um sono profundo, confuso e desarmado diante daqueles carniceiros, como uma ovelha desamparada, mas um Kull plenamente desperto e feroz, parcialmente vestido com a

armadura de um Matador Vermelho, com uma longa espada na mão.

Kull havia se levantado tranqüilamente, uns poucos minutos antes, incapaz de dormir. Havia tido a idéia de pedir ao oficial da guarda que entrasse em seu aposento, para conversar um pouco com ele; mas, ao olhar pelo olho-mágico da porta, o viu à frente de seus homens, afastando-se. Imediatamente, na mente desconfiada do rei bárbaro, surgiu a suspeita de que se cometia um ato

de traição contra a sua pessoa. Nem sequer lhe ocorreu chamar os homens para que voltassem, pois imaginou que também faziam parte da conspiração. Não havia nenhum bom motivo para que se produzisse esta deserção. Assim que Kull começou a vestir tranqüilamente a armadura que sempre tinha à mão, e mal tinha acabado de fazê-lo, Enaros se lançou contra a porta e a abriu.

Por um momento, a cena pareceu ficar congelada. Os quatro nobres rebeldes que se

encontravam junto à porta e os dezesseis proscritos desesperados que lhes seguiam, se viram contidos simplesmente pelo terrível olhar do gigante silencioso que se erguia no meio do quarto real, com a espada preparada.

- Matem-no! — gritou Ardyon, então — É apenas um contra vinte, e está sem o capacete!

Com um grito que se elevou até o teto, todos os assassinos entraram no aposento. O primeiro de todos foi Enaros. O fez como um tourc lançando o ataque, com a cabeça

inclinada e a espada baixa, disposta a rasgar-lhe as entranhas. Kull saltou para partir a seu encontro, como um tigre poderia fazer contra um touro, e todo o peso da poderosa força do rei se concentrou no braço que empunhava a espada. A grande lâmina reluziu no ar, traçando um arco sibilante, e se espatifou contra o capacete do comandante. Lâmina e capacete se encontraram estrondosamente e romperam-se ao mesmo tempo. Enaros rolou sem vida sobre o chão, enquanto Kull recuou, segurando o

punho da espada, do qual desaparecera a maior parte da lâmina.

- Enaros! — exclamou surpreso, quando o capacete destroçado deixou à mostra a cabeça esmagada.

Logo, o resto do grupo se arremessou sobre ele. Sentiu que a ponta de uma adaga lhe escorregava ao longo das costelas, e lançou o atacante para o lado, com um poderoso movimento de seu braço esquerdo. Amassou a espada quebrada entre os olhos de outro atacante e o deixou sem sentidos,

sangrando no solo.

- Que quatro de vocês vigiem a porta! — gritou Ardyon, que se movia na beirada daquele redemoinho de aço.

Temia que Kull, com seus enormes peso e velocidade, pudesse abrir caminho entre eles e escapar. Quatro dos rebeldes recuaram e postaram-se diante da única porta do quarto. Nesse exato momento, Kull saltou até a parede e retirou dela um velho machado de guerra, que possivelmente estivera pendurado ali durante cem anos.

De costas contra a parede, encarou-os por um momento e logo saltou adiante. Kull não era um lutador defensivo! Sempre era ele que levava o combate ao campo do inimigo. Um só movimento do machado serviu para estender um dos proscritos ao chão, com um ombro gravemente fendido. E, movendo o machado em sentido contrário, ele amassou o crânio do outro. Uma espada se estatelou, então, contra o peito de sua armadura, de tal modo que, se não a tivesse vestido, morreria ali

mesmo. O que mais lhe preocupava era proteger a cabeça, que estava descoberta, assim como os espaços entre o peito e as costas, pois a armadura valusiana era intrincada e ele não havia tido tempo para amarrá-la completamente. Já sangrava dos ferimentos recebidos na face, nos braços e nas pernas, mas seus movimentos eram tão rápidos e mortais, e tão grande sua habilidade como combatente, que, apesar de contarem com todas as possibilidades a seu favor, os assassinos vacilaram em seu

ataque. Além do mais, seu número já se via consideravelmente reduzido.

Por um momento, o cansaram com uma chuva de golpes e estocadas, mas logo retrocederam e o rodearam, enquanto ele, por sua vez, investia e detia seus golpes; um par de cadáveres estendidos ao chão constituía uma silenciosa mostra da estupidez do plano daqueles assassinos.

- Cavalheiros! — gritou Ridondo num acesso de raiva, jogando para trás o capuz que lhe cobria a

cabeça, mirando seus
companheiros com expressão de
cólera selvagem — Se acovardam
diante do combate? O déspota deve
continuar vivendo? A ele!

Se precipitou para a frente, mas
Kull, ao reconhecê-lo, deteve a
estocada com um tremendo golpe
curto; e logo, com um empurrão, o
fez retroceder cambaleante,
fazendo-o cair de pernas bem
abertas sobre o solo. O rei recebeu,
no braço esquerdo, uma estocada
de Ardyon, e o proscrito só salvou a
vida ao agachar-se diante do

machado de Kull, vendo-se obrigado a recuar. Um dos bandidos se agachou e lançou-se contra as pernas de Kull, confiante em derrubá-lo desta maneira, mas, depois de resistir por um breve instante contra o que parecia uma sólida torre de ferro, levantou o olhar só a tempo de ver como o machado descia sobre ele, mas não de evitá-lo. Enquanto isso, um de seus colegas havia erguido a espada com ambas as mãos, e descarregou-a com tal força, que cortou a placa que cobria o ombro esquerdo de

Kull, e feriu-lhe o mesmo. Num instante, o peito de Kull se encontrou cheio de sangue.

Ducalon, em sua selvagem impaciência, driblou seus atacantes à direita e esquerda, e se arremessou para a frente com uma selvagem estocada dirigida contra a cabeça de Kull. Este se agachou a tempo, e a espada passou assobiando por cima, cortando-lhe uma mecha do cabelo. Evitar os golpes de um anão como Ducalon é difícil para um homem da altura de Kull.

O rei girou sobre os calcanhares e golpeou desde o flanco, como o salto de um lobo, traçando um amplo arco para baixo. Ducalon caiu para trás, com todo o lado esquerdo dilacerado, pelo qual se lhe derramavam os pulmões.

- Ducalon! — exclamou Kull, ofegante — Eu reconheceria esse anão no inferno!...

Se endireitou para defender-se das loucas investidas de Ridondo, que voltou a atacar sem proteger-se, armado apenas com uma adaga. Kull saltou para trás e levantou o

machado.

- Ridondo! Para trás! — gritou com voz aguda — Não te farei mal...

- Morra, tirano! — gritou, por sua vez, o enlouquecido menestrel, que se lançou de cabeça sobre o rei.

Kull retrocedeu o golpe que se dispunha a dar, até que foi tarde demais. Somente ao sentir a mordida do aço sobre seu flanco desprotegido, desferiu o machado num frenesi de desespero cego.

Ridondo caiu ao chão, com o crânio esmagado, e Kull voltou a

recuar contra a parede, enquanto o sangue brotava da ferida em seu flanco, através dos dedos da mão que ele havia, instintivamente, levado até lá.

- Em frente, agora! A ele! — rugiu Ardyon, preparado para encabeçar o ataque.

Kull apoiou as costas contra a parede e ergueu o machado. Oferecia uma imagem terrível e primitiva. As pernas bem afastadas, a cabeça inclinada, uma mão avermelhada agarrando-se à parede em busca de apoio, a outra

sustentando o machado no alto, enquanto suas ferozes feições permaneciam congeladas numa expressão de ódio, e os olhos frios miravam através de uma bruma de sangue, que dificultava sua visão. Os homens vacilaram; era possível que o tigre estivesse a ponto de morrer, mas ainda era capaz de produzir a morte.

- Quem quer morrer primeiro?
— provocou Kull, através dos lábios esmagados e ensangüentados.

Ardyon saltou como só um lobo o faria, se deteve quase em pleno

ar, com a incrível velocidade que lhe caracterizava, e caiu prostrado para evitar a morte que lhe assobiava na forma da lâmina avermelhada do machado. Agitou freneticamente os pés para afastar-se dali e girou até um lado, bem a tempo de evitar o segundo golpe que lhe dirigiu Kull, uma vez recuperado de seu falido primeiro intento. Desta vez, o machado afundou a muito poucos centímetros das pernas de Ardyon, que girava precipitadamente sobre si mesmo.

Outro impaciente se arremessou naquele instante, seguido sem muita convicção por seus companheiros. O primeiro imaginou chegar diante dele e lhe alcançar, antes que pudesse erguer o machado do chão, e acabar com sua vida, mas não levou em conta a velocidade dos movimentos do rei, ou iniciou seu ataque um segundo tarde demais. De qualquer forma, o machado traçou um arco até o alto, golpeando por baixo; o homem se deteve bruscamente, e uma avermelhada caricatura de ser

humano saiu catapultada para trás, contra as pernas de seus companheiros.

Neste momento, passos apressados soaram metalicamente no corredor externo, e os que vigiavam a porta gritaram:

- Vêm soldados!

Ardyon soltou uma praga e seus homens lhe abandonaram de imediato, como ratazanas que abandonam o barco que afunda. Se precipitaram pra fora do aposento, coxeando e deixando atrás de si rastros de sangue. No corredor, se

ouviram gritos e iniciou-se a perseguição.

À exceção dos mortos e moribundos que jaziam no chão, Kull e Ardyon ficaram a sós nos aposentos reais. Os joelhos de Kull se dobravam, e ele se apoiou pesadamente contra a parede, sem deixar de vigiar o proscrito com os olhos de um lobo moribundo. Nesta extrema situação, não fugiu de Ardyon sua cínica filosofia:

- Tudo parece estar perdido, particularmente a honra. — sussurrou — E, no entanto, o rei

morre de pé e...

Fossem quais fossem os pensamentos que lhe passaram pela mente, não chegaram a ser expressos, pois, nesse instante, lançou-se contra Kull ao ver que este usava o braço que segurava o machado, para limpar o sangue que lhe cegava a visão. Um homem com a espada preparada pode ser mais rápido que um homem ferido, que se vê roubado pela surpresa, e que só pode golpear com um machado que pesa como chumbo em seu fatigado braço.



Mas, no exato momento em que Ardyon iniciava sua investida, Senc Val Dor apareceu na porta e, dali

mesmo, arremessou pelo ar algo que brilhou, pareceu cantar e terminou seu vôo ao afundar no pescoço de Ardyon. O proscrito cambaleou, deixou cair a espada e despencou ao chão, aos pés de Kull, inundando o mármore com a torrente de uma jugular cortada, como testemunha muda de que, entre as habilidades de combate de Seno incluía-se o arremesso de faca. Kull observou, desconcertado, o proscrito morto, e os olhos sem vida de Ardyon lhe devolveram um olhar aparentemente zombeteiro,

como se seu dono ainda mantivesse a inutilidade dos reis e proscritos, das conspirações e contra-conspirações.

Logo, Seno se apressou em oferecer seu apoio ao rei, e o quarto logo se viu invadido por homens armados, que vestiam o uniforme da grande família Val Dor, e Kull percebeu que uma jovem escrava lhe sustentava pelo outro braço.

- Kull, Kull, estás morto? — perguntou Val Dor, cujo rosto se encontrava mortalmente pálido.

- Ainda não. — respondeu o rei

com voz rouca — Cuide do ferimento em meu lado esquerdo. Se eu morrer, será por causa dele. É profundo... Ridondo me escreveu nele uma canção de morte... mas os demais não são mortais. Costure-o rapidamente, pois tenho trabalho pra fazer.

Se apressaram em obedecê-lo, admirados, e quando cessou o fluxo de sangue,

Kull, embora estivesse muito pálido pela perda de sangue, sentiu que recuperava um pouco as forças. Agora, todo o palácio estava

alvorocado. As damas, os lordes, os homens armados, os conselheiros, todos compareceram em tumulto, sem deixar de falar. Os Matadores Vermelhos se preparavam, cegos de raiva, dispostos a tudo, ciumentos do fato de que tinham sido outros os que ajudaram seu rei. Quanto ao jovem oficial que havia comandado a guarda, ele fugiu na escuridão e já não se podia encontrá-lo, nem antes nem depois, apesar de ter sido seriamente procurado.

Kull, que continuava mantendo-se tenazmente de pé, sem deixar de

segurar o machado na mão, e apoiado com a outra sobre o ombro de Seno, apontou para Tu, que permanecia ali, de pé, retorcendo as mãos.

- Traga-me a tabuleta onde está escrita a lei referente aos escravos.

- Mas, meu senhor...

- Faça o que lhe digo! — gritou o rei, que levantou o machado. Tu se apressou em obedecer.

Enquanto esperava e as damas da corte lhe rodeavam para curar-lhe as feridas, e tentavam em vão separar seus dedos do cabo do

machado ensangüentado, Kull escutou a história que lhe contou o ofegante Seno.

- Ala ouviu Kaanub e Ducalor conspirarem. Havia se escondido num canto escuro, para chorar ali a sós, por causa de... nossos problemas, e nesse momento se aproximou Kaanub, que havia chegado de sua mansão, e que tremia de terror por medo de que os planos pudessem fracassar, e voltara para se assegurar de que tudo corria bem. A noite não avançara muito, e só então Ala

encontrou uma oportunidade para sair furtivamente e vir me avisar. Mas é um longo caminho da casa de Ducalon até a casa dos Val Dor, sobretudo se uma garota tiver que percorrê-lo sozinha. Assim, apesar de ter reunido meus homens num instante, nós quase chegamos tarde demais.

Kull se segurou com firmeza ao seu ombro.

- Não o esquecerei.

Tu entrou naquele momento. Trazia, numa das mãos, a tabuleta da lei, que colocou com um gesto

reverente na mesa. Kull afastou para um lado todos os que se interpunham em seu caminho e ficou só, de pé.

- Escute-me, povo da Valúsia. — exclamou, sustentado pela vitalidade bestial que lhe era peculiar — Estou aqui, de pé... e eu sou o rei. Me feriram até quase acabarem comigo, mas sobrevivi a ferimentos maciços. Escutem-me! Já estou farto desta situação. Não sou um rei, mas um escravo! Me vejo obstruído por leis, leis e mais leis! Não posso punir os

malfeitores, nem recompensar os amigos, devido à lei, aos costumes e à tradição. Por Valka! A partir de hoje, serei o rei, tanto de direito quanto de fato. Aqui estão os dois que me salvaram a vida. Em consequência, têm plena liberdade para se casarem e fazerem o que lhes agradar.

Seno e Ala se lançaram aos braços um do outro, com gritos de alegrias.

- Mas a lei... — exclamou Tu.

- Eu sou a lei! — rugiu Kull, levantando o machado. O deixou

cair, com um movimento rápido, e a mesa se fez em pedaços. Os presentes se apertaram as mãos, horrorizados, paralisados, quase como que esperando que o céu caísse sobre eles. Kull retrocedeu, com os olhos relampejantes. A sala pareceu girar por um momento, diante de seus olhos tontos.



- Eu sou o rei, o estado e a lei! — rugiu. Tomou o cetro que estava próximo, o partiu em dois e o arremessou para longe de si — Este

será meu único cetro!

Brandiu o machado no alto e salpicou os pálidos nobres com gotas de sangue. Kull tomou a fina coroa com a mão esquerda, e apoiou as costas contra a parede; só este apoio lhe impediu de cair, mas seus braços ainda conservavam a força dos leões.

- Não sou nem rei, nem cadáver!
— continuou rugindo, com os nodosos músculos avolumados e com uma mirada terrível nos olhos
— Se não gostam de meu reinado... venham e tomem a coroa!

O braço esquerdo estendeu a coroa, enquanto o direito segurava firmemente o ameaçador machado acima dele.

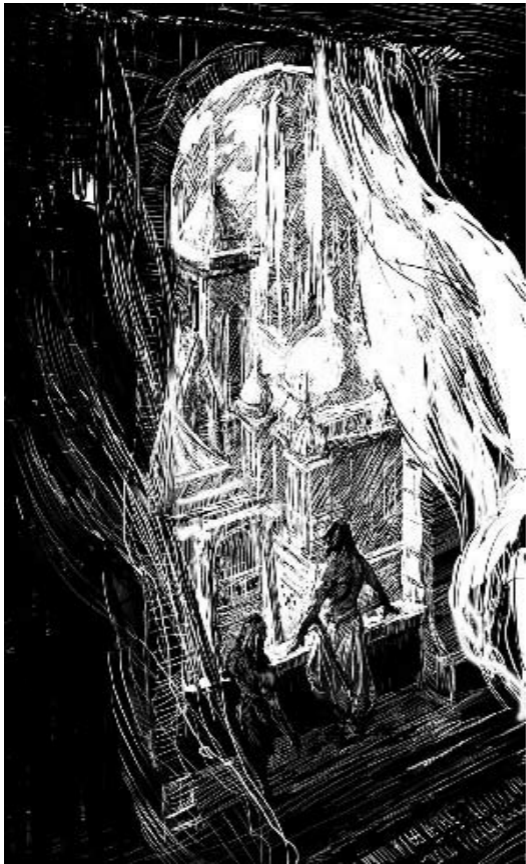
- Com este machado, eu governo! Este é meu cetro! Tenho me esforçado e suado para ser o rei-fantoches que vocês queriam que eu fosse... para governar ao modo de vocês. Agora o farei à minha maneira. Se vocês não vão lutar, devem obedecer. Leis que são justas permanecerão; leis que já passaram do tempo, eu despedaçarei, como despedacei

aquela... porque eu sou o rei!

Lentamente, os nobres pálidos e as damas assustadas se ajoelharam e se inclinaram, em medo e reverência ao gigante manchado de sangue, que elevou-se acima de todos eles, com os olhos inflamados.

- Eu sou o rei!

Espadas do Reino Púrpura



1) "A Valússia conspira atrás das portas fechadas"

Uma quietude sinistra se estendia como um sudário sobre a antiga cidade da Valússia. As ondas de calor dançavam de um telhado reluzente a outro e tremulavam contra as suaves paredes de mármore. As torres púrpuras e os capitéis dourados pareciam suavizar-se sob a débil bruma. Nenhum som, de cascos de cavalo nas amplas ruas pavimentadas por

pedras, interrompia o silêncio sonolento, e os poucos pedestres que se aventuravam a sair faziam suas tarefas rapidamente e voltavam a desaparecer dentro das casas. A cidade parecia um Espadas do Reino Púrpura reino de fantasmas.

Kull, rei da Valúsia, afastou para um lado as cortinas diáfanas e olhou por cima do alizar dourado da janela, sobre o pátio de fontes faiscentes, as sebes recortadas e as árvores podadas, em direção ao muro alto e as janelas negras das

casas, que deteram seu olhar.

- A Valúsia conspira atrás das portas fechadas, Brule. — ele grunhiu.

Seu companheiro, um poderoso guerreiro de rosto moreno e estatura mediana, sorriu duramente.

- Você é desconfiado demais, Kull. É o calor, que obriga o povo a ficar dentro de casa.

- Mas conspiram. — insistiu Kull. Ele era um bárbaro alto, de costas largas, com a constituição típica do verdadeiro lutador:

ombros largos, peito poderoso e quadris delgados. Seus frios olhos cinzas meditavam tristemente sob espessas sobrancelhas negras. Seus traços indicavam claramente sua procedência, pois Kull, o usurpador, era de origem atlante.

- Certo, conspiram. Quando foi que o povo deixou de conspirar, independente de quem estivesse sentado no trono? E, no seu caso, seria explicável.

- Sim. — assentiu o gigante, cujas sobrancelhas se apertaram — Sou um estrangeiro. O primeirc

bárbaro que alcançou o trono valusiano, desde o começo dos tempos. Enquanto fui apenas comandante de suas forças armadas, não levaram em conta o meu lugar de nascimento. Mas agora jogam isso na minha cara, pelo menos com o olhar e com o pensamento.

- E que importância isso pode ter para você? Eu também sou estrangeiro. Na verdade, os estrangeiros governam a Valússia agora, pois o povo se tornou débil e degenerado demais para governar a

si mesmo. Um atlante se senta em seu trono, apoiado por todos os pictos, os aliados mais antigos e poderosos do império. A corte está cheia de estrangeiros, os exércitos estão compostos por mercenários bárbaros, e os Matadores Vermelhos... bom, eles pelo menos são valusianos, mas são homens procedentes das montanhas, que consideram a si mesmos uma raça diferente.

Kull encolheu os ombros, inquieto.

- Sei o que o povo pensa, e com

que aversão e cólera as mais velhas famílias valusianas devem observar a situação. Mas, que outra coisa teriam, do contrário? Com Borna, o império se encontrava em pior situação do que comigo, apesar de ter sido um valusiano nativo, herdeiro direto da antiga dinastia. Este é o preço que uma nação deve pagar pela decadência: de uma forma ou de outra, os povos jovens e fortes aparecem e tomam posse das coisas. Ao menos, reconstruí os exércitos, reorganizei os mercenários e devolvi à Valússia

uma certa medida de sua antiga grandeza internacional. Com certeza, é muito melhor ter no trono um bárbaro capaz de manter unidas as diferentes facções, do que permitir que cem mil homens com as mãos ensangüentadas perambulassem livremente pela cidade, pois isso é o que teria ocorrido a esta altura, se Borna continuasse reinando. O reino desmoronava e se dividia sob seus pés, ameaçado por invasões de todas as partes, e os pagãos grondarianos já se preparavam para

lançar uma incursão de proporções apavorantes... Pois bem, eu matei Borna com minhas próprias mãos naquela noite caótica em que me pus à frente dos rebeldes. Aquela ação impiedosa me valeu não poucos inimigos, mas seis meses mais tarde, eu havia terminado com o caos e as contra-rebeliões, reunificado a nação, quebrado a espinha dorsal da Tripla Federação e esmagado o poder dos grondarianos. Agora, a Valússia dorme em paz e sossegada, e entre uma sesta e outra, conspira para me

derrubar. Não tem havido fome desde que me tornei rei, os armazéns transbordam de grãos, os navios mercantes chegam carregados, as bolsas dos mercadores estão cheias e o povo começa a criar barriga. Mas, apesar de tudo isso, continuam fofocando, e praguejam e cospem sobre minha sombra. O que querem?

O picto esboçou uma careta selvagem e respondeu com amarga ironia:

- Querem outro Borna! Um tirano com as mãos

ensangüentadas! Esquecem da ingratitude dele. Você não se apoderou do reino para favorecê-los, nem o conserva em suas mãos por esse motivo. Havia alcançado uma ambição de toda a vida, e se encontra firmemente instalado no trono. Que murmurem e conspirem o quanto quiserem. Você é o rei.

- Sim, sou o rei deste reino púrpura. — assentiu Kull — E continuarei sendo até o último suspiro, até que meu fantasma percorra o longo caminho das sombras. O que há, agora?

Um escravo se inclinou profundamente diante dele.

- Altíssima majestade: Nalissa, filha da grande casa de bora Ballin, solicita audiência.

Uma sombra se estendeu sobre o olhar do rei.

- Mais súplicas sobre seu incômodo assunto amoroso. — ele disse, com um suspiro, olhando para Brule — Talvez seja melhor você se retirar. — E, virando-se para o escravo, acrescentou: — Deixe-a comparecer ante a minha presença.

Kull se sentou numa cadeira

forrada com veludo e olhou para Nalissa. Ela só tinha uns dezenove anos; vestida à custosa, porém suave, moda das nobres damas valusianas, mostrava uma imagem encantadora, cuja beleza até o próprio rei bárbaro pôde apreciar. Sua pele era de um branco maravilhoso, devido em parte aos numerosos banhos de leite e vinho que tomava, mas sobretudo a uma herança de formosura. Mostrava as bochechas matizadas naturalmente por uma delicada cor rosa, e seus lábios eram cheios e vermelhos.

Sob as delicadas sobranceiras
negras, havia um par de profundos
olhos suaves, tão negros quanto o
mistério, e toda aquela imagem se
via coroada por uma massa de
frisados cabelos negros,
parcialmente presos por um fino
laço dourado.



Nalissa se ajoelhou aos pés do rei, tomou nas mãos suaves aqueles dedos endurecidos pelo manejo da espada e mirou-lhe os olhos, com uma expressão luminosa e carregada de súplica. Dentre todas as pessoas do reino, os olhos de Nalissa eram os únicos que Kull preferia não mirar. Às vezes, observava neles uma grande profundidade de fascinação e mistério. Ela, filha cuidada e mimada da aristocracia, sabia quais eram alguns de seus próprios poderes, mas ainda não conhecia

todos, devido à sua juventude. Kull, que era sábio no conhecimento dos homens e das mulheres, se dava conta de que, com a maturidade, Nalissa estava destinada a alcançar um poder terrível na corte e no país, fosse para o bem ou para o mal.

- Mas, majestade — rogava agora, como uma menina que pede um brinquedo —, permita que eu me case com Dalgar de Farsun. Ele se transformou num cidadão valusiano, e alcançou um alto benefício na corte, como tu mesmo

o dizes. Por que... ?

- Já lhe disse — interrompeu-lhe o rei com impaciência —, não me importa que você se case com Dalgar, com Brule ou com o próprio diabo, mas seu pai não quer que você se case com aquele aventureiro farsuniano e...

- Mas tu podes fazer com que ele consinta! — ela gritou.

- A casa de bora Ballin está entre meus mais fortes partidários. — respondeu o atlante — E Murom bora Ballin, seu pai, é um dos meus melhores amigos. Fez amizade

comigo, quando eu não era mais que um gladiador sem amigos. Me emprestou dinheiro quando eu era apenas um soldado, e apoiou minha causa quando me apoderei do trono. Quer que eu me arrisque a perder essa minha mão direita, obrigando-me a aceitar algo a que ele se opõe violentamente, ou intervindo em assuntos familiares?

Nalissa ainda não havia aprendido que alguns homens não se deixam comover pelas artimanhas femininas. Suplicou, tentou levá-lo na conversa, e até

chorou. Beijou as mãos de Kull, chorou sobre seu peito, chegou a sentar-se sobre seus joelhos e discutiu, tudo isso diante do desconforto do rei, mas não lhe serviu de nada. Kull se mostrou sinceramente compreensivo, porém inflexível. Apesar de todos os atrativos e adulações da jovem, ele só tinha uma resposta: que aquilo não era assunto seu, que o pai dela sabia melhor o que lhe convinha e que ele, Kull, não estava disposto a interferir.

Finalmente, Nalissa desistiu de

suas tentativas e foi embora, com a cabeça baixa e arrastando os pés. Ao sair do salão real, se encontrou com seu pai, que estava chegando naquele momento. Murom bora Ballin, que imaginou qual seria o propósito que induzira sua filha a visitar o rei, não lhe disse nada, mas o olhar que lhe dirigiu indicava bem claramente o castigo que lhe reservava. A jovem subiu à cadeira que lhe esperava, sentindo-se desgraçada, como se o sofrimento que a incomodava não pudesse ser suportado por nenhuma outra

mulher. Então, sua natureza interna se afirmou a si mesma. Em seus olhos escuros, brotou a chama da rebelião, e ela dirigiu umas poucas e rápidas palavras aos escravos que carregavam sua cadeira.



Enquanto isso, o conde Murom se encontrava diante de seu rei, com os traços do rosto

transformados numa máscara de deferência formal. Kull observou aquela expressão, e isso lhe doeu. Existia formalidade entre ele e todos os seus súditos e aliados, exceto com picto Brule e o embaixador Ka-nu, mas aquela formalidade afetada era algo novo para o conde Murom, e Kull não demorou em imaginar a razão.

- Sua filha esteve aqui, conde. — ele disse bruscamente.

- Sim, majestade. — ele assentiu com tom impassível e majestoso.

- Provavelmente, você sabe por

quê. Ela deseja casar-se com Dalgar de Farsun. O conde inclinou levemente a cabeça.

- Se vossa majestade assim deseja, não temos mais que falar nisso. — ele disse, ao mesmo tempo em que umas linhas duras se estendiam por seu rosto.

Inquieto, Kull se levantou, cruzou a sala e se dirigiu para a janela onde, mais uma vez, contemplou a cidade sonolenta. Sem se virar, disse dali:

- Nem pela metade de meu reino, eu ousaria interferir em seus

assuntos familiares, e muito menos obrigá-lo a seguir um curso de ação desagradável para você.



O conde ficou a seu lado num instante, desaparecida toda sua

formalidade anterior, com uma expressão eloqüente em seus olhos perfeitos.

- Majestade, eu havia te julgado mal. Eu deveria ter percebido que... Fez gesto de que ia se ajoelhar, mas Kull o conteve com um gesto.

- Fique tranqüilo, conde. Seus assuntos particulares são seus. Não posso ajudá-lo, mas você pode me ajudar. O ambiente me cheira a conspiração. Desde minha juventude, aprendi a perceber o perigo. Desde então, já sentia a proximidade do tigre na selva, ou

de uma serpente no meio do capim alto.

- Meus espiões se dedicam a percorrer a cidade, majestade. — disse o conde, com os olhos iluminados diante da perspectiva de ação imediata — O povo murmura, como faria sob qualquer governante, mas acabo de falar com Ka-nu, no consulado, e ele me disse que eu lhe avisasse sobre a atuação de influências externas e dinheiro estrangeiro. Ele disse que ainda não sabe de nada definitivo, mas que seus pictos obtiveram certas

informações de um criado bêbado do embaixador veruliano, vagos vislumbres indicativos de algum golpe que esse governo está preparando.

- Todos nós conhecemos a grande capacidade veruliana para a mentira. — admitiu Kull, com um grunhido — Mas Gen Dala, o embaixador veruliano, é a própria essência da honra.

- Melhor ainda para ser utilizado como fachada. Se ele não sabe nada do que sua nação planeja, melhor servirá para disfarçar esses planos.

- Mas, o que a Verúlia ganharia com isso? — perguntou Kull.

- Gomlah, um primo distante do rei Borna, se refugiou lá quando derrotaste a antiga dinastia. Sem vós, a Valúsia se despedaçaria, os exércitos ficariam desorganizados e nos veríamos abandonados por todos os nossos aliados, exceto os pictos; os mercenários, a quem só tu consegues controlar, se agitariam contra a Valúsia, e assim seríamos uma presa fácil para a primeira nação poderosa que ousasse nos atacar. Então,

apresentando Gomlah como uma desculpa para a invasão, como uma marionete no trono da Valúsia...

- Compreendo. — grunhiu Kull

— Me sinto muito mais à vontade na batalha que no conselho, mas eu entendo. De modo que o primeiro passo seria minha eliminação, não é isso?

- Sim majestade.

Kull sorriu e flexionou seus poderosos braços.

- No fim das contas, governar às vezes dá tédio. — ele disse, ao mesmo em que seus dedos

acariciavam o cabo da espada que sempre levava no cinto.

Naquele momento, apareceu um escravo e anunciou:

- Tu, conselheiro-chefe do rei, e Dondal, seu sobrinho.



Imediatamente, dois homens entraram no salão. Tu, o

conselheiro-chefe, era um homem gorducho, de estatura mediana, que já se encontrava na segunda metade da vida e que mais parecia com um mercador que com um conselheiro. Tinha o cabelo ralo, o rosto sulcado de rugas e, sob suas sobrancelhas, havia sempre um olhar de perpétua desconfiança. No entanto, se notava nele tanto os anos quanto as honras recebidas. De origem plebéia, ele abrira caminho graças exclusivamente ao poder de sua habilidade e às intrigas. Antes da chegada de Kull,

ele vira surgir e desaparecer três reis, e notava-se a tensão que isso lhe havia implicado.

Seu sobrinho Dondal era um jovem delgado e um pouco jeitoso, com intensos olhos escuros e um sorriso agradável. Sua principal virtude consistia no fato de saber conter a língua, e nunca repetir a ninguém o que ouvia dizer na corte. Por essa mesma razão, sua presença era permitida em lugares onde seu estreito parentesco com Tu não lhe permitiria.

- Trata-se apenas de uma

pequena questão de estado, majestade. — disse Tu — Essa autorização para construir um novo porto na costa ocidental. Queres assiná-la?

Kull assinou o documento. Tu tirou de dentro do peito um anel de fôrma, seguro por uma pequena corrente que ele sempre usava ao redor do pescoço, e aplicou o selo real. Este anel era, com certeza, a réplica da assinatura real, e nenhum outro anel no mundo era exatamente igual, razão pela qual Tu o levava sempre ao redor do

pescoço, tanto acordado quanto durante o sono. Com exceção dos que estavam presentes nesse momento, ninguém mais sabia onde era guardado o anel da assinatura real.

2) Mistério

De forma quase imperceptível, o silêncio do dia havia se transformado no silêncio da noite. A lua ainda não havia saído e as pequenas estrelas prateadas davam pouca luz, como se sua radiação se

visse sufocada pelo calor que ainda surgia da terra.

Os cascos de um só cavalo produziam um ressoar oco ao longo de uma rua deserta. Se alguém observasse das janelas negras das casas, não demonstraria saber que era Dalgar de Farsun que montava o cavalo e avançava através da noite e do silêncio.

O corpo ágil e atlético do jovem farsuniano estava totalmente coberto por uma armadura leve, e ele também usava um capacete. Parecia perfeitamente capaz de

manejar a espada longa e fina, com cabo cravejado de jóias, que lhe pendia do lado; e o lenço de brilho rosa, que lhe cruzava o peito coberto de aço, não diminuía em nada a imagem de masculinidade que oferecia.

Agora, enquanto cavalgava, leu de novo o bilhete dobrado que trazia na mão e que, meio desdobrado, deixava à mostra a seguinte mensagem, escrita nos caracteres típicos da Valússia: "À meia-noite, meu amado, nos Jardins Malditos, do outro lado dos

muros. Fugiremos juntos".

Um bilhete dramático. Os belos lábios de Dalgar se curvaram ligeiramente ao lê-lo. Bom, podia desculpar-se um pouco o melodrama de uma jovem, e ele mesmo sentia muito prazer com isso. Um estremecimento de êxtase o sacudiu, só de pensar na situação. Ao amanhecer, já estaria do outro lado da fronteira veruliana, junto à sua futura esposa. Que o conde Murom bora Ballin se enfurecesse c quanto quisesse, e que o exército valusiano lhes seguisse o rastro,

porque, uma vez cruzada essa fronteira, ele e Nalissa estariam a salvo. Se sentia bem animado e romântico; seu coração inflava com os estúpidos heroísmos típicos da juventude. Ainda faltavam várias horas para a meia-noite, mas... Com os calcanhares cobertos de aço, ele fez o cavalo girar para um lado pra seguir um atalho, através de umas estreitas ruas escuras.



- Oh, lua prateada num peito de prata... — ele sussurrou em voz baixa, repetindo as palavras de amor dos versos de Ridondo,

aquele poeta louco, já morto.

Então, o cavalo fungou e se agitou, inquieto. Entre as sombras de uma porta esquálida, uma indistinta forma escura se movia e gemia.

Dalgar se inclinou e viu a forma de um homem. Arrastou o corpo para uma área mais iluminada, e percebeu que o homem ainda respirava. Algo quente e pegajoso se aderiu à sua mão.

O homem era gorducho e aparentemente velho, pois seu cabelo era ralo e a barba estava

manchada de branco. Estava vestido com os farrapos de um mendigo, mas mesmo na escuridão, Dalgar notou que as mãos eram suaves e brancas por debaixo da sujeira. O sangue brotava de uma feia abertura na parte lateral da cabeça, e ele tinha os olhos fechados, embora gemesse de vez em quando.

Dalgar tirou um pedaço da própria faixa para lhe estancar a ferida e, ao fazê-lo, o anel que trazia num dedo ficou emaranhado entre os pêlos da barba. Ao puxar a mão,

com um gesto impaciente, a barba se desprendeu completamente, deixando à mostra o rosto suavemente barbeado e profundamente enrugado de um homem que parecia estar no final da metade de sua vida. D'algum soltou uma exclamação e recuou. Se levantou de um salto, perturbado e abalado. Ele ficou ali, de pé, por um momento, sem deixar de olhar fixamente para o homem que gemia; logo, o rápido barulho dos cascos de um cavalo, numa rua paralela, fê-lo recuperar os

sentidos.

Ele correu pela rua, até chegar à esquina, e se aproximou do cavaleiro. O homem se deteve com um movimento rápido, ao mesmo tempo em que levava a mão à espada. Os cascos de seu corcel arrancaram faíscas do chão pavimentado da rua, ao fazer descer o cavalo.

- O que está acontecendo? Ah... é você, Dalgar!

- Brule! — exclamou o jovem farsuniano — Rápido! Tu, o conselheiro-chefe, jaz nessa rua.

Está sem sentidos, e pode ter sido assassinado.

O picto desmontou rapidamente, já empunhando a espada. Jogou as rédeas por cima da cabeça de sua montaria, deixou o corcel ali, como uma estátua, e seguiu velozmente Dalgar.

Ambos se inclinaram sobre o conselheiro ferido, e Brule examinou seu corpo com mãos experientes.

- Ao que parece, não tem nenhuma fratura — grunhiu o picto —, embora eu não possa sabê-lo

com certeza, é claro. A barba havia caído quando você o encontrou?

- Não, eu puxei-a acidentalmente e ela se desprendeou...

- Nesse caso, é bem provável que isto seja obra de algum desalmado que não o conhecia. Ao menos, é o que eu prefiro pensar. Se o homem que o assaltou sabia que se tratava de Tu, isso significaria que uma negra traição está sendo tramada na Valúsia. Eu já disse a ele, mais de uma vez, que seria um desastre perambular pela

cidade disfarçado desse modo, mas isso não é suficiente para convencer um conselheiro. Ele insistiu que, desse modo, poderia saber do que estava acontecendo, que poderia controlar o pulso do império, segundo suas próprias palavras.

- Mas, se foi obra de um ladrão, por que não o roubaram? — perguntou Dalgar — Aqui está sua bolsa, com umas poucas moedas de cobre. Além do mais, quem tentaria roubar um mendigo?

O lanceiro praguejou.

- Tem razão. Mas, em nome de

Valka, quem podia saber que ele era Tu? Ele nunca usou duas vezes o mesmo disfarce, e só Dondal e um escravo lhe ajudavam a vesti-lo. Quem o atacou procurava o quê? Ah, por Valka... ele pode morrer, enquanto ficamos aqui fazendo conjecturas. Ajude-me a subi-lo no meu cavalo.

Uma vez que o conselheiro-chefe foi colocado na sela e sustentado pelos braços de aço de Brule, eles percorreram as ruas em direção ao palácio. A guarda, assombrada, lhes deu passagem, e

o homem inconsciente foi levado a uma câmara interna e recostado num leito, onde deu sinais de recuperar a consciência, sob os cuidados das escravas e das damas da corte.

Finalmente, ele se sentou e agarrou a própria cabeça com as mãos. Ka-nu, o embaixador picto e o homem mais astuto do reino, se inclinou sobre ele.

- Tu! Quem lhe atacou?

- Não sei. — respondeu o conselheiro, ainda tonto — Não lembro de nada.

- Você trazia algum documento importante?

- Não.

- Lhe roubaram algo?

Tu apalpou as próprias roupas, incerto. Seu olhar nublado começou a clarear, e então, repentinamente se iluminou com uma súbita compreensão.

- O anel! O anel da assinatura real! Desapareceu!

Ka-nu esmurrou a palma de uma das mãos e praguejou, magoado.

- É nisso que dá levá-lo sempre

com você! Já lhe avisei! Rápido, Brule, Kelkor, Dalgar... uma traição está sendo preparada. Compareçam logo ao quarto do rei.

Diante do dormitório real, montavam guarda dez Matadores Vermelhos, o regimento favorito do rei. Diante das rápidas perguntas de Ka-nu, responderam que o rei tinha ido descansar há mais ou menos uma hora, que ninguém havia tentado entrar, e que não ouviram nenhum ruído.

Ka-nu bateu à porta. Não houve resposta. Apressado pelo pânico,

tentou abri-la, mas estava trancada por dentro.



- Derrubem esta porta! — ele

gritou, com o rosto muito pálido e um inusitado timbre de tensão na voz.

Dois dos Matadores Vermelhos de tamanho gigantesco, lançaram todo seu peso contra a porta, mas esta, por ser de denso carvalho e estar protegida por faixas de bronze, resistiu ao embate. Brule os afastou para um lado e atacou a maciça porta com sua espada. Sob os pesados golpes do aço afiado, a madeira e o metal terminaram cedendo e, alguns momentos depois, Brule lançava todo seu peso

sobre ela e adentrava os aposentos, passando por cima dos restos.

Ele parou imediatamente, com um grito abafado, e olhou por cima do ombro, enquanto Ka-nu arrancava desesperadamente fios da barba. A cama real estava desarrumada, como se de fato alguém tivesse dormido nela, mas não se via o menor rastro do rei. O quarto estava completamente vazio, e só a janela aberta parecia oferecer uma explicação ao estranho desaparecimento.

- Vasculhem as ruas! — rugiu

Ka-nu — Vasculhem toda a cidade! Que redobrem a guarda em todas as portas. Kelkor, alerte toda a força dos Matadores Vermelhos. Brule reúna seus cavaleiros e ponha-se à frente deles, até a morte se for preciso. Apressem-se! Dalgar...

Mas o farsuniano havia desaparecido. Havia lembrado de repente que já era quase meia-noite, e para ele era muito mais importante o fato de Nalissa bora Ballin estar lhe esperando nos Jardins Malditos, a três quilômetros de distância dos muros da cidade,

antes de conhecer o paradeiro do rei, fosse qual fosse.

3) A assinatura do selo

Aquela noite, Kull havia se retirado cedo para seus aposentos. Como de costume, se distraiu alguns minutos diante da porta do quarto real para conversar com a guarda — velhos companheiros de regimento — e intercambiar algumas lembranças sobre os velhos tempos, em que havia cavalgado entre as fileiras dos

Matadores Vermelhos. Logo dispensou seus criados, entrou no quarto, afastou os cobertores de sua cama e se preparou pra dormir. Uma atitude estranha para um rei, sem dúvida, mas já fazia tempo que Kull se acostumara à vida rude do soldado, e antes disso havia feito parte de uma tribo de selvagens. Nunca havia se acostumado totalmente a que todos os outros lhe fizessem as coisas e, pelo menos na intimidade de seu quarto, preferia cuidar de si mesmo.

No exato momento em que se

virou para apagar a vela que iluminava o local, ele ouviu leves batidas no alizar da janela. Com a espada na mão, cruzou o recinto com o passo natural e silencioso de uma grande pantera, e olhou para fora. As sebes e as árvores eram vistas vagamente na penumbra, sob a luz das estrelas. O ruído das fontes chegava distante até ele, e seu olhar não conseguiu distinguir a silhueta de nenhum dos sentinelas que percorriam aqueles limites.



Entretanto, aqui, junto a seu cotovelo, se encontrava o mistério.

Agarrada às trepadeiras que cobriam o muro, havia uma pequena figura de rosto enrugado, com o mesmo aspecto dos mendigos profissionais que pululavam pelas ruas mais sórdidas da cidade. Parecia um ser inofensivo, com suas pernas delgadas e seu rosto de macaco, e Kull o olhou com a testa franzida.

- Já vejo que terei de colocar sentinelas sob minha janela, ou cortar estas trepadeiras. Como conseguiu passar pela guarda?

O homem enrugado levou um

dedo magro aos lábios, com um gesto que pedia silêncio; logo, com a habilidade típica de um símio, deslizou uma mão através das roupas e, em silêncio, entregou um pergaminho a Kull. O rei c desenrolou e leu: "Rei Kull, se valorizas um pouco a vossa vida, ou o bem-estar do reino, siga este guia até o lugar ao qual ele vos conduzirá. Não fale com ninguém. Não deixe os guardas lhe verem. Os regimentos são uma efervescência de traições, e se queres continuar vivendo e conservar o trono, debes

fazer exatamente o que vos digo. Confia no portador deste bilhete". A missiva estava assinada: "Tu, conselheiro-chefe da Valúsia", e se via nela o selo do anel real.



Kull franziu as sobancelhas. Aquilo não tinha boa aparência, mas se tratava, sem dúvida, da caligrafia de Tu, pois não deixou de observar o traço peculiar e imperceptível da última letra do nome de Tu, que era a característica peculiar do conselheiro, por assim dizer. Além disso, havia o selo, e aquele selo não podia ser duplicado. Era a assinatura de Kull.

- Muito bem. — assentiu —
Espere eu me armar.

Vestido e coberto com uma leve armadura de cota-de-malha, Kull se dirigiu novamente à janela. Agarrou as barras, uma em cada mão, aplicou cautelosamente sua tremenda força e sentiu-as cederem até lhe parecer que mesmo suas largas costas caberiam no vão. Montou sobre o alizar, se agarrou às trepadeiras e desceu por elas com a mesma facilidade com a qual fizera o pequeno mendigo que lhe precedia.

Ao pé do muro, Kull segurou seu companheiro pelo braço.

- Como conseguiu enganar a guarda? — perguntou com um sussurro.

- A quem se aproximou de mim, eu mostrei o sinal do selo real.

- Isso não será suficiente agora. — grunhiu o rei — Siga-me, eu conheço a rotina que seguem.

Transcorreram uns vinte minutos, durante os quais permaneceram deitados, à espera, atrás de uma árvore ou uma sebe, até que passasse um sentinela, e avançassem para um novo esconderijo, através de breves e

rápidas corridas entre as sombras. Finalmente, chegaram junto à muralha externa. Kull tomou seu guia pelos tornozelos e o levantou até que os dedos deste se agarrassem ao alto da muralha. Uma vez montado sobre ela, o mendigo lhe estendeu a mão para ajudá-lo, mas Kull, com um gesto depreciativo, recuou alguns passos, empreendeu uma curta corrida, saltou no ar e se agarrou ao parapeito com uma das mãos, para logo elevar sua grande estrutura com força e determinação, até

encontrar-se no alto da muralha, tudo isso com um incrível desdobramento de força e agilidade.

Um instante depois, as duas figuras estranhamente incongruentes haviam pulado ao outro lado da muralha e desapareciam, tragadas pela escuridão.

4) "Virou-se, encurralado"

Nalissa, filha da casa de bora Ballin, se sentia nervosa e

assustada. Sustentada por suas elevadas esperanças e pela sinceridade de seu amor, não lamentava a precipitação dos atos que havia praticado nas últimas horas, mas desejava que logo chegasse a meia-noite, que lhe traria seu amante.

Até o momento, sua fuga havia sido fácil. Não era simples pra ninguém abandonar a cidade após cair a noite, mas ela se afastara a cavalo da casa de seu pai pouco antes do pôr-do-sol, após dizer à mãe que passaria aquela noite na

casa de uma amiga. Foi uma sorte para ela que, às mulheres das cidades da Valúsia, se lhes permitisse essa extraordinária liberdade, e não tivessem que se verem reclusas nos haréns e em verdadeiras casas-prisões, como ocorria nos impérios orientais; tratava-se de um costume que havia sobrevivido à grande inundação.

Nalissa saiu tranqüila pelo portão oriental, e logo se dirigiu diretamente aos Jardins Malditos, situados a duas milhas a leste da cidade. Estes jardins haviam sido

outrora o local de prazeres e propriedade rural de um nobre, mas histórias de cruéis depravações e medonhos ritos de adoração demoníaca começaram a se espalhar; e, finalmente, o povo, enlouquecido pelo desaparecimento regular de suas crianças, caiu sobre os Jardins numa turba fora de si e enforcou o príncipe diante de seus próprios portões. Vasculhando os jardins, o povo encontrou coisas repugnantes e, numa maré de repulsa e horror, destruiu parcialmente a mansão, as

praças, os caramanchões, as grutas e os muros. No entanto, construídos com mármore imperecível, muitos dos edifícios resistiram tanto aos malhos da multidão quanto aos estragos do tempo. Agora, abandonados há mais de um século, dentro daqueles muros semi-desmoronados, brotara uma verdadeira selva em miniatura, e a vegetação cobria quase por completo as ruínas.

Nalissa escondeu o cavalo numa praça arruinada, e sentou-se sobre o solo de mármore rachado,

disposta a esperar. A princípio, não foi ruim. O suave pôr-do-sol típico de verão pareceu inundar a paisagem, abrandando tudo com suas doces tonalidades amareladas. Se sentiu empolgada pelo vasto mar esverdeado que lhe cercava, salpicado de resplendores brancos ali, onde ainda se viam muros de mármore e telhados desmoronados. Mas, à medida que foi caindo a noite e as sombras foram invadindo tudo, Nalissa começou a ficar nervosa. A brisa noturna parecia sussurrar coisas cruéis entre os

galhos das árvores, as largas folhas de palmeira e o capim alto; e as estrelas produziam uma impressão de frieza e distância. Ela começou a lembrar das lendas e histórias que foram contadas e imaginou que, acima das fortes batidas de seu coração, podia ouvir o atrito de invisíveis asas negras, e o murmúrio de vozes hostis.

Ela rogava para que chegasse a meia-noite, e Dalgair com ela. Se Kull pudesse vê-la naquele momento, ele não pensaria no misterioso de sua profunda

natureza, nem nos sinais do grande futuro que a esperava. Só veria uma jovem assustada, que desejava apaixonadamente se sentir consolada e acariciada nos braços de um homem.

Mas, em nenhum momento, passara pela mente dela a idéia de abandonar.

Parecia que o tempo não passava, embora transcorresse de alguma forma. Finalmente, um brilho fraco indicou a próxima saída da lua, e ela notou que, pouco a pouco, a meia-noite se

aproximava.

Então, ouviu-se de repente um ruído, que a fez se levantar de um salto e sentir o coração lhe subir à garganta. Em algum lugar dos jardins supostamente desertos, o silêncio da noite foi rompido por um grito e um som metálico de aço. Um novo grito, breve e horrível, lhe gelou o sangue nas veias. Logo, se fez novamente o silêncio, como um sufocante sudário.

"Dalgar! Dalgar! Onde está você?". Este pensamento martelava sem parar seu cérebro atordoado.

Possivelmente, seu amante havia comparecido ao encontro e caiu vítima de alguém... ou de algo.

Ela saiu do lugar onde se escondia, com a mão no coração, o qual parecia querer estourar entre as costelas. Ela começou a percorrer um caminho pavimentado, e as folhas das palmeiras roçaram seus dedos. Parecia estar rodeada por um abismo de sombras pulsantes, vibrantes e cheias de uma maldade sem nome. Não se ouvia o menor ruído.

Diante dela, erguiam-se as

sombras da mansão arruinada. De repente, dois homens a encontraram. Ela lançou um único grito, e sua língua ficou como que petrificada de terror. Tentou fugir, mas as pernas não lhe obedeceram, e antes que ela pudesse fazer um só movimento, um dos homens se apoderou dela, agarrando-a pela cintura, e colocou-a debaixo do braço como se ela fosse uma menina pequena.

- Uma mulher. — ele grunhiu num idioma que Nalissa mal compreendeu, mas que reconheceu

como Veruliano — Me dê seu punhal, que eu me encarrego de...

- Não temos tempo agora. — respondeu o outro, usando a mesma língua — Jogue- a ali, com ele, e depois nos encarregamos de ambos. Temos que trazer Phondar aqui, antes de matar; ele quer interrogá-lo um pouco.

- De que adianta isso? — murmurou o gigante veruliano, que seguiu seu companheiro — Ele não vai querer falar, disso pode estar certo. Desde que os capturamos, ele só abriu a boca para nos

amaldiçoar.



Nalissa, transportada de maneira tão infame sob o braço de seu raptor, estava gelada de pavor, mas sua mente funcionava a toda

velocidade. A quem se referiam? A quem queriam interrogar e logo assassinar? A possibilidade de ser

Dalgar desocupou sua mente do temor que sentia por si mesma, e encheu-lhe a alma de ira selvagem e desesperada. Ela começou a espernear e se retorcer violentamente, e levou um forte bofetão, que arrancou lágrimas de seus olhos e um grito de dor de seus lábios. Resignou-se a uma humilhante submissão, e pouco depois foi lançada, sem consideração alguma, através da

soleira de uma porta coberta pelas sombras. Caiu de bruços ao chão, como um novilho.

- Não seria melhor amarrá-la? — perguntou o gigante.

- De que serviria? Ela não pode escapar, e tampouco desatá-lo. Vamos, se apresse. Temos o que fazer.

Nalissa se sentou e olhou timidamente a seu redor. Ela se encontrava numa pequena câmara, cujos cantos estavam cobertos de teias de aranhas. O chão estava coberto de poeira e de fragmentos

de mármore, soltos das paredes arruinadas. Uma parte do teto havia desaparecido, e a lua, que agora se elevava lentamente, derramava sua luz através da abertura. Graças a ela, pôde ver uma silhueta no chão, próxima à parede. Ela se encolheu, e os dentes se cravaram nos lábios, com uma horrorizada expectativa; então, com uma delirante sensação de alívio, percebeu que aquele homem era corpulento demais para ser Dalgar. Se arrastou em direção a ele e olhou-lhe o rosto. Estava com as mãos e os pés amarrados, além

de amordaçado; mas, acima da mordada, dois frios olhos cinzas miravam fixamente os seus.

- Rei Kull!

Nalissa levou ambas as mãos às têmporas, apertando-as, enquanto a sala parecia cambalear diante de seu olhar abalado e surpreso. Um instante depois, seus dedos, delgados porém fortes, se puseram a trabalhar sobre a mordada. Após uns poucos minutos de intenso esforço, conseguiu soltá-la. Kull esticou as mandíbulas e lançou uma praga em sua própria língua,

respeitando, mesmo em tal situação, os ternos ouvidos da jovem.

- Oh, milorde, como chegaste até aqui? — perguntou a jovem, retorcendo as mãos.

- Ou bem o conselheiro em quem mais confio é um traidor, ou eu sou um louco - grunhiu o gigante — Alguém se aproximou de mim com uma carta escrita por Tu, que levava até o selo real. Eu o segui, como me pedia a carta. Atravessamos a cidade e chegamos diante de uma porta, cuja existência

nem eu sequer conhecia. Esta porta não estava vigiada por ninguém, e aparentemente é desconhecida por todos, exceto aqueles que conspiram contra mim. Uma vez do outro lado, alguém esperava com cavalos, e cavalgamos a toda velocidade até estes Jardins

Malditos. Deixamos os cavalos próximos ao muro semi-derrubado, e fui conduzido até aqui, como um estúpido cego e surdo, pronto para o sacrifício. Ao cruzar a soleira dessa porta, uma grande rede caiu sobre mim, o que me impediu de

desembainhar a espada, e me prendeu os membros. Num instante, uma dúzia de canalhas avançou sobre mim e... bom, de qualquer forma, me capturar não foi tão fácil quanto haviam imaginado. Dois deles me retorceram o braço, de modo que não consegui usar a espada, mas dei um belo chute num deles, e pude ouvir o estalo de suas costelas se partindo. Consegui rasgar a rede que me prendia, com a mão esquerda, e atravessei com minha adaga um outro, que encontrou a

morte e gritou como uma alma perdida em seu último instante. Mas, por Valka, eles eram muitos! Finalmente, conseguiram tirar minha armadura — Nalissa percebeu, então, que o rei só usava uma espécie de tanga —, e me amarraram e amordaçaram como você viu. Nem sequer o próprio diabo conseguiria romper estas cordas. Não vale a pena tentar desatar os nós. Pelo visto, um daqueles homens era marinheiro, e sei muito bem os tipos de nós que os marujos são capazes de fazer. Eu

mesmo fui, no passado, escravo numa galera.

- Mas, o que posso fazer? — gemeu a jovem, sem deixar de retorcer as mãos.

- Pegue um pedaço grande de mármore e o desbaste até obter um lado afiado. — respondeu Kull, apressado — Você tem que me cortar estas cordas.

Ela assim o fez, e seus esforços foram recompensados quando ela conseguiu um fino pedaço de mármore, cuja borda côncava parecia tão afiada quanto uma faca

serrilhada.

- Tenho medo de cortar sua pele, senhor. — ela se desculpou, ao mesmo tempo em que começava a trabalhar.

- Corte a pele, a carne e até o osso se for preciso pra me soltar. — disse bruscamente Kull, com os olhos acesos — Me deixar capturar como um cego estúpido! Ah, que imbecil que sou! Por Valka, Honer e Hotath! Mas quando eu puser as mãos naqueles cães... E você? Como chegou até aqui?

- Falaremos disso mais tarde. —

respondeu Nalissa, ofegante —
Agora não temos tempo a perder.

O silêncio se fez, enquanto a jovem tentava cortar as duras amarras, sem o mínimo de preocupação com as mãos delicadas, que não demoraram em ficar feridas e sangrando. Mas lentamente, fiapo a fiapo, as cordas foram cedendo. No entanto, continuaram suficientes para prender qualquer homem comum, quando passos pesados ressoaram na soleira.

Nalissa ficou petrificada. Ouviu-

se uma voz.

- Ele está aí dentro, Phondar, amarrado e amordaçado. Há uma dama valusiana com ele, a qual encontramos perambulando pelos jardins.

- Nesse caso vigiem atentamente, para o caso de seu galanteador chegar. — disse outra voz em tom duro e rangente, como o de um homem acostumado a ser obedecido — É bem provável que tenha marcado encontro com algum mentecapto por aqui. Quanto a você...

- Nada de nomes, nada de nomes, meu bom Phondar. — lhe interrompeu uma sedosa voz valusiana — Lembre-se de nosso acordo. Até que Gomlah se sente no trono, eu não sou mais que... o mascarado.

- Muito bem. — grunhiu o veruliano — Pois então, devo dizer-lhe que fez um ótimo trabalho esta noite, mascarado. Ninguém mais além de você o teria conseguido, pois só você sabia como se apoderar do selo real. Só você conseguiria imitar tão bem a escrita

de Tu. E, a propósito... matou o velho?

- Que importa isso? Ele morrerá esta noite, ou no dia em que Gomlah subir ao trono. O que realmente importa é que o rei está em nosso poder, e indefeso.

Kull pensava a toda velocidade, numa tentativa desesperada de distinguir a voz cavernosa e familiar daquele traidor. Quanto a Phondar... seu rosto esboçou um gesto cruel. Devia ser uma conspiração muito importante, para que a Verúlia enviasse o

comandante de suas forças armadas, a fim de realizar o trabalho sujo. O rei conhecia muito bem Phondar, e em outras ocasiões, havia até acolhido-o no palácio.

- Entre e tire-o daí. — ordenou Phondar — O levaremos à velha câmara de torturas. Tenho algumas perguntas pra fazer a ele.

A porta se abriu e um homem entrou: era o mesmo gigante que havia capturado Nalissa. Fechou a porta atrás dele e cruzou a sala, sem dirigir um só olhar à garota, encolhida num canto. Se inclinou

sobre o rei e o agarrou pelo ombro e uma perna, para levantá-lo a pulso; então, se ouviu um golpe repentino quando Kull, empregando toda a sua força férrea, deu um puxão convulsivo e rompeu o resto das cordas que ainda lhe seguravam.



Não ficara amarrado por tempo suficiente para lhe interromper a circulação, o que poderia afetar sua força. Suas mãos se lançaram em direção ao pescoço do gigante, como faria uma píton, e o

envolveram com garras de aço.

O gigante caiu de joelhos. Levou uma das mãos aos dedos que lhe apertavam o pescoço, e a outra à bainha da adaga. Seus dedos envolveram como aço o pulso de Kull, e a adaga saiu da bainha com um brilho metálico. Logo, seus olhos se arregalaram, ele abriu a boca e a língua saiu, flácida. Os dedos se soltaram do pulso do rei, e a adaga lhe caiu da mão já sem força. O veruliano ficou flácido, com a garganta literalmente esmagada sob aquela terrível

pressão. Kull deu um puxão aterrorizante de sua cabeça para um lado, partindo-lhe o pescoço; o largou ao chão e lhe desembainhou a espada. Nalissa havia recolhido a adaga caída ao chão.

A luta só durara alguns segundos, e não fizera mais barulho do que um homem levantando um outro pesado para lançá-lo sobre o ombro.

- Apresse-se! — gritou a voz impaciente de Phondar, do outro lado da porta.

Kull, escondido como um tigre

no interior da sala, pensou rapidamente. Sabia que, lá fora, havia pelo menos um pelotão de conspiradores. Também sabia, pelo ruído das vozes, que, do outro do lado da porta, só havia dois ou três, pelo menos por enquanto. A sala onde estava não era um bom lugar para se defender. Os outros não demorariam em entrar para ver o que causava o atraso. Então, ele tomou uma decisão e agiu rapidamente. Chamou a garota para seu lado.

- Quando tiver saído por essa

porta, saia correndo e suba a escada à esquerda.

A jovem assentiu, trêmula, e ele deu-lhe uma tranqüilizadora palmada no ombro. Logo, deu meia-volta e abriu repentinamente a porta.

Os homens que estavam do outro lado esperavam ver o gigante veruliano, com o rei inerte sobre os ombros. Diante daquela aparição inesperada, ficaram boquiabertos. Kull estava de pé ante a porta, seminu, agachado como um tigre humano prestes a saltar, mostrando

os dentes num grunhido de fúria combativa, com os olhos acesos. A lâmina da espada que empunhava deu um giro, como uma roda de prata sob a luz da lua.

Kull viu Phondar, acompanhado por dois soldados verulianos, e uma figura delgada que usava uma máscara negra. Passou-se apenas um instante fugaz, e ele lançou-se contra seus inimigos. A dança da morte havia começado.

O comandante veruliano foi o primeiro a cair, ante a primeira investida do rei, com a cabeça

aberta até os dentes, apesar do capacete que usava. O mascarado desembainhou e lançou uma estocada com a espada, cuja ponta percorreu a bochecha de Kull. Um dos soldados, que se arremessou contra o rei empunhando uma lança, foi habilmente evitado e, um instante depois, jazia morto sobre seu chefe. O outro soldado deu meia-volta e pôs-se a correr, gritando por seus colegas. O mascarado recuou rapidamente diante do ataque do rei, sem deixar de esquivar e deter seus golpes com

uma habilidade quase incrível. Mas, diante da cansativa ferocidade da investida, não teve tempo para atacar; só para se defender. Kull golpeava a lâmina de seu aço como um ferreiro na bigorna, e cada um de seus ataques parecia prestes a partir em dois aquela cabeça mascarada e encapuzada, mas a longa e delgada espada valusiana sempre se interpunha no caminho, desviava a estocada por pouco, ou conseguia detê-la a poucos centímetros de sua pele, embora sempre o suficiente.

Então, Kull viu que os soldados verulianos corriam em direção a eles por entre o mato, ouviu o tilintar de suas armas e seus gritos ferozes. Pego ali, ao ar livre, não demorariam em cercá-lo e espetá-lo como a um rato. Lançou uma última estocada maligna contra o valusiano que recuava, e logo, erguendo-se, deu meia-volta e pôs-se a correr pela escada, no alto da qual Nalissa já lhe esperava.

Uma vez ali, ele se voltou, encurralado. Ele e a moça estavam sobre uma espécie de promontório

artificial. Um trecho da escada levava para cima, e antigamente devia ter existido outro trecho que conduzia para baixo, mas este último havia desmoronado. Kull percebeu que estavam num beco sem saída. As paredes caíam aos poucos, cobertas por esculturas talhadas no muro. "Bem, morreremos aqui", pensou Kull, "Mas também morrerão muitos outros".

Os verulianos se reuniram ao pé da escada, sob a direção do misterioso valusiano mascarado.

Kull segurou com força o cabo da espada e lançou a cabeça para trás, como um regresso inconsciente aos tempos em que usava uma cabeleira tão cheia quanto a de um leão.

Ele nunca havia temido a morte, e não a temia agora, e, se não fosse por um único detalhe, teria dado boas-vindas ao clamor e à loucura da batalha, como a uma velha amiga, sem lamentações inúteis. O detalhe era a presença da garota que estava a seu lado. Ao vê-la tremer e observar-lhe a palidez do

rosto, tomou uma decisão repentina.

Levantou a mão e gritou:

- Ei, homens da Verúlia. Estou aqui, cercado! Muitos cairão antes que eu morra. Mas, se me prometerem que soltarão a moça, sem lhe causar o menor dano, não levantarei uma só mão contra vocês. Poderão me matar como a uma ovelha.

Nalissa lançou um grito de protesto, e o mascarado deu uma gargalhada.

- Não fazemos acordos com

quem já está condenado. Esta garota também deve

morrer, e eu não faço promessas para violá-las. Pro alto, guerreiros, a ele!

Subiram a escada como uma onda negra de morte, fazendo as espadas brilharem como prata congelada sob a luz da lua. Um deles se adiantou demais. Era um enorme guerreiro brandindo um grande machado de combate. Este homem, que se moveu com mais rapidez do que Kull esperava, fixou-se um momento sobre o patamar

da escada. Kull atacou e o machado desceu. Com a mão esquerda no alto, ele deteve a descida da arma no ar, segurando-a pelo pesado cabo — uma façanha que poucos homens conseguiriam realizar —, e ao mesmo tempo golpeou com a direita o lado de seu inimigo; e o fez com tal força, que a longa espada atravessou a armadura, a musculatura e o osso, e a lâmina ficou incrustada na coluna vertebral, quebrando-se.

Ao percebê-lo, mal demorou um instante em soltar o cabo da espada

inútil e arrancar o machado da mão do guerreiro moribundo, que cambaleou para trás e caiu pela escada, seguido por uma breve e cruel gargalhada de Kull.

Os verulianos hesitaram sobre a escada e, mais embaixo, o mascarado os animou selvagemmente a se lançarem ao ataque. Eles, por sua vez, se mostraram mais dispostos a deixar as coisas como estavam.

- Phondar morreu. — gritou um — Por acaso, vamos receber ordens de um valusiano? Estamos

enfrentando um demônio, e não um homem! Salvem-se!

- Covardes estúpidos! — gritou a voz do mascarado, erguendo-se num grito felino

- Não percebem que sua única segurança se apóia em matar o rei? Se fracassarem esta noite, seu próprio governo lhes repudiará e ajudará os valusianos a caçarem vocês. Pra cima, estúpidos! É possível que morram alguns, mas é muito melhor que morram uns poucos sob o machado do rei, do que morrerem todos na forca. Se

um só de vocês se atrever a recuar por esta escada, eu mesmo o matarei!

E, ao mesmo tempo em que dizia estas palavras, a longa e delgada espada lhes ameaçou.

Desesperados e temerosos ante seu líder, eles reconheceram a verdade que havia em suas palavras, e os guerreiros se voltaram para o aço de Kull. No momento em que se lançaram em massa ao que seria fundamentalmente seu último ataque, Nalissa viu sua atenção

atraída por um movimento que se produziu na base da parede. Uma silhueta se destacou dentre as sombras e começou a subir a parede vertical, escalando como um macaco, e usando as esculturas talhadas na parede como pontos de apoio para as mãos e os pés. Aquele ponto do muro estava envolto em sombras, e ela não conseguiu distinguir os traços do homem que subia; além disso, ele usava um pesado capacete que lançava mais sombras ainda sobre seu rosto.

Sem dizer nada a Kull, que

estava de pé sobre o patamar, com o machado preparado, ela olhou pela beirada do muro, meio oculta atrás das ruínas do que outrora devia ter sido um parapeito. Então, notou que aquele homem usava uma armadura completa, mas continuava sem ver seus traços. Sua respiração se acelerou, e ela levantou a adaga, fazendo destemidos esforços para conter uma onda de náuseas.

Então, um braço coberto de aço apareceu pela beirada, agarrando-se à mesma. A moça saltou tão

rápida e silenciosamente quanto uma tigresa, e atacou o rosto desprotegido, que se levantou repentinamente em direção à luz da lua. E, no exato momento em que a adaga descia, e já não podia deter o golpe que se dispunha a dar, ela lançou um grito de surpresa e aflição. Porque, nesse último e fugaz segundo, reconheceu o rosto de seu amante, Dalgar de Farsun.

5) A batalha da escada

Depois de ter se afastado tão

pouco cerimoniosamente da presença de Ka-nu, Dalgar correu até seu cavalo e cavalgou rapidamente para o portão leste. Ouvira Ka-nu dar ordens para fecharem todas as portas da cidade e que não deixassem ninguém sair, e cavalgou como um louco para se antecipar ao cumprimento dessa ordem. De qualquer modo, já era muito difícil sair pela noite, e Dalgar, informado de que os portões não estariam protegidos esta noite pelos incorruptíveis Matadores Vermelhos, tivera a

intenção de abrir caminho à base de subornos. Agora, em compensação, tudo dependia da audácia de seu plano.

Com o cavalo coberto de suor, ele o parou diante do portão leste e gritou:

- Abra a porta! Preciso chegar, ainda esta noite, à fronteira veruliana! Rápido! O rei desapareceu! Abram caminho, e logo depois vigiem bem o portão! Em nome do rei! — Ao ver que os soldados hesitavam, ele acrescentou: — Apressem-se,

estúpidos! Talvez o rei esteja correndo um perigo mortal! Abram!

Do outro lado da cidade, em tom profundo, capaz de gelar os corações com um susto, chegou o som do grande sino de bronze do rei, que só toca quando o rei está em perigo. Os guardas ficaram como que eletrificados. Sabiam que Dalgar era muito estimado, como nobre que estava visitando a Valúsia. Acreditaram, portanto, em suas palavras e, impelidos por sua vontade, lhe abriram os grandes

portões, o cavaleiro saiu imediatamente em disparada feito um raio e, um momento mais tarde, havia desaparecido na escuridão.

Enquanto cavalgava, esperava que Kull não tivesse sofrido danos graves, pois ele preferia aquele bárbaro simples muito mais que aos outros reis, sofisticados e sem sangue, dos Sete Impérios. Se pudesse, ajudaria na busca. Mas Nalissa estava lhe esperando, e ele já chegava atrasado.

Assim que o jovem nobre entrou nos jardins, teve a peculiar

sensação de que ali, no próprio coração da desolação e solidão, havia muitos homens presentes. Um instante depois, ouviu o entrecocar do aço, o som de muitos passos apressados e gritos ferozes numa língua estrangeira. Desmontou, desembainhou a espada e abriu caminho cuidadosamente por entre o mato, até se ver diante da mansão em ruínas. E lá, seus olhos puderam contemplar uma cena estranha.

No alto de uma escada meio arruinada, estava em pé um gigante

seminu e manchado de sangue, a quem reconheceu de imediato como o rei da Valúsia. Ao lado deste, se encontrava uma mulher, e Dalgar mal conseguiu reprimir o grito que saiu de seus lábios. Era Nalissa! As unhas morderam as palmas das mãos fechadas. Quem eram aqueles homens, vestidos de negro, que se lançavam escada acima? Não importava. Sem dúvida alguma, pretendiam matar a mulher e Kull. Ouviu o desafio que o rei lhes lançou, oferecendo-lhes a vida em troca da de Nalissa, e

sentiu-se invadido por uma onda de gratidão. Então, observou as esculturas existentes na parede próxima a ele, e não vacilou nem um momento. Começou a subir, disposto a morrer junto ao rei, protegendo a mulher que amava.

Havia perdido Nalissa de vista, e agora, enquanto subia, não se atrevia a usar seu tempo para procurá-la. Ele realizava uma tarefa traiçoeira e escorregadia, na qual não podia se descuidar. Não voltou a vê-la até chegar à beirada e se impulsionar para o alto. Então,

ouviu-a gritar, e viu a mão que descia em direção a seu rosto, segurando um raio de prata. Ele se retraiu instintivamente, e recebeu o golpe sobre o capacete. A adaga se quebrou até o cabo, Nalissa se desmoronou e caiu em seus braços.

Ao ouvir o grito, Kull virou-se em direção a eles, com o machado no alto. Deteve-se. Reconheceu o farsuniano e, mesmo naquele instante de perigo, compreendeu o que ocorria. Sabia por que o casal estava ali, e sorriu, realmente satisfeito.

O ataque parou por apenas um segundo, quando os verulianos perceberam a presença do segundo homem sobre o patamar. Mas, em seguida, voltaram a se lançar ao ataque e subiram os degraus, sob o luar, com suas lâminas brilhando e uma expressão desesperada no olhar. Kull foi ao encontro do primeiro, com um golpe que esmagou capacete e crânio ao mesmo tempo. Logo, Dalgar ficou a seu lado e atravessou a garganta de um veruliano. Em seguida, teve início a batalha da escada,

imortalizada por poetas e menestréis.

Kull estava ali para morrer, e matar antes de morrer. Não se preocupou em nada com a defesa. Seu machado transformou-se numa roda que semeava a morte a seu redor e, a cada golpe que dava, produzia um estalo de aço e ossos, fazia brotar sangue ou arrancava um grito de agonia. Os corpos se amontoavam sobre a escada, mas os sobreviventes não vacilaram em seu ataque e voltaram à carga, avançando por cima das figuras

ensangüentadas de seus colegas.

Dalgar teve poucas oportunidades em dar algum golpe. Percebeu em seguida que o melhor que podia fazer era proteger Kull, que nasceu para matar, mas que por estar sem armadura, corria o grave perigo de cair a qualquer momento.

Desse modo, ele teceu, com sua espada, uma rede de aço ao redor do rei, expondo todas as habilidades no manejo da arma. Sua lâmina relampejante desviava as estocadas dirigidas contra o

coração de Kull. Seu antebraço revestido de ferro detia cada um dos golpes, que, de outra maneira, teriam matado-o. Em duas ocasiões, recebeu, sobre seu próprio capacete, os golpes destinados à cabeça nua do rei.

Mas não é fácil proteger outro homem, ao mesmo tempo em que se protege. Kull sangrava dos cortes sofridos no rosto e no peito, de uma facada aberta na têmpora, de uma espetada na coxa e de um profundo ferimento no ombro. Uma lança havia rasgado a couraça de Dalgar,

ferindo-lhe um lado, e ele sentiu as forças lhe abandonarem. Um último esforço de seus inimigos, e o farsuniano desmoronou e caiu aos pés de Kull, ao mesmo tempo em que uma dúzia de armas pontiagudas tentava tirar-lhe a vida. Kull lançou o rugido de um leão, fez o machado balançar poderosamente de um lado a outro, limpou o espaço diante dele e ficou ao lado do jovem caído. Os inimigos voltaram a lançar-se ao ataque.

Naquele momento, um estrondo

de cavalos ressoou nos ouvidos de Kull, e os Jardins Malditos não demoraram em se ver inundados por cavaleiros enlouquecidos, que gritavam como lobos ao luar. Uma chuva de flechas cruzou o ar sob as estrelas, e os homens uivaram e caíram de bruços sobre os degraus, para ficarem imóveis, ou para arrancarem as cruéis pontas profundamente cravadas em seus corpos. Os poucos que não haviam recebido a carícia do machado de Kull, ou das flechas, fugiram escada abaixo, só para se defrontarem com

as sibilantes espadas curvas dos pictos de Brule. E ali morreram aqueles guerreiros verulianos, lutando até o último instante, como gatos inofensivos de seu falso rei que lhes havia enviado a uma missão tão perigosa quanto vil e estúpida, rechaçados pelos mesmos que os haviam enviado e cobertos para sempre pela infâmia. Contudo, morreram como homens.

Mas houve um que não morreu ali, ao pé da escada. O mascarado fugiu enquanto ouvia o som dos cavalos, e agora cruzava a extensão

dos jardins, lançado a toda velocidade sobre um extraordinário cavalo. Havia quase chegado ao muro externo, quando o lanceiro Brule se interpôs em seu caminho. Do alto promontório onde estava, Kull, apoiado sobre seu machado ensangüentado, os viu lutar sob a luz da lua.

O mascarado havia abandonado suas táticas defensivas. Investiu contra o picto, com uma valentia impiedosa, e o lanceiro foi ao seu encontro, cavalo contra cavalo, homem contra homem, espada

contra espada. Ambos eram cavaleiros magníficos. Seus corcéis, obedientes ao toque da brida e à pressão dos joelhos, deram meia-volta, empinaram e saltaram. Mas, durante todos estes movimentos, as lâminas das espadas não deixaram de assobiar, sem perder o contato uma com a outra. Brule, ao contrário dos homens de sua tribo, usava a delgada espada reta da Valúsia. Em alcance e velocidade, havia pouca diferença entre eles, e Kull, enquanto observava, prendeu mais de uma vez a respiração e

mordeu os lábios, quando pareceu que Brule estava prestes a cair sob uma estocada maligna.

Estes guerreiros não tiveram um momento de descanso. Lançavam estocadas e detiam-nas, rechaçavam e voltavam ao ataque. De repente, Brule pareceu perder o contato com a lâmina de seu adversário, evitou uma finta e pareceu ficar ao ar livre. O mascarado fincou os calcanhares nos flancos de seu cavalo, de modo que espada e cavalo saíram em disparada para a frente ao mesmo tempo. Brule se inclinou para um

lado, e deixou que a lâmina passasse, roçando-lhe o lado da couraça; então, sua própria lâmina surgiu reta, e o cotovelo, o pulso, o cabo e a ponta formaram uma só linha que se iniciava em seu ombro. Os cavalos se chocaram e caíram juntos, debruçados sobre a relva. Mas, em meio à confusão de patas, Brule se ergueu sem haver recebido o menor ferimento, enquanto ali, sobre a grama, o mascarado ficou estendido, com a espada de Brule ainda fincada em seu corpo.

Kull despertou de seu transe; os

pictos uivavam de vitória feito lobos, mas ele ergueu a mão para impor silêncio.

- Já basta! Todos são heróis! Mas cuidem de Dalgar, que está gravemente ferido. E, quando houverem terminado, podem cuidar de meus próprios ferimentos. Brule, como conseguiu me encontrar?

Brule chamou Kull para se aproximar do lugar onde o mascarado estava estendido.

- Um velho mendigo lhes viu saltarem a muralha do palácio e,

por simples curiosidade, observou para onde se dirigiam. Lhes seguiu e viu vocês saírem pela porta esquecida. Eu estava cavalgando, pela planície entre a muralha e estes jardins, quando ouvi o estrondo do aço. Mas, quem pode ser este?

- Levante-lhe a máscara. — disse Kull — Seja quem for, foi ele quem imitou a letra de Tu, quem arrebatou dele o anel do selo e...

Brule arrancou-lhe a máscara.

- Dondal! — exclamou Kull — C sobrinho de Tu! Brule, Tu nunca

deve saber disto. Faça-o crer que Dondal cavalgou contigo e morreu lutando por seu rei.

Brule o olhou, assombrado.

- Dondal! Um traidor! Mas eu mais de uma vez, me embriaguei com ele e dormi numa de suas camas.

- Eu gostava de Dondal. — disse Kull, assentindo.

Brule limpou a lâmina da espada e voltou a guardá-la na bainha, produzindo um maligno som metálico.

- O desejo é capaz de

transformar qualquer homem num velhaco. — ele disse, com tristeza — Ele estava muito endividado, e Tu se mostrava mesquinho com ele. Sempre afirmava que dar dinheiro demais aos jovens não era bom para eles. Dondal se viu obrigado a manter as aparências, ainda que fosse só por orgulho, e assim caiu nas mãos dos agiotas. Desse modo, resulta que Tu é o maior traidor de todos, pois sua avareza empurrou o rapaz à traição... e gostaria que o coração de Tu detesse a ponta de minha espada, no lugar do seu.

E, após dizer estas palavras, o picto deu meia-volta e se afastou com expressão sombria.

Kull voltou-se para Dalgar, que estava meio inconsciente, enquanto os guerreiros pictos lhe enfaixavam os ferimentos com dedos experientes. Outros se ocuparam em cuidar do rei, e enquanto limpavam e enfaixavam, Nalissa se aproximou de Kull.

- Milorde — ela disse, estendendo em sua direção as pequenas mãos, agora arranhadas e manchadas de sangue seco —, não

terás agora piedade de nós e nos concederá nosso desejo... — sua voz se quebrou por um instante, antes de terminar a frase —, se Dalgar estiver vivo?

Kull pegou-a pelos delgados ombros e sacudiu-a, angustiado.

- Ah, garota, garota! Me peça qualquer coisa, menos algo que eu não possa lhe conceder. Me peça a metade do meu reino, ou minha mão direita, e serão suas. Pedirei a Murom que lhe dê o consentimento para se casar com Dalgar; irei até suplicá-lo, mas não posso obrigá-lo.

Uns cavaleiros altos começaram então a cruzar os jardins, com resplandecentes armaduras que reluziam entre os pictos seminus de aspecto lupino. Um homem alto parou diante deles e levantou a viseira do capacete.

- Pai!

Murom bora Ballin apertou a filha entre os braços, com um soluço de agradecimento, e logo se voltou para seu rei.

- Milorde, estás gravemente ferido! Kull sacudiu a cabeça.

- Não é nada grave, ao menos no

que me diz respeito, embora outros homens possam se sentir bem pior. Mas aqui está aquele que recebeu as investidas mortais dirigidas contra mim; aquele que se transformou em meu escudo e capacete, de modo que, se não fosse por ele, a Valúsia estaria agora aclamando um novo rei.

Murom deu meia-volta até o jovem prostrado.

- Dalgar! Está morto?

- Não lhe falta muito. — grunhiu um vigoroso picto que ainda se dedicava a cuidar de seus

ferimentos — Mas é de aço e de osso de baleia. Se for bem cuidado, conseguirá sobreviver.

- Ele veio aqui para se encontrar com sua filha e fugirem juntos. — disse Kull, enquanto Nalissa inclinava a cabeça — Avançou por entre o mato, e me viu lutar por minha vida e pela dela, no alto daquela escada. Ele poderia ter fugido. Nada o impedia. Mas subiu por esta parede inclinada, em direção ao que, naqueles momentos, parecia uma morte certa, e lutou a meu lado tão

alegremente como se estivesse indo a uma festa... e nem sequer é um súdito meu por nascimento.

Murom não fazia mais do que abrir e fechar as mãos com força. Seus olhos se iluminaram e se suavizaram, e ele se inclinou sobre a filha.

- Nalissa — ele disse com voz doce, atraindo a jovem para a proteção de seu braço protegido por aço —, ainda deseja casar-se com este jovem temerário?

Os olhos da moça foram suficientemente eloqüentes.

- Levantem-no com muito cuidado — dizia o rei a seus homens —, e levem-no ao palácio. Cuidem para que lhe proporcionem a melhor...

- Milorde — interpôs-se Murom —, rogo-te que me permita levá-lo a meu castelo. Lá, ele será atendido pelos melhores médicos e, após sua recuperação... bom, se essa for vossa vontade real, não acha que poderíamos comemorá-la com um casamento?

Nalissa soltou um grito de alegria ao ouvir aquelas palavras,

entrelaçou as mãos, beijou o pai e a Kull, e partiu para acompanhar Dalgar, sem se afastar um só instante de seu lado, como uma pessoa inquieta.

Murom sorriu docemente, com seu rosto aristocrático aceso.

- Veja... de uma noite de sangue e de terror, nascem a alegria e a felicidade. O rei bárbaro lhe sorriu, e jogou ao ombro o machado sujo de sangue.

A vida é assim, conde: o mal de um homem constitui a bênção de outro.

O Rei e o Carvalho

Antes que as sombras
vencessem o sol, os falcões voaram,
livres,

E Kull cavalgou pela estrada da
floresta, com sua espada vermelha
à mão;

E os ventos sussurravam pelo
mundo: "O rei Kull cavalga para o
mar".

O sol se refletiu carmesim no
mar, e caíram as longas sombras
cinzas;

A lua surgiu, como uma caveira
prateada, forjada pelo feitiço de um
demônio,

Pois, sob sua luz, as grandes
árvores se erguiam, como espectros
surgidos do inferno.

Sob a luz espectral se elevavam
as árvores, como sombrios
monstros inumanos;

Cada tronco parecia a Kull uma
figura viva; cada galho, uma mão
nodosa,

E estranhos olhos, malignos e
imortais, lhe miravam,
horripelmente flamejantes.

Os galhos se retorciam como serpentes dando nós, golpeando a noite,

E um grande carvalho, que se agitava austero, horrendo à vista,

Arrancou as raízes e bloqueou-lhe a passagem, inexorável sob a luz fantasmagórica.

Se enfrentaram na estrada da floresta, o rei e o inexorável carvalho;

Seus grandes membros dobraram-no em suas garras, sem que ninguém falasse nada;

E, inútil em sua mão de ferro, a

adaga cortante se partiu.

E, entre as árvores inclinadas e monstruosas, soou um fraco refrão,

Profundamente assolado por dois milhões de anos de mal, ódio e dor:

"Éramos os senhores antes do homem chegar, e seremos os senhores de novo".

Kull sentiu que um império estranho e velho se inclinava ante a passagem do homem,

Como reinos de folhas de capim, curvados ante um exército de formigas,

E o horror se apoderou dele no princípio, como num transe.

Resistiu, com mãos ensanguentadas, contra uma árvore imóvel e silenciosa.

E acordou, como de um pesadelo! E um vento soprava pelas campinas,
e o rei Kull, da Atlântida, continuou cavalgando silenciosamente para o mar.



Os Reis da Noite

1) O César se recostava preguiçosamente em seu trono de marfim...

Suas legiões de ferro vieram

Para derrotar um rei numa terra desconhecida,

E uma raça sem nome.

A adaga reluziu para baixo. Um grito agudo se transformou numa arfada. A figura sobre o altar tosco

se contorceu espasmodicamente e ficou imóvel. A lâmina denteada de sílex serrou o peito avermelhado, e magros dedos ossudos, horrivelmente manchados, arrancaram o coração ainda palpitante. Sob emaranhadas sobranceiras brancas, olhos agudos brilhavam com uma intensidade feroz.

Além do matador, havia quatro homens ao redor da tosca pilha de pedras que formava o altar do Deus das Sombras. Um deles era de estatura mediana, esbeltamente

constituído e parcamente vestido, cujos cabelos negros eram presos por uma fina faixa de ferro, no centro da qual lampejava uma solitária jóia vermelha. Dos outros, dois eram morenos como o primeiro. Mas, onde ele era esbelto, eles eram atarracados e disformes, com membros nodosos e cabelos emaranhados caindo sobre testas inclinadas. O rosto dele indicava inteligência e uma vontade implacável; o dos outros, apenas uma ferocidade bestial. O quarto homem tinha pouco em comum

com o resto. Era quase uma cabeça mais alto; e, embora seu cabelo fosse negro como o deles, sua pele era relativamente clara e ele tinha olhos cinzas. Ele olhava para os procedimentos com pouca aprovação.

E, na verdade, Cormac de Connacht estava pouco à vontade. Os druidas de sua própria ilha, Erin, tinham estranhos rituais obscuros de adoração, mas nenhum como este. Árvores escuras vedavam esta cena sombria; iluminada por uma tocha solitária.

Um lúgubre vento noturno gemia pelos galhos. Cormac estava só, entre homens de uma estranha raça, e acabava de ver o coração de um homem arrancado de seu corpo ainda palpitante. Agora, o velho sacerdote, que mal parecia humano, encarava intensamente a coisa latejante. Cormac estremeceu, olhando para aquele que usava a jóia. Será que Bran Mak Morn, re dos pictos, acreditava que esse velho assassino de barba branca poderia predizer acontecimentos, observando um sangrento coração

humano? Os olhos escuros do rei eram insondáveis. Havia estranhos abismos naquele homem, os quais Cormac não conseguia compreender — nem ele nem outro homem.

- Os presságios são bons! — exclamou selvagemente o sacerdote, falando mais para os dois chefes do que para Bran — Aqui, no coração palpitante de um cativo romano, eu leio... derrota para o exército de Roma! Triunfo para os filhos da urze!

Os dois selvagens murmuraram

entre dentes, seus olhos ferozes ardendo.

- Vão e preparem seus clãs para a batalha. — disse o rei, e eles se afastaram pesadamente, com o típico passo simiesco de tais gigantes atrofiados.

Sem prestar mais atenção ao sacerdote que examinava a ruína medonha sobre o altar, Bran acenou para Cormac. O gaélico o seguiu sem entusiasmo. Uma vez fora daquele pequeno bosque sombrio, sob a luz das estrelas, ele respirou mais à vontade. Estavam numa

elevação, observando longas e avolumadas agitações de suave urze ondulante. Bem próximas dali, cintilavam umas poucas fogueiras, sua escassez dando pouca evidência das hordas de homens tribais que se encontravam perto delas. Mais além delas, havia mais fogueiras e, além, outras mais, as quais marcavam o acampamento dos próprios homens de Cormac: duros cavaleiros e lutadores gaélicos, daquele bando que estava começando a se assentar na costa oeste da Caledônia — o núcleo do

que mais tarde se tornaria o reino da Dalriada. À esquerda destas fogueiras, brilhavam outras.

E, mais distante ao sul, havia outras fogueiras... meros pontinhos de luz. Mas, mesmo àquela distância, o rei picto e seu aliado celta podiam ver que estas fogueiras estavam arrumadas em ordem regular.

- As fogueiras das legiões. — murmurou Bran — As fogueiras que têm iluminado uma trilha ao redor do mundo. Os homens que acendem aquelas fogueiras têm

pisado as raças sob seus calcanhares de ferro. E agora... nós, da urze, estamos encostados na parede. O que acontecerá amanhã?

- Vitória para nós, diz o sacerdote. — respondeu Cormac. Bran fez um gesto impaciente:

- O luar no oceano. Vento nas copas dos abetos. Você acha que acredito nesta pantomima? Ou que gostei da matança de um legionário? Eu tenho que encorajar meu povo; foi para Gron e Bocah que eu deixei o velho Gonar ler os presságios. Os guerreiros lutarão

melhor.

- E Gonar? Bran riu.

- Gonar é velho demais para acreditar em qualquer coisa. Ele era alto sacerdote das Sombras, vinte anos antes de eu nascer. Ele afirma ser descendente direto daquele Gonar que era um feiticeiro nos dias de Brule, o Lanceiro, que foi o primeiro de minha linhagem. Ninguém sabe a idade dele... Às vezes, acho que ele é o Gonar original em pessoa!

- Pelo menos — disse uma voz zombeteira, e Cormac se

sobressaltou quando uma figura indistinta apareceu ao seu lado —, pelo menos aprendi que, para manter a fé e confiança do povo, um sábio deve parecer um tolo. Conheço segredos que explodiriam até mesmo seu cérebro, Bran, se eu os contasse. Mas, para que o povo possa confiar em mim, devo me rebaixar às coisas que eles consideram a magia adequada... e dançar e gritar, e chocalhar peles de cobra, e me salpicar em sangue humano e vísceras de galinha.

Cormac olhou para o ancião

com novo interesse. A semi-loucura de sua

aparência havia desaparecido. Ele já não era mais o charlatão, o xamã que resmungava feitiços. A luz das estrelas dava a ele uma dignidade, que parecia lhe aumentar a própria altura, de modo que ele se erguia como um patriarca de barba branca.

- Bran, lá está sua dúvida. — O braço magro apontou para o quarto anel de fogueiras.

- Sim. — assentiu lugubrememente o rei — Cormac... você sabe tanto

quanto eu. A batalha de amanhã depende daquele círculo de fogueiras. Com as bigas dos bretões e seus próprios cavaleiros ocidentais, nosso triunfo seria certo, mas... certamente, o próprio demônio está no coração de cada escandinavo! Você sabe como eu cacei e apanhei este bando... como eles juraram lutar por mim contra Roma! E agora que o chefe deles, Rognar, está morto, juram que só serão liderados por um rei da própria raça deles! Do contrário, quebrarão seu juramento e

passarão para o lado dos romanos. Sem eles, estamos condenados, pois não podemos mudar nosso plano.

- Coragem, Bran. — disse Gona
— Toque a jóia em sua coroa de ferro. Talvez ela lhe traga ajuda.

Bran riu amargamente:

- Agora você fala como o povo pensa. Não sou nenhum tolo para me enganar com palavras vazias. O que há nesta gema? Certo que ela é estranha, e me trouxe sorte até agora. Mas agora, eu não preciso de jóias, e sim da lealdade de 300

escandinavos volúveis, que são os únicos guerreiros entre nós que podem resistir ao ataque das legiões a pé.

- Mas a jóia, Bran, a jóia! — persistiu Gonar.

- Sim, a jóia! — gritou Bran, impaciente — Era velha quando a Atlântida e Lemúria afundaram no mar. Foi dada a Brule, o Lanceiro primeiro de minha linhagem, pelo atlante Kull, rei da Valúsia, nos dias em que o mundo era jovem. Mas ela nos será vantajosa agora?

- Quem sabe? — perguntou

evasivamente o feiticeiro — O tempo e o espaço não existem. O agora é tudo. Todas as coisas que já foram, são ou serão, acontecem agora. O homem está sempre no centro do que chamamos tempo e espaço. Fui ao ontem e amanhã, e ambos são tão reais quanto o hoje... que é como os sonhos de fantasmas! Mas me deixe dormir e falar com Gonar. Talvez ele nos ajude.

- O que ele quer dizer? — perguntou Cormac, encolhendo levemente os ombros, enquanto o

sacerdote se afastava em direção às sombras.

- Ele sempre disse que o primeiro Gonar chega até ele em seus sonhos, e conversa com ele. — respondeu Bran — Eu o vi fazer coisas que pareciam além da percepção humana. Não sei. Sou apenas um rei desconhecido, com uma coroa de ferro, tentando levantar uma raça de selvagens do limo no qual afundaram. Vamos olhar os acampamentos.

Enquanto caminhavam, Cormac se perguntava. Por qual estranho

capricho do destino havia tal homem se erguido entre esta raça de selvagens, sobreviventes de uma era obscura e sombria? Certamente, ele era um atavismo, um tipo original dos dias em que os pictos governaram toda a Europa, antes que seu império primitivo caísse diante das lâminas de bronze dos gauleses. Cormac sabia como Bran, se erguendo por esforços próprios da posição negligente de filho de um chefe do clã do Lobo, havia unido grandemente as tribos da urze, e agora reivindicava o reinado

sobre toda a Caledônia. Mas seu governo era vago, e havia muito a ser feito, antes que os clãs pictos esquecessem suas rixas e oferecessem uma sólida frente de batalha a inimigos estrangeiros. Na batalha do dia seguinte, a primeira batalha acampada entre os pictos sob seu rei e os romanos, pendia o futuro do nascente reino picto.

Bran e seu aliado caminhavam pelo acampamento picto, onde os guerreiros moreno-escuros jaziam irregularmente ao redor de suas pequenas fogueiras, dormindo ou

mastigando comida meio cozida. Cormac estava impressionado com o silêncio deles. Mil homens acampavam ali, mas os únicos sons eram entonações ocasionais, baixas e guturais. O silêncio da Idade da Pedra descansava nas almas daqueles homens.

Eram todos baixos — muitos deles com membros retorcidos. Anões gigantes; Bran Mak Morn era alto entre eles. Só os homens mais velhos tinham barba, e era rala, mas seus cabelos lhes caíam perto dos olhos, de modo que fitavam

ferozmente sob as cabeleiras emaranhadas. Estavam descalços e mal-cobertos em peles de lobo. Suas armas consistiam em espadas curtas e farpadas, de ferro, pesados arcos negros; flechas com pontas de sílex, ferro e cobre, e marretas com cabeças de pedra. Não tinha qualquer armadura defensiva, exceto por um tosco escudo de madeira coberta de couro; muitos tinham pedaços forjados de metal dentro de suas revoltas cabeleiras, como uma leve proteção contra cortes de espadas. Uns poucos,

filhos de longas linhagens de chefes, tinham membros esbeltos e flexíveis como Bran, mas, nos olhos de todos, brilhava a inextinguível selvageria do primitivo.

Estes homens eram totalmente selvagens, pensou Cormac — piores que os gauleses, bretões e germanos. Seriam verdadeiras as velhas lendas... de que eles reinaram numa época em que estranhas cidades se erguiam onde hoje rola o mar? E que eles sobreviveram à inundação que varreu e submergiu aqueles

impérios brilhantes, afundando novamente naquela selvageria da qual um dia haviam saído?

Perto do acampamento dos homens das tribos, se encontravam as fogueiras de um grupo de bretões — membros de tribos ferozes que viviam ao sul da Muralha Romana, mas que moravam nas colinas e florestas a oeste, e desafiavam o poder de Roma. Eram homens poderosamente constituídos, com resplandecentes olhos azuis e desgrenhados cabelos amarelos,

tais como os homens que se aglomeravam nas praias Ceanntish, quando César trouxe as Águias para dentro das Ilhas. Estes homens, assim como os pictos, não usavam armadura, e estavam escassamente vestidos em panos toscamente trabalhados e sandálias de pele de cervo. Traziam pequenos escudos redondos de madeira dura, reforçados com bronze, para serem usados no braço esquerdo, e longas e pesadas espadas de bronze, com pontas cegas. Alguns tinham arcos, embora os bretões não fossem bons

arqueiros. Seus arcos eram mais curtos que os dos pictos, e eficazes só a curta distância. Mas, perto de suas fogueiras, estavam as armas que haviam feito do nome dos bretões uma palavra de terror para pictos, romanos e saqueadores nórdicos. Dentro do círculo de luz das fogueiras, havia 50 carruagens de bronze, com longas lâminas cruéis, curvadas para os lados. Uma única lâmina destas era capaz de desmembrar meia dúzia de homens de uma só vez. Amarrados ali perto, sob o olhar vigilante dos seus

guardas, pastavam os cavalos das bigas — corcéis grandes e de membros longos, velozes e poderosos.

- Quem me dera que tivéssemos mais deles! — meditou Bran — Com mil bigas e meus arqueiros, eu poderia mandar as legiões para o mar.

- As tribos britânicas livres finalmente cairão diante de Roma. — disse Cormac — Parecia que elas correriam para se juntar a você em sua guerra.

Bran fez um gesto impotente:

- A volubilidade do celta. Eles não conseguem esquecer velhas rixas. Nossos anciãos nos disseram que eles nem sequer se uniram contra César, quando os romanos chegaram pela primeira vez. Nunca lutarão juntos contra um inimigo comum. Estes homens vieram até a mim, por causa de alguma disputa com o chefe deles, mas não posso confiar neles quando não estão realmente lutando.

Cormac assentiu:

- Eu sei. César conquistou a Gália jogando uma tribo contra

outra. Meu próprio povo se move e muda, de acordo com o subir e descer das marés. Mas, de todos os celtas, os galeses são os mais inconstantes, os menos estáveis. Há não muitos séculos, meus próprios ancestrais gaélicos arrebataram Erin dos galeses aqueus, porque, embora eles nos superassem em número, nos enfrentaram mais como tribos separadas do que como nação.

- E é assim que estes galeses bretões enfrentam Roma. — disse Bran — Eles nos ajudarão amanhã

Depois, não posso dizer. Mas, como posso esperar lealdade de tribos estranhas, quando não tenho certeza de meu próprio povo? Milhares se escondem nas colinas, independentes. Sou rei apenas no nome. Deixe-me vencer amanhã, e eles se reunirão ao meu estandarte; se eu perder, irão se dispersar como pássaros diante de um vento frio.

Um coro de ásperas boas-vindas recebeu os dois líderes, quando entraram no acampamento dos gaélicos de Cormac. Eram 500 em número: homens altos, de

membros longos, quase todos de cabelos negros e olhos cinzas, com o porte de homens que só vivem para guerra. Embora não houvesse nada semelhante a uma disciplina rigorosa entre eles, havia um ar de maior sistema e ordem prática do que existia nas linhas de batalha dos pictos e bretões. Estes homens eram da última raça celta que invadiu a ilha, e sua civilização bárbara era de uma ordem muito mais elevada que a de seus parentes galeses. Os ancestrais dos gaélicos haviam aprendido as artes

da guerra nas vastas planícies da Cítia e nas cortes dos faraós, onde haviam lutado como mercenários do Egito, e muito do que haviam aprendido, eles trouxeram consigo para a Irlanda. Eles se sobressaíam no trabalho com metais, e estavam armados, não com toscas espadas de bronze, mas com armas de metal da mais alta categoria.

Estavam vestidos com kilts bem tecidos e sandálias de couro. Cada um usava uma leve camisa de cota-de-malha e um elmo sem visor, mas esta era toda a sua armadura

defensiva. Celtas — gaélicos ou bretões — eram propensos a julgarem a bravura de um homem pela quantidade de armadura que ele usava. Os bretões que enfrentaram César achavam os romanos covardes, porque estes se recobriam em metal; e, muitos séculos depois, os clãs irlandeses pensaram o mesmo dos cavaleiros normandos de Strongbow, cobertos em cota-de-malha.

Os guerreiros de Cormac eram cavaleiros. Não conheciam nem apreciavam o uso do arco. Usavam

o inevitável escudo redondo e reforçado com metal, punhais, longas espadas retas e leves machados de cabo curto. Seus cavalos amarrados pastavam a pouca distância... animais de ossos grandes, não tão pesados quanto os criados pelos bretões, porém mais velozes.

Os olhos de Bran se iluminaram enquanto os dois percorriam o acampamento.

- Estes homens são pássaros de guerra, com bicos afiados! Veja como afiam seus machados e

zombam do amanhã! Como gostaria que os incursores dos outros acampamentos fossem tão firmes quanto seus homens, Cormac! Eu receberia as legiões com uma gargalhada, quando elas viessem do sul, amanhã.

Eles estavam entrando no círculo das fogueiras dos escandinavos. Trezentos homens estavam sentados ao redor delas, jogando, afiando as armas e bebendo intensamente a cerveja, feita com planta dos pântanos e fornecida a eles por seus aliados

pictos. Olharam para Bran e Cormac com pouca amizade. Era impressionante notar a diferença entre eles e os pictos e celtas — a diferença em seus olhos frios, seus fortes rostos taciturnos e em seus próprios modos. Ali havia ferocidade e selvageria, mas não a fúria louca e explosiva do celta. Ali havia ferocidade respaldada por uma determinação sombria e uma teimosia imperturbável. O ataque dos clãs bretões era terrível e esmagador. Mas não tinha paciência; se fossem frustrados de

uma vitória imediata, eram capazes de perder o ânimo e se dispersarem, ou caírem em disputa entre eles próprios. Havia a paciência do frio Norte azul nestes marinheiros... uma paciência duradoura, que os manteria inabaláveis até o amargo fim, vez que estavam voltados para uma meta definida.

Quanto à estatura pessoal, eram gigantes; maciços, mas com membros longos. Sobre não compartilharem as idéias dos celtas sobre armaduras, isso era

demonstrado pelo fato de vestirem pesadas camisas de cota-de-malha com escamas, as quais lhes alcançavam a metade das coxas; pesados elmos com chifres e perneiras de couro endurecido, reforçadas, assim como seus calçados, com lâminas de ferro. Seus escudos eram enormes e ovais, feitos de madeira endurecida, couro e latão. Como armas, tinham longas lanças com pontas de ferro, pesados machados de ferro e adagas. Alguns tinham longas espadas, de lâmina larga.

Cormac se sentia pouco à vontade com os frios olhos magnéticos destes homens de cabelos cor-de-palha, fixos nele. Eram inimigos hereditários, embora tivessem sorte de estarem lutando do mesmo lado atualmente. Mas... estavam do mesmo lado?

Um homem se adiantou; um guerreiro alto e magro, em cujo cicatrizado rosto lupino a luz trêmula da fogueira refletia sombras profundas. Com seu manto de pele de lobo, lançado sem

cuidados sobre seus ombros largos, e os grandes chifres em seu capacete lhe aumentando a estatura, ele estava lá, nas sombras oscilantes, como uma coisa semi-humana, uma figura meditativa do barbarismo sombrio que estava prestes a engolfar o mundo.

- Bem, Wulfhere — disse o rei picto —, você bebeu o hidromel do conselho e falou ao redor das fogueiras... qual a sua decisão?

Os olhos do escandinavo lampejaram na escuridão:

- Dê-nos um rei de nossa

própria raça para seguirmos, se quiser que lutemos por você.

Bran abriu violentamente os braços:

- Peça-me para arrancar as estrelas do alto, a fim de enfeitar seus capacetes! Seus camaradas não vão nos seguir?

- Não contra as legiões. — respondeu Wulfhere, de mau humor — Um rei nos guiou na trilha viking... um rei deve nos guiar contra os romanos. E Rognar está morto.

- Eu sou um rei. — disse Bran —

Lutarão por mim, se eu ficar na ponta de sua cunha de combate?

- Um rei de nossa raça. — disse Wulfhere teimosamente — Somos todos homens selecionados do Norte. Não lutamos por ninguém, exceto por um rei, e um rei deve nos liderar... contra as legiões.

Cormac sentiu uma sutil ameaça nesta frase repetida.

- A qui está um príncipe de Erin. — disse Bran — Lutará pelo homem do ocidente?

- Não lutamos sob nenhum celta, do oeste ou do leste. —

grunhiu o viking, e um baixo ronco de aprovação se ergueu dos espectadores — Já basta lutarmos ao lado deles.

O quente sangue gaélico se ergueu ao cérebro de Cormac, e ele afastou Bran para trás, com a mão na espada:

- O que quer dizer com isso, pirata?

Antes que Wulfhere pudesse responder, Bran se interpôs:

- Já basta! Estúpidos, perderão a batalha antes de lutarem-na, por causa de sua loucura? E quanto ao

seu juramento, Wulfhere?

- Juramos sob Rognar; quando ele foi morto por uma flecha romana, ficamos isentos dele. Seguiremos somente a um rei... contra as legiões.

- Mas seus companheiros lhe seguirão... contra o povo da urze! — disse Bran com impertinência.

- Sim. — os olhos do escandinavo encontraram cinicamente os dele — Mande-nos um rei, ou amanhã nos juntaremos aos romanos.

Bran rosnou. Em sua fúria, ele

dominava a cena, apequenando os homens enormes que se erguiam acima dele.

- Traidores! Mentirosos! Tenho suas vidas em minha mão! Sim, puxem suas espadas, se quiserem... Cormac, deixe sua lâmina na bainha. Estes lobos não vão morder um rei! Wulfhere... eu poupei suas vidas, quando poderia tê-las arrancado.

"Você vieram assolar os países do Sul, descendo do mar setentrional em suas galés. Devastaram as costas, e a fumaça

das aldeias queimadas ficou suspensa como uma nuvem sobre as praias da Caledônia. Armei uma cilada para todos vocês, enquanto estavam pilhando e queimando... com o sangue de meu povo em suas mãos. Queimei seus longos navios e os embosquei quando me perseguiram. Com três vezes seu número de arqueiros, ansiosos por suas vidas e escondidos nas colinas de urze ao redor de vocês, eu lhes poupei quando poderia tê-los flechado como lobos encurralados. Por eu tê-los poupado, vocês

juraram lutar por mim".

- E morreremos porque os pictos lutam contra Roma? — resmungou um incursor barbudo.

- Suas vidas me pertencem; vocês vieram devastar o Sul. Não lhes prometi mandá-los de volta aos seus lares no Norte, intactos e carregados de saque. Seu juramento foi o de lutar uma batalha contra Roma sob meu estandarte. Então, ajudarei seus sobreviventes a construírem navios, e vocês poderão ir para onde quiserem, com uma boa parte da

pilhagem que tomarmos das legiões. Rognar manteve seu juramento. Mas Rognar morreu numa escaramuça com batedores romanos, e agora, você, Wulfhere, o Criador de Discórdias, incita seus companheiros a se desonrarem com aquilo que um escandinavo odeia: a quebra do próprio juramento.

- Não quebramos juramento algum. — rosnou o viking, e o rei sentiu a teimosia básica do germano, mais difícil de combater do que a volubilidade dos belicosos celtas — Dê-nos um rei que não

seja picto, gaélico nem bretão, e morreremos por você. Se não... amanhã lutaremos pelo maior de todos os reis: o imperador de Roma!

Por um momento, Cormac pensou que o rei picto, em sua fúria negra, fosse puxar a espada e matar o escandinavo. A fúria concentrada, que ardia nos olhos escuros de Bran, fez Wulfhere recuar e deitar a mão sobre o cinto.

- Idiota! — disse Mak Morn numa voz baixa que vibrava de ira — Eu poderia varrê-los da terra,

antes que os romanos fiquem próximos o bastante para lhes ouvir os uivos de morte. Escolham: lutem por mim amanhã... ou morram esta noite, sob uma nuvem negra de flechas, uma tempestade vermelha de espadas e uma onda escura de carruagens!

Diante da menção das carruagens, a única arma de guerra que havia quebrado a parede de escudos nórdicos, a expressão de Wulfhere mudou, mas ele manteve a posição.

- Será guerra. — ele disse

teimosamente — Ou um rei para nos guiar!

Os escandinavos responderam com um breve e profundo rugido, e um chocar de espadas e escudos. Bran, com os olhos faiscantes, estava prestes a falar novamente, quando uma forma branca deslizou silenciosamente para dentro do anel de fogueiras.

- Acalmem suas palavras, acalmem suas palavras. — disse tranqüilamente o velho Gonar — Rei, não diga mais nada. Wulphere e seus companheiros lutarão por nós,

se tiverem um rei para guiá-los?

- Nós já o juramos.

- Então, tenham calma — disse o mago —, pois, antes que a batalha aconteça ao amanhecer, lhes enviarei um rei como nenhum homem na terra seguiu por cem mil anos! Um rei que não é picto, gaélico nem bretão, mas um para diante do qual o imperador de Roma não passa de um chefe de aldeia!

Enquanto eles permaneciam indecisos, Gonar tomou os braços de Cormac e Bran:

- Venham. E vocês, escandinavos, lembrem-se de sua palavra e da minha promessa, a qual nunca quebrei. Agora durmam, e não pensem em escapulirem na escuridão para o acampamento romano, pois se escaparem de nossas flechas, não escapariam da minha maldição ou das suspeitas dos legionários.

Assim, os três se afastaram, e Cormac, olhando para trás, viu Wulfhere de pé diante da fogueira, passando os dedos pela barba dourada, com um olhar de ira

perplexa no delgado rosto maligno.

Os três andavam silenciosamente através da urze ondulante, sob as estrelas distantes, enquanto o estranho vento noturno lhes sussurrava segredos fantasmagóricos ao redor.

- Eras atrás — disse subitamente o mago —, nos dias em que o mundo era jovem, grandes terras se erguiam onde agora ruge o oceano. Naquelas terras, se aglomeravam nações e reinos poderosos. O maior de todos estes era a Valúsia... Terra de Encantamento. Roma é uma

aldeia, comparada ao esplendor das cidades da Valúsia. E o maior rei foi Kull, que veio da terra da Atlântida para arrancar a coroa da Valúsia de uma dinastia degenerada. Os pictos, que viviam nas ilhas que agora formam os picos montanhosos de uma terra estranha no Oceano Ocidental, eram aliados da Valúsia, e o maior de todos os chefes guerreiros pictos era Brule, o Lanceiro, primeiro da linhagem à qual os homens chamam de Mak Morn.

"Kull deu a Brule a jóia que você

usa agora em sua coroa de ferro, ó rei, após uma estranha batalha numa terra obscura, e ao longo das eras, ela chegou até nós; sempre um símbolo dos Mak Morn, um símbolo de antiga grandeza. Quando o mar finalmente se ergueu e engoliu a Valúsia, a Atlântida e a Lemúria, só os pictos sobreviveram, e eram poucos e dispersos. Mas começaram novamente a lenta ascensão e, embora muitas das artes da civilização estivessem perdidas na grande inundação, eles

progrediram. A arte da metalurgia estava perdida, e assim eles se sobressaíram trabalhando a pedra. E governaram todas as novas terras erguidas pelo mar e agora chamadas de Europa, até, que descendo do norte, vieram tribos mais jovens que mal se distinguiam do macaco quando a Valússia reinava em sua glória, e que, morando em terras glaciais ao redor do Pólo, nada sabiam do esplendor dos Sete Impérios e pouco sabiam da inundação que havia varrido meio mundo.

"E continuaram chegando... arianos, celtas, germanos, se movendo em multidões desde o grande berço de sua raça, que fica próximo ao Pólo. Assim, mais uma vez, o crescimento da nação picta foi detido, e a raça lançada à selvageria. Apagados da terra, nós lutamos na orla do mundo, com as costas na parede. Aqui, na Caledônia, está o último assento de uma raça outrora poderosa. E mudamos. Nosso povo se misturou com os selvagens de uma era mais antiga, aos quais mandamos para o

Norte quando adentramos as Ilhas, e agora, exceto por seus chefes, como tu, Bran, um picto é estranho e repugnante de se olhar".

- Certo, certo — disse impacientemente o rei —; mas, o que isso tem a ver com...?

- Kull, rei da Valúsia — disse imperturbavelmente o feiticeiro —, era um bárbaro em sua era, como tu és na tua, embora ele tenha governado um poderoso império pelo peso de sua espada. Gonar, amigo de Brule, seu primeiro antepassado, está morto há cem mil

anos, como contamos o tempo. Mas falei com ele há apenas uma hora atrás.

- Você falou com o fantasma dele...

- Ou ele com o meu? Voltei cem mil anos, ou ele avançou? Se ele veio a mim desde o passado, não sou eu que falei com um homem morto, mas ele que falou com um homem não-nascido. O passado, o presente e o futuro são um só para o sábio. Falei com Gonar enquanto ele estava vivo; do mesmo modo, eu estava vivo. Numa terra sem tempo

nem espaço, nos encontramos e ele me disse muitas coisas.

A terra estava se iluminando com o nascer da aurora. A urze ondulava e se inclinava em longas fileiras diante do vento do amanhecer, como que se curvando em adoração ao sol nascente.

- A jóia em sua coroa é um imã que atrai os eons. — disse Gonar — O sol está se erguendo... e quem vem do nascer do sol?

Cormac e o rei se sobressaltaram. O sol acabava de erguer uma esfera vermelha sobre

as colinas do leste. E, bem no brilho, vigorosamente destacado contra o aro dourado, um homem apareceu subitamente. Eles não o viram chegar. Contra o nascimento dourado do dia, ele avultava colossal; um deus gigantesco da aurora da criação. Enquanto ele andava a passos largos em direção a eles, as hostes que acordavam o viram e lançaram um súbito grito de espanto.

- Quem... ou o que é? — exclamou Bran.

- Vamos ao encontro dele, Bran.

— respondeu o mago — É o rei que Gonar enviou para salvar o povo de Brule.

2) "Alcançei estas terras agora

*Desde uma remota e obscura
Thule;*

*De um meio selvagem e misterioso,
que jaz sublime*

*À parte do Espaço... à parte do
Tempo".*

(Edgar Allan Poe)

O exército caiu em silêncio,

enquanto Bran, Cormac e Gona
iam em direção ao estranho que se
aproximava a desembaraçados
passos largos. Ao chegarem perto
dele, a ilusão de tamanho
monstruoso desapareceu, mas
viram que ele era um homem de
grande estatura. A princípio,
Cormac pensou que fosse um
escandinavo, mas uma segunda
olhada lhe mostrou que nunca
antes tinha visto tal homem, em
nenhum lugar. Sua constituição era
muito parecida com a dos vikings:
ao mesmo tempo volumosa e

esbelta... como a de um tigre. Mas suas feições não eram como as deles, e sua cabeleira leonina, de corte reto, era tão negra quanto a de Bran. Sob espessas sobrancelhas, brilhavam olhos tão cinzas quanto o aço e tão frios quanto o gelo. Seu rosto bronzeado, forte e impenetrável, estava completamente barbeado, e a testa larga indicava uma grande inteligência, do mesmo modo que a mandíbula firme e os lábios finos mostravam força de vontade e coragem. Porém, mais do que tudo,

seu porte e a inconsciente imponência leonina o marcavam como um rei natural, um governante de homens.

Sandálias de feitio curioso lhe calçavam os pés, e ele vestia um flexível colete de malha estranhamente trabalhada, o qual lhe chegava quase aos joelhos. Um cinto largo, com uma grande fivela dourada, lhe circundava a cintura, segurando uma espada longa e fina, numa pesada bainha de couro. Seu cabelo estava preso por uma larga faixa compacta, de ouro, ao redor

da cabeça.

Assim era o homem que parou diante do grupo silencioso. Ele parecia levemente perplexo e divertido. O reconhecimento faiscou em seus olhos. Ele falou num Picto estranho e arcaico, ao qual Cormac mal entendeu. Sua voz era profunda e ressonante.

- Olá, Brule, Gonar não me disse que eu sonharia com você!

Pela primeira vez em sua vida, Cormac viu o rei picto completamente desestabilizado. Ele abriu a boca, mudo. O estranho

continuou:

- E usando a gema que lhe dei, num diadema em sua cabeça! Na noite passada, você a usava num anel em seu dedo.

- Noite passada? — ofegou Bran.

- Noite passada, ou há cem mil anos... tudo é um! — murmurou Gonar, em evidente deleite diante da situação.

- Eu não sou Brule. — disse Brar — Você é louco em falar assim de um homem morto há cem mil anos? Ele foi o primeiro de minha linhagem.

O

forasteiro

riu

inesperadamente:

- Bem, agora eu sei que estou sonhando! Será uma história para contar a Brule, quando eu acordar de manhã! Que eu fui ao futuro, e vi homens afirmando descenderem do Lanceiro que ainda nem se casou. Não, você não é Brule, agora eu vejo, embora você tenha os olhos e o porte dele. Mas ele é mais alto e tem ombros mais largos. Contudo, você tem a jóia dele... ah, bom... qualquer coisa pode acontecer num sonho, de modo que não vou

discutir com você. Por um momento, pensei ter sido transportado para alguma terra durante o sono, e que estivesse na realidade despertado num país estranho, pois este é o sonho mais claro que já tive. Quem é você?

- Sou Bran Mak Morn, rei dos pictos caledônios. E este ancião é Gonar, um feiticeiro da linhagem de Gonar. E este guerreiro é Cormac de Connacht, um príncipe da ilha de Erin.

O estranho sacudiu lentamente a cabeça leonina:

- Estas palavras me soam estranhas, exceto Gonar... e este não é Gonar, embora também seja velho. Que terra é esta?

- Caledônia; ou Alba, como os gaélicos a chamam.

- E quem são aqueles guerreiros acorados e simiescos, que nos olham de longe, boquiabertos?

- São os pictos aos quais governo.

- Como as pessoas ficam estranhamente distorcidas em sonhos! — murmurou o forasteiro — E quem são aqueles homens de

cabelos desgrenhados ao redor das bigas?

- São bretões... galeses do sul da Muralha.

- Que Muralha?

- A Muralha, construída por Roma, para manter o povo da urze fora da Bretanha.

- Bretanha? — o tom era de curiosidade — Nunca ouvi falar nessa terra... e o que é Roma?

- O quê?! — exclamou Bran — Você nunca ouviu falar em Roma, o império que governa o mundo?

- Nenhum império governa o

mundo. — respondeu altivamente o outro — O reino mais poderoso da Terra é aquele no qual eu reino.

- E quem é você?

- Kull da Atlântida, rei da Valúsia!

Cormac sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. Os frios olhos cinzas estavam firmes... mas aquilo era incrível... monstruoso... anti-natural.

- Valúsia! — exclamou Bran — Ora, homem, as ondas do mar rolaram sobre os pináculos da Valúsia há incontáveis séculos.

Kull riu imediatamente:

- Que louco pesadelo! Quando Gonar me pôs o feitiço do sono profundo na noite passada... ou nesta noite... na sala secreta do palácio interno, ele me disse eu sonharia com coisas estranhas, mas isto é mais fantástico do que eu imaginava. E a coisa mais estranha é que eu sei que estou sonhando!

Gonar se interpôs, antes que Bran falasse:

- Não discuta os atos dos deuses. — murmurou o feiticeiro — Você é rei porque, no passado, você

viu e aproveitou as oportunidades. Os deuses do primeiro Gonar lhe enviaram este homem. Deixe-me tratar com ele.

Bran assentiu, e enquanto o exército silencioso se embasbacava em mudo espanto, Gonar lhe falou ao ouvido:

- Ó grande rei, você sonha, mas acaso a vida toda não é um sonho? Como pode saber se sua vida anterior não apenas um sonho, do qual acaba de acordar? Agora nós, o povo dos sonhos, temos nossas guerras e nossa paz, e agora mesmo

uma grande hoste se aproxima do sul, para destruir o povo de Brule. Você vai nos ajudar?

Kull sorriu largamente, com puro entusiasmo:

- Sim! Já lutei batalhas em sonhos antes, já matei e fui morto, e me assombrei ao acordar de minhas visões. E, às vezes, como agora, sabia que estava sonhando. Veja, eu me belisco e sinto, mas sei que estou sonhando, pois já senti a dor de ferimentos violentos, em sonhos. Sim, povo de meu sonho, lutarei por vocês contra outro povo

do sonho. Onde estão eles?

- E, para que desfrute mais do sonho — disse subitamente o mago —, esqueça que é um sonho e faça de conta que, pela magia do primeiro Gonar e a qualidade da jóia que você deu a Brule, a qual agora brilha na coroa do Morni, você tenha sido realmente transportado para diante a uma outra era, mais selvagem, onde o povo de Brule luta por sua vida contra um inimigo mais forte.

Por um momento, o homem que chamava a si mesmo de rei da

Valúsia pareceu sobressaltado; uma estranha expressão de dúvida, quase de medo, lhe nublou os olhos. Logo ele riu.

- Bom! Conduza-me feiticeiro.

Mas agora Bran interveio. Ele havia se recuperado e estava tranqüilo. Se ele pensava, como Cormac, que aquilo era uma grande farsa arranjada por Gonar, não deu sinais.

- Rei Kull, está vendo aqueles homens lá longe, que se apóiam em seus machados de cabos longos, enquanto lhe contemplam?

- Os homens altos, de cabelos e barbas douradas?

- Sim... nosso sucesso na batalha que se aproxima depende deles. Eles juram que passarão para o lado do inimigo, se não dermos a eles um rei para guiá-los... o deles está morto. Você os guiará para a batalha?

Os olhos de Kull arderam com estima:

- São homens semelhantes aos meus próprios Matadores Vermelhos, meu melhor regimento. Vou liderá-los.

- Então venha.

O pequeno grupo desceu a inclinação, através de multidões de guerreiros que avançavam ansiosas para terem uma melhor visão do forasteiro, e logo recuavam quando ele se aproximava. Uma subcorrente de sussurros tensos corria pela horda.

Os escandinavos estavam à parte, num grupo compacto. Seus olhos frios se cravaram em Kull, e ele lhes devolveu os olhares, observando cada detalhe da aparência deles.

- Wulfhere — disse Bran —, nós lhe trouxemos um rei. Faço você lembrar-se de seu juramento.

- Deixe que ele fale conosco. — disse asperamente o viking.

- Ele não pode falar sua língua. — respondeu Bran, sabendo que os escandinavos nada sabiam das lendas de sua raça — Ele é um grande rei do Sul...

- Ele vem do passado. — interrompeu calmamente o feiticeiro — Ele foi o maior de todos os reis, há muito tempo.

- Um morto!

Os vikings se moveram inquietos, e o resto da horda avançou, bebendo cada palavra. Mas Wulphere franziu a testa:

- Um fantasma liderará homens vivos? Você nos traz um homem que você diz estar morto. Não seguiremos um cadáver.

- Wulphere — disse Bran em fúria calma —, você é um mentiroso e um traidor. Você nos deu esta tarefa, imaginando-a impossível. Você está ansioso para lutar sob as Águias de Roma. Nós lhe trouxemos um rei que não é picto,

nem gaélico nem bretão, e você nega seu juramento!

- Então, deixe-o lutar comigo! — uivou Wulphere, em fúria incontrolável, girando o machado ao redor da cabeça num arco cintilante — Se seu morto me vencer... então minha gente lhe seguirá. Se eu o vencer, você nos deixará partir em paz para o acampamento das legiões!

- Bom! — disse o mago — Estão de acordo, lobos do Norte?

Um brado feroz e um brandir de espadas foram a resposta. Bran se

voltou para Kull, que havia permanecido em silêncio, sem entender nada do que foi dito. Mas os olhos do atlante lampejavam. Cormac sentiu que aqueles olhos frios haviam visto muitas cenas como aquela, para não entenderem algo do que havia passado.

- Este guerreiro diz que você deve lutar com ele pela liderança. — disse Bran, Kull, com os olhos brilhando pela crescente alegria do combate, assentiu:

- Eu já imaginava. Dê-nos espaço!

- Um escudo e um elmo! — gritou Bran, mas Kull sacudiu a cabeça:

- Não preciso de nenhum. — ele grunhiu — Para trás, e nos dê espaço para girarmos nossos aços!

Os homens recuaram de ambos os lados, formando um sólido anel ao redor dos dois homens, que agora se aproximavam cautelosamente um do outro. Kull havia desembainhado sua espada, e a grande lâmina tremeluzia em sua mão como um ser vivo. Wulfhere, cicatrizado por cem lutas selvagens,

lançou para o lado seu manto de pele de lobo e se aproximou cautelosamente, os olhos ferozes despontando sobre o topo de seu escudo estendido e o machado meio erguido na mão direita.

Súbito, quando os guerreiros ainda estavam a alguns metros de distância, Kull saltou. Seu ataque arrancou um ofego de homens acostumados a atos de bravura; pois, como um tigre saltando, ele cruzou o ar e sua espada se chocou no escudo rapidamente erguido. Faíscas voaram, e o machado de

Wulfhere golpeou, mas Kull estava sob seu giro e, enquanto ele assobiava malignamente sobre sua cabeça, ele estocou para cima e se afastou novamente de um pulo, como um gato. Seus movimentos foram rápidos demais para serem acompanhados com os olhos. A borda superior do escudo de Wulfhere apresentava um corte profundo, e havia um longo rasgo em sua cota-de-malha, onde a espada de Kull por pouco não havia cortado a carne sob ela.

Cormac, tremendo com a

terrível vibração da luta, se perguntou sobre aquela espada, que conseguia cortar cota-de-malha daquele jeito. E o golpe que cortou o escudo deveria ter despedaçado a lâmina. Mas o aço valusiano não apresentava um só talho! Com certeza, esta lâmina foi forjada por outro povo, em outra era!

Agora, os dois gigantes saltavam novamente ao ataque e, como dois raios, suas armas se entrechocaram. O escudo de Wulfhere caiu em dois pedaços de seu braço, quando a espada do

atlante o partiu, e Kull cambaleou quando o machado do escandinavo, dirigido com toda a força de seu grande corpo, desceu sobre o diadema dourado em sua cabeça. Aquele golpe deveria ter atravessado o ouro como manteiga, para partir o crânio sob ele, mas o machado ricocheteou, mostrando um grande corte no gume. No instante seguinte, o escandinavo foi submerso por um turbilhão de aço... uma tempestade de golpes, dada com tamanha rapidez e força, que ele foi levado para trás, como

se na crista de uma onda, incapaz de lançar seu próprio ataque. Com toda sua habilidade experimentada, ele tentou aparar, com seu machado, o aço que cantava. Mas ele só conseguiu evitar seu destino por poucos segundos; só conseguiu, por um momento, desviar a lâmina assobiante que lhe cortava a cotad-malha em pedacinhos, de tão perto que caíam os golpes. Um dos chifres lhe voou do elmo; logo, a própria cabeça do machado caiu, e o mesmo golpe que cortou o cabo mordeu, através do elmo do viking,

o couro cabeludo sob ele. Wulfhere foi derrubado de joelhos, com um fio de sangue lhe brotando do rosto.

Kull deteve seu segundo golpe e, lançando a espada para Cormac, enfrentou sem armas o atordoado escandinavo. Os olhos de atlante resplandeciam com alegria feroz, e ele rugiu algo numa língua estranha. Wulfhere se levantou e saltou, rosnando feito um lobo, um punhal lhe faiscando na mão. A horda de espectadores soltou um uivo que rasgou os céus, quando os

dois corpos se chocaram. A mão de Kull não conseguiu agarrar o pulso do escandinavo, mas o punhal desesperadamente arremetido se partiu na malha do atlante e, deixando o cabo inútil cair, Wulfhere fechou os braços ao redor do inimigo, num abraço de urso que quebraria as costelas de um homem menor. Kull sorriu como um tigre e devolveu a abraço, e, por um momento, os dois oscilaram sobre os pés. Lentamente, o guerreiro de cabelos negros curvou o adversário para trás, até parecer

que a coluna deste ia se quebrar. Com um uivo que nada tinha de humano, Wulfhere arranhou furiosamente o rosto de Kull, tentando lhe arrancar os olhos, e logo virou a cabeça e cravou os dentes como presas no braço do atlante. Um uivo se ergueu, quando brotou um fio de sangue:

- Ele sangra! Ele sangra! Ele não é fantasma, afinal de contas, mas um homem mortal!

Enraivecido, Kull mudou o aperto, empurrando o espumante Wulfhere para longe e golpeando-o

terrivelmente sob a orelha com a mão direita. O viking caiu de costas a mais de três metros de distância. Depois, uivando feito um louco, ele se ergueu de um salto, com uma pedra na mão, e a arremessou. Só a incrível rapidez de Kull lhe salvou o rosto; mesmo assim, o fio áspero do projétil lhe rasgou a bochecha e o inflamou de loucura. Com um rugido leonino, ele pulou sobre seu inimigo, o envolveu com uma explosão irresistível de pura fúria, o girou bem acima da cabeça como se fosse uma criança e o lançou a três

metros de distância. Wulphere caiu pesadamente e ficou imóvel... quebrado e morto.

Um silêncio deslumbrado reinou por um instante; logo, se ergueu dos gaélicos um rugido trovejante, e os bretões e pictos se uniram a ele, uivando como lobos, até os ecos dos gritos e o estrondo das espadas sobre os escudos alcançarem os ouvidos dos legionários em marcha, milhas ao sul.

- Homem do Norte cinza — gritou Bran —, manterão agora seu

juramento?

As almas ferozes dos escandinavos estavam em seus olhos, quando seu porta-voz respondeu. Primitivos, supersticiosos, mergulhados na tradição tribal de deuses guerreiros e heróis míticos, eles não duvidavam que o combatente de cabelos negros fosse algum ser sobrenatural, enviado pelos ferozes deuses da batalha.

- Sim! Nunca vimos um homem como este! Morto, fantasma ou demônio, nós o seguiremos, seja na

trilha para Roma ou para Valhalla!

Kull entendeu o significado, apesar de não entender as palavras.

Pegando sua

espada de Cormac, com uma palavra de agradecimento, ele se voltou para os escandinavos que esperavam e, silenciosamente, segurou a lâmina acima da cabeça, em direção a eles, com ambas as mãos, antes de devolvê-la à bainha.

Apreciaram a ação sem entendê-la.

Manchado de sangue e despenteado, ele era uma impressionante figura de

barbarismo majestoso e magnífico.

- Venha — disse Bran, tocando o braço do atlante —; um exército está marchando até nós, e temos muito a fazer. Há pouco tempo para arrumarmos nossas forças, antes que eles estejam sobre nós. Venha para o alto daquela elevação.

Lá, o picto apontou. Eles olhavam em direção a um vale que corria de norte a sul, se alargando desde uma garganta estreita ao norte até desembocar sobre uma planície ao sul. Todo o vale tinha menos de 1600 metros de

comprimento.

- Nossos inimigos subirão este vale — disse o picto —, porque eles têm carroças carregadas de suprimentos e, em todos os lados deste vale, o chão é muito áspero para tal viagem. Aqui, nós planejamos uma emboscada.

- Eu pensei que você tivesse seus homens postados à espera há muito tempo. — disse Kull — E quanto aos batedores que o inimigo certamente enviará?

- Os selvagens que lidero jamais aguardariam tanto tempo numa

emboscada. — disse Bran, com um toque de amargura — Eu não poderia postá-los até estar certo dos escandinavos. Mesmo assim, eu não ousaria postá-los antes de agora... eles podem ficar em pânico por causa da passagem de uma nuvem ou de uma folha soprada pelo vento, e se dispersarem como pássaros diante de um vento frio. Rei Kull... o destino da nação picta está em jogo. Sou chamado de rei dos pictos, mas meu governo até agora não passa de uma zombaria oca. As colinas estão cheias de clãs

selvagens, que se recusam a lutar por mim. Dos mil arqueiros que estão agora sob meu comando, mais da metade são de meu próprio clã.

"Uns 80 mil romanos estão marchando contra nós. Não é uma invasão autêntica, mas muita coisa depende dela. É o começo de uma tentativa de estenderem suas fronteiras. Eles planejaram construir uma fortaleza a um dia de marcha ao norte deste vale. Se o fizerem, construirão outros fortes, traçando faixas de aço ao redor do

coração do povo livre. Se eu vencer esta batalha e varrer este exército, terei uma vitória dupla. Então, as tribos se unirão a mim, e a próxima invasão encontrará um muro sólido de resistência. Se eu perder, os clãs se dispersarão, fugindo para o norte até não poderem mais, lutando mais como clãs separados do que como uma nação forte.

"Tenho 1000 arqueiros, 500 cavaleiros, 50 bigas com seus condutores e

guerreiros... 150 homens, ao todo... e, graças a você, 300 piratas

escandinavos fortemente armados. Como você arrumaria suas linhas de batalha?".

- Bem — disse Kull —, eu colocaria barricadas no extremo norte do vale... não! Isso sugeriria uma armadilha. Mas eu o bloquearia com um bando de homens desesperados, como estes que você me deu para guiar. Trezentos poderiam manter a garganta por um tempo contra qualquer número. Então, quando o inimigo estivesse lutando contra estes homens na parte estreita do

vale, eu faria meus arqueiros dispararem sobre eles, de ambos os lados do vale, até suas fileiras se quebrarem. Depois, mantendo meus cavaleiros ocultos atrás de uma aresta e minhas carruagens atrás de outra, atacaria com ambos simultaneamente e varreria o inimigo numa destruição vermelha.

Os olhos de Bran brilharam:

- Exatamente, rei da Valúsia.

Este era meu plano exato...

- Mas, e quanto aos batedores?

- Meus guerreiros são como panteras; se escondem debaixo dos

narizes dos romanos. Aqueles que cavalgarem dentro do vale só verão o que quisermos que eles vejam. Aqueles que cavalgarem sobre a aresta não retornarão para informar. Uma flecha é veloz e silenciosa.

"Como vê, o pivô de tudo depende dos homens que defendem o desfiladeiro. Devem ser homens capazes de lutar a pé, e de resistirem ao ataque dos pesados legionários, o tempo suficiente para a armadilha se fechar. Além desses escandinavos,

não tenho tal força de homens. Meus guerreiros nus, com suas espadas curtas, nunca conseguiram agüentar tal ataque por um instante. Nem as armaduras dos celtas são feitas para tal trabalho; além disso, eles não lutam a pé, e preciso deles em outro lugar.

"Desse modo, você vê por que preciso tão desesperadamente dos escandinavos. Agora, você estará com eles no desfiladeiro e deterá os romanos, até que eu possa lançar a armadilha? Lembre-se, muitos de vocês morrerão".

Kull sorriu:

- Tenho corrido riscos a vida inteira, embora Tu, o conselheiro-chefe, dissesse que minha vida pertence à Valúsia e que eu não tenho o direito de arriscá-la... — Sua voz se quebrou, e uma estranha expressão lhe percorreu o rosto — Por Valka — ele disse, rindo incerto —, às vezes esqueço que isto é um sonho! Tudo parece tão real. Mas é... claro que é! Bom, então se eu morrer, simplesmente acordarei como

já fiz no passado. Avante, rei da

Caledônia!

Cormac, indo até seus guerreiros, se interrogava. Certamente, era tudo uma farsa; mas... ele ouvia as discussões dos guerreiros ao redor, enquanto eles se armavam e se preparavam para tomarem seus postos. O rei de cabelos negros era o próprio Neid, o deus celta da guerra; era um rei antediluviano, trazido do passado por Gonar; era um guerreiro mítico saído do Valhalla. Não era um homem, afinal, mas um fantasma! Não, ele era mortal, pois havia

sangrado. Mas os próprios deuses sangravam, embora não morressem. Assim, as controvérsias se inflamavam. Pelo menos, pensou Cormac, se era tudo uma farsa para inspirar os guerreiros com a sensação de ajuda sobrenatural, ela deu certo. A crença de que Kull era mais que um homem mortal havia inflamado igualmente ao celta, picto e viking, numa espécie de loucura inspirada. E Cormac se perguntava... no que ele acreditava? Este homem era certamente de alguma terra distante... Mas, em

cada aspecto e ação dele, havia uma vaga sugestão de uma diferença maior do que mera distância de espaço — uma sugestão de Tempo distinto, de abismos nebulosos e gigantescos golfos de eons, jazendo entre o forasteiro de cabelos negros e os homens com quem andava e conversava. Nuvens de perplexidade confundiram o cérebro de Cormac, e ele gargalhou em extravagante mofa de si mesmo.

3) "E os dois povos selvagens do norte Se enfrentaram ao anoitecer,

E ouviram e conheceram, cada um em sua mente, Um terceiro clamor sobre o vento, Os muros vivos que dividem a humanidade, Os muros em marcha de Roma”.

(Chesterton)

O sol se inclinava em direção ao leste. O silêncio jazia como uma bruma invisível sobre o vale. Cormac juntou as rédeas na mão e ergueu o olhar para as arestas em ambos os lados. A urze ondulante, que crescia em abundância

naquelas elevações íngremes, não dava evidência das centenas de guerreiros selvagens que se escondiam ali. Na garganta estreita, que se alargava gradualmente para o sul, se encontrava o único sinal de vida. Entre as paredes íngremes, 300 escandinavos se aglomeravam solidamente, em sua muralha de escudos em forma de cunha, bloqueando o desfiladeiro. Na extremidade, como a ponta de uma lança, estava o homem que chamava a si próprio Kull, rei da Valúsia. Não usava elmo — só a

grande e estranhamente trabalhada faixa de ouro duro —, mas trazia, no braço esquerdo, o grande escudo usado pelo falecido Rognar; e, na mão direita, segurava a pesada maça de ferro empunhada pelo rei do mar. Os vikings o observavam, maravilhados e com selvagem admiração. Não conseguiam entender sua linguagem, nem ele a deles. Mas não eram necessárias mais ordens. Sob a direção de Bran, haviam se agrupado na garganta, e sua única ordem era: defender a passagem!

Bran Mak Morn estava diante de Kull. Assim, encararam um ao outro: um, com seu reino ainda por nascer, e o outro, cujo reino havia se perdido nas brumas do Tempo por eras incalculáveis. Reis da escuridão, pensou Cormac, reis anônimos da noite, cujos reinos são abismos e sombras.

O rei picto estendeu a mão:

- Rei Kull, você é mais que um rei... é um homem. Nós dois podemos cair dentro de uma hora... mas, se vivermos, peça-me o que quiser.

Kull sorriu, devolvendo o firme aperto:

- Você também é um homem que me agrada, rei das sombras. Com certeza, você é mais que um produto de minha imaginação sonhadora. Talvez nos encontremos em vida desperta algum dia.

Bran sacudiu a cabeça, perplexo, saltou para a sela e se afastou a galope, subindo a ladeira leste e desaparecendo sobre a aresta. Cormac hesitou:

- Homem estranho, você é realmente de carne e sangue, ou é

um fantasma?

- Quando sonhamos, somos todos de carne e sangue... enquanto estamos sonhando. — respondeu Kull — Este é o mais estranho pesadelo que já tive... mas você, que logo desaparecerá em puro nada quando eu acordar, me parece tão real agora quanto Brule, Kananu, Tu ou Kelkor.

Cormac sacudiu a cabeça como Bran havia feito e, com uma última saudação, a qual Kull devolveu com majestade bárbara, deu a volta e se afastou trotando. No topo da aresta

ocidental, ele parou. Ao sul distante, se erguia uma leve nuvem de pó e podia-se avistar a cabeça da coluna em marcha. Ele acreditava já poder sentir a terra vibrar levemente sob o passo calculado de mil pés encouraçados, batendo em perfeita harmonia. Ele desmontou, e um de seus chefes tribais, Domnail, tomou seu cavalo e o levou para baixo da ladeira, longe do vale, onde as árvores cresciam espessas. Apenas um ocasional movimento vago, entre eles, dava evidência dos 500 homens que se

encontravam ali, cada um próximo ao seu cavalo, com a mão pronta para silenciar o mais leve relincho.

Oh, pensou Cormac, os próprios deuses fizeram este vale para a emboscada de Bran! O chão do vale não tinha árvores, e as ladeiras internas estavam nuas, exceto pelas urzes que chegavam até a cintura. Mas, ao pé de cada aresta, no lado que se afastava do vale, onde a terra bem apagada das ladeiras rochosas havia se acumulado, cresciam árvores suficientes para esconder 500 cavaleiros ou 50 carruagens.

No extremo norte do vale, se encontrava Kull e seus 300 vikings, bem visíveis, flanqueados a cada lado por 50 arqueiros pictos. Ocultos no lado oeste da aresta ocidental, estavam os gaélicos. Ao longo do alto das ladeiras, escondidos na urze alta, havia 100 pictos, com suas flechas nas cordas dos arcos. O resto dos pictos estava escondido nas inclinações orientais mais além, onde estavam os bretões, com suas bigas bem preparadas. Nem eles nem os gaélicos a oeste conseguiam ver o

que acontecia no vale, mas sinais haviam sido preparados.

Agora, a longa coluna estava entrando na larga boca do vale, e seus batedores, homens levemente armados sobre cavalos rápidos, estavam se espalhando entre as ladeiras. Eles galoparam quase ao alcance de um tiro de flecha da hoste silenciosa que bloqueava a passagem, e então pararam. Alguns giraram e correram de volta à força principal, enquanto outros se desdobraram e subiram as ladeiras a meio-galope, procurando ver o

que havia além. Aquele era o momento crucial. Se percebessem qualquer sugestão de emboscada, tudo estaria perdido. Cormac, se encolhendo dentro da urze, se maravilhou com a habilidade dos pictos em sumirem tão completamente de vista. Ele viu um cavaleiro passar a menos de um metro de onde ele sabia haver um arqueiro, mas o romano não viu nada.

Os batedores galgaram as arestas e olharam ao redor; logo, a maioria deles deu a volta e desceu

trotando as ladeiras. Cormac se surpreendeu com sua maneira descuidada de explorar. Ele nunca havia lutado contra romanos antes, e nada sabia de sua arrogante autoconfiança, de sua incrível astúcia em certas coisas e sua incrível estupidez em outras. Aqueles homens eram confiantes demais; uma sensação irradiada por seus oficiais. Haviam se passado anos, desde que uma força de caledônios resistiria às legiões. E a maioria daqueles homens era recém-chegada à Bretanha; parte de uma

legião que havia estado aquartelada no Egito. Desprezavam aos seus inimigos e não suspeitavam de nada.

Mas... espere! Três cavaleiros na aresta oposta haviam dado a volta e desaparecido no outro lado. E agora um, detendo seu corcel no alto da aresta ocidental, a uns 90 metros de onde Cormac estava, olhou atentamente para a massa de árvores ao pé da ladeira. Cormac viu a suspeita crescer naquele rosto marrom e aquilino. Ele meio se virou, como que para chamar seus

companheiros, e logo, ao invés disso, conduziu o cavalo ladeira abaixo, se curvando para a frente em sua sela. O coração de Cormac disparou. A qualquer momento, esperava ver o homem girar e galopar de volta para dar o alarme. Ele resistiu ao louco impulso de se erguer de um salto e atacar o romano a pé. O homem certamente podia sentir a tensão no ar... as centenas de olhos ferozes sobre ele. Agora, ele estava na metade da descida da ladeira, fora da vista dos homens no vale. E agora, o som

agudo e vibrante de um arco invisível quebrou a aflitiva imobilidade. Com um ofego estrangulado, o romano ergueu as mãos e, enquanto o corcel se empinava, ele caiu de ponta-cabeça, trespassado por uma longa flecha negra que se movera como um relâmpago de dentro da urze. Um anão robusto saltou aparentemente do nada e agarrou as rédeas, tranqüilizando o cavalo que resfolegava e guiando-o ladeira abaixo. Diante da queda do romano, homens baixos e

arqueados se ergueram da grama como um súbito vôo de pássaros, e Cormac viu o reluzir de uma faca. Logo, com pressa irreal, tudo se acalmou. Assassinos e morto estavam invisíveis, e só a calma ondulação da urze marcava o ato sombrio.

O gaélico voltou a olhar para dentro do vale. Os três que haviam cavalgado sobre a aresta leste não haviam voltado, e Cormac sabia que eles nunca o fariam. Evidentemente, os outros batedores haviam levado a notícia de que só

um pequeno grupo de guerreiros estava pronto para disputar a passagem dos legionários. Agora, a cabeça da coluna se encontrava quase sob ele, e vibrou ao ver estes homens condenados, desfilando com sua soberba arrogância. E a visão de suas esplêndidas armaduras, seus rostos aquilinos e perfeita disciplina o impressionaram tanto quanto um gaélico é capaz de ser impressionado.

Mil e duzentos homens em pesada armadura, marchando como

um, de modo que o chão tremia ao seu passo! Muitos deles eram de estatura mediana, com peitos e ombros poderosos, e rostos bronzeados — veteranos endurecidos por cem campanhas. Cormac lhes notou as azagaias, as curtas espadas afiadas e escudos pesados; suas armaduras brilhantes e capacetes com cristas, as águias nos estandartes. Aqueles eram os homens sob cuja passagem o mundo havia tremido, e impérios se desagregado! Nem todos eram latinos; havia bretões romanizados

entre eles, e uma centúria — ou 100 — era composta de enormes homens de cabelos amarelos — gauleses e germanos, que lutavam por Roma tão ferozmente quanto os nascidos nela, e odiavam seus parentes selvagens mais ferozmente.

A cada lado, havia um enxame de cavalaria, batedores, e a coluna era flanqueada por arqueiros e atiradores de funda. Um grupo de carroças lentas carregava os suprimentos do exército. Cormac viu o comandante cavalgando em

seu posto — um homem alto, com um rosto delgado e imperioso, evidente mesmo àquela distância. Marcus Sulus... o gaélico c conhecia pela fama.

Um rugido gutural se ergueu dos legionários, ao se aproximarem de seus inimigos. Evidentemente, pretendiam abrir caminho através deles e continuarem

sem uma pausa, pois a coluna se movia implacável. A quem os deuses destroem, eles primeiro enlouquecem — Cormac nunca tinha ouvido essa frase, mas lhe

ocorreu que o grande Sulus era um idiota. Arrogância romana! Marcus estava acostumado a açoitar os povos encolhidos de um Leste decadente; ele pouco imaginava do ferro nestas raças ocidentais.

Um grupo de cavalaria se destacou e correu para a boca do desfiladeiro, mas era apenas um gesto. Com fortes gritos zombeteiros, eles giraram à distância de três lanças e atiraram suas azagaias, as quais ricochetearam inofensivamente nos escudos sobrepostos dos

silenciosos escandinavos. Mas o líder deles se arriscou demais: ao girar, ele se inclinou da sela e arremeteu em direção ao rosto de Kull. O grande escudo desviou a lança, e Kull devolveu o golpe como uma serpente; a poderosa maça esmagou capacete e cabeça como uma casca de ovo, e o próprio corcel caiu de joelhos diante do impacto daquele terrível golpe. Um rugido curto e feroz se ergueu dos escandinavos, e os pictos ao lado deles uivaram exultantes e lançaram suas flechas entre os

cavaleiros que se retiravam. O primeiro sangue para o povo da urze! Os romanos que se aproximavam gritaram vingativamente e aceleraram o passo, enquanto o cavalo aterrorizado corria entre eles, com uma horrível caricatura de homem, o pé preso no estribo, sendo arrastada sob os cascos retumbantes.

Agora, a primeira linha de legionários, comprimida por causa da estreiteza da garganta, se espatifou contra a sólida parede de

escudos — se espatifou e recuou. O muro de escudos não havia se movido uma só polegada. Esta era a primeira vez em que as legiões romanas haviam se deparado com aquela formação inquebrável... a mais velha de todas as linhas de batalhas arianas... a ancestral do regimento espartano, da falange tebana, da formação macedônia, do quadro inglês.

Escudo se chocou contra escudo, e a curta espada romana buscou uma brecha naquela muralha de ferro. Lanças vikings, se eriçando

em sólidas fileiras acima, estocaram e se avermelharam; pesados machados desciam, atravessando ferro, carne e ossos. Cormac viu Kull, se erguendo acima dos atarracados romanos na vanguarda do conflito, assentando golpes como raios. Um robusto centurião se lançou para a frente, com o escudo no alto e golpeando para cima. A maça de ferro se espatifou terrivelmente, despedaçando a espada, dividindo o escudo, destruindo o capacete e esmagando o crânio — tudo em um só golpe.

A linha frontal dos romanos se curvou como uma barra de ferro ao redor da cunha, enquanto os legionários tentavam abrir caminho lutando, através da garganta a ambos os lados, e cercar seus oponentes. Mas a passagem era muito estreita; agachados contra os muros escarpados, os pictos lançavam suas flechas negras, numa saraivada de morte. A esta distância, as pesadas setas penetravam escudos e corselete, trespassando os homens encouraçados. A linha frontal da

batalha rolou para trás, vermelha e quebrada, e os escandinavos pisaram seus próprios — e poucos — mortos, para fechar a brecha que a queda deles havia feito. Estendendo-se amplamente diante deles, jazia uma linha delgada de formas destroçadas — a espuma vermelha da maré que se quebrava em vão sobre eles.

Cormac havia se erguido de um pulo, agitando os braços. Domnail e seus homens haviam saído dos refúgios diante do sinal, e vieram galopando pela ladeira,

contornando a aresta. Cormac montou o cavalo trazido para ele, e olhou impacientemente através do vale estreito. Nenhum sinal de vida aparecia na aresta leste. Onde estava Bran... e os bretões?

Lá embaixo do vale, as legiões, enfurecidas diante da inesperada oposição da pequena força diante deles, embora não desconfiados, estavam se reunindo numa formação mais compacta. As carroças, que haviam parado, estavam novamente se movendo com dificuldade, e toda a coluna

estava em movimento outra vez, como se pretendesse abrir caminho só com seu peso. Com os 100 gauleses na primeira linha, os legionários avançavam de novo ao ataque. Desta vez, com toda a força dos 1200 homens atrás, o ataque desmantelaria a resistência dos guerreiros de Kull como um pesado aríete; iria pisoteá-los, lhes varrendo os destroços vermelhos. Os homens de Cormac tremiam de impaciência. Súbito, Marcus Silius deu a volta e olhou para oeste, onde a linha dos cavaleiros se destacava

contra o céu. Mesmo àquela distância, Cormac viu seu rosto empalidecer. O romano finalmente percebeu o metal dos homens aos quais enfrentava, e que caminhava dentro de uma armadilha. Com certeza, naquele momento, uma imagem caótica relampejou em sua mente: derrota... vergonha... ruína vermelha!

Era tarde demais para bater em retirada... tarde demais para formar um quadro defensivo, com as carroças como barricada. Só havia uma saída possível, e Marcus,

general astuto apesar de seu erro recente, a usou. Cormac ouviu sua voz cortando o tumulto como um clarim, e, apesar de não entender as palavras, sabia que o romano gritava aos seus homens para que golpeassem como uma rajada àquela aglomeração de escandinavos — para abrirem caminho para fora da armadilha, antes que ela pudesse se fechar!

Agora os legionários, conscientes de sua situação desesperadora, se lançavam de cabeça e terrivelmente sobre seus

inimigos. A parede de escudos tremeu, mas não cedeu uma polegada sequer. Os rostos selvagens dos gauleses, e os duros rostos marrons dos italianos, olhavam ferozmente por cima dos escudos fechados, em direção aos olhos flamejantes do Norte. Com os escudos tocando uns nos outros, eles golpeavam, matavam e morriam numa tempestade vermelha de matança, onde machados escarlates subiam e desciam, e lanças gotejantes se quebravam em espadas marcadas e

cegas.

Onde, em nome Deus, estava Bran com suas bigas? Mais uns poucos minutos significariam a condenação de todos os homens que defendiam a passagem. Já estavam caindo rapidamente, embora fechassem suas fileiras ainda mais e resistissem como ferro. Aqueles homens selvagens do Norte morriam em seus postos; e, avultando entre suas cabeças douradas, a negra cabeleira leonina de Kull brilhava como um símbolo de matança, e sua maça

ensangüentada derramava uma chuva medonha, enquanto salpicava miolos e sangue como água.

Algo estalou no cérebro de Cormac.

- Estes homens morrerão enquanto esperamos pelo sinal de Bran! — ele gritou — Avante! Sigam-me para o Inferno, filhos de Gael!

Um rugido selvagem lhe respondeu, e, soltando as rédeas, ele disparou ladeira abaixo, com 500 cavaleiros urrantes se

precipitando atrás dele. E, naquele mesmo instante, uma tempestade de flechas varreu o vale de ambos os lados, como uma nuvem negra, e o terrível clamor dos pictos partiu os céus. E, sobre a aresta leste, como uma súbita explosão de trovão oscilante no Dia do Juízo, corriam as carruagens de guerra. Desceram, correndo e rugindo, a ladeira, com a espuma voando das narinas dilatadas dos cavalos; seus cascos furiosos mal pareciam tocar o chão, transformando a urze alta em nada. Na primeira carruagem,

com os olhos escuros ardendo, se agachava Bran Mak Morn, e entre todos eles, os bretões nus guinchavam e chicoteavam como se possuídos por demônios. Atrás das bigas que corriam, vinham os pictos, uivando como lobos e lançando suas flechas enquanto corriam. A urze os vomitava de todos os lados, numa onda negra.

Foi o que Cormac viu em vislumbres caóticos, durante aquela selvagem cavalgada ladeiras abaixo. Uma onda de cavalaria correu entre ele e a linha principal da coluna.

Três longos pulos adiante de seus homens, o príncipe gaélico enfrentou as lanças dos cavaleiros romanos. A primeira lança ricocheteou em seu escudo e, erguendo-se sobre os estribos, ele golpeou para baixo, partindo um homem das costas ao osso do peito. O romano seguinte lançou uma azagaia que matou Domnail, mas naquele instante o corcel de Cormac se chocou com o dele, peito a peito, e o cavalo mais leve rolou de ponta-cabeça sob o impacto, lançando seu montador para

debaixo dos cascos golpeantes.

Depois, toda a rajada do ataque gaélico golpeou a cavalaria romana, despedaçando-a, espatifando-a e derrubando-a. Sobre suas ruínas vermelhas, os demônios urrantes de Cormac golpearam a pesada infantaria romana, e toda a linha cambaleou diante do impacto. Espadas e machados reluziram para cima e para baixo, e a força de sua investida os levou bem para dentro das filas aglomeradas. Ali, impedidos, eles oscilaram e golpearam. Azagaias eram

arremetidas, espadas reluziam para cima, derrubando cavalo e cavaleiro; e, grandemente superados em número, acossados em todos os lados, os gaélicos teriam perecido entre seus inimigos, mas, naquele instante, do outro lado, as bigas despedaçantes feriram as fileiras romanas. Atacaram quase simultaneamente, numa longa linha, e, no momento do impacto, os cocheiros desviaram seus cavalos para o lado e correram paralelamente pelas fileiras, tosquiando homens como se

estivessem ceifando trigo. Morreram centenas sob aquelas lâminas curvas naquele momento, e, saltando de suas bigas, gritando como sanguissedentos gatos selvagens, os espadachins bretões se lançaram sobre as lanças dos legionários, talhando loucamente com suas espadas de cabos longos. Agachados, os pictos lançaram suas flechas à queima-roupa, e logo saltaram para dentro, para talhar e furar. Enlouquecidos pela visão da vitória, estes povos selvagens eram como tigres feridos que não sentem

os ferimentos, e morriam de pé com seu último suspiro transformado num rosnado de fúria.

Mas a batalha ainda não tinha acabado. Atordoados e quebrados, sua formação quebrada e quase metade dos seus já caídos, os romanos lutavam com fúria desesperada. Encurralados em todas as direções, eles talhavam e golpeavam isoladamente; ou em pequenos grupos, lutavam com as costas coladas às costas do aliado — arqueiros, manejadores de

fundas, cavaleiros e pesados legionários, misturados numa massa caótica. A confusão era completa, mas não a vitória. Aqueles que estavam detidos no desfiladeiro ainda se lançavam sobre os machados vermelhos que lhes barravam o caminho, enquanto a batalha aglomerada e cerrada trovejava atrás deles. De um lado, os gaélicos de Cormac esbravejavam e talhavam; de outro, as bigas avançavam e recuavam, se retirando e voltando como furacões de ferro. Não havia retirada, pois os

pictos haviam lançado um cordão através do caminho por onde vieram, e, tendo cortado as gargantas dos seguidores do acampamento e se apossado das carroças, lançavam suas setas numa tempestade de morte sobre a retaguarda da coluna destroçada. Aquelas longas flechas negras perfuravam armadura e osso, espetando homens de dois em dois. Mas a matança não estava toda em um lado. Pictos morriam sob a estocada relampejante de azagaias e espadas curtas. Gaélicos,

comprimidos sob seus cavalos que caíam, eram cortados em pedaços; e bigas, separadas de seus cavalos, eram inundadas com o sangue de seus cocheiros.

E, na extremidade estreita do vale, a batalha ainda rolava e redemoinhava. Grandes deuses... pensou Cormac, olhando entre os golpes que pareciam relâmpagos... aqueles homens ainda defendiam a garganta? Sim! Eles a mantinham! Um décimo de seu número original, morrendo de pé, continuava detendo os ataques frenéticos dos

legionários que diminuía em número.

Por todo o campo, se erguia o rugido e o estrondo de armas, e aves de rapina, voando rapidamente desde o crepúsculo, faziam círculos no alto. Cormac, se esforçando para alcançar Marcus Sulus através da multidão, viu o cavalo do romano afundar sob ele, e o cavaleiro se erguer sozinho num mar de inimigos. Viu a espada romana relampejar três vezes, matando a cada golpe; então, da parte mais revolta do conflito,

pulou uma figura terrível. Era Bran Mak Morn, manchado da cabeça aos pés. Ele arremessou a espada quebrada enquanto corria, sacando um punhal. O romano golpeou, mas o rei picto se esquivou da estocada e, agarrando-lhe o punho que segurava a espada, ele enfiou várias e várias vezes o punhal através da armadura brilhante.

Um enorme rugido se ergueu quando Marcus morreu, e Cormac, com um grito, reagrupou os remanescentes de sua força ao seu redor e, batendo as esporas no

cavalo, irrompeu através das linhas despedaçadas e cavalgou a toda velocidade para o outro extremo do vale.

Mas, ao se aproximar, viu que era tarde demais. Como haviam vivido, assim haviam morrido aqueles ferozes lobos-do-mar, com seus rostos encarando o inimigo e suas armas quebradas avermelhadas nas mãos. Jaziam num grupo sombrio e silencioso, preservando, mesmo na morte, algo da formação do muro de escudos. Entre eles, à frente deles e ao redor

deles, jaziam em um grande amontoado os corpos daqueles que haviam tentado, em vão, lhes romper as fileiras. Eles não haviam recuado um passo! Haviam morrido em seus postos até o último homem. E também não havia ninguém para pisar sobre suas figuras dilaceradas; aqueles romanos que haviam escapado dos machados vikings, haviam sido derrubados pelas setas dos pictos e espadas dos gaélicos por trás.

Mas esta parte da batalha não havia acabado. No alto da íngreme

ladeira ocidental, Cormac viu o final daquele drama. Um grupo de gauleses em armadura romana avançava sobre um único homem — um gigante de cabelos negros, em cuja cabeça brilhava uma coroa dourada. Havia aço nestes homens, assim como no homem que os arrastava ao seu destino. Estavam condenados — seus camaradas estavam sendo trucidados atrás deles —, mas antes que chegasse sua vez, eles pelos menos teriam a vida do chefe de cabelos negros, que havia liderado os homens de

cabelos dourados do Norte.

Avançando sobre ele por três direções, eles o haviam forçado lentamente a recuar para o alto da íngreme parede do desfiladeiro, e os corpos amarrotados que se estendiam ao longo de seu recuo, mostravam o quão ferozmente cada passo do caminho havia sido disputado. Aqui, neste escarpado, já era trabalho suficiente manter o equilíbrio; mas aqueles homens ao mesmo tempo galgavam e lutavam. O escudo de Kull e sua enorme maça haviam desaparecido, e a

grande espada em sua mão direita estava tingida de escarlate. Sua cota de malha, trabalhada com uma arte esquecida, agora pendia em retalhos, e o sangue brotava de uma centena de ferimentos nos membros, cabeça e corpo. Mas seus olhos ainda resplandeciam com a alegria da batalha, e seu braço cansado ainda impelia a poderosa espada com golpes mortíferos.

Mas Cormac viu que o fim chegaria antes que eles pudessem alcançá-lo. Agora, no próprio cume do escarpado, um círculo de pontas

ameaçava a vida do estranho rei, e até mesmo sua força de ferro estava diminuindo. Agora, ele partia o crânio de um enorme guerreiro e, no retorno do golpe, rasgava o pescoço do outro; cambaleando sob uma verdadeira chuva de espadas, ele golpeou novamente, e sua vítima lhe caiu aos pés, partida até o osso do peito. Então, quando uma dúzia de espadas se ergueu acima do cambaleante atlante para o golpe fatal, uma coisa estranha aconteceu. O sol afundava no mar ocidental; toda a urze parecia nadar

num rubro oceano de sangue. Destacado contra o sol poente, como havia aparecido pela primeira vez, Kull se ergueu, e então, como uma neblina se levantando, um enorme panorama se abriu atrás do rei cambaleante. Os olhos assombrados de Cormac perceberam um rápido e gigantesco vislumbre de outros climas e esferas — como se refletida em nuvens de verão, ele viu, ao invés das colinas de urzes se estendendo até o mar, uma vaga e vasta terra de montanhas azuis e brilhantes lagos

tranqüilos... os pináculos dourados, púrpuras e safiras, e os muros colossais de uma cidade enorme, tal como a terra não havia conhecido por muitas eras.

Então, como o sumiço de uma miragem, ela desapareceu, mas os gauleses na alta elevação haviam deixado suas armas caírem e arregalavam os olhos como homens pasmados... Pois o homem chamado Kull havia desaparecido, e não havia sinal de sua partida!

Como se confuso, Cormac girou o corcel e voltou através do campo

atropelado. Os cascos de seu cavalo esparrinhavam em lagos de sangue e retiniam nos capacetes de homens mortos. Através do vale, trovejava o grito de vitória. Mas tudo parecia ensombrecido e estranho. Uma figura caminhava por entre os corpos dilacerados, e Cormac percebeu vagamente que era Bran. O gaélico desmontou e encarou o rei. Bran estava desarmado e ensangüentado; o sangue lhe escorria de talhos na testa, peito e membros; a armadura que usava estava totalmente

despedaçada, e um talho lhe havia meio cortado sua coroa de ferro. Mas a jóia vermelha ainda brilhava sem manchas, como uma estrela de manança.

- Estou pensando em lhe matar — disse o gaélico pesadamente, falando como um homem em transe —, pois o sangue de homens valentes cai sobre sua cabeça. Se você tivesse dado o sinal de ataque mais cedo, alguns estariam vivos.

Bran cruzou os braços; seus olhos estavam assombrados:

- Golpeie se quiser; estou

cansado de matança. O hidromel de reinar é frio. Um rei deve jogar com as vidas dos homens e as espadas nuas. As vidas de todo meu povo estavam em jogo; sacrifiquei os escandinavos... sim; e meu coração dói dentro de mim, pois eram homens! Mas, se eu tivesse dado a ordem quando você desejava, tudo poderia ter dado errado. Os romanos ainda não estavam aglomerados na boca estreita da garganta, e poderiam ter tido tempo e espaço para formar suas fileiras de novo e nos derrotar.

Esperarei até o último momento... e os piratas morreram. Um rei pertence ao seu povo, e não pode deixar que nenhum de seus próprios sentimentos, ou as vidas dos homens, lhe influenciem. Agora meu povo está salvo; mas meu coração está frio em meu peito.

Cormac deixou cair lentamente a ponta de sua espada até o chão.

- Você nasceu para reinar sobre os homens, Bran. — disse o príncipe gaélico.

Os olhos de Bran percorreram c

campo. Uma névoa de sangue pairava sobre ele todo, onde os bárbaros vitoriosos saqueavam os mortos, enquanto os romanos, que haviam escapado à matança ao largarem as espadas, e agora sob vigilância, contemplavam tudo com olhos ardentes.

- Meu reino... meu povo... estão a salvo. — disse Bran, cansadamente — Virão aos milhares da urze, e quando Roma se mover novamente contra nós, encontrará uma nação sólida. Mas estou cansado. E quanto a Kull?

- Meus olhos e cérebro estavam confusos com a batalha. — respondeu Cormac — Creio tê-lo visto desaparecer como um fantasma no pôr-do-sol. Vou procurar seu corpo.

- Não o procure. — disse Bran — Ele veio ao amanhecer... e se foi ao pôr-do-sol. Ele veio a nós desde as brumas das eras, e retornou para as brumas dos eons... ao seu próprio reino.

Cormac se afastou; a noite se acumulava. Gonar se erguia como um fantasma branco diante dele.

- Ao seu próprio reino. — ecoou o bruxo — O Tempo e o Espaço nada são. Kull retornou para seu próprio reino... sua própria coroa... sua própria era.

- Era, então, um fantasma?

- Você não sentiu o aperto de sua mão sólida? Não ouviu sua voz? Não o viu comer, beber, rir, matar e sangrar?

Cormac ainda continuava como que em transe:

- Então, se é possível para um homem passar de uma era para outra na qual não nasceu, ou vir de

um século morto e esquecido, como queira, com seu corpo de carne e sangue e suas armas... então, ele é tão mortal quanto o era em seus próprios dias. Kull está morto, então?

- Ele morreu há cem mil anos, como os homens contam o tempo — respondeu o feiticeiro —, mas em sua própria era. Não morreu pelas espadas dos gauleses desta era. A caso não ouvimos as lendas, sobre como o rei da Valúsia viajou para uma terra estranha e eterna de nebulosas eras futuras, e lá lutou

numa grande batalha? Ora, ele o fez! Há 100 mil anos, ou hoje!

"E, há cem mil anos — ou há um momento atrás! —, Kull, rei da Valúsia, se levantou do leito de seda em sua câmara secreta e, rindo, falou com o primeiro Gonar, dizendo: 'Há, feiticeiro, realmente tive um sonho estranho, pois fui para um clima e tempo distante em minhas visões, e lutei pelo rei de um estranho povo das sombras!'. E o grande sacerdote sorriu, e apontou silenciosamente para a espada vermelha e marcada, e para

a cota-de-malha rasgada e os muitos ferimentos que o rei tinha. E Kull, totalmente desperto de sua 'visão' e sentindo a dor e a fraqueza daqueles ferimentos que ainda sangravam, ficou em silêncio e perplexo, e toda a vida, tempo e espaço lhe pareceram um sonho de fantasmas, e ele se interrogou por isso o resto de sua vida. Pois a sabedoria das Eternidades é negada até mesmo aos príncipes, e Kull não poderia entender o que Gonar lhe disse mais do que você consegue entender minhas palavras".

- Então, Kull viveu, apesar de seus muitos ferimentos — disse Cormac —, e retornou às brumas do silêncio e dos séculos. Bem... ele pensou que fôssemos um sonho; nós achamos que ele fosse um fantasma. E, claro, a vida não passa de uma teia tecida de fantasmas, sonhos e ilusão, e me ocorre que o reino, nascido hoje das espadas e matança neste vale uivante, não é mais sólido que a espuma do mar brilhante.

FIM

Agradecimentos

Meu agradecimento a Fabrício Sousa, Fernando Neeser de Aragão Edilene Brito da Cruz de Aragão que disponibilizaram estes contos traduzidos no site Crônicas da Ciméria, tornando possível a edição deste e-book. Estes tradutores e digitadores não participaram diretamente da edição deste livro eletrônico.

Exílio da Atlântida: Tradução de
Fabrício Sousa O Reino da

Sombras: Tradução de Fernando Neeser de Aragão; Os Espelhos de Tuzun Thune: Tradução de Fernando Neeser de Aragão; Cavaleiros Além do Sol Nascente: Tradução de Fernando Neeser de Aragão e digitação de Edilene Brito da Cruz de Aragão; A Gata de Delcardes: Tradução de Fernando Neeser de Aragão; A Caveira do Silêncio: Tradução de Fernando Neeser de Aragão; O Soar do Gongu: Tradução de Fabrício Sousa; O Altar e o Escorpião: Tradução de Fernando Neeser de Aragão; A

Maldição do Crânio Dourado
Tradução de Fernando Neeser de
Aragão; A Cidade Negra
(fragmento): Tradução de Fernando
Neeser de Aragão ; A Cidade
Negra: Tradução de Fernando
Neeser de Aragão; O Feiticeiro e o
Guerreiro (fragmento): Tradução de
Fernando Neeser de Aragão; O
Feiticeiro e o Guerreiro: Tradução
de Fabrício Sousa; Com Este
Machado, Eu Governo!: Tradução
de Fernando Neeser de Aragão
Espadas do Reino Púrpura
Tradução de Fernando Neeser de

Aragão; O Rei e o Carvalho
Tradução de Fernando Neeser de
Aragão; Os Reis da Noite: Tradução
de Fernando Neeser de Aragão e
digitação de Edilene Brito da Cruz
de Aragão

Miscelânea



Am-ra

(Poemas e fragmentos)

Manhã de Verão

Am-ra estava no alto de uma montanha,
Ao romper de uma manhã de verão; Ele
observava, admirado, o cair da luz das
estrelas E o escarlate do leste reluzir e
empalidecer, Enquanto nascia a chama
do dia.

Am-ra, o Ta-an

Da terra do sol da manhã, Veio Am-ra, o
Ta-an. Banido pelos sacerdotes dos Ta-

an, Seu povo não falava seu nome. Am-ra, o poderoso caçador, Am-ra, filho da lança, Forte e destemido como um leão, Flexível e rápido como um cervo. Para dentro da terra do tigre, Veio Am-ra, o destemido, sozinho, Com sua cesta de madeira flexível, E sua lança com ponta de pedra.

Ele viu o cervo e o bisão,

O cavalo selvagem e o urso,

O elefante e o mamute,

Para ele, a terra parecia bela.

Face a face, ele encontrou o tigre,

E, agarrando o longo cabo de sua lança,

Olhou sem medo para o rosto que
rosnava,

"Boa caçada!", ele gritou e riu!

Ao bisão, ele abateu ao amanhecer,

Ao cervo, no calor do dia, O cavalo
selvagem caiu diante dele, Ao urso da
caverna, ele realmente matou!

Ele buscava uma caverna? Não Am-ra!
Ele vivia tão selvagem e livre Quanto o
lobo que percorre a floresta, Seu único
teto era uma árvore. Quando ele
desejava comer, matava, Mas nunca
matou desnecessariamente, Pois se

sentia um irmão do povo selvagem, E
isto o Povo Selvagem sabia. Do cervo
eles falavam para Am-ra, Como parente
do tigre morto, Am-ra encontrou o tigre,
E o matou na planície!

Um jovem na terra dos Ta-an,

Um esguio guerreiro jovem, Gaur,

Havia seguido Am-ra na perseguição,

E lutado ao seu lado na guerra.

Ele sentia saudade do amigo Am-ra

E odiava o rosto do sumo-sacerdote,

Até que, finalmente, com uma lança ele

o abateu,

E fugiu da terra onde nasceu.

Ele seguiu as pegadas de Am-ra,

E perambulou para bem longe,

Até chegar à terra do tigre,

Na entrada do dia.

Para dentro da terra do tigre,

Chegou uma raça estranha,

Atarracada, escura e selvagem,

Negra de corpo e rosto.

Para dentro do território de Am-ra,

Perambulou o bando selvagem,

Não levavam arcos, mas cada um
carregava

Uma lança de ponta de pedra em sua
mão.

Pararam no território de Am-ra, E
acamparam diante de sua fonte clara, E
mataram o cervo e o cavalo selvagem,
Mas fugiram do tigre e do urso.

Voltando de uma caçada, vinha Am-ra,

Com a pele de um urso pardo,

Ele foi para a fonte de água clara,

E encontrou os homens negros lá.

Mais pareciam macacos, aqueles
homens,

Não conheciam o uso do arco,

Rasgavam a carne e a comiam crua,

Pois não conheciam o fogo.

Então, a fúria cresceu no destemido Am-
ra,

Logo ele ficou furioso.

Pois ele não ia dividir seu território

Com um bando de homens-macacos negros.

A História de Am-ra

Quando os dias são curtos e as noites são longas na região do povo das cavernas, a neve cobre colina e vale, e é possível cruzar o Rio da Água Amena sobre o gelo, o povo das cavernas se reúne ao redor da fogueira do velho Gaur, para ouvir-lhe as lendas e folclore, e as histórias de sua juventude. O velho Gaur era sábio e astuto; habilidoso na arte da caça. Sua caverna tinha, como tapetes, peles de alce, urso, tigre e leão, engenhosa e habilidosamente curtidas e ornamentadas. Sobre as paredes

pendiam, e contra as paredes se inclinavam galhadas de alces, chifres de búfalo e boi almiscarado, e presas de rinoceronte, mamute e morsa, o marfim belamente polido e quase sempre entalhado, descrevendo amor, guerra e perseguição, pois Gaur era habilidoso no mistério da pintura e astuto com as ferramentas das artes. Gaur também era habilidoso na guerra. Nas paredes de sua caverna havia armas penduradas, habilidosamente trabalhadas, troféus das guerras da juventude de Gaur, quando ele seguiu para lutar contra o povo negro, as tribos do mar, os peludos homens-macaco e os Filhos da Águia. Gaur era habilidoso em muitas coisas.

Fragmento sem Título e Inacabado

Uma terra de selvagem e fantástica beleza; de árvores enormes e grandes rios; de selvas emaranhadas e sufocantes, e pradarias imensas e ilimitadas; de penhascos elevados e terríveis, úmidos e sombrios pântanos febris, de fumegantes savanas extensas e grandes lagos. Uma terra de agradável verão, e inverno cruel e impiedoso. Uma terra de beleza e terror, uma terra de animais selvagens e homens mais selvagens ainda. Enormes feras percorriam as montanhas, planícies e selva. Através das noites, caminhava Na-go-sa-na, o castanho-amarelado, o Medo Que Anda Pela Noite, e Sa-go-

na, o cruel dentes-de-sabre. Frequentemente, sobre as planícies e por entre os matagais das savanas, pode ser vista a figura gigantesca de Ga-so-go, o mamute, a Colina Que Anda. Entre as savanas e na selva, Go-ha-la, a Besta Que Carrega Um Chifre Em Seu Nariz, lutava pela supremacia com o A-go-nun, o Vermelho, o monstro de outra era, com chifre em forma de cone. Nos pântanos e na selva fechada, vivem os Rastejantes; os portadores da Morte Que Queima. E, nos pântanos e no meio da savana mais profunda, reinava o E-ha-g-don, o monstro assustador de uma época anterior - os dinossauros. Assim era a terra onde morava meu povo, os Ta-an.

Através da planície e savana, e para dentro de um estuário, fluía um grande rio, o Rio da Água Azul. De um lado do rio, o lado azul, se erguiam penhascos moderadamente altos. Estes penhascos se erguiam abruptamente, alguns metros atrás da margem encharcada do rio. O topo era arredondado, se inclinando abruptamente para trás em direção à planície e terminando numa inclinação brusca, de algumas meias-dúzias de metros. No penhasco em frente ao rio, havia três fileiras de cavernas, uma sobre a outra; e, nestas cavernas, vivia a tribo. Os Ta-an eram umas 150 pessoas fortes. Muitas delas, é claro, eram mulheres e crianças, mas havia pelo menos 75 A-ga-nai, homens lutadores.

Ah, que vida era aquela! Uma vida de batalha; uma vida na qual o Medo espreitava feroz, da vida até a morte. Pois o homem era fraco e indefeso nestes dias, e o Medo sempre andava ao seu lado e, à noite, Ele dormia ao seu lado. Mesmo no sono, ele não o deixava, mas o acompanhava em seu descanso agitado e lhe perseguia os sonhos, de modo que, no meio da noite, ele subitamente acordava sobressaltado, agarrando suas armas rudes e com o suor lhe brotando da testa. Pois, quando os pensamentos de um homem acordado eram de Medo, seus sonhos também eram de Medo. Durante a vida, os homens seguiam, naqueles dias antigos, perscrutando, se movendo furtiva e

cautelosamente, sempre prontos para fugirem ou lutarem como um rato encurralado. Passava seus dias com medo e vigilância, e suas noites em sono agitado e sonhos assustadores - sonhos nos quais o Medo espreitava pavoroso e horrível. Assim, ele ia pela vida e, finalmente, num momento de descuido, um movimento súbito nos longos capins, nos arbustos ou nos galhos altos, um corpo grande se lançando pelo ar, um instante de terrível agonia e medo horrível, e depois o som de ossos sendo mastigados por poderosas mandíbulas. Ou mais, o correr de uma forma pesada pelo chão, o rápido ataque-relâmpago de uma cobra, o espatifar de uma árvore caindo, o estalar que se segue ao partir

de um galho podre, estas coisas anunciavam a Morte. Morte violenta e repentina.

No verão, a terra dos Ta-an era agradável, exceto pelo Medo. A maioria das frutas estava nas árvores, e as selvagens uvas-do-monte floresciam no limite dos pântanos. Riachos e rios abundavam em So-ga, assim como os peixes; e os homens das tribos os pegavam com lascas de ossos, amarradas às pontas de longas fibras, ou tiras de couro cru. Ba-a, o cervo, e O-ha, o Rápido, enegreciam a planície com sua quantidade e, entre a floresta em grandes manadas, perambulava Go-un, O Que Grunhe. Os matadores se

fartavam com a carne dos comedores de capim, e seus ataques aos homens eram menos freqüentes. Os homens também se banquetearam com os que tinham cascos, pois estes últimos eram bastante numerosos, e tão engordados pelo longo e exuberante capim, e as outras vegetações ricas, que eram descuidados do perigo e imprudentes, e a caça era boa. Os homens das tribos matavam e matavam, e não comiam no local; cortavam a carne em longas tiras, para secarem diante das fogueiras das cavernas para o inverno. As árvores, e a vegetação rasteira da selva e da floresta, eram verdes e aprazíveis. As colinas e penhascos eram cobertos por uma capa verde de vegetação, a qual lhes

suavizava o contorno áspero e acidentado.

Fragmento sem Título e Inacabado

Assim me levantei e parti pela trilha na colina, e me deleitei ao notar que ela me seguia. Quando cheguei a um local menos amplo e escarpado no meio da colina, dei a volta ao redor de um enorme matacão, e depois voltei à trilha e esperei com certa alegria. Ah-lala ficou face a face comigo, antes de saber que eu estava perto. Eu a peguei pelos pulsos e a arrastei ao longo da vereda por alguma distância, antes que ela voltasse a si - de tão assombrada que estava -; e logo, ela lutava como um

pequeno demônio.

Sorrindo, eu a subjuguei com facilidade, e logo ela parou de se debater e ficou me olhando ferozmente.

- Animal! - ela disse - Deixe-me ir!

- Zukor Na, pequena gata selvagem. - zombei dela. Ela bateu furiosamente o pequeno pé.

- Não me chame assim! - ela disse, num arroubo de cólera. Ri e olhei ao redor, sem achar o que eu queria.

- O que vai fazer comigo? - ela perguntou, um pouco assustada.

- O que eu deveria ter feito há muito tempo. - respondi - Bater em você.

- Você não vai! - ela gritou - Você não vai me bater.

- Você promete me deixar só? - perguntei a ela, esperando que ela me respondesse afirmativamente.

- Não! - respondeu de mau humor, como uma criança mimada.

Então, apesar dela se debater e defender, eu a enfiei sob um de meus braços e subi a trilha, desprezando a mim mesmo, mas ainda determinado.

Ao chegar a um local onde cresciam

alguns arbustos ao lado da trilha, parei e deixei a garota cair. Agarrando-lhe os dois pulsos com uma de minhas mãos, arranquei vários galhos finos e longos. Senti que o que eu estava fazendo me degradava e rebaixava, e que eu nunca mais teria a mesma dignidade, mas me senti forçado a continuar aquilo que eu havia começado. Açoitar mulheres não era costume entre as tribos dos Magnard, embora fosse bastante comum. Isso sempre foi repulsivo para mim, embora ninguém da tribo achasse impróprio bater numa criança que merecesse, não importa a idade ou o sexo. Eu considerava Ah-lala não mais que uma criança travessa, e certamente eu havia sido bastante provocado.

Ela me observou sem se debater, até eu juntar os galhos finos e puxá-la à minha frente. Então, ela lutou com um desespero que me surpreendeu. Quando lhe subjuguiei a revolta, ela arfou:

- Seu animal! Açoitar uma mulher! Eu ri:

- Você falou em açoitar uma mulher? Qualquer um pode chicotear uma criança desobediente.

A raiva que resplandeceu de seu pequeno rosto foi tão furiosa e concentrada, que involuntariamente dei um passo para trás. Seus olhos ardiam completamente, e seus lindos lábios lhe recuavam dos pequenos dentes de uma forma surpreendente. Por um momento,

ela me olhou furiosamente e depois se afastou tanto quanto meu aperto em seu braço permitiria, se recusando a olhar. Eu ficava cada vez mais desconcertado diante da garota surpreendente. Puxei-a em minha direção, e fui novamente surpreendido ao vê-la me observando com um olhar reprovador. Achei dificuldade em fazer frente àquele olhar direto, embora eu soubesse, e ela soubesse, que ela merecia ser açoitada. Mas seus olhos claros me fizeram sentir como se eu estivesse a ponto de matar um bebê inocente.

Esperava que ela começasse a lutar novamente, mas ela mudou completamente as maneiras.

- Por favor, não me açoite, Am-ra. - ela implorou, tentando timidamente soltar as mãos e depois desistindo - Por favor, não. Não me desonre assim, eu suplico.

Hesitei.

- Am-ra - ela disse, aparentemente abatida -, se me açoitar, lhe odiarei para sempre.

Que apelo ridículo! Mas, de alguma forma, aquilo me desonrou mais do que qualquer outra coisa que ela me disse.

Então, furioso comigo mesmo, e furioso com ela por ter me embaraçado daquele jeito, eu a girei sem muita gentileza e ergui as varas. Toda aquela fúria sobre

o chicoteamento de uma jovem, mal saída da era do espancamento. Lembrem-se, antes de me condenarem, que, naquela época, tudo era primitivo e direto. Éramos animais robustos e, o que causaria horror a pessoas de uma época civilizada, era simplesmente algo comum naquela era.

Contudo, quando desci o olhar para a garota, à qual segurava tão indefesa, percebi que não conseguiria passar a vara por aquela figura esguia e encolhida. Com um rosnado de nojo diante de minha própria fraqueza, lancei as varas para longe.

- Não vou lhe chicotear, menina. - eu disse bondosamente, e Ah-lala abriu os

olhos aos quais fechara tão firmemente quando me preparei para chicoteá-la.

Ela se debateu para se soltar.

- Então, por favor, deixe-me ir. - ela implorou.

- Espere. - eu falei - Primeiro, me conte por que me perseguiu tanto. Eu, com certeza, nunca lhe ofendi.

- Você o fez também. - ela respondeu, indignada.

- Mas como, em nome do Lobo Branco?
- perguntei, desconcertado.

Ela pendeu a cabeça e ficou sem

responder por algum tempo, e logo explodiu numa fala tão rápida e exasperada, que eu tive certa dificuldade em entender o que ela dizia.

- Você nunca me deu a menor atenção. -
ela bramiu - Você seguia seu caminho e parecia não saber que eu estava no mundo! Você dedicava todo o seu tempo com... (não terminado)

Cronologia de Kull

por Osvaldo Magalhães

Rei Kull - o Soberano de Valúsia

O Tigre de Atlântida



*A Cronologia da violenta carreira do
Rei Kull, de Valúsia, retirada das
Crônicas Thurianas.*

Por Jim Neal

1 - EXÍLIO

Quando Kull, o exilado de Atlântida, se tornou rei de Valúsia, ele ganhou uma cicatriz na face direita - uma marca que o acompanharia pelo resto de sua turbulenta carreira. Contudo, somente alguns amigos muito próximos - Brule, o lanceiro, um bárbaro picto; Ka-nu, embaixador das ilhas pictas; talvez Tu, o conselheiro real valusiano - sabem da cicatriz que Kull, traz em seu coração. Essa mágoa foi aí colocada uma década antes dele se sentar pela primeira vez no trono de Topázio de Valúsia. Kull era

então apenas um adolescente, mas já guerreiro da tribo do mar de Atlântida, e deliberadamente matou uma jovem, chamada Sareeta.

Foi um ato de misericórdia para salvar a mulher da tortura, mas Kull nunca esqueceu essa experiência essa experiência. A memória dessa morte voltou repetidas vezes assombrando-o pelo resto de sua vida. As origens de Kull são um mistério para a tribo do mar, cujos caçadores o encontraram ainda menino, brincando alegremente com uma família de tigres que aparentemente o havia adotado quando bebê. Naturalmente o tigre passou a ser o seu totem - seu "espírito protetor" -

quando ele se tornou um adolescente na tribo de humanos.

Anos depois, quando o espírito do tigre invadia o corpo de Kull, nos momentos de crise, os outros juravam poder ver, por entre as sombras, o contorno de um enorme gato listrado envolvendo o corpo do atlante. Kull deixou a tribo do mar em um pulo - alto e longo - à frente de lanças e flechas, depois de ter arremessado a adaga que deu uma morte rápida e Sareeta, prestes a ser queimada viva. O crime de Sareeta? Ela ousou se apaixonar por um forasteiro. Com nada além das suas sandálias e sua tanga, Kull atirou-se ao mar e um navio que passava o içou das águas. No entanto, o

navio era ocupado por piratas lemurianos, e o jovem ficou acorrentado a um dos remos, escravo do galeão por dois anos, até que conseguiu escapar e nadou para uma praia ao norte de Valúsia, no continente thuriano.

II - ASCENSÃO PARA O TRONO

Seguiram-se anos cruéis e sangrentos. Kull juntou-se aos foras-da-lei nas colinas selvagens e aprendeu a arte da espada, a montar a cavalo e as técnicas de luta com o machado de batalha. Provavelmente, durante esse tempo ele serviu em um exército de mercenários recrutado pelo Rei Asfodel IV, da

Lemúria, para defender aquela nação contra uma ameaça mágica, e foi a lâmina de Kull que desferiu o golpe mortal no mago Rotath, o Conquistador. Voltando para Valúsia, o atlante reuniu-se com os companheiros foras-da-lei até que foi capturado pelas autoridades e enviado para a arena de gladiadores na Cidade das Maravilhas, capital de Valúsia.

Depois de uma impressionante seqüência de vitórias, Kull foi libertado para fazer parte do exército valusiano, chegando a comandar a temida Legião Negra, regimento particular do rei. O jovem comandante então tornou-se inadvertidamente o bode expiatório num

plano para derrubar o monarca despótico de Valúsia, o Rei Borna - um plano arquitetado pelo Barão Kaanub, que queria o Trono de Topázio para si; por Ducalon, o conde anão de Komahar; por Enaros, o soldado que sonhava em comandar a Legião Negra; e por Ridondo, um jovem e louco menestrel que simplesmente detestava quem detivesse o poder. Mas o plano não funcionou. Kull acabou com Borna, que colocou a cicatriz na face do atlante durante a sua batalha desesperada na sala do trono. E foi ele, e não Kaanub, que passou usar a coroa valusiana.

Todos esses eventos - a sua ascensão ao poder, de selvagem a rei - foram

lembrados por Kull no dia da sua parada triunfante. Sua cicatriz mal tinha sarado quando ele encontrou Brule pela primeira vez. Com Brule, Kull descobriu a ameaça dos homens-serpentes, uma antiga raça com a habilidade de assumir a forma humana. Vencido o perigo imediato, Kull, Brule e um bando de soldados valusianos penetraram no quartel-general dos homens-serpentes, um templo imerso na selva ao sul, e tentaram extinguir as criaturas. Lá, no entanto, o rei conheceu Thulsa Doom, um misterioso mago de Grondar, cidade a leste de Valúsia. O feiticeiro foi convidado a acompanhar o cortejo real de volta para a Cidade das Maravilhas. Na capital de Valúsia,

Thulsa Doom tentou apoderar-se do reinado, mas o seu feitiço virou contra o feiticeiro, e ele naufragou para dentro da terra - ou para algum outro lugar desconhecido.

III - O AVENTUREIRO

A feiticeira voltou o reinado de Kull, quando Kaanub, Ducalon, Enaros e Ridondo usaram a ajuda do mago Melikory, que criava e dava vida a criatura de cera. Um sol forte e, mais tarde, óleo e fogo desfizeram literalmente a ameaça. Numa missão de ajuda à ilha de Damascar, ao sul do continente thuriano, Kull e a sua Legião

Negra aventuravam-se no mar e responderam à traição com misericórdia. De volta ao lar, Kull fez um novo amigo, o aventureiro Zarkus, de Zarfhaana, o vizinho do leste de Valúsia.

O lutador de machado salvou a vida de Kull várias vezes, mas desistiu da sua desnecessariamente, em Quatar - uma metrópole antiga e quase esquecida bem além da Cidade das Maravilhas. Foi por essa época que Kull e seu exército viajaram para a orla de Valúsia para livrar a terra do culto ameaçador da sombra Negra, mas achou Thuron, o seu sacerdote-chefe, já morto. Descansando na cidade do prazer de Valúsia, Kamula, Kull e Brule descobriram a acabaram

com um outro culto do mal. De volta à Cidade das Maravilhas, o que começou com um simples logro vingativo armado para Kull acabou custando a vida do rei. Convencido de que uma gata chamada Saremes podia falar, ele fez uma visita perigosa ao fundo do lago proibido. Mais tarde sobreviveu ao seu segundo encontro com Thulsa Doom. Então entediado com os afazeres do estado, Kull passou a ignorar os bons conselhos de Tu e quase causou um destino terrível para o mundo inteiro. Posteriormente, o monarca bárbaro de Atlântida armou uma expedição marítima e, encontrando piratas lemuriano, impôs-lhes fragorosa derrota.

Mas devido a uma tempestade teve de levar seu navio a uma ilha para reparos, e lá conheceu o temível Culto do Leopardo, o trágico Demontur, um ditador em um lobisomem. Em casa novamente, o rei - com a ajuda de uma nobre, Nalissa, e seu amante, o jovem Dalgar de Farsun - sobreveio a mais um ataque contra a sua vida. O conselheiro do rei, Tu, contudo, perdeu um parente favorito, mas não o orgulho por sua família - graças a uma mentira real. Não muito depois desse incidente, Kull passou por uma estranha experiência metafísica durante mais uma tentativa de assassinato. Quando Valúsia foi invadida pelo nordeste, Kull encontrou e derrotou a Rainha Branca Velia,

Zarfhaana, apesar da traição que ocorreu em seu próprio exército.

IV - KULL DESTRONADO

Kaanub, Ducalon, Enaros e o jovem Ridondo ajudaram um feiticeiro chamado Ardyon a fazer uma nova tentativa para roubar o Trono de Topázio do monarca bárbaro de Valúsia. Ducalon e Enaros foram mortos e Kull foi capturado através da magia do feiticeiro, que revelou - somente para Kull - ser Thulsa Doom disfarçado. Momentos antes de ser decapitado, Kull escapou e fugiu para um vilarejo ocupado por Kargon, um chefe fora-da-

lei, expulso com a ajuda de Brule.

Depois de alguns dias, Ridondo, cujos olhos poéticos viram o que nenhum outro Valusiano conseguiu ver - que a verdadeira identidade do novo Rei Ardyon era Thulsa Doom -, reuniu-se a Kull e Brule. Eles tentaram um ataque contra o feiticeiro, mas quase morreram e tiveram de fugir. Procurando ajuda entre os antigos companheiros foras-da-lei, tudo o que o monarca deposto, Brule e Ridondo encontraram foi um réptil voador e um estranho culto. Kull acabou com o monstro antes de procurar ajuda em outro lugar. Lançando-se ao mar para pedir ajuda aos pictos, os três foram capturados por servos pictos de thulsa

Doom. Ridondo, relutante em lutar, foi quem tramou a morte do Teyanoga, xá dos pictos, e libertou Kull e Brule. Quando Kull e o menestrel partiram, Brule tentou para tentar salvar seu povo.

V - RETORNO PARA ATLÂNTIDA

Em uma outra ilha, Kull, com a ajuda de uma feiticeira, teve uma visão do futuro, e viajou para a Atlântida onde sofreu outra experiência metafísica. Um outro choque esperava por ele: onde uma década atrás ele deixara uma pequena vila havia uma enorme cidade. Nessa cidade, criada pela feitiçaria de Sarna, o mago, Kull descobriu que o Rei era um

antigo companheiro de infância, Om-Ra, e que seu antigo mentor, Khornah, era o general do exército Atlante. Kull tornou-se assessor militar de Khornah após salvar a vida de Om-Ra. Embora as relações entre o rei e o ex-rei tenham sido boas, não se podia afirmar o mesmo quanto a Kull e Khornah.

Durante uma visita ao Vale do Tigre, onde ele fora achado por sua tribo quando criança, Kull invocou uma divindade primitiva e foi atendido pela Mulher da Lua. Ela lhe concedeu mais uma previsão do seu futuro, incluindo a visão da sua morte pela espada de Thulsa Doom. Mais tarde, de volta à cidade de Om-Ra, o antigo rei de

Valúsia ficou sabendo de uma estranha afinidade entre o mago Sarna e a feiticeira Kareesha, mas não deu muita atenção ao fato.

Em vez disso, envolveu-se em uma batalha naval com guerreiros-esqueletos e monstro verde cheio de tentáculos. Quase imediatamente, depois dessa batalha, a cidade foi atacada por estranhos monstros vindo de uma selva chamada Grande Pântano Misterioso. Liberando uma expedição para lá, Kull e Ridondo encontraram Khornah, agora de posse de um poder mágico que comandava os monstros para o ataque. Khornah e um monstro de cristal chamado Shemenon foram derrotados

através da magia de Sarna, e coube a Kareesha - na verdade um outro aspecto de Sarna - revelar a entrada pelo inferno. Acompanhando relutantemente por Ridondo, Kull começou a descer rumo as profundezas da terra para salvar o mundo.

No fundo do abismo, o rei teve o seu confronto final com Shemenon, que se transformou abruptamente no seu novo mestre, Sarna. Aparentemente os dois sucumbiram num lago de fogo. Ainda assim, quando Kull e seus companheiros finalmente retornaram à superfície, descobriram indícios de que Kareesha - que dividia um corpo com Sarna - teria sobrevivido. A morte de Sarna

aparentemente teve o seu efeito sobre a cidade de Atlântida, pois quando Kull, e Ridondo voltaram para lá, descobriram que ela estava habitada somente por um monstro pútrido e disforme que Kull tentou destruir.

VI - A BUSCA DE UMA COROA

Aparentemente Kull e Ridondo lançaram-se ao mar novamente, a caminho de Valúsia, numa viagem ainda não registrada. Deve ter sido uma viagem cheia de acontecimento e pode-se supor que uma tempestade - ou talvez a magia de Thulsa Doom - tirou a embarcação do seu curso. Quando eles

reapareceram no continente thuriano não tinha a mínima idéia de onde estavam. Só depois descobriram estar em Grondar, um país na orla nordeste do continente, e que era a terra nativa de Thulsa Doom. Assim que chegaram a terra, kull pôde recordar a cicatriz em seu coração, ao ver uma jovem prestes a ser sacrificada no tronco.

Desta vez, no entanto, Kull conseguiu libertar a mulher de três figuras encapuçadas, fez uma amiga e descobriu tratar-se de uma guerreira que não recordava mais o próprio nome. Ele a chamou de Laralei, por causa de velhas lendas valusianas, e começaram um romance - apesar do fato de Laralei

tentar persuadi-lo a abandonar a sua espada, como ela fizera. Seus momentos de prazer foram interrompidos quando Ridondo foi levado por um enorme condor-demônio comandado pelas três figuras encapuçadas. Ridondo foi transportado para uma cidade fechada por muros.

Durante sua procura, Kull e Laralei pararam para perguntar a direção a um ajudante de feiticeiro, que envenenou a mulher de cabelos negros e enviou o atlante para morrer nas mãos de um enorme demônio das sombras. Usando a cabeça e os pés, Kull escapou e acabou com o demônio, voltando bem a tempo de salvar Laralei. Eles encontraram a

cidade, e descobriram Ridondo preso a um altar e ameaçado por uma enorme serpente.

Depois de resgatar o menestrel, o ex-rei e sua companheira foram bem recebidos pelos cidadãos de Toranna, e descobriram que estavam em Grondar. Também ficaram sabendo da historia da cidade, cujo rei foi morto por um monstro de outra dimensão que pegou a coroa de Toranna e a levou consigo para o seu mundo. As três pessoas mais poderosas em Toranna, os magos Korr-Lo-Zann, Gar-Nak e a feiticeira Norra, ofereceram o trono da cidade a Kull - se ele conseguisse recuperar a coroa.

Acompanhado por Ridondo, Kull

atravessou o portão aberto pelos três magos e penetrou na dimensão do monstro. Sem que os dois soubessem, Laralei também entrou e foi capturada pelo gigante que ainda usava a coroa de Toranna no seu chifre central. A criatura, Gasshga, pretendia conservar a mulher como um brinquedo. Quando o monstro dormiu, Kull entrou, mas Laralei, que fizera um juramento contra a violência, acordou Gasshga para salvá-lo da espada de Kull.

Durante a batalha que se seguiu, Kull pegou a coroa roubada e, com um truque, fez com que o monstro caísse no lago de lava que circundava o seu castelo. Kull, Ridondo e Laralei

voltaram a Toranna através do portão mágico, onde uma procissão de triunfo esperava o novo rei da cidade. Laralei, triste com a morte do monstro, viu Norra tentando seduzir Kull. Tomando uma decisão precipitadamente, ela resolveu sair da cidade, desaparecendo.

VII - REI NOVAMENTE!

Antes de Kull aceitar oficialmente a coroa, ele ficou sabendo da maldição que a acompanhava e teve de enfrentar mais uma vez a face de caveira de Thulsa Doom, que transformou Norra em uma velha bruxa - sua verdadeira forma - e a deixou morrer de velhice diante

dos olhos estarecidos de Kull. Thulsa Doom transportou-se levando Kull para a Terra Sombria, onde eles travaram o seu combate final - com a vantagem da mágica do lado do feiticeiro com cara de esqueleto. Lutando com todas as forças, Kull de repente viu-se exausto, sentado no trono de Toranna, com Korr-Lo-Zann prestes a colocar a coroa amaldiçoada sobre sua cabeça.

Chamando o seu totem-tigre para conseguir forças, Kull pegou a coroa e a colocou sobre o crânio de Thulsa Doom, jogando o mago para os braços do trono. Thulsa Doom foi então condenado a permanecer para sempre no trono de Toranna. Durante a fuga, Kull e Ridondo

vêm a cidade desmoronar - e Ridondo mostra a coroa de Valúsia que ele roubou de Thulsa Doom. Na cidade das Maravilhas, Kull assume novamente o Trono de Topázio, para a alegria dos cidadãos de Valúsia. O segundo reinado de Kull foi possivelmente mais quieto do que o primeiro - mas certamente não foi pacífico. Brule voltou para a corte valusiana depois de cumprir sua missão nas ilhas pictas.

Durante um tempo as coisas ficaram tão enfadonhas que o monarca começou a visitar a Casa dos Mil Espelhos, no Lago das Visões. As tarefas do Estado começaram a ser negligenciadas. O povo passou a reclamar. E o Rei Kull

vivia olhando para os espelhos do velho mago Tuzun Thune. Por fim, o monarca estava prestes a se fundir com um reflexo... quando Brule estilhaçou o espelho com sua espada ainda suja com o sangue do feiticeiro. Era tudo um plano do Barão Kaanub. Kull livrou-se da maldição dos espelhos e reassumiu as tarefas do governo.

VIII - KULL ENCONTRA CONAN

Logo depois desse incidente a magia negra atacou outra vez. Kull, Brule, a Legião Negra e o palácio real de Valúsia foram levados no tempo para oito mil anos no futuro. Os valusianos

estavam perdidos e confusos em um país chamado Argos, numa parte do mundo com o nome de Hibória. Súbito, três estranhos chegaram ao local: um gigante de olhos azuis, que se chamava Conan, da Ciméria, uma guerreira de cabelos vermelhos, chamada Sonja, e um espadachim conhecido como Bêlit. Gronar, o velho xá picto, acusou-os de serem os responsáveis por aquela feitiçaria. Kull cruzou espada com o cimério e quase perdeu a vida.

De repente, o cimério recuou, mostrou a jóia de fogo que havia sumido da coroa de Kull, e Gronar se transformou abruptamente em algo que Conan chamou de estígio. O estígio sofreu

então uma nova transformação ganhando asas de morcego, mas uma flecha atirada pelo cimério terminou com a vida da criatura - e Kull, seu palácio e tudo mais voltaram para seu próprio tempo, em Valúsia. Os três estranhos, Conan, Sonja e Bêlit, desapareceram; o Gronar real apareceu logo depois querendo saber onde tinha ido parar o castelo.

IX - A ÚLTIMA CAVALGADA DE KULL

Nem mesmo Brule soube por que, algum tempo depois, o Rei Kull resolveu cavalgar sozinho, sem nenhuma companhia para um lugar não

especificado no litoral. Não dizendo a ninguém aonde ia, Kull partiu da Cidade das Maravilhas e penetrou numa densa floresta de carvalhos logo após escurecer. Nisso, um dos carvalhos pareceu tê-lo atacado. Durante o combate, Kull sentiu estar recebendo uma comunicação telepática do seu oponente troncado, a história de um antigo império de plantas que sucumbiu antes da evolução do homem, mas que voltaria a dominar muito depois do homem ter sido esquecido.

Abruptamente, Kull viu-se dando socos contra o tronco de uma árvore que estava simplesmente sendo agitada pela brisa. Teria sido um sonho? Ou mais

uma experiência metafísica? Se Kull decidiu alguma vez sobre isso, o fato ainda permanece desconhecido. Pouco depois, o rei partiu sozinho para o mar. Mas o que o teria atraído para lá sem escolta? Ele poderia ter levado os Matadores Vermelhos, a sua força de guarda-costas pessoal, ou a Legião Negra inteira se quisesse. Por que Brule ou Ridondo não o acompanharam? Por que ele simplesmente não navegou rio abaixo da Cidade das Maravilhas direto para o mar?

Uma possibilidade é que Kull tenha ouvido dizer que Laralei foi vista lá, em algum lugar da costa valusiana. Kull nunca desistiu de achá-la. E, embora

ainda não tenha sido registrado até o momento, há a possibilidade dele a ter encontrado. Se não lá, daquela vez, então em algum outro lugar e num outro momento. Certamente, as crônicas do turbulento reinado de Kull ainda estão longe do seu fim.



Era Hiboriana: Mistérios da Era Pré-Cataclísmica

por Dale Rippke *publicado em*
REHUPA #157

Nada empolga as pessoas como um bom mistério. Os melhores são como um quebra-cabeça, trabalhando peça por peça até uma visão coerente ser feita a partir de uma massa de partes caóticas. Neste ensaio, o primeiro de vários, olharei para vários mistérios que o famoso Robert E. Howard não

mencionou enquanto escrevia a estrutura que sustentou seus contos de Kull e Conan: uma visão do passado, chamada “A Era Hiboriana”.

“A Era Hiboriana” foi publicada em 1938, em forma de folheto, e pretendia mostrar como se formou o pano de fundo dos contos de Conan. O documento está bastante completo. No entanto, Howard escreveu uma boa quantidade de histórias que fazem referência a partes de sua história que “A Era Hiboriana” não menciona. Estas são as partes que contém o mistério.

Mistérios da Era do Mundo Thuriano

Há diversos mistérios que pertencem à época da Valúsia e dos Sete Impérios. Há outros países e povos mencionados na saga? Existiu algum antes da Era Pré-Cataclísmica? Como estavam dispostos os continentes no mundo daquela época?

O primeiro mistério da Era Pré-Cataclísmica faz sua aparição numa linha do terceiro parágrafo de “O Reino das Sombras”, uma história do Rei Kull. A linha diz:

“Atrás daquelas filas terríveis e orgulhosas, vieram os mercenários, guerreiros ferozes e de aspecto selvagem, homens de Mu e Kaa-u, e das

colinas do leste e ilhas do oeste”.

O que são e onde estão Mu e Kaa-u? Ambos são obviamente países que existiram na época dos Sete Impérios. Howard nos fala mais alguma coisa sobre eles? Para simplificar, vamos olhá-los separadamente.

Mu é apenas mencionada em dois contos da saga de Kull: “O Reino das Sombras” e “Cavaleiros Além do Sol Nascente”. Ambos não dão outras informações que não o seu nome, e o fato de ela enviar mercenários para a Valúsia nos é comunicado. Por sorte, há outros dois contos de Howard que falam de Mu. Um é uma história de Solomon Kane “A Lua das Caveiras”, e o outro é

um fragmento chamado “A Ilha das Eras”. Em “A Lua das Caveiras”, sabemos que a capital de Mu tem muros escarlates, e que ela foi engolida pelas ondas na mesma época que a Atlântida. “A Ilha das Eras” nos diz muito, muito mais. Mu era uma massa de terra do tamanho de um continente, situada nos chamados “Mares do Sul”, a área do Oceano Pacífico ao sul e leste das Ilhas Lemurianas. Há vinte cidades e milhões de pessoas no continente. A capital de Mu é chamada Kharath, a Cidade Cintilante. O povo de Mu é ligado à Lemúria, por compartilharem o mesmo alfabeto e provavelmente a mesma linguagem. A aventura nos conta a história de uma guerra religiosa, onde o

deus da nação, Poseidon, é derrubado e o culto ao Primeiro Deus, Xultha, é restaurado. No alto das montanhas de Valla, uma nova capital é construída, chamada Na-hor, a Cidade da Lua Crescente. Desta cidade, sacerdotes de Xultha foram enviados aos Sete Impérios, à Atlântida e a um lugar chamado “As Ilhas do Mar”. Após um tempo, o deus Poseidon retorna e submerge o continente, do qual apenas os topos das montanhas de Valla permanecem acima do mar. A cidade de Na-hor prosperou por várias eras, finalmente se transformando em ruínas perto do final da Era Hiboriana.

Kaa-u é mencionado apenas em “O

Reino das Sombras”, na frase citada anteriormente. Especulações sobre onde é localizado, dirigem-se para a outra única massa de terra com proporções continentais mencionada na saga, a terra ao sul do Continente Thuriano ocidental. Sabemos, a partir de “A Rainha da Costa Negra”, que a Cidade dos Alados é situada lá. “A Lua das Caveiras” relata que a Atlântida situou a cidade-colônia de Negari nesta área. E finalmente, em “O Reino das Sombras”, Kull se recorda do cheiro de serpente que ele sentiu em “selvas meridionais”. Se Kaa-u, como Mu, era um continente, eu acho seguro situá-lo aqui.

O segundo mistério aparece no

fragmento de Kull, que Lin Carter transformou no conto “Mago e Guerreiro”. Um povo misterioso chamado Celtas é mencionado duas vezes no conto. Os olhos de Brule são azuis como os dos Celtas, e estes últimos são uma raça marítima que assola as Ilhas do Sol Poente. Mas, uma vez que este é um fragmento, é possível que Howard o alterasse, caso ele decidisse terminar o conto. Lin Carter manteve os Celtas em sua versão da história, então só posso supor que os Celtas eram uma tribo da Atlântida ou de uma das ilhas próximas.

O mistério final, com relação aos povos e lugares da Era Pré-Cataclísmica, diz

respeito à misteriosa civilização, existente no continente thuriano oriental, que originalmente veio de um continente sombrio e sem nome, situado a leste da Lemúria. Minha crença é de que eles vieram de Mu, o continente situado a leste da Lemúria. Após a Lemúria afundar durante o Grande Cataclismo, seus refugiados se dirigiram ao local onde acharam que seriam bem-vindos. Lemúria e Mu compartilhavam o mesmo idioma, apesar de tudo. Agora, talvez seja possível que um outro continente ficasse a leste de Mu, perto de onde fica hoje a América do Sul. Também é possível que boa parte da América do Sul estivesse sob o mar durante a Era Thuriana, e que apenas os picos da

cordilheira dos Andes estivessem acima do nível do mar. Estes picos poderiam muito facilmente ser as “Ilhas do Mar”, mencionadas anteriormente.

Existiram civilizações antes da Era Thuriana? Vários contos falam de uma raça pré-humana, chamada “A Velha Raça”. Menções a esta raça são feitas em “A Gata de Delcardes”, “Cavaleiros Além do Sol Nascente” e “Os Espelhos de Tuzun Thune”.

Então, onde estão situados as ilhas e continentes da Era Thuriana? Usando a Atlântida como ponto central:

- O Continente Thuriano fica logo ao leste.

- As Ilhas do Sol Poente (Ilhas Pictas) ficam logo a oeste.
- A Lemúria fica a sudoeste das Ilhas Pictas, fora da costa leste thuriana.
- Mu fica ao sul das Ilhas Pictas e a sudoeste da Atlântida.
- Kaa-u fica ao sudeste da Atlântida e sul da Thuria ocidental.
- As Ilhas do Mar ficam possivelmente ao sul e ligeiramente a oeste da Atlântida.

Bastante simples, não?

Mistérios da Era Cataclísmica

*Originalmente publicado em REHUPA
#160*

“O deslocamento na crosta terrestre foi tão súbito quanto devastador. Ela se moveu com tal força implacável, com tal ferocidade esmagadora, que pegou tudo de surpresa em seu caminho. Veio como um leviatã das profundezas do oceano, com as mandíbulas bem abertas, prontas pra se fecharem em sua vítima. Nada se deu conta de sua aproximação, nada foi avisado de seu perigo.

Como um ladrão na noite, a força

mortífera se moveu secreta e silenciosamente, impulsionada por forças centrífugas, com seu poder primitivo multiplicando em força, multiplicando em intensidade e, com toda a crescente velocidade, carregou seu poder mortífero envolvido no gelo frio dos pólos; e com uma precipitação nascida do aparente desespero, ela rasgou a rígida crosta dos planetas em pedaços. Houve um momento de aparente indecisão, e então a terra virtualmente se inflamou em furiosa reação, enquanto vulcões entraram em erupção e terremotos mortais sacudiram o globo.

O cataclismo veio literalmente do céu,

despedaçando a crosta terrestre e transformando o oceano num turbilhão de morte, enquanto as águas furiosas jorraram ao longo da terra, em ondas de 30 metros que não deram aviso aos habitantes, nem piedade aos vivos. Uma grande civilização foi reduzida a entulho. Com o passar do tempo, apenas uma lenda do sonho da Era Dourada permanecera nas mentes daqueles que sobreviveram. Alguns buscaram proteção nas colinas; outros, menos afortunados mas não menos determinados, enfrentaram a natureza com uma coragem nascida do desespero. Poucos triunfaram, mas aqueles que o fizeram, perambularam pelas ruínas como crianças selvagens. Haviam sido

despidos de suas necessidades básicas, e dos seus sonhos com o futuro que a civilização lhes fornecera. Desorientados, sua fé em Deus, na Natureza, e até mesmo em seus companheiros, se desfez; ainda impelidos pelo instinto de sobrevivência, eles começaram a tarefa de forjar uma vida do que restara, sem saber nada do que o amanhã traria! Se passariam muitos anos, e incontáveis lutas, até que o acontecimento fosse superado; por enquanto, sem escolha, eles viveram minuto após minuto com uma ansiedade nascida do pânico, sempre se perguntando se, ou quando, a terra iria se deslocar novamente”.

*Trecho de “O Martelo e o Pêndulo”, de
Richard Noone*

Dramático, não? O Grande Cataclismo arrasou o mundo de sua época, mandando quase todas as civilizações sobreviventes de volta à idade da pedra, da qual haviam se livrado milênios antes. As nações avançadas da época desapareceram do palco da história, com seus sobreviventes rapidamente sucumbindo à necessidade de fazer frente a um mundo que não mais lhes daria toda suntuosidade. Das diversas fontes que Robert E. Howard forneceu a respeito do Grande Cataclismo, é possível especular sobre a causa e seus

extensos efeitos.

Eu creio que o “gatilho” do Grande Cataclismo foi o impacto de um cometa, no mar entre o pequeno continente da Atlântida e as ilhas da Lemúria. Este impacto iniciou um deslocamento na crosta, que a tornou um montante sem precedentes de terremotos e de atividades vulcânicas, enquanto as falhas da terra foram pressionadas em seus pontos de ruptura. O outro efeito a longo prazo foi a quebra das capas de gelo em seus vários pólos, e o subsequente aumento do nível do mar, enquanto suas águas derretidas foram

soltas aos oceanos.

Os mais atingidos pelo impacto oceânico foram as ilhas e continentes próximos. Mu foi totalmente destruído pelo tsunami e ondas de choque, e foi quase completamente inundado pelo aumento do nível do mar. A Lemúria teve praticamente o mesmo destino que Mu, embora uma porção bem maior da primeira tenha conseguido ficar acima do nível do mar. A Atlântida desapareceu completamente, enquanto a brecha do oceano central, que corria sob ele, se abriu e expeliu magma suficiente para fazer a crosta cair na brecha. Este deslocamento se uniu à elevação do nível do mar e afogou o continente da

Atlântida numa curta seqüência. As Ilhas Pictas perderam seus habitantes (apenas alguns, nas altas montanhas, sobreviveram) e foram então destruídas, enquanto eram empurradas pro alto para se tornarem os picos de um novo continente.

As áreas mais distantes do impacto foram menos afetadas por ele, e mais atingidas pelo deslocamento da crosta e elevação do nível do mar. A Valúsia e os Sete Impérios foram destruídos por terremotos e atividades vulcânicas, e, logo depois disso, pelo mar, quando o nível deste se ergueu a estimados 120 metros e submergiu as férteis terras baixas. Através de um milagre do

destino (ou dos deuses), a civilização pré-humana da Stygia mais antiga sobreviveu relativamente ileso. Pode-se argumentar que seu estilo megalítico de construção foi ajustado para sobreviver aos muitos terremotos da época.

A elevação do continente, rodeado por selvas (Kaa-u?), que ficava ao sul da porção oeste da massa de terra thuriana, criou uma grande quantidade de destruição nas terras dos Sete Impérios. Ela empurrou para o alto fileira após fileira de montanhas, com conseqüentes vulcões. A grande pressão causou um grande empurrão para cima, ao sul do que um dia seria Koth. A borda oeste deste empurrão se partiu, e criou

grandes vulcões e campos de lava com bordas afiadas. Esta área intransitável veio a ser conhecida como as Montanhas Flamejantes de Khrosha. A elevação causou, nas direções oeste e leste do mar raso que separava Thuria de Kaa-u, um esvaziamento do mesmo, criando os extensos desertos da Stygia. Um grande mar foi formado a leste da civilização stígia, o qual foi chamado de Mar Oriental (Howard nunca mencionou este mar, mas ele aparece em vários dos textos apócrifos). Durante a Era Cataclísmica, o Rio Styx (Nilus) desaguou neste mar.

Após um breve período (presumivelmente uns três anos) de

interminável inverno causado pela grande aglomeração de poeira na atmosfera, a Terra começou a experimentar um aquecimento, devido a todo o carbono liberado pela queima da biosfera pelos vulcões (o CO₂ – gás carbônico – se tornando um grande gás de estufa). O mundo pós-cataclísmico começou a se aquecer muito em pouco tempo. Uma tribo de selvagens, conduzida por seu líder Bori, tirou vantagem disso, ao fugir para o agora morno círculo ártico, a fim de escapar dos vulcões, tendo no final evoluído para hiborianos.

O Grande Cataclismo destruiu todas as principais civilizações então existentes,

com exceção da antiga Stygia e de uma nação sem nome, existente na costa leste do Continente Thuriano. Além deles, apenas os povos próximos à sua herança da idade da pedra, tinham condições de superar os problemas que o Cataclismo despejou em seus colos.

Uma destas raças, os pictos, haviam sido abrigados nas montanhas meridionais da Valúsia, como proteção às invasões estrangeiras. Quando o Cataclismo os surpreendeu, eles perderam contato com as Ilhas Pictas no oeste distante. Eles voltaram a usar pedra em suas armas, mas dentro de quinhentos anos conseguiram criar uma rude nação, graças à sua unidade e

habilidade.

Um dos mistérios desta época foi como os pictos conseguiram passar, de uma raça de pele de bronze para indivíduos de pele branca. Não é mesmo muito difícil explicar, já que os pictos provavelmente absorveram centenas de sobreviventes valusianos de pele branca em sua composição genética. Com o passar dos anos, isso teve o efeito de clarear a pele dos pictos para uma cor marrom-clara.

A outra raça bárbara a prosperar no mundo pós-cataclísmico, foram os remanescentes do reino continental dos atlantes. Eles também retrocederam ao uso da pedra para a luta por suas vidas

contra os milhares de selvagens e feras que habitavam a região ao redor de seu enclave. Não demorou muito até que as tribos guerreiras atlantes entrassem em contato com a nação picta, mais poderosa.

Uma série de guerras sangrentas se seguiu, e a cultura atlante foi reduzida a tribos nômades de selvagens. O desenvolvimento cultural dos pictos foi detido, embora eles conseguissem se manter como nação pela vantagem numérica.

Foi durante este período de quinhentos anos que a raça stígia se expandiu para o leste, em direção ao Mar Oriental, uma

vez que ao sul havia desertos severos, e ao norte, intransitáveis trincheiras vulcânicas. Eu creio que as grandes cidades stígias de Kuthchemes e Pteion foram fundadas durante este período, e os importantes centros de adoração tenham sido construídos ao longo da corrente norte do Styx.

Na porção sudeste da Thuria ocidental, uma raça chamada Zhemri está fazendo durar uma existência dificultada por vulcões e terremotos. Eles são um testemunho de que a habilidade do ser humano existe em qualquer lugar onde ele queira viver. Aqui e ali, através do Continente Thuriano, estão espalhados grupos de bárbaros selvagens.

Quinhentos anos após o Grande Cataclismo, outro cataclismo menor alterou a face do Continente Thuriano. O Cataclismo Menor foi um acontecimento relativamente local. Provavelmente, a placa tectônica da borda sul do Continente Thuriano se deslizou, originando os Montes Ilbars, e fez o Mar Oriental escoar na direção oeste, num caminho quase direto ao Oceano Ocidental, criando a grande correnteza ocidental do Rio Styx e o Deserto do Leste no processo. A extrema pressão causada pelo levantamento do centro da placa thuriana fez com que esta quebrasse e se acomodasse numa enorme depressão, que foi finalmente preenchida com água e se tornou o Mar

Vilayet. A separação final entre as porções leste e oeste do continente thuriano havia ocorrido. A oeste, o recomeço das erupções vulcânicas e terremotos completaram a ruína das tribos bárbaras errantes e rudes nações que haviam sido formadas, lançando todos mais uma vez de volta à Idade da Pedra. Desse modo, o local está assentado para o surgimento dos hiborianos e a próxima era mundial.

O Mistério da Stygia Pré-Humana

*Originalmente publicado em REHUPA
#161*

“No extremo leste, os lemurianos, rebaixados até quase o plano animalesco pela brutalidade da escravidão, insurgiram-se e destruíram seus senhores. São selvagens andando altivamente entre as ruínas de uma civilização estranha. Os sobreviventes dessa civilização, que haviam escapado da fúria de seus escravos, foram migrando rumo ao oeste. Eles atacam aquele misterioso reino pré-humano do sul e derrubam-no, substituindo sua própria cultura, modificada pelo contato com a mais antiga. O reino novo se chama Stygia, e os remanescentes da nação mais antiga parecem ter

sobrevivido, e até ter sido adorados, depois que a raça como um todo fora destruída”.

*(trecho de “A Era Hiboriana”, de
Robert E. Howard)*

Nesse breve parágrafo, Robert E. Howard dispõe uma civilização misteriosa, que havia existido desde antes do Grande Cataclismo e da queda da Era Thuriana. Quem era esta misteriosa raça pré-humana? O ensaio “A Era Hiboriana”, de Howard, não fornece nenhuma outra informação que o fato de aquela raça ter existido inicialmente.

Devemos buscar nossas respostas em outros lugares.

Um dos maiores mistérios da Era Hiboriana para mim é a suposição de que a civilização pré-humana, mencionada no ensaio, era um enclave dos Homens-Serpente. Ele não é mencionado em nenhum dos contos de Kull e Conan como um fato. Até onde posso afirmar, esta suposição é baseada em nada mais que uma dedução de que o culto de uma divindade, que os homens-serpente chamam de a Grande Serpente, é idêntico ao culto stígio do demoníaco deus-serpente Set.

Embora possa ser feita uma boa conjectura de que as duas divindades

são fundamentalmente a mesma, surge uma pergunta, se os homens-serpente eram a única raça a adorar a Grande Serpente durante a Era Thuriana. Thulsa Doom, o grande feiticeiro thuriano, era um seguidor humano da Grande Serpente. E mesmo depois de Kull destruir os Homens-Serpente e quebrar o poder do deus deles, os homens ainda cultuavam a Grande Serpente em seu templo, na capital da Valússia de Kull. Desse modo, parece que os homens-serpente não eram os únicos adoradores sob a influência da Grande Serpente.

Surge outro problema, quando Kull jura “caçar os homens-serpente de terra em terra, de mar em mar, sem dar descanso

até matar todos, que o bem triunfe e o poder do Inferno seja quebrado”. É narrado em histórias posteriores que ele cumpriu sua promessa e quebrou o poder da Grande Serpente. Então, me parece estranho ele permitir que uma nação deles permanecesse, a várias centenas de milhas ao sul da Valúsia, ao sul do Continente Thuriano. Embora seja possível que esta nação de homens-sepente não tenha sido fundada depois da morte de Kull, isto é meramente suposição. Devemos procurar as respostas em outro lugar.

Se alguém procurar bastante rigorosamente pelas histórias de Conan, surgem pequenos fios de informação

que, entrelaçados, apresentam uma visível tapeçaria no olhar sobre a raça pré-humana que viveu na Antiga Stygia. Não são uma raça de homens-serpente, embora cultuem Set.

Nosso primeiro pedaço de informação vem da aventura "O Deus na Tigela", de Howard. A história dá uma olhada na pré-história da Stygia, na seguinte citação: "Kallian Publico acreditava que ela continha o diadema dos reis-gigantes, dos povos que habitavam aquela terra escura antes que os antepassados dos stígios chegassem. Ele me mostrou um desenho gravado na tampa, que jurava que tinha a forma do diadema que, segundo as lendas, era

usado pelos reis-monstros”. Agora isto é interessante! A raça pré-humana que existia antes dos stígios chegarem era de gigantes, mais altos que a média humana. Existiu uma raça de gigantes durante a Era Thuriana? A resposta é sim!

Na aventura “O Altar e o Escorpião”, de Howard, aparece um membro da “Velha Raça” que existia antes da humanidade. Seu nome é Thuron e ele é um alto sacerdote da Sombra Negra, um deus mais antigo. Sua aparência é a de “um homem alto e magro, um gigante cadavérico. Seus olhos brilhavam como poços de fogo sob suas pesadas sobrancelhas, e o fino talho de sua boca se abriu num sorriso silencioso”. Ele

também é descrito como sendo incrivelmente forte, e com o passo sinuoso, como o deslizar de uma cobra rastejante. De todas as descrições das raças mais antigas, a dele é a única que se ajusta à descrição dos pré-stígios como reis gigantes.

E tem mais. Em “A Hora do Dragão” há uma riqueza de evidências sobre a raça pré-humana e pré-stígia. Se olharmos o ensaio “A Era Hiboriana” e somarmos os anos que ele abrange, descobrimos que aproximadamente 6500 anos se passaram entre o Grande Cataclismo e a Era de Conan. Ainda em “A Hora do Dragão”, Conan encontra uma vampira morta-viva chamada Akivasha e a

reconhece: “O nome daquela antiga princesa, bela e maligna, ainda existia no mundo em canções e lendas, embora dez mil anos tivessem transcorrido desde que a filha de Tuthamon se deleitara em régias festas, no meio dos salões negros da antiga Luxor”. Ela confirma sua idade, quando declara: “Dez mil anos atrás, eu morri para viver pra sempre!”. Assim, em outras palavras, ela se tornou uma vampira 3500 anos antes da Era Thuriana ser destruída no Grande Cataclismo! Também somos informados que a cidade de Luxor existiu durante a Era Thuriana. Akivasha é descrita da seguinte forma: “Sua pele de marfim indicava-a como uma stígia de alguma antiga família

nobre, e como todas aquelas mulheres, ela era alta, esbelta e voluptuosa; seu cabelo era uma grande pilha de espuma negra, em meio à qual brilhava um cintilante rubi”. Conan acredita que ela seja uma stígia, uma vez que ainda há nobres stígios de pele branca existindo durante sua vida. Sobre ela não ser, se conclui pela data, a qual mostra que ela era viva vários milênios antes da fundação da Stygia. Além disso, nota-se que ela é alta, como todas as mulheres de sua raça. Um pedaço adicional de informação acrescenta valor à teoria de que ela é da “Velha Raça”: “Num momento em que [Conan] falou com ela, a garota virou a cabeça em sua direção e ele se sobressaltou ao ver os olhos dela

brilharem como fogo dourado no escuro”. Ela tem a mesma luz brilhante nos olhos, que é descrita nos de Thuron.

Nós sabemos que o povo do leste, que fundou a Stygia, não tinha a pele branca, porque Howard nos diz mais. Ao descrever uma pirâmide colossal, Howard afirma: “Nenhum homem podia se aproximar de uma daquelas pilhas sombrias de pedra negra sem apreensão. O próprio nome era símbolo de repulsivo horror entre as nações do norte, e as lendas davam a entender que os stígios não as construíram; que estavam naquela terra em qualquer data antiga e imemorial, em que o povo de pele escura adentrou a terra do grande

rio”.

Outra peça do quebra-cabeça é adicionada, quando entende-se que Acheron não foi fundada por stígios, mas pelos “Reis-gigantes”. Em “A Hora do Dragão”, ao ver Xaltotun restituído à vida, Valerius afirma: “Ele [Xaltotun] não era um stígio. Essa parte, pelo menos, era verdade”. Deitado em seu sarcófago, Xaltotun é descrito como “um homem alto e robusto, nu, de pele branca, com cabelos e barba escuros”. Ele não é um stígio escuro; sua aparência é a própria descrição de um membro da raça mais antiga. Ele tem os mesmos olhos incandescentes: “Lentamente, a inteligência brotou em

seus olhos escuros, tornando-os profundos, estranhos e luminosos. Era como se luzes místicas, há muito submersas, flutuassem lentamente através dos poços noturnos da escuridão” e “as luzes bruxuleantes do inferno tremeluziam em seus olhos”. Quando Xaltotun aparece após a Batalha de Valka, Conan reconhece sua aproximação como se fosse a de uma serpente. E, como um pedaço final de prova, temos a observação de Orastes, o sacerdote decaído: “Nós libertamos um demônio sobre a terra, um espírito maligno incompreensível para humanos comuns. Eu tenho estudado o mal a fundo, mas há um limite para aquilo que eu, ou qualquer homem da minha raça e

era, possa fazer. Meus ancestrais eram homens limpos, sem nenhuma mancha demoníaca; apenas eu descí às covas, e posso pecar apenas ao alcance de minha individualidade pessoal. Atrás de Xaltotun jazem mil séculos [100.000 anos] de magia negra e diabolismo, uma antiga tradição do mal. Ele está além da nossa compreensão, não apenas porque seja por si só um feiticeiro, mas também porque ele é filho de uma raça de feiticeiros”. Mesmo considerado um pouco de exagero, 100.000 anos leva a raça de volta às brumas da pré-história.

A civilização pré-humana, que governou a terra do grande rio, não consiste em homens-serpente. Os próprios textos de

Howard sugerem que eles eram os Reis-Gigantes, uma raça antiga de feiticeiros com olhos incandescentes e uma mancha demoníaca no sangue. Eles exerciam incrível poder mágico, devido à relação com os mais antigos Deuses da infância da terra. Eles fundaram o opressor Império de Acheron após o Grande Cataclismo. Os refugiados de pele escura do Leste os aniquilaram na Stygia. E eles foram destruídos em Acheron pelas migrações hiborianas. Os remanescentes da Antiga Stygia e os refugiados da queda de Acheron instalados na Stygia, seus ancestrais se tornaram os nobres stígios de pele branca da era de Conan. Eles trouxeram o culto a Set para a Stygia, e suas ruínas

deram magia, mistério e terror aos povos que os sucederam. Sua influência se estendeu por toda a vastidão da Era Hiboriana e além.

A Primeira Grande Migração *Originalmente publicado em REHUPA* *#163*

Na região mais oriental do pré-diluviano Continente Thuriano, existiu uma misteriosa raça xenófoba que, originalmente, habitara uma terra sombria que ficava no leste distante, do outro lado do mar (Mu). Robert Howard

nunca nos deu um nome para este estranho povo, mas certos textos apócrifos se referem a essa gente como os Khari. Eles eram uma antiga raça de pessoas de pele escura e rosto aquilino, e seu único e raro intercuro na época era com o povo de pele amarelada do Arquipélago Lemuriano.

Esta época idílica chegou a um fim abrupto, quando um desastre, chamado O Grande Cataclismo, sacudiu os alicerces do mundo. A maioria das terras de Mu e Lemúria submergiu nas ondas do oceano e forçou os sobreviventes a encontrarem uma nova terra pra morarem.

Os Khari, através de um maravilhoso ato

de geografia, conseguiram, não apenas sobreviver ao Grande Cataclismo, mas manter intacta a maior parte de sua sociedade. O mais notável dos desafios que esta raça teve de enfrentar, na esteira da catástrofe que se estendia pelo mundo, era o problema dos refugiados lemurianos, adentrando as terras que eles dominavam. Eles resolveram isso, escravizando os lemurianos, os quais agüentaram um cativeiro tão brutal que quase os reduziu a um nível bestial de existência.

Aproximadamente quinze séculos depois(*), a estranha civilização dos Khari foi destruída, quando os escravos lemurianos se revoltaram

sucessivamente. Com suas cidades em chamas, os poucos Khari sobreviventes – povo e sacerdotes – fugiram para o oeste, a fim de escaparem de ser destruídos pelas mãos de seus antigos escravos. Eles se juntaram aos exércitos, que protegiam a fronteira oeste dos bárbaros que viviam além. As ruínas de sua outrora grandiosa civilização, eles deixaram para os vingativos lemurianos.

A perda de sua terra natal deve ter doído na alma dos Khari. Sobraram apenas várias centenas deles. Para onde eles iriam? A oeste, ficam milhares de quilômetros de estepes estéreis (as quais por fim se tornariam a Hirkânia) e, a

sudoeste deles, se estendiam as trincheiras intransitáveis dos montes Himelianos e Afghulis. Eles tinham que ir a algum lugar, e era óbvio que não teriam paz com os lemurianos.

Eu especularia que, durante este tempo, os antigos sacerdotes-feiticeiros assumiram o papel da liderança. Pode-se imaginar que a idéia de encontrar ou conquistar uma pátria empregava um fervor quase religioso. Poderia ser o equivalente Khari dos refugiados israelitas de Moisés, vagando pelo deserto durante quarenta anos.

Resultaria no molde da alma da nação.

Desse modo, começou a Grande

Migração Khari. Eles viajaram para o sudoeste, ao longo das orlas das montanhas. Surgiram conflitos durante sua jornada, enquanto civilizações nascentes estavam começando a se formarem ao longo de sua rota. Estes povos foram deslocados, destruídos ou absorvidos, normalmente como escravos. Quase imperceptivelmente, seus números começaram a aumentar.

Finalmente, eles alcançaram a área sul do Mar Vilayet. De quanto tempo se tomou para chegar lá, nenhuma palavra é mencionada. Pode ter levado várias gerações; pode ter levado vários séculos.

Foi aqui, na orla do Deserto Kharamun,

que lhes alcançou a palavra de uma nação fabulosa, com cidades feitas de estruturas de pedras ciclópicas, espalhadas como brinquedos descartados ao longo das margens de um rico e fértil rio, e seu mar resultante. Isto provaria ser a Terra Prometida deles.

A terra diante deles era velha, existindo desde muito antes do Grande Cataclismo reagrupar o perfil do mundo. Esta terra maligna foi comumente chamada de Antiga Stygia, em épocas mais tardias. Era a obscura nação pré-humana dos Reis-Gigantes de pele branca; seu nome verdadeiro perdido nas brumas da história (pode-se fazer a hipótese de que seu verdadeiro nome era Acheron). Ela

ostentava cidades com nomes fabulosos, como Luxor, Pteon, Sabatea, Erkulum e Qarnak (as duas últimas são de textos apócrifos relativos a esta época). E parece bem provável que a cidade suprema desta terra era a grande cidadela meridional de Kuthchemes.

Como a nação Khari, ela sobrevivera ao Grande Cataclismo razoavelmente intacta e crescera nos anos seguintes, rodeando as extensões ocidentais do Rio Nilus e as terras que rodeavam o mar que se encolhia a seu leste. Ela crescera na direção norte, fundando cidades ao longo das extensões do Rio Tybor. Assim como a nação Khari, ela foi construída pela subjugação das tribos

nômades da área e de negros das terras ao sul. Vez que não houve uma verdadeira oposição na região, os Khari tiveram uma única oportunidade. A Terra dos Reis-Gigantes ficara decadente e mole porque seus senhores pré-humanos deram confiança demais à sua infra-estrutura humana. Esta foi uma falha que os Khari aproveitaram impiedosamente.

A primeira cidade com certa importância a enfrentar os invasores Khari foi a cidadela de Kuthchemes. A cidade murada, que até então nunca enfrentara nada maior que esporádicas incursões nômades, se encontrou diante de um vasto e disciplinado exército de

invasores, determinados a renderem-na. A vasta e mal-defendida cidade caiu em curta ordem. A captura de Kuthchemes deu aos Khari a base para concluir o restante do domínio das cidades do vale do Nilus.

Os exércitos dos Reis-Gigantes foram dificultados pela insubordinação interna dos súditos humanos que os abrangia. Seus feiticeiros foram impedidos por forças invisíveis, conjuradas pelos sacerdotes-feiticeiros Khari. Refugiados, fugindo das cidades do leste, paralisaram os recursos das cidades remanescentes. A traição desfez a estrutura da sociedade, enquanto várias famílias de Reis-Gigantes fizeram

acordos secretos com os Khari, para traírem o restante por um lugar no sistema seguinte.

O império dos Reis-Gigantes se dissolveu rapidamente em sangue e fogo. Grupos de refugiados, tomando o que podiam levar, fugiram da nação em embarcações, para o santuário das cidades acheronianas do Rio Tybor. Os remanescentes gigantes pré-humanos hostis foram mortos, enquanto os Khari consolidavam suas conquistas. A Terra Prometida ao longo do Rio Nilus agora pertencia aos Khari. A Grande Migração havia terminado.

Os conquistadores substituíram sua própria cultura nas terras ao longo do

Nilus, embora ela tenha sido amplamente modificada pelo contato com a Antiga Raça. Eles admiraram as grandes pirâmides escuras e pilharam as relíquias mágicas de tumbas pré-históricas. Começaram a chamar o Rio Nilus por um novo nome, o Rio Styx. Eles deixaram de ser os Khari neste momento, comemorando seu novo começo ao chamarem a si mesmo de stígios.

As traiçoeiras famílias nobres dos Reis-Gigantes, que ajudaram os stígios, foram incorporadas, como prometido, à camada mais alta da sociedade stígia. Eles foram a cola que manteve unida a fusão das duas culturas e ajudaram a

amenizar o período de transição.

Um mistério desta era foi a razão pela qual os stígios começaram a adorar Set, o grande deus-serpente dos Reis-Gigantes. Eu creio que os stígios sentiram que seus velhos deuses os abandonaram, durante a revolta lemuriana, e que eles foram guiados pela intervenção divina à sua nova pátria. O fato de Set não ter feito nada para ajudar os Reis-Gigantes não passou despercebido aos stígios de pele escura, que tomaram isso como um sinal da própria ascensão à benevolência de Set. Os stígios continuaram a cultuar Set com um fervor inigualado pelos não-lamentados Reis-Gigantes. Ela se tornou

a religião suprema do estado, e foi assentada em Erkulum, a Cidade de Set.

Esta foi, então, a história da Primeira Grande Migração. A nova nação da Stygia estava formada, e os Reis-Gigantes se dissiparam de seu lugar e tempo na história (eles logo voltariam, quando as cidades do Rio Tybor se tornassem a nação de Acheron). O palco estava agora estabelecido para a Segunda Grande Migração, a dos hiborianos. Este será o tema de meu próximo capítulo de “Mistérios da Era Hiboriana”.

(*) – Embora

Rippke tenha mencionado um período de quinze séculos (1500 anos) entre o escravizamento dos lemurianos e a revolta dos mesmos, vale lembrar que o próprio Howard menciona, no ensaio “A Era Hiboriana”, que “a história deles, durante milhares de anos, é uma história de brutal servidão” (ver Conan – Espada e Magia #1, pág, 187). Portanto, é de se imaginar que os lemurianos tenham sido escravos dos Khari por, pelo menos, dois mil anos (N. do T.).

A Chegada dos Hiborianos

Originalmente publicado em REHUPA
165

A origem da tribo hiboriana remonta à Era Antediluviana, antes do Grande Cataclismo sacudir a terra. Eles descendiam de uma raça de selvagens neanderthalenses, que habitavam as extensões setentrionais do Continente Thuriano.

Então, o Grande Cataclismo ocorreu, e o mundo foi lançado no caos e na anarquia. Terras submergiram nos mares e os grandes reinos do mundo foram arruinados. Maciças erupções vulcânicas cobriram o Continente

Thuriano ocidental de cinzas e de gases venenosos.

Os proto-hiborianos fugiram para o norte, em direção ao Círculo Ártico, a fim de escaparem da destruição causada pelos efeitos violentos dos vulcões (recontado em “Fragmento sem Título”, THE HOWARD COLLECTOR, 1979). Eles encontraram esta região, infestada por uma espécie nativa de ferozes macacos da neve. As tribos nômades enfrentaram estes peludos horrores brancos, e finalmente expulsaram-nos para dentro das terras desérticas, próximas ao Pólo Norte, onde se acreditou que eles pereceriam. Então, eles tomaram posse desta região, se

adaptaram a ela e prosperaram. Mesmo um cataclismo menor, 500 anos após o primeiro, pouco fez para deter seu desenvolvimento.

Por volta desta época, as tribos se autodenominavam Hibori, ou hiborianos, em honra a seu deus Bori (Bori era, na verdade, um antigo líder das tribos, elevado ao status de divindade com o passar dos séculos). Durante os mil anos seguintes, eles se espalharam por todas as terras vazias e, estando isolados, lutavam apenas em guerras tribais.

Depois de seu deslocamento para o Círculo Ártico, os hiborianos se tornaram “uma raça de cabelos claros, olhos cinzas, vigorosa e guerreira, já

exibindo uma natureza artística e poética bem definida”. Eles vivem originalmente da caça, embora algumas das tribos mais meridionais criem gado. Não tiveram contato com nenhuma raça, em seus 1500 anos de existência, e acreditavam estarem sós.

Esta crença é despedaçada quando vêm informações do extremo norte, de que uma extensa tribo de homens simiescos habita as terras além do Círculo Ártico. Eles são supostamente os descendentes dos macacos-das-neves, que os belicosos hiborianos haviam expulsado de suas terras milênios antes. Um guerreiro nômade hiboriano, retornando de uma jornada ao norte distante, afirma

que eles estão evoluindo para homens de verdade e insiste pela rápida formação de um bando de guerreiros, para erradicá-los daquela região.

Os hiborianos reagem às notícias com descrença e ridicularização. O jovem guerreiro é incapaz de recrutar mais que um pequeno grupo de lutadores aventureiros, para acompanharem-no seu retorno à região do Círculo Ártico. Eles desaparecem, e não se ouve mais falar deles.

A pressão de um volumoso número de habitantes, vivendo numa área ártica com recursos limitados, finalmente obriga algumas das tribos mais meridionais a seguirem para climas mais

quentes. As primeiras migrações hiborianas vagam por terras relativamente desocupadas, conquistando ou destruindo os pequenos clãs sem nome que encontram. Eles se instalam nestas terras, absorvendo os remanescentes destes clãs em sua população. Estas instalações, por sua vez, são conquistadas por novas tribos hiborianas, de sangue mais puro, e varridas, enquanto as pequenas migrações se tornam uma torrente, “se estendendo por séculos e eras”

(Black Colossus).

Um elemento adicional, que contribui

para o impulso hiboriano, ocorre quando uma tribo daquela raça descobre o uso da pedra, construindo rudes fortalezas, projetadas para resistirem a ataques tribais. Estas pessoas logo descartam suas tendas de pele de cavalo, em favor da vida em casas de pedra, agrupadas para proteção. Isto, por sua vez, dá origem ao primeiro reino hiboriano, a rude e bárbara nação da Hiperbórea (a Mais Antiga). O nascimento deste reino empurra para diante muitas outras tribos; elas se recusam a serem subordinadas a seus parentes dos castelos.

Entretanto, não demora muito para os hiborianos se depararem com Acheron, uma terra governada por uma raça pré-

cataclísmica chamada de Reis-Gigantes. Acheron está situada como uma grande rocha no meio do fluxo da migração hiboriana, forçando as tribos para oeste ao longo de suas fronteiras setentrionais, ou para o sul ao longo de sua divisa leste.

Ao sudeste da Hiperbórea, se encontra a nascente nação dos Zhemri. Logo antes das migrações hiborianas começarem a sério, os Zhemri se uniram a uma raça desconhecida (refugiados dagonianos?), que revivia a memória de sua antiga cultura. Isto, combinado às defesas naturais de terrenos montanhosos, permitiu aos Zhemri desviarem o crescente número de hiborianos para as

terras a oeste deles.

O empurrão migratório para oeste ocupa as terras entre Acheron e as montanhas do que iria se tornar a Ciméria, deslocando as tribos aborígenes existentes para oeste, em direção às terras dos pictos. Linhagens hiborianas se miscigenaram com aqueles aborígenes, para formarem a tribo da Bossônia. Os bossonianos empurraram os desorganizados pictos para oeste, em direção aos sertões, e ocuparam as novas terras. As tribos hiborianas continuam adentrando a área, contornando Acheron e se instalando ao longo do Rio Shirki. Uma tribo de hiborianos xenófobos se instala nas

regiões montanhosas, ao norte do Rio Shirki, para formarem os ancestrais dos gunderlandeses.

O empurrão migratório para o sul ocupa as terras entre a fronteira leste de Acheron e as terras rodeadas por montanhas dos Zhemri. As tribos hiborianas avançam para o sul, até as extensões montanhosas e férteis ao sul da nação Zhemri. Estas terras estão sob o controle do império da Stygia, que situa-se no distante sul.

Pressões dos avanços hiborianos, ajudadas tanto quanto possível pelos acheronianos e/ou Zhemri, forçam os hiborianos a impelirem os stígios pra fora das montanhas do sul, em direção

às campinas shemitas. Eles perseguem o exército stígio e o destroem, no saque da cidade stígia de Kuthchemes. Os hiborianos se estabelecem nas férteis montanhas e fundam a segunda nação hiboriana, à qual chamam de Koth. O estabelecimento de uma terceira nação, Ophir.

